



**Ana Carolina Cavalcanti de Medeiros**

**“A expulsão a ferros de um feto não viável, uma gigantesca empresa de abortos.”: A crítica à modernidade de Georges Bernanos como história da decadência da liberdade.**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História.

Orientador: Prof. Maurício Barreto Alvarez Parada

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2023



**Ana Carolina Cavalcanti de Medeiros**

**“A expulsão a ferros de um feto não viável, uma gigantesca empresa de abortos.”: A crítica à modernidade de Georges Bernanos como história da decadência da liberdade.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Prof. Maurício Barreto Alvarez Parada**

Orientador  
PUC- Rio

**Prof. Eduardo Wright Cardoso**

PUC-Rio

**Prof. Marcelo Gantus Jasmin**

PUC-Rio

**Prof. Francine Iegelski**

UFF

**Prof. Juliette Dumont**

Université Sorbonne Nouvelle

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Ana Carolina Cavalcanti de Medeiros**

Graduada em História pela Pontifícia Católica Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em História do programa História social da cultura da PUC- Rio. Doutora em História, com a presente tese, pela PUC-Rio. Tem experiência na área de história contemporânea e história da África.

#### Ficha Catalográfica

Medeiros, Ana Carolina Cavalcanti de

“A expulsão a ferros de um feto não viável, uma gigantesca empresa de abortos” : a crítica à modernidade de Georges Bernanos como história da decadência da liberdade / Ana Carolina Cavalcanti de Medeiros ; orientador: Maurício Barreto Alvarez Parada. – 2023.

190 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2023.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Georges Bernanos. 4. Crítica a modernidade. 5. Filosofia da história. 6. Desencantamento do mundo. 7. Liberdade. 8. Totalitarismo. 9. História Intelectual I. Parada, Maurício Barreto Alvarez. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

## **Agradecimentos**

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) -Código de Financiamento 001.”

Aos meus pais e irmãos pelos conselhos e apoio de sempre. Ao Leo pela cumplicidade e garantia de leveza na jornada de construção dessa tese.

A minha amiga Priscila pela troca e lembrança sobre e importância da mudança dos caminhos. A minha companheira de trabalho e de vida acadêmica Beatriz, sem a sua ajuda e energia não poderia ter a tranquilidade para conciliar a vida profissional e o doutorado.

A minha família inaciana e seus agregados que me acompanham desde sempre e que garantem momentos de felicidade indispensáveis. Agradecimentos especiais, pela proximidade e parceira nesses últimos meses de entrega da tese, a Isabel, a Joana, a Luiza, a Mariana, a Alê, Thomás e Gabriel.

Ao meu orientador, Maurício Parada, pela aposta e parceria nessa jornada acadêmica desde os anos da graduação. Aos professores Eduardo Cardoso, Francine Iegelski, Juliette Dumond, e Marcelo Jasmin por aceitarem fazer parte da banca avaliadora e contribuírem para esse debate.

A secretaria do departamento de História da PUC-Rio sem a qual não teria sido possível concluir esse projeto e que marcou a minha experiência na faculdade de maneira única e inestimável.

## Resumo

Medeiros, Ana Carolina Cavalcanti de; Parada, Maurício. “A expulsão a ferros de um feto não viável, uma gigantesca empresa de abortos.”: A crítica à modernidade de Georges Bernanos como história da decadência da liberdade. Rio de Janeiro, 2023. 190p. Tese de Doutorado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Essa tese visa compreender como o escritor francês Georges Bernanos (1888 - 1948) construiu uma história da decadência da tradição francesa e da liberdade ao estabelecer sua crítica a modernidade no contexto da primeira metade do século XX. Na busca por compreender o argumento de Bernanos, diante de um cenário mais amplo de autores que não interpretavam a modernidade a partir do viés otimista de desenvolvimento do gênero humanos, tradição associada ao iluminismo, analisamos seus escritos de combate “Carta aos Ingleses”, “A França contra os Robôs”, “Liberdade, para quê?” e os artigos publicados no periódico *O Jornal*. Identificamos como o autor buscou tecer essa narrativa a partir da descrição da formação do mundo moderno como um processo de desvalorização de valores da cristandade e como um processo constante de perda das liberdades individuais devido a centralização do Estado e multiplicação das máquinas. Nesse sentido, ao longo da tese buscamos refletir como o autor operava com conceitos como progresso, revolução, liberdade, totalitarismo para construir sua história da decadência da civilização europeia.

### Palavras-chave:

Georges Bernanos, crítica a modernidade, filosofia da história, desencantamento do mundo, liberdade, totalitarismo, História intelectual.

## **Abstract**

Medeiros, Ana Carolina Cavalcanti de; Parada, Maurício. The expulsion to iron of a non-viable fetus: The critique of modernity by Georges Bernanos as a history of the decay of freedom. Rio de Janeiro, 2023. 190p. Tese de Doutorado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In this thesis, we propose that the French writer Georges Bernanos (1888 - 1948) built a history of the decay of European civilization by establishing his critique of modernity in the context of the first half of the twentieth century. In the quest to understand Bernanos' argument, in the face of a broader scenario of authors who did not interpret modernity from the optimistic point of view of the development of humankind, a tradition associated with the Enlightenment, we analyzed his combat writings "Letter to the British", " France against Robots", "Freedom, what for?" and the articles published in the newspaper *O Jornal*. We identified how Bernanos sought to weave this narrative from the description of the formation of the modern world as a process of disenchantment of the world, of devaluation of Catholic values and as a constant process of loss of individual freedoms due to the centralization of the State and the multiplication of machines. In this sense, throughout the thesis we seek to reflect on how the author operated with concepts such as progress, revolution, freedom, totalitarianism to build his history decay of European civilization.

## **Key-words**

Georges Bernanos, modernity and its critics; philosophy of history; disenchant of the world; liberty; Intellectual History.

## Sumário

Cronologia	8
1.Introdução	9
2. Percurso biográfico e intelectual	18
2.1 Percurso biográfico	20
2.2 Revisão bibliográfica sobre o pensamento político de Bernanos	35
3. A experiência do exílio 1938-1945	56
3.1 Exílio e a hermenêutica da distância	57
3.2 Bernanos e a experiência do exílio no Brasil	64
3.3 Exílio brasileiro associado a busca pela identidade francesa	84
4. Escritos de combate como críticas a modernidade	97
4.1 A modernidade em questão	105
4.2 Pessimismo diante da modernidade	113
4.3 Anticapitalismo e modernidade	119
4.4 Desencantamento	125
5. “Um mundo ganho para a Técnica está perdido para a Liberdade.”	130
5.1 Centralização Política e as liberdades individuais	134
5.2 Decadência da liberdade e ameaça totalitária	145
5.3 Invasão das máquinas	155
6. Conclusão	165
7. Referências Bibliográficas	173

## Cronologia

1898. Nascimento na cidade de Paris.
1908. Filiou-se a Ação Francesa.
1914. Assumiu o cargo de editor do jornal *L'Avant-Garde de Normandie* em Rouen.
1926. Publicação de *Sob o Sol de Satã* (Paris: *Plon*).
1927. *A Impostura* (Paris: *Plon*).
1929. *A Alegria* (Paris: *Plon*).
- 1929, *Jeanne, a relapsa e santa* (Paris: *Plon*).
1931. *La Grande Peur des biens-pensants* (Paris: *Grasset*)
1934. Deslocamento com a família para Maiorca, Espanha.
1935. *Um crime* (Paris: *Plon*).
1936. *Diário de um Pároco de aldeia* (Paris: *Plon*).
1937. *Nova história de Mouchette* (Paris: *Plon*).
1938. *Os Grandes Cemitérios sob a lua* (Paris: *Plon*).
1938. Exílio no Brasil
1939. *Scandale de la Vérité* (Paris: *Gallimard*).
1939. *Nous autres Français* (Paris: *Gallimard*).
1942. *Cartas aos ingleses* (Rio de Janeiro: *Atlântica*).
1945. Retorno para França.
1946. *Senhor Ouine* (Paris: *Plon*).
1947. *La France contre les robots* (Paris: *Laffont*).
1948. Falecimento.
1949. *Les Enfants Humiliés* (Paris: *Gallimard*).
1951. *Diálogo das Carmelitas* (Paris: *Editions du Seuil*).
1953. *Liberdade, Para quê?* (Paris: *Gallimard*)

# 1. Introdução

A tese aqui apresentada tem como objetivo analisar os escritos polêmicos produzidos pelo intelectual francês Georges Bernanos, durante o seu exílio no Brasil entre 1938-1945. O escritor que era reconhecido por seus romances que tratavam de questões existenciais, espiritualidade e fé católica, consolidou a publicação de seus escritos polêmicos durante o seu autoexílio em terras brasileiras, publicando suas ideias em formato de livros e de artigos para a imprensa carioca no periódico *O Jornal*.

Ao olharmos a trajetória de vida de Bernanos é possível identificar que a década de 1940, representou um período de inflexão em que o autor se concentrou majoritariamente em seus escritos polêmicos, buscando fazer uma discussão mais ampla sobre a decadência do mundo moderno, não apenas analisando a situação política francesa, mas interpretando esse cenário como sintoma de um processo universal de crise. Nesse sentido, essa tese irá se dedicar majoritariamente aos escritos elaborados por Bernanos a partir da derrota francesa para a Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial, em que a crítica do autor ao mundo moderno ganhou contornos mais claros de uma história da decadência da tradição francesa. Em especial, teremos como objetivo estudar duas das suas obras intituladas *Cartas aos ingleses* e *França contra os robôs* redigidas, a partir do ano de 1940, a fim de investigar a crítica a modernidade estabelecida por Bernanos.

O escritor faz parte de um conjunto de intelectuais católicos de direita francesa associados a organização Ação Francesa<sup>1</sup>(AF) que analisavam o século

---

<sup>1</sup> The Action Française was founded in 1899 by Charles Maurras and Henri Vaugois. It carried on its activities without interruption until it was proscribed by the Liberation government in late 1944. During its heyday (1910-1926) it had thirty to forty thousand registered members, and an number of prominent writers, academicians, prelates, and army and navy officers were sympathetic to it. It had lost the support of the Church in 1926, and in 1937 the royalist pretender disavowed it. In the thirties it was also losing some of its youngest zealots to nationalist and fascist leagues.” Ver TANNENBAUM, E. **The Social Thought of The Action Française**. pp. 1. “A Action Française foi fundada em 1899 por Charles Maurras e Henri Vaugois. Ela continuou suas atividades sem interrupção até ser proibida pelo governo da Libertação no final de 1944. Durante seu apogeu (1910-1926), tinha de trinta a quarenta mil membros registrados, e vários escritores proeminentes, acadêmicos, prelados e oficiais do exército e da marinha eram simpatizantes. Ela perdeu o apoio da Igreja em 1926 e, em 1937, o pretendente monárquico a renegou. Nos anos 1930, também estava perdendo alguns de seus mais jovens fanáticos para as ligas nacionalistas e fascistas.” (tradução livre)

XIX e a primeira metade do século XX a partir de lentes pessimistas e críticas a instauração de um governo de caráter republicano, que passava por um processo de laicização e que o poder não mais se encontrava nas mãos de uma elite aristocrática e sim de uma burguesia. Esse conjunto de intelectuais valorizava uma forma de sociedade pautada na preservação da religião católica e de relações pautadas pela lógica do compromisso cristão, em que aqueles com mais privilégios assumiam o dever de proteger os demais. Os intelectuais associados a AF buscavam uma recuperação de uma sociedade pautada na fé católica, na monarquia e um respeito a uma sociedade hierárquica, em que as divisões em grupos como aristocracia, clero e camponeses implicaria em deveres distintos e que os privilégios seriam usados supostamente para o bem coletivo.

A crítica de Bernanos ao seu presente e busca da construção de um futuro diferente era pautado por uma visão valorativa do passado, tal como Lowy e Sayre apresentam no livro *Revolta e Melancolia*. Porém essa inspiração no passado, não significaria uma cópia literal do que ocorreu, não seria a instauração no presente de uma monarquia nos moldes de Luís XIV. Nesse sentido, Bernanos projetava um futuro aberto, em que o seu presente e futuro poderiam ser distintos do que ocorreu no passado, dessa maneira o escritor mobilizava em sua crítica a sociedade do século XX uma visão moderna de história, tal como apresentada por Reinhart Koselleck no livro *Futuro Passado*, ideias que serão desenvolvidas com mais cuidado ao longo da tese.

Bernanos mobilizou o conceito moderno de história para construir uma narrativa do estabelecimento do mundo moderno, ao longo do século XIX e XX, como a decadência, do que nomeava, tradição francesa representando a perda de valores universais como a liberdade. Nessa narrativa de decadência, Bernanos descreveu o estabelecimento de uma sociedade pautada no lucro e desenvolvimento abrupto das máquinas, da tecnologia, como processos não limitados ou respeitosos a integridade. Inclusive estabelecendo um cenário alarmante para o futuro em que a tecnologia poderia auxiliar o Estado a organizar políticas de controle de seus cidadãos em detrimento de suas liberdades individuais

Bernanos ao longo do seu percurso biográfico rompeu com a AF, além de ter elaborado duras críticas à direita francesa representada por tal organização por

apoiarem governos de caráter fascista como aquele estabelecido por Franco e Mussolini. A sua crítica a modernidade também possuía caracteres anticapitalistas, tal como defendido por Antoine Compagnon no livro *Antimodernos*, pois denuncia uma sociedade pautada no lucro, no número, na busca pelo enriquecimento de alguns em detrimento de uma visão de mundo mais humanista. Porém, isso não significou uma proximidade imediata com intelectuais de esquerda, pois considerava o estabelecimento de governos socialista uma ameaça a liberdade individual dado o favorecimento pela lógica do coletivo. Nesse sentido, buscar compreender a crítica a modernidade elaborado por Bernanos implica em uma leitura cuidadosa que fuja de estereótipos imediatos como o do escritor católico tradicional.

Bernanos faz parte de um conjunto de intelectuais do século XX que foi engajado no debate público, que articulava suas ideias de forma polêmica voltada ao convencimento e que “(...) frequentemente militava, na verdade, em organizações de alto teor cultural e não hesitava em terçar armas com a esquerda no debate cívico. O caso da Ação Francesa é nesses dois pontos, altamente revelador.”<sup>2</sup> Jean-François Sirinelli identificou como os intelectuais poderiam construir redes de sociabilidade entre si, que poderiam se articular a partir de uma organização ou produção editorial, como um jornal ou revista, que acabava por orientar uma série de comportamentos e formas de expressão de suas ideias. Sirinelli afirma:

“As ‘redes’ secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma acepção, ao mesmo tempo ‘redes’ que estruturam e ‘microclima’ que caracteriza um microcosmo intelectual particular. Poderíamos multiplicar os exemplos de tais microcosmos. Assim, o meio dos jovens da Ação Francesa no período entre as duas guerras: o pensamento de Maurras e de Daudet lhe confere uma coesão ideológica, a página cultural de *L’Action Française* modela e depois reflete- quando esses jovens nela colaboram -uma sensibilidade, e a liga e sua organização estudantil lhe forneceram uma estrutura de recepção;”<sup>3</sup>

Ao longo da tese será trabalhado como Bernanos se articulou com a AF durante a sua juventude, o que lhe conferiu oportunidades como trabalhar em um dos jornais

---

<sup>2</sup> SIRINELLI, Jean François. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, René (Org.) Por uma história política. p.256.

<sup>3</sup> SIRINELLI, Jean François. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, René (Org.) Por uma história política. p. 253.

da organização. Bernanos ao longo da sua vida irá compartilhar de uma série de ideias comuns aos membros da organização, porém em 1932 rompeu com a instituição e buscou uma autonomia de pensamento. É a partir do reconhecimento da figura de Bernanos como um intelectual engajado no debate cívico e articulador das suas ideias de forma polêmica e exaltada, que iremos a partir de agora mobilizar a expressão escritos de combate para se referir aos seus textos e livros de caráter ensaísticos.

A hipótese da tese seria a de que essa crítica se dá a partir da construção de uma ideia de história da decadência da tradição francesa evidenciada pelo distanciamento dos valores cristãos e pela perda processual da liberdade. Para tal se faz necessário identificar as operações temporais elaboradas pelo autor em seus escritos políticos, por vezes abrindo possibilidades de se pensar um futuro distinto do presente e por vezes buscando recuperar valores que estavam em operação, segundo o autor, em uma França anterior a Revolução Francesa de 1789. Um segundo ponto, por sua vez, é a compreensão de como o autor mobiliza um vocabulário político disponível na metade do século XX como liberdade, revolução, totalitarismo, fascismo a partir de um ponto de vista pessimista, anticapitalista e religioso.

A atenção para a linguagem mobilizada nos escritos políticos de Bernanos insere esse trabalho no campo da história intelectual, particularmente, no campo da história do pensamento político tal como trabalhado por Quentin Skinner com a sua proposta de um contextualismo linguístico historicista e a história do discurso político proposto por John Pocock. Essa abordagem a princípio foi conhecida como escola de Cambridge, porém foi rebatizada como “(...)enfoque *collingwoodiano*, em homenagem ao filósofo inglês R. G. Collingwood (Sikinner, 2001)”<sup>4</sup>

Skinner contribuiu para história do pensamento político da Inglaterra a partir da década de 1960 com textos de caráter metodológico como *The limits of historical explanations* e *Meaning and understanding* e de caráter prático como *As fundações do pensamento político moderno* e *Reason and rhetoric in the philosophy of Hobbes*. Pocock na introdução do livro *Linguagens do Ideário*

---

<sup>4</sup>JASMIN, M. JUNIOR, J. **História do conceito**: dois momentos de um encontro intelectual. In: JASMIN, M. JUNIOR, J. (org). **História dos conceitos**: debates e perspectivas. p.15.

*Político* recuperou dois principais pronunciamentos de Skinner sobre as suas preocupações como historiador do pensamento político. O primeiro estaria vinculado ao compromisso com a recuperação das intenções do pensador ao elaborar um texto. Segundo Pocock, essa preocupação estaria vinculada a um desejo de delimitar o que não poderia ter sido a intenção de um autor ao escrever determinado texto por não possuir a linguagem nas quais seriam expressas. Assim, nos levando a uma preocupação com o contexto linguístico no qual aquele pensador estava inserido.

Assim, é possível afirmar que Skinner buscou se diferenciar da história do pensamento político desenvolvida no período que acabava por se aproximar de uma metodologia mais filosófica do que história de trabalho, em que as ideias e conceitos políticos eram categorias de análises perenes, que poderiam ser mobilizadas para a análise textual independentemente do momento em que foram elaborados. Em especial, o autor critica os estudos que acabavam por impor os arcabouços teóricos do presente aos autores do passado, impondo ideias a autores que não teriam o repertório para tal: “Em suma, a crítica de Skinner se dirige contra toda e qualquer interpretação histórica que impõe aos autores do passado problemas e linguagens que são exclusivos do presente do estudioso.”<sup>5</sup>

O segundo argumento de Skinner sobre o fazer do historiador que Pocock ressaltou em sua obra foi a preocupação com a efetuação, com o que o pensador estava querendo fazer com determinado enunciado. Nesse sentido, abre-se um campo para a análise não apenas do significado de cada palavra mobilizada por determinado autor de maneira hermética, ou seja, considerando apenas o texto em si. O historiador deveria considerar as estratégias utilizadas pelo escritor como buscou intencionalmente a partir do uso de certas palavras e idiomas proferir determinado sentido político ao seu discurso.

“Segundo o autor, a compreensão (understanding) de um proferimento (utterance) não corresponde apenas e estritamente ao reconhecimento do seu significado (meaning), mas também daquilo que J. L. Austin chamou força ilocucionária intencional. Isto é, essa compreensão requer o conhecimento da intenção do autor ao proferir tal ou qual ato de fala.”<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup>Ibid. p.15.

<sup>6</sup>Ibid. p.16.

Assim, passa-se a analisar a obras de um escritor considerando o contexto linguístico no qual estava inserido, porém sem estar a ele limitado. Então, Skinner identifica um espaço de liberdade para o escritor em que esse pode de maneira intencional articular seus pronunciamentos de maneira a deturpar os usos convencionais de certas palavras ou estilos linguísticos. O teórico estaria assim interessado em: “(...)se concentrar sobre os esforços de um autor ao usar, adaptar e transformar vocabulários e teorias convencionais (jogos de linguagem) com o objetivo de justificar práticas sociais e comportamentos inovadores.”<sup>7</sup>

A proposta de Pocock, por sua vez, está diretamente relacionada ao estudo do discurso político ou da linguagem política, que seria:

"(...) uma estrutura complexa que abrange um vocabulário, uma gramática, uma retórica e um conjunto de usos, pressupostos e implicações, que existem juntos no tempo e são empregáveis por uma comunidade semi-específica de usuários de linguagem para propósitos políticos (...)"<sup>8</sup>

Pocock em seu trabalho reforça a existência de uma série de linguagens em concorrência que interagem e concorrem entre si, que podem ser mobilizadas por um escritor na hora de construir o seu texto. Nesse sentido, os textos políticos ganham uma conotação polivalente na medida em que articulam linguagens que predisõem distintas maneiras de articular os vocabulários políticos.

Pocock tal como Skinner se preocupa com a ação dos intelectuais na possibilidade de alterar os contextos políticos nos quais estão inseridos:

"Alguns autores são mais conservadores, limitando-se a reproduzir as convenções lingüísticas vigentes, enquanto outros têm o intuito deliberado de torcer significados, alterar vocabulários, fazer associações incomuns e recorrer a outras artimanhas argumentativas."<sup>9</sup>

É importante atentar que o autor tem como foco de trabalho um olhar síncrono para a produção política, focando no vocabulário em circulação em um determinado período:

“Tais acadêmicos [historiadores anglófonos] se preocupam com a história dos textos e contextos, das estruturas de linguagem e dos usos que delas se fez. A sua ênfase nas performances particulares de escritores e oradores individuais leva-os a

---

<sup>7</sup> Ibid. p.18.

<sup>8</sup> POCOCK, J. G. A. **Conceitos e discursos**: uma diferença cultural? Comentário sobre o papel de Melvin Richter. In: JASMIN, M.; FERES, J. (Org) **História dos Conceitos**: Debates e perspectivas. p. 83.

<sup>9</sup>JASMIN, M.; FERES, J. op. cit. p. 21.

estabelecer um mundo de linguagem sincronicamente existente, para então ver como este mundo estava sendo usado no momento e como estava sendo modificado a curto prazo.”<sup>10</sup>

Esse olhar síncrono se mantém mesmo o autor reconhecendo que o que determinado escritor produz no presente articula ideias que carregam um histórico de significados e que inclusive os seus textos poderão influenciar os futuros leitores de maneira inesperadas, favorecendo a construção de pronunciamentos políticos com intenções distintas das suas. Esse seria um dos pontos distintos da abordagem *collingwoodiana* e do trabalho desenvolvido na história dos conceitos alemã (*Begriffsgeschichte*) que teria uma preocupação de recuperar os significados dos conceitos de maneira diacrônica.

Bernanos ao longo dos seus escritos políticos mobilizou uma série de vocabulários do pensamento político disponíveis na década de 1940, tais como totalitarismo, fascismo, liberdade, democracia, Estado moderno. Ele identificava o presente europeu pelo viés da crise, por considerar que as duas guerras mundiais não garantiram mais paz ou liberdade para o povo francês e se alarmava diante do estabelecimento de regimes fascistas e totalitários baseados em estados centralizados e controladores da vida privada. O autor identificava que o mundo moderno estava vivendo uma crise da civilização representada pela redução da liberdade e autonomia do homem. Assim, tecia uma série de sentidos e significados com conceitos em disputa no século XX por teóricos associados aos diferentes extremos do espectro político como liberais democratas ou ainda socialistas.

O trabalho de Pocock se mostra assim relevante para a construção dessa tese por nos alertar para a possibilidade de Bernanos mobilizar esse sério de vocabulários a partir de preceitos e gramáticas próprias de múltiplas linguagens. Algumas das lentes que Bernanos adotava para interpretar a realidade e tecer a sua crítica a modernidade, por exemplo, era a do cristianismo ou ainda a da defesa da monarquia francesa. Cada uma das linguagens mobilizadas por Bernanos trazem camadas de significados que são articulados de uma maneira bastante específica por Bernanos. Se por um lado autor era defensor do início da Revolução Francesa por defender as liberdades individuais frente ao absolutismo da Monarquia francesa da década de 1780, criticava a adoção de processos igualitários e o rompimento de

---

<sup>10</sup>POCOCK, J. G. A. op.cit. p. 85.

distinções sociais, como o privilégio da aristocracia na participação das assembleias locais, também adotados pelo mesmo movimento social.

A presente tese foi dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, *Percurso biográfico e intelectual*, busca-se apresentar a trajetória de vida de Bernanos com especial ênfase para a sua produção de escritos de combate destacando os círculos intelectuais dos quais o autor fez parte e as suas experiências de exílio para a Espanha e para o Brasil. Além disso, apresenta-se uma revisão bibliográfica dos principais trabalhos voltados para a análise do pensamento político de Bernanos. Nessa revisão destaque-se duas ideias centrais para a formulação dessa tese. Em primeiro lugar, a de que Bernanos é uma figura questionadora e inconformada, de difícil caracterização por estereótipos como tradicionalista, conservador, católico de extrema direita. Os trabalhos analisados nos ajudam a compreender os aspectos de ruptura e de continuidade no pensamento político de Bernanos. Em segundo lugar, busca-se explorar a ideia de tradição francesa apresentada por Monique Gosselin-Noat como um conjunto de narrativas sobre experiências comuns que são coletivas, compartilhadas e mutáveis.

No segundo capítulo, *Experiência do exílio no Brasil*, trabalha-se o exílio como uma chave de leitura para as obras do Bernanos. Primeiro, defende-se que após a sua experiência de exílio autoimposto no Brasil aumentou a frequência dos ensaios, artigos e livros não ficcionais de caráter crítico, assim o exílio como deslocamento físico poderia influenciar na disponibilidade de análise do mundo. Essa defesa se dá a partir da problematização do argumento de Enzo Traverso de que a experiência do exílio confere aos intelectuais uma capacidade mais aguçada de análise dos eventos violentos do presente, uma hermenêutica da distância, permitindo que os eles refletissem sobre eventos como os campos de concentração e as bombas de Hiroshima e Nagasaki, construindo uma história do tempo presente.

Segundo, analisa-se como Bernanos mobilizou o conceito de exílio em suas obras redigidas no Brasil e como percebia a experiência de viver no Brasil. Nesse sentido, percebe-se uma vivência marcada pela tristeza diante do distanciamento da terra natal, um estranhamento diante da natureza brasileiro que o convocava para a reflexão. Além disso, explorava a noção de exílio temporal, em que se via distante do mundo moderno, porém próximo temporalmente do passado francês em que

valores como a liberdade e a religião cristã eram operantes. Por fim, apesar do Brasil ser visto pela ótica de estranhamento físico em termos culturais foi uma oportunidade para Bernanos reencontrar uma antiga França, pela distância reencontrar no povo brasileiro uma identidade francesa camponesa, cristã, associada aos valores da liberdade, igualdade e fraternidade.

O terceiro capítulo, *Escritos de combate como crítica a modernidade*, tem como objetivo apresentar os principais argumentos críticos de Bernanos ao mundo moderno a partir da análise do livro *Carta aos Ingleses* publicado em 1942. Um primeiro esforço do capítulo concentra-se na discussão sobre o conceito de modernidade que informa a nossa leitura sobre o trabalho do autor francês. Primeiro, apresenta o debate o conceito de modernidade a partir da relação entre passado, presente e futuro tal como desenvolvido pelo historiador alemão Reinhart Koselleck. Ao definir como marco temporal a Revolução Francesa, o historiador sustenta que a partir das experiências ali vividas consolidou a ideia de um tempo novo, um presente que se descolava dos acontecimentos do passado, um presente marcado pelo auspício da novidade. Esse trabalho nos ajuda a compreender as obras de combate de Bernanos, afinal o escritor francês identificava o seu presente como distinto do passado, reconhecia que a sociedade capitalista em que vivia era distinta da sua infância, de uma história francesa marcada pelo valor da liberdade. Nesse sentido, o presente era visto como uma ruptura com a tradição do passado e que era necessária uma ação para evitar um futuro catastrófico.

Ao longo do capítulo argumenta-se que tal crítica a modernidade foi estabelecida a partir de uma lente pessimista e anticapitalista do mundo, dialogando-se assim com a obra de *Revolta e Melancolia* de Lowy e Sayre e *Antimodernos* de Compagnon. Por fim, sustenta-se que Bernanos identificou a construção do mundo moderno como um processo de decadência da civilização europeia, em especial dado o distanciamento da sociedade do século XX com os valores cristãos, operando assim com uma concepção moderna de história.

Por fim, no quarto capítulo, *Um mundo ganho para a Técnica está perdido para a Liberdade* será trabalhado a análise de Bernanos apresentada especialmente no livro *França contra os Robôs* sobre as ameaças da sociedade moderna sobre a liberdade. Em especial, será analisado as consequências do excesso de mecanização

na civilização moderna e como ela implicou na produção de um novo tipo de sociedade, que desumaniza o homem ao impor a ele o tempo da produção e a lógica do lucro.

Nesse capítulo propõe-se a articular as reflexões de Bernanos com a de uma série de outros intelectuais do período que também se perguntavam sobre as consequências o desenvolvimento da tecnologia no século XX como: Gunther Anders e Aldous Huxley. Além disso, apresenta-se a o temor de Bernanos em relação a liberdade do indivíduo diante da sociedade e do Estado e que essa questão seria um indicativo de que apesar dos aliados terem vencido a Segunda Guerra Mundial, aspectos totalitários ainda se mantinham em toda a sociedade mundial.

## 2.

### Percurso biográfico e intelectual

Nesse capítulo iremos apresentar o percurso biográfico do autor focando na sua trajetória intelectual e contexto de produção dos seus escritos de combate. Nesse sentido, iremos analisar com mais cuidado o seu engajamento na Ação Francesa durante a sua juventude e as principais ideias veiculadas pela organização como a defesa da monarquia e defesa da tradição francesa. Além disso, iremos recuperar as duas experiências de exílio de Bernanos, que favoreceram a produção de escritos de combate. Entre os anos de 1934 e 1938, o escritor se deslocou com a família para a Espanha, em que vivenciou a guerra civil espanhola e elaborou o testemunho *Os Grandes Cemitérios sob a lua*, que como veremos o indispôs com parte da direita católica francesa.

Já entre os anos de 1938 e 1945, o escritor viveu com a sua família no Brasil, período em que a sua produção de escritos de combate se intensificou em detrimento da sua produção de romances. Durante o seu autoexílio em terras brasileiras Bernanos escreveu livros de caráter mais testemunhais marcados pela crítica a Maurras como o *Scandale de la Vérité*, *Nous autres français* e *Le Enfants humiliés*. Além da produção de dois livros *Cartas aos ingleses* e *França contra os robôs* que revelaram o impacto da Segunda Guerra Mundial na produção do escritor, em especial, a decepção em relação a derrota francesa e receio do autor de que a lógica totalitária se mantivesse mesmo com a vitória dos aliados no conflito.

Após essa apresentação do percurso intelectual de Bernanos, será apresentado uma revisão bibliográfica de quatro pesquisadores focados na análise dos escritos de combate do escritor. A seleção da análise dos trabalhos de Thomas Molnar, Monique Gosselin-Noat, Serge Albouy e Paul Serat se deu pelo objetivo dos autores em priorizar o estudo do pensamento político de Bernanos de maneira mais detalhada, ao invés de focar apenas na análise dos seus romances, foco inclusive das poucas produções brasileiras dedicadas ao escritor francês.<sup>1</sup> Essa

---

<sup>1</sup> SILVA, Fernanda Maria de Souza. **Terror e Exílio em Dialogues des Carmélites, de Georges Bernanos**. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 1998. 259 fl. Tese de Doutorado em Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa. LIGNANI. Cassio Oliveira. **Tédio, morte e santidade nas obras Sob o Sol de Satã e Diário de um pároco de aldeia, de Georges Bernanos**. Belo Horizonte, UFMG, 2011. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos

revisão bibliográfica será focada em apresentar argumentos que contribuem para uma maior compreensão das ideias em circulação no campo da direita católica francesa na virada do século XIX para o XX, que informaram a juventude de Bernanos, além de focar nos momentos de inflexão na produção do escritor, em especial, o seu distanciamento da AF e do debate com Maurras. Além disso, irá se debater a figura de Bernanos como um escritor marcado pela mudança, pela combatividade, pela revolta, pelo espírito de inconformismo. Por fim, será apresentado um debate sobre a noção de tradição que orienta o trabalho do autor que informará a maneira que tal conceito será utilizado nessa tese.

## 2.1 Percurso Biográfico

Georges Bernanos nasceu em Paris no ano de 1888, período descrito pelo filósofo Thomas Molnar como peculiar, em que a cidade estava envolta em uma áurea de riqueza e progresso, exemplificada pela construção da Torre Eiffel e pelas feiras mundiais sediadas na cidade. Porém, Molnar reforça que essa virada do século também foi palco de transformações sociais, marcadas pelo crescimento do partido socialista, greves e agitações antisemitas associadas ao caso Dreyfus.<sup>2</sup>

Durante a infância viveu em diferentes regiões pela França, como por exemplo na cidade de Fressin, região norte do país, onde a sua família adquiriu uma casa de campo. O jovem Bernanos também estudou em alguns colégios internos e dois seminários, como o de *Notre-Dame des Champs* e o de *Bourges*, além do *Collège Sainte-Marie* em *Pas-de-Calais*.<sup>3</sup> Assim é possível perceber que a sua infância foi marcada pelo deslocamento e pela errância, características que acompanharam a sua vida adulta.

Outro aspecto presente na sua infância que caracterizou a sua produção quando adulto foi sua educação nos valores cristãos. O teólogo Hans Balthasar

---

Literário. MENDES, Fábio Marques. **A trapaça como recurso literário e teopolítico no romance Um Crime, de Georges Bernanos**. In: Revista Eletrônica Correlatio v. 14, n. 28 - Dezembro de 2015.

<sup>2</sup> MOLNAR, T. **The political Thought of Bernanos**. p. 225. Caso Dreyfus: caso de Alfred Dreyfus (1859 - 1935), oficial francês de origem judaica, acusado em 1894 de espionagem, condenado e posteriormente absolvido. Aqueles que defenderam a condenação de Dreyfus, os “antidreyfusistas”, eram conhecidos por suas posições antisemitas e pelo nacionalismo xenófobo. Ver: (N.T). BERNANOS, G. **Os Grandes Cemitérios sob a lua**: um testemunho de fé diante da Guerra civil espanhola. p. 39.

<sup>3</sup> BALTHASAR, H. op. cit. parte 2 The Life; CHAIGNE, L. **Georges Bernanos**, p.16.

identifica que a juventude do intelectual francês foi marcada pela proximidade com a Igreja Católica. A sua casa era frequentada por padres, e inclusive em uma de suas fotos de família, é possível identificar um jovem Bernanos jogando xadrez entre dois homens da batina.<sup>4</sup> Ao longo da sua adolescência desenvolveu o hábito de procurar conselhos e trocar correspondências com homens de religião, como o Padre Lagrange. Além disso, em sua vida adulta, se interessou por representar em seus romances personagens do clero, buscando apresentar as suas reflexões teológicas, dilemas morais e ações cotidianas, como por exemplo em *Diário de um Pároco de Aldeia*.

Em 1908, enquanto Bernanos estudava Direito na cidade de Paris, se filiou a Ação Francesa (AF), movimento de direita de orientação nacionalista e monarquista, que nasceu entre os anos de 1898 e 1899 como um comitê que visava publicar suas ideias em semanários e assim influenciar o debate público com o objetivo de defender “o exército, a ordem e os valores tradicionais.”<sup>5</sup> A organização tem como pontapé inicial a publicação de um artigo chamado Ação Francesa em dezembro de 1898 no *L'Éclair* que defendia:

“O que se tem a fazer no momento atual é reconstituir a França como sociedade, restaurar a ideia de pátria, reatar a corrente das nossas tradições, estendê-la e adaptá-la às circunstâncias de nossa época, da França republicana e livre, reconstruir um Estado organizado internamente, tão forte externamente como fora no antigo regime.”<sup>6</sup>

Segundo René Remond, por sua vez, o nascimento dessa organização seria uma forma de resposta à “(...)anarquia que alegavam resultar da proclamação sem cautela ou contrapartida dos Direitos do Homem.” (tradução livre)<sup>7</sup>. Anarquia para alguns dos membros da AF estava associada aos intelectuais da Universidade Sorbonne, identificados como defensores de valores seculares, antimilitaristas e cosmopolitas, valores esses que, segundo a organização, poderiam levar a destruição da França.<sup>8</sup> A leitura dos membros da organização era de que a sociedade

<sup>4</sup> BALTHASAR, H. op. cit. parte 2 The Life.

<sup>5</sup> HANNA, M. **Laying Siege to the Sorbonne: The Action Française's Attack upon the Dreyfusard University** In: Historical Reflections / Réflexions Historiques. p. 155.

<sup>6</sup> Ver: WINOCK, M. **O Século dos intelectuais**. p. 96

<sup>7</sup> REMOND, R. **The right Wing in France form 1815 to the Gaulle**. p. 235.

“(...)anarchy which they claimed resulted from the proclamation of the Rights of Man without caution or counterpart.”

<sup>8</sup> HANNA, M. op. cit. p. 157.

moderna em que viviam possuía certos aspectos de decadência e precisava ser transformada.

A orientação monarquista da organização se consolidou, por sua vez, a partir do intelectual Charles Maurras <sup>9</sup>, que argumentava que a Monarquia era o regime de governo ideal para manter a grandeza francesa e isso poderia ser provado, segundo o autor, por experiência histórica<sup>10</sup>.

O historiador Rémond ao descrever o repertório de ideias que compunha a AF sustenta que:

“A sua filosofia política, baseada numa concepção hierárquica da sociedade e respeitosa das superioridades naturais, era solidamente aristocrática. Seu programa social resumia-se à anacrônica restauração do sistema corporativo e provinha do ramo tradicionalista, aristocrático e paternalista do catolicismo social.”. (tradução livre)<sup>11</sup>

A organização também se baseava em um ideal de sociedade marcado por privilégios, em que as proteções sociais seriam garantidas pelo sistema corporativista.

Já Robert Speaight reforça o aspecto antimoderno do catolicismo adotado pela organização como maneira de fazer frente ao parlamentarismo liberal secular do período. Além disso, frisa que a defesa do realismo era uma maneira: “(...) para apelar a todos aqueles que se lembravam da grandeza da França sob a monarquia e se desesperavam com sua mediocridade sob a Terceira República.” (tradução livre)

12

Para o filósofo Michael Tobin, a AF poderia ser caracterizada por defender o antissemitismo, o realismo e o catolicismo, porém o que mais atraiu o jovem

---

<sup>9</sup> Charles Maurras (1868-1952) escritor e teórico político francês, promulgava ideias nacionalistas de defesa do interesse do Estado Francês e foi um dos idealizadores da *Action Française* e do jornal da organização. Verbetes da Enciclopédia Britânica. CF: <https://www.britannica.com/biography/Charles-Maurras> último acesso 13/04/22.

<sup>10</sup> REMOND, R. op. cit. p. 238.

<sup>11</sup> REMOND, R. p. cit. p 241. *Its political philosophy, based on a hierarchical conception of society and respectful of natural superiorities, was solidly aristocratic. Its social program boiled down to the anachronistic restoration of the corporative system and came to it from the traditionalist, aristocratic, and paternalistic branch of social Catholicism*

<sup>12</sup> SPEAIGHT, R. **Georges Bernanos: a biography**. New York: Liveright, 1974, p. 34. “(...) to appeal to all those who remembered the greatness of France under the monarchy and despaired of its mediocrity under the Third Republic.”

Bernanos a aderir a organização era o seu convite para ação, e não apenas o seu ideário, tal como o jovem comunicou em uma carta para o Padre Lagrange:

“Quanto a mim, admiro de todo o coração aqueles bravos homens da *Action Française*, (...) dotados de bom senso e fé, que não se intimidam com nenhuma ideia, que galantemente impelem ao seu reconhecimento, que deixam claro seu posicionamento sem meias palavras.” (tradução livre)<sup>13</sup>

Tobin argumenta que as trocas de cartas entre Bernanos e Lagrange permitem afirmar que o padre era mais propenso a apoiar outro grupo político católico do período, o Sillon. Associado a Marc Sangnier, este grupo convocava os católicos a se rebelarem contra a situação política da França do século XX e a defenderem a social-democracia. Tobin sustenta que os argumentos apresentados por Bernanos para deslegitimar o posicionamento do colega eram baseados na ideia de pecado original, em que a humanidade não iria avançar rumo a igualdade, liberdade e fraternidade de maneira linear e sem percalços. A partir da crença no pecado original, Bernanos sustentava que a humanidade poderia ser redimida de seus pecados e não completamente reformada e que os sonhos de uma reforma social, propostos pelos democratas, se mostrariam pouco factíveis.<sup>14</sup>

Speaight, ao diferenciar os dois movimentos políticos católicos, por sua vez, afirma que: “O Sillon de Marc Sangnier foi uma tentativa de usar a Igreja para promover a causa da social-democracia, pois a *Action Française* foi uma tentativa de usá-la para promover o estabelecimento de um estado corporativo e a restauração da monarquia.”(tradução livre)<sup>15</sup> Segundo o autor, para um jovem de personalidade inflamável, um movimento de direita que adotava métodos violentos seria mais atraente do que um movimento constitucional mais próximo da esquerda.

O jovem Bernanos participava do grupo *Camelots du Roi*<sup>16</sup>, uma frente da AF responsável pela venda dos seus jornais que acabava por adotar métodos mais

---

<sup>13</sup> TOBIN, M. **Georges Bernanos**: The theological source of his art. p. 13. “As for me I admire with all my heart those valiant men of the *Action Française*, (...) gifted with common sense and faith who are not daunted by any idea, who gallantly compel recognition, who make clear where they stand without mincing words.”

<sup>14</sup> Ibid. p. 14

<sup>15</sup> SPEAIGHT, R. Op. cit. p. 35 “*Marc Sangnier’s Sillon was an attempt to use the Church to further the cause of social democracy, as the Action Française was an attempt to use it to further the establishment of a corporative state and the restoration of the monarchy.*”

<sup>16</sup>Federação Nacional dos Camelots do Rei (*Camelots du Roi*) foi uma organização realista fundada por Charles Maurras em 16 de novembro de 1908, ligada ao movimento monarquista Ação Francesa.

incisivos em suas manifestações, podendo se envolver em disputas verbais ou físicas.<sup>17</sup> Durante uma dessas manifestações de rua a favor da monarquia, Bernanos acabou sendo preso por um curto período, na virada do ano de 1908 para 1909, no tumulto de Thamalas. Essa situação foi vinculada a uma campanha mais ampla da AF contra a indicação do professor de história François Thamalas para atuar na Universidade Sorbonne, uma vez que esse autor havia anteriormente criticado a figura de Joana D’Arc, um símbolo nacional na perspectiva da organização. Um conjunto de jovens integrantes da AF se organizou para protestar a cada aula ministrada por Thamalas, com vaias, lançamento de ovos e ataques físicos. Ao longo das semanas, as investidas dos jovens da AF se intensificaram gerando a prisão de alguns de seus membros.

A organização operava em um primeiro momento pela veiculação de suas ideias em um semanário que implicou na criação dos *Camelots du Roi*, porém com o tempo passou a encontrar outras maneiras de ação como o *Institut d’Action Française*. Esse instituto funcionava como “(...) a alternativa dos monarquistas à universidade republicana” (tradução livre).<sup>18</sup>, com o oferecimento de cursos e palestras. A instituição foi uma maneira que a organização de direita encontrou para questionar o que considerava um monopólio das universidades associadas à República Francesa na formulação do conhecimento. Contudo, a instituição conseguia se comunicar com um público limitado, atingindo apenas aqueles jovens já convencidos pelas ideias monarquistas e dispostos aos estudos formais. Com o objetivo de atingir o grande público, a organização desenvolveu o *Theatre d’Action Française*, considerando que as peças de teatro eram, ainda no início do século, uma maneira efetiva de impactar a opinião pública. No entanto, a primeira peça encenada não foi um sucesso de público, cancelando rapidamente a iniciativa teatral da organização.<sup>19</sup>

A produção intelectual de Bernanos e a sua vida pessoal foram marcadas pela sua participação na AF. No início da década de 1910, ele atuou como editor de um pequeno jornal intitulado *L’Avant-Garde de Normandie* sediado em Rouen.

---

(N.T). CF: BERNANOS, G. **Os Grandes Cemitérios sob a lua**: um testemunho de fé diante da Guerra civil espanhola. p.67.

<sup>17</sup> LAPAQUE, S. **Sob o Sol do Exílio**: Georges Bernanos no Brasil (1938-1945). p. 19.

<sup>18</sup> HANNA, M. op. cit. p. 161. “(...) royalists’ alternative to the republican university”

<sup>19</sup>Ibid. p. 173

Nele, Bernanos pôde publicar textos de caráter políticos e pequenas histórias, desenvolvendo suas habilidades como escritor. O historiador Thomas Molnar apresenta que no jornal Bernanos se dedicava aos “(...) temas nacionalistas, com xenofobia e antissemitismo, defesa da monarquia e efusões românticas em relação ao solo e à história franceses” (tradução livre).<sup>20</sup> Nessa ocasião conheceu sua esposa Jeanne Talbert d’Arc, presidente da vertente feminina da AF em Rouen.

A defesa dos interesses franceses e a manutenção dos valores católicos vivenciados nesses anos de participação da AF, por exemplo, são elementos perenes e centrais em suas obras. O aspecto de crítica à sociedade moderna também foi crucial nas articulações de Bernanos, além dessa proximidade com o regime monárquico – apesar deste último elemento aparecer de maneira menos recorrente nos seus artigos da década de 1940.

Bernanos atuou como redator em Rouen até se tornar voluntário na Primeira Guerra Mundial. Ao retornar para a vida civil depois do conflito, passou a trabalhar como vendedor de seguros como forma de manter a sua família, ocupação que possibilitou que viajasse por diferentes regiões da França, reforçando a sua condição de errante. Em 1920, se desassociou da AF, organização da qual era membro há mais de dez anos, ao enviar para Maurras uma carta informando estar decepcionado com a aprovação por parte da AF da campanha para deputado de Léon Daudet, um dos criadores do jornal da organização. Bernanos acusava a AF de estar traindo os seus princípios originais, de recusa à participação parlamentar.

Em 1926, aos 38 anos, lançou o seu primeiro romance *Sob o Sol de Satã*, que segundo o filósofo Tobin, seria uma reação à desproporção entre os sacrifícios da juventude francesa na Primeira Guerra Mundial e as ideias oferecidas pela imprensa e pelo governo daqueles que retornavam das trincheiras. Tobin argumenta que nessas páginas o escritor francês revelava o seu descontentamento com a idolatria criada em torno da ideia de nação e democracia como um reino a ser conquistado.<sup>21</sup> Esse primeiro romance de Bernanos foi muito bem recebido pela crítica, possibilitando que abandonasse o emprego de vendedor de seguros e focasse

---

<sup>20</sup> MOLNAR, Thomas. **Bernanos: His Political Thought and Prophecy**. p. 33. “(...) *nationalist themes, with xenophobia and anti-Semitism, defense of the monarchy and romantic effusions with regard to French soil and history*”.

<sup>21</sup> TOBIN, M. op. cit. p. 21.

na vida de escritor. Ao longo da sua vida, o escritor francês publicou outros oito romances<sup>22</sup> e uma peça,<sup>23</sup> consolidando sua carreira literária.

Seu primeiro livro no formato de escritos de combate, por sua vez, foi o *La Grande Peur des bien-pensants*, publicado no ano de 1931. Esse livro pode ser considerado um tributo ao jornalista antissemita Edouard Drumont e a sua obra *La France juive*. O primeiro contato de Bernanos com o trabalho de Drumont se deu na sua adolescência, uma vez que, seu pai era um entusiasta do pensamento do escritor sendo leitor do seu periódico *La Libre Parole*. Ao longo dos seus anos como membro de AF, Bernanos também teve contato com as ideias antissemitas de Drumont defendidas e propagadas inclusive por Maurras. Então, mesmo que na década de 1930, Bernanos não estivesse mais associado a AF em termos formais, ainda estava parcialmente vinculado aos seus ideais.<sup>24</sup>

Ao longo desse trabalho Bernanos redigiu uma biografia de Drumont considerando o pensamento antissemita desenvolvido por ele, em especial, como o judeu poderia ser considerado um inimigo de uma França tradicional. A figura do judeu foi assim explorada como a de um inimigo estrangeiro em solo nacional que representava características próprias da sociedade moderna como o desenvolvimento industrial, o desenvolvimento tecnológico e a consolidação de um estilo de vida baseado na busca pelo lucro. Além de se configurar como uma ameaça a uma suposta França tradicional, associada a monarquia, a fé cristã e seus santos como Joana D'Ac ou ainda a vida rural.

O historiador Thomas Molnar reforça como essa obra de Bernanos foi interpretada como um indício de suas tendências fascistas.<sup>25</sup> Sem desconsiderar a conotação antissemita de *La Grande Peur de bien-pensants*, Bernanos nos próximos anos buscou se distanciar da perseguição nazifascistas aos judeus,

---

<sup>22</sup> Os romances são intitulados: Sob o Sol de Satã (1926), A impostura (1927), A Alegria (1928), Um crime (1935), Diário de um pároco de aldeia (1936), Nova História de Mouchette (1937), O senhor Ouine (1943), Um sonho ruim (1950).

<sup>23</sup> O título da peça de Bernanos é Diálogo das carmelitas (1949).

<sup>24</sup> HELLMAN, J. **Bernanos, Drumont, and the Rise of French Fascism**. In: The Review of Politics, Vol. 52, No. 3 (Summer, 1990), pp. 441-459.

<sup>25</sup> MOLNAR, T. **Introduction**. MOLNAR, T. In: Bernanos: His political thought and prophecy.

considerando o assassinato desses em câmara de gás como um dos indícios da falência da sociedade moderna e da cristandade.<sup>26</sup>

Bernanos, em seu texto de 1931, reclamava da retórica construída pelas democracias ao longo e, posteriormente, a Primeira Guerra Mundial:

Veja, a guerra das Democracias, a guerra do Povo, a Guerra Mundial, quis uma linguagem própria, universal, ecumênica: para criar tal linguagem, ela saqueou o espiritual como todo o resto, produzindo uma metafísica infantil e astuciosa na velocidade frenética de uma prensa gráfica. As palavras mais veneráveis, Dever, Justiça, Pátria, Humanidade, Progresso, saíam carimbadas com um número de referência oficial, como gado de marca. (tradução livre).<sup>27</sup>

Bernanos argumentava que após o empobrecimento da Europa e da perda de muitas vidas na Primeira Guerra Mundial, a retórica das democracias estava sem legitimidade. O discurso dos governos e imprensa democráticos tentavam se escorar por trás de ideias cuja autoridade moral continuava valendo, como justiça, verdade e Deus.<sup>28</sup> Bernanos criticava a falta de legitimidade dessa apropriação dos conceitos cristãos, afinal, a ordem moderna democrática ignorava o aspecto do alto sacrifício relevante por de trás dos conceitos da cristandade e era, na verdade, um agente intermediário entre a finança e a indústria. Esse tipo de argumentação, por sua vez, esteve presente em outras das suas publicações nas décadas subsequentes mesmo que não necessariamente referenciadas a figura dos judeus tal como proposto por Drumont.

No ano de 1932, rompeu publicamente com Maurras através de trocas de acusações articuladas em artigos de jornais. A origem da disputa estava na participação de Bernanos do jornal *Le Figaro*, que tinha como dono François Coty, defensor de ideias fascistas. Maurras passou a criticar publicamente Bernanos, no

---

<sup>26</sup> “Se depois de 2 mil anos de cristianismo, ainda era necessária toda a ciência dos doutores para estabelecer que dois mais dois é quatro, ou seja, que não se tem o direito de perjurar, nem de fuzilar inocentes, nem de resolver a questão judaica – pois existe uma -pela exterminação dos judeus, nem de abri saídas econômicas com a ajuda do gás de mostarda, seria o caso de perder as esperanças na cristandade.” BERNANOS, G. **Cartas aos ingleses**. p. 135.

<sup>27</sup> BERNANOS apud: TOBIN, M. op. cit. p. 23. “*You see, the war of the Democracies, the People’s war, the World War, wanted its own language, a universal, ecumenical one: in order to create such a language, it pillaged the spiritual like everything else, producing a childish, crafty metaphysics at the frenzied speed of a printing press. The most venerable words, Duty, Justice, Motherland, Humanity, Progress, rolled off the line stamped with an official reference number like branded cattle*”

<sup>28</sup>Ibid. p. 23.

contexto de uma campanha da AF contra Coty. Após uma troca de farpas em cinco artigos, Bernanos acabou por romper com o antigo mentor.

O final dos anos 1920 e início dos anos 1930 foram marcados por rompimentos, perdas e dificuldade financeira para Bernanos. Nem todos os romances publicados por ele foram tão bem recebidos quanto o primeiro. Assim, o ato de escrever se mostrava árduo e o retorno financeiro incerto. Além disso, o rompimento público com Maurras o desarticulou de uma rede de intelectuais católicos e de direita com quem se relacionava desde 1908, ao aderir à AF. Nesse período Bernanos perdeu a sua mãe e, para completar, se envolveu em um acidente de moto, passando a andar com auxílio de muletas para o resto da sua vida.

Diante desse cenário de incertezas, o deslocamento para outro país se apresentou como uma alternativa para garantir um sustento para a sua família. Entre os anos de 1934 e 1937, Bernanos e a família se mudaram para Maiorca, na Espanha, como uma maneira de garantir um estilo de vida mais econômico<sup>29</sup>. Durante os primeiros dois anos da sua estadia, Bernanos não analisou de maneira tão cuidadosa os acontecimentos políticos do país, uma vez que estava preocupado em terminar o romance *Um diário de um pároco de aldeia*. No entanto, assim que o fez passou a acompanhar o desenrolar da guerra civil espanhola (1936-1939)<sup>30</sup>. É interessante perceber como, no processo de acompanhar tal conflito, Bernanos foi capaz de perceber a importância de tal experiência para a política internacional e, conseqüentemente, para a sua vida, afirmando o quanto seria importante algum dia poder escrever sobre o assunto.<sup>31</sup> Essa tarefa de analista da conjuntura política espanhola foi realizada tanto pela escrita de artigos para o semanário católico

---

<sup>29</sup> MILNER, M. **Georges Bernanos**. Paris: Librairie Séguir, 1989.

<sup>30</sup> A Guerra civil espanhola foi um conflito que desenrolou entre os anos de 1936 e 1939, a partir da tentativa de golpe militar liderada por Francisco Franco contra o governo da Segunda República espanhola, de orientação comunista. Para além da disputa materializada por um conflito bélico, a Espanha do período vivenciava uma série de disputas sobre como a sociedade moderna deveria estar organizado, debates sobre reforma agrária, centralização versus autonomia regional, qual deveria ser o papel do exército e da igreja católica. Os grupos que se opunham nesse conflito podem ser divididos entre os partidários dos nacionalistas, que consideravam defender a civilização cristã contra a ameaça imposta pelo governo comunista e os republicanos que se apresentavam como uma resistência a forças de caráter fascista. Esse conflito não foi apenas restrito aos espanhóis, uma vez que, envolvendo o apoio internacional do governo soviético aos republicanos e do governo nazista e fascista italiano ao lado nacionalista. Ver: SALVADÓ, Francisco Romero. **A guerra civil espanhola**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

<sup>31</sup> ALBOUNY, S. **Bernanos et la politique**: La Société et la droite française de 1900 à 1950. Toulouse: Privat, 1980.

francês *Sept* entre junho de 1936 e fevereiro de 1937, como pelo livro *Os Grandes Cemitérios sob a Lua* publicado em 1938.

A princípio o escritor francês via com bons olhos a iniciativa de Franco, como possibilidade de criticar um governo de orientação de esquerda e republicano avesso aos valores católicos. O seu filho Yves, por exemplo, optou por aderir as forças nacionalista, enquanto Bernanos, diferente de outros franceses que também moravam na ilha, optou por permanecer na Espanha e acompanhar o conflito. Nesse primeiro momento, considerava que os nacionalistas possuíam coragem por estarem dispostos a defender uma Espanha católica, e que a direita francesa deveria seguir a energia e o exemplo deles. A busca pela deposição das forças republicanas em si era bem-vista pelo autor. Porém, ao longo do tempo passou a considerar que aqueles responsáveis por conduzir as ações no dia a dia desvirtuaram a proposta, pois os meios violentos adotados para assumir o poder eram incompatíveis com a defesa dos valores católicos e da causa nacionalista. Um trecho de um dos seus artigos para *Sept* nos ajudam a compreender os métodos violentos dos nacionalistas:

“Os cafés estão repletos de tipos que jogam dominó, armados até os dentes. Isto não impede que, nesse canto de ilha onde nunca houve a menor tentativa de revolta tenham executado sem julgamento (passeio de carro e um tiro de pistola na nuca) dois mil homens simplórios, aproximadamente”<sup>32</sup>

Assim, após acompanhar os métodos adotados pelos nacionalistas, passou a denunciar a guerra civil e a criticar os católicos que apoiavam indiscriminadamente a iniciativa e não tinham coragem de assumir um posicionamento crítico diante do conflito. Bernanos argumentava que não poderia considerar a guerra civil como uma cruzada se levar em conta aqueles “(...) que massacram preventivamente suspeitos, organizam delações, assassinam presos (...)”<sup>33</sup> Assim, Bernanos se negava a considerar que o fim poderia justificar os meios. Passou a denunciar uma série de católicos que considerava medíocres por não ter uma visão ampla e por continuarem apoiando a causa dos franquistas, que buscavam enfrentar o inimigo fazendo uso de métodos extremamente violentos - o que, na verdade, seria uma negação dos valores católicos. Jurt reforça como Bernanos desacreditava da prática da imposição da fé pelo uso da força: “(...) para praticar minha fé livremente, de

<sup>32</sup> WINOCK, M. *O Século dos intelectuais*. p. 386.

<sup>33</sup> ALBOUNY, S. op. cit, p. 167. “(...) qui massacrent préventivement les suspects, organisent la délation, assassinent prisonniers (...)”

acordo com o espírito do Evangelho - desculpe-me - não é necessário apenas permitir que eu a pratique, é necessário também não me forçar a fazê-lo. Não se pode amar Deus sob ameaça.”<sup>34</sup>

*Os Grandes Cemitérios sob a Lua* foi uma obra considerada crucial no seu pensamento político e social<sup>35</sup>. Essa produção é descrita por Monique Gosselin como: “(...) ensaio panfletário no qual, como antigo militante da Ação Francesa, tomava o partido dos republicanos espanhóis e denunciava as exações de certos católicos e o comprometimento da hierarquia eclesiástica.”<sup>36</sup> Serge Albouny, por sua vez, leu essa obra de Bernanos como a denúncia de um processo de desencantamento e de descristianização que ocorria na sociedade moderna do século XX.

Em resposta à publicação desse livro, a filósofa Simone Weil enviou uma carta a Bernanos, reconhecendo a potência do relato do autor francês: “(...)mas embora eu tenha gostado de outros livros seus, não tinha motivos para incomodá-lo lhe escrevendo. Com o último é diferente; tive uma experiência que corresponde à sua.” (tradução livre)<sup>37</sup> A autora, que também vivenciou a guerra civil espanhola, reconheceu em Bernanos o único que produziu um relato sobre a guerra civil que considerava digno de ser citado: “Reconheci o cheiro de guerra civil, sangue e terror que emana de seu livro.” (tradução livre)<sup>38</sup>

Simone Weil criticava principalmente o ato de morte indiscriminada e sem pesar pelo derramamento de sangue inocente. A filósofa sustentava que:

“Tinha a convicção, para mim, de que quando as autoridades temporais ou espirituais deixam uma categoria de seres humanos à margem daqueles cuja vida tem um preço, não há nada mais natural para o homem do que matar. Quando se

---

<sup>34</sup> Bernanos apud JURT. **Terror y testimonio:** Bernanos, Malraux y la Guerra Civil española. p. 105. “(...) pour pratiquer librement ma foi, selon l’esprit de l’Evangile – excusez-moi- il n’est pas seulement nécessaire de me permettre de la pratiquer, il faut encore ne pas m’y contraindre. On ne saurait aimer Dieu sou la menace.”

<sup>35</sup> MOLNAR. T. op.cit. p.233.

<sup>36</sup> GOSSELIN, M. **Bernanos e o Brasil.** In Literatura e Sociedade. p. 309.

<sup>37</sup> WEIL, S. **Carta a Georges Bernanos.** p. 117 “pero aunque me han gustado otros libros suyos no tenía ninguna razón para importunarle escribiéndole. Con el último es distinto; he tenido una experiencia que corresponde a la suya,”

<sup>38</sup>Ibid. p. 118. “He reconocido ese olor a guerra civil, a sangre y a terror que se desprende de su libro”.

sabe que é possível matar sem punição ou censura, mata-se; ou, pelo menos, enche-se de sorrisos incitantes aqueles que matam.” (tradução livre).<sup>39</sup>

A autora exemplificou essa afirmação sobre a tranquilidade de matar aqueles seres humanos que perderem seu valor a partir uma série de anedotas testemunhadas ou relatadas por terceiros. A autora narrou, por exemplo, a ocasião em que um grupo de anarquistas aprisionou dois párcos. Um foi morto imediatamente na frente do colega, em seguida o segundo foi liberado. Ao se afastar dos seus raptos, porém, também foi assassinado.

O retorno de Bernanos para a França depois de vivenciar a guerra civil espanhola não foi fácil, ainda marcado pelos problemas financeiros que o haviam motivado a se deslocar anteriormente. Além disso, Bernanos descrevia a dificuldade de viver em um contexto político em que a liberdade de expressão estava ameaçada. O autor francês afirmou que optou por se deslocar com a família para a América Latina, a princípio para o Paraguai, como maneira de garantir essa liberdade de pensamento e possibilidade de respirar livremente. O autor se deslocou logo antes do acordo de Munique, que passou a ser utilizado por ele como um símbolo dessa anuência das elites governamentais da França com o governo nazista. Por mais que Bernanos em seus livros apresentava a perseguição política como explicação para o seu exílio, nenhum pesquisador identificou indícios claros de uma perseguição por parte das autoridades franceses ou algum outro grupo político.

O desejo de Bernanos de viver no Paraguai foi manifestado numa carta para Jacques Maritain em maio de 1938, em que afirmou: “Quero ir o quanto antes ao Paraguai, com a minha pequena tribo. É absolutamente impossível adaptar-se a uma Europa totalitária.”<sup>40</sup> Tal desejo já havia sido manifestado anteriormente, como pode ser visto em uma carta de 1934: “Vou- me embora daqui. (...) onde? (..) certamente o Paraguai. Por quê? Porque o clima é saudável, o calor moderado, a caça e a pesca existem em abundância.”<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Ibid. p. 220. *Tuve la convicción, para mí, de que cuando las autoridades temporales o espirituales dejan a una categoría de seres humanos al margen de aquellos cuya vida tiene un precio, nada más natural para el hombre que matar. Cuando se sabe que es posible matar sin castigo ni censura, se mata; o, al menos, se llena de incitadoras sonrisas a los que matan.*”

<sup>40</sup> LAPAQUE, S. op. cit. p. 15.

<sup>41</sup> GOSSELIN, M. op. cit. p. 309.

A princípio o desejo seria se exilar no Paraguai, porém, após apenas dois meses no país, Bernanos não se adaptou a realidade local, considerando o custo de vida bastante alto. Optou então por residir no Brasil, onde foi recebido com bastante entusiasmo por um grupo de intelectuais e políticos brasileiros que atuaram como rede de apoio, ajudando-o a encontrar moradia e garantindo trabalho como escritor de artigos de jornais. Esse grupo foi composto por: Alceu Amoroso Lima, escritor católico, Jorge Lima, cirurgião e poeta, Raul Fernandes, diplomata, Virgílio de Mello e Franco, político e jornalista, Murilo Medes, escritor católico etc. É importante considerar que essa rede de apoio é composta por homens de distintas profissões, porém tem em comum um certo destaque na sociedade com profissões como diplomatas, advogados e jornalistas e como ponto em comum a fé católica.

Essa identidade religiosa os aproximava da figura de Bernanos e sua influência socioeconômica possibilitava que um escritor sem uma fonte de renda expressiva conseguisse se manter no Brasil, tanto pela distribuição de favores na forma de aluguéis de suas residências ou ainda a possibilidade que Bernanos entrasse no mercado da imprensa brasileira, conseguindo publicar suas ideias antifascistas. A identidade como católico e sua luta anticomunista garantiu um resguardo para que Bernanos conseguisse vincular diretamente suas ideias durante o governo do Estado Novo. Parte dessa rede de apoio foi recomposta por Hubert Sarrazin no livro *Bernanos no Brasil*, que contém relatos dos intelectuais, médicos, diplomatas, políticos que tiveram contato com o escritor francês. Os testemunhos, apesar de suas particularidades, traçam uma figura de homem caracterizado pelas mudanças de humor, pela fala envolvente, olhos penetrantes e andar manco.

A estadia de Bernanos no Brasil foi em si marcada por muitos deslocamentos internos. Ele residiu brevemente na cidade do Rio de Janeiro, porém em suas obras expressou que o seu desejo não era viver em uma cidade onde poderia, como disse, viver as glórias de um intelectual. Queria conhecer o interior do Brasil e, conseqüentemente, conhecer de fato o país.<sup>42</sup> Essa razão para o seu deslocamento em alguma medida poderia estar mais associada a necessidades de garantir os seus custos de vida, o que seria mais desafiador na capital do que no interior do país. Nesse sentido, por indicações da sua rede de apoio brasileira, veio

---

<sup>42</sup> LAPAQUE, S. op. cit. p.39.

a residir nas cidades de Itaipava, Juiz de Fora, Vassouras, Pirapora e Barbacena. Nesta última, entre os anos de 1940 e 1945, Bernanos se estabeleceu na fazenda Cruz das Almas, sendo a sua residência mais permanente durante o período de exílio no Brasil.

A partir do ano de 1940, com a vitória nazista sobre o governo da França, Bernanos passou a escrever de maneira assídua para os *Diários Associados*, grupo de distintas publicações dirigidos por Assis Chateaubriand<sup>43</sup>, além de escrever nos “(...)jornais da França Livre, La Marseillaise em Londres, depois na Argélia e as mensagens compostas para a BBC (...)”.<sup>44</sup> Nesses textos, Bernanos buscava veicular a sua insatisfação com a rendição francesa e atuar como resistência e voz crítica ao governo de Vichy. Bernanos atuou em conjunto com comitês brasileiros da França livre como força de resistência, publicando uma série de artigos no boletim *France Libre*.

O período do exílio de Bernanos no Brasil foi marcado por uma produção profícua de textos não ficcionais, em estilos de ensaios e artigos críticos. Para além da sua produção associada aos jornais, que foram posteriormente compilados no livro *Le Chemin de la Croix-des-âmes*, Bernanos escreveu as seguintes obras de caráter mais testemunhais: *Scandale de la vérité*, *Nous autres Français*, *Les Enfants humiliés*. No ano de 1942, Bernanos publicou o livro *Carta aos ingleses*, em formato de cartas como uma maneira de convocar o público inglês na resistência ao avanço do eixo, em especial da Alemanha nazista e da Itália fascista durante a Segunda Guerra Mundial. Ao longo da obra fica evidente o desconforto do escritor com a derrota francesa para os nazistas e com a instauração do governo de Vichy. O autor defendia que essa ação não era um problema pontual, mas sim um indício de uma crise mais ampla da civilização.

Esse argumento crítico a sociedade moderna também está presente no livro *A França Contra os Robôs*, em especial, Bernanos criticava o avanço tecnológico

---

<sup>43</sup> Assis Chateaubriand (1892-1968) foi um advogado e jornalista brasileiro responsável pelo Diário de Associados, grupo de periódicos que reunia publicações como O jornal e Diário da Noite. Através das páginas de seus jornais conseguiu manter um contato com a política nacional, ora se aliando ao governo federal, ora tendo críticas. Informações retiradas verbete elaborado por Marieta de Moraes Ferreira para o arquivo do CPDOC. CF: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo> ( último acesso: 13/04/2022)

<sup>44</sup> LAPAQUE, S. op. cit. p. 79.

e a multiplicação as máquinas que levariam a uma sociedade pautada no lucro em detrimento de valores como a liberdade humana ou a fé cristã. Ao longo, do livro se posicionou de maneira crítica a governos de caráter totalitário pelo seu controle da vida privada dos cidadãos e consequente limitação das liberdades individuais. Porém, não reduziu essa crítica apenas a sociedades autoritárias considerando que tais aspectos de controle estatal estariam também presentes nas sociedades democráticas.

No ano de 1945, Bernanos retornou para França sob convite de General de Gaulle, informação que circulou nas páginas do periódico *O Jornal*, mostrando um certo prestígio do intelectual em solo nacional. O escritor ao chegar em sua terra natal, não se instalou na capital, optando por morar em cidades do interior como *Sisteron*, *Bandol* e *La Chapelle-Vendômoise*.<sup>45</sup> Nesse período, continuou com a sua produção de ensaios críticos para a imprensa, além de participar de conferências na Bélgica, encontros internacionais em Genebra e conferir palestras na Sorbonne, em que denunciava os perigos da mentalidade totalitária e tecnocracia moderna. Uma parte desses pronunciamentos e conferências foram compilados no livro *Liberdade, para quê?* publicado após a sua morte em 1953. Bernanos enfrentou novamente problemas financeiros, que o acompanharam ao longo da sua vida, o que teria justificado o seu deslocamento para a Tunísia. Porém, no ano de 1948, precisou retornar para seu país de origem para tratar de uma doença no fígado e no dia 5 de julho, no hospital americano em Neuilly faleceu depois de uma operação sem sucesso. O escritor foi enterrado no mausoléu da família em Pellevoisin. Bernanos se despediu do Brasil expressando para seus amigos o desejo de algum dia retornar, o que nunca conseguiu cumprir, mesmo a distância, o escritor conseguiu manter suas amizades por correspondências.

Ao acompanharmos o percurso intelectual de Bernanos identificamos a mobilização do romance e de ensaios como forma de expressão. Em seus romances, artigos e livros em formato de ensaios e caracterizados pelo seu tom combativo e panfletário é possível encontrar pontos de contatos como a reflexão sobre a crise da sociedade europeia da primeira metade do século XX ou ainda a presença de temas associados ao catolicismo, como fé, esperança, redenção. Nesse sentido, a recepção

---

<sup>45</sup> BALTHASAR, Op. cit. p. 64.

da obra do Bernanos pode ser bastante diversa, mas para fins de compreensão, podemos dividi-la em três caminhos. O primeiro deles prioriza uma análise do pensamento sobre a política desenvolvido pelo autor em suas obras de combate, um segundo que se concentra em uma recepção literária<sup>46</sup>, que tem como foco analisar os romances do autor, e uma recepção religiosa<sup>47</sup>, que reflete sobre a imbricação do autor com os temas de dimensão teológica. Essa tese se aproxima de uma recepção do pensamento político de Bernanos com foco nos seus escritos de combate, priorizando analisar a sua produção durante o seu autoexílio no Brasil.

## 2.2

### Revisão bibliográfica sobre o pensamento político de Bernanos

A seguir serão apresentados os argumentos de quatro pesquisadores que se detiveram sobre a análise dos escritos de combate de Bernanos e que de maneira distintas contribuem para a construção da presente tese. Os trabalhos desenvolvidos por Thomas Molnar, Monique Gosselin-Noat, Serge Albouy e Paul Serant nos ajudam a compreender de maneira mais aprofundada o contexto de circulação de ideias no qual Bernanos estava inserido, particularmente, as diferentes vertentes da direita católica francesa na transição do século XIX para o século XX. Além de permitirem a identificação de temas recorrentes para o autor como a tradição francesa, crítica ao mundo moderno e a burguesia, defesa dos valores cristãos como guia para a ação. Em especial, os argumentos de Gosselin-Noat, Albouy e Serant apontam para a figura de Bernanos como um homem questionador, insurgente, que articulava a defesa de uma tradição francesa com um espírito de revolta, o que implicou mudanças de trajetórias e rompimentos intelectuais, vide a ruptura com a AF.

---

<sup>46</sup> MILNER, M. **Georges Bernanos**. Paris: Librairie Séguir, 1989. GOSSELIN, M. **Bernanos e o Brasil**. In *Literatura e Sociedade*. 2005, pp.308-319; WHITEHOUSE, J. C. "A Certain Idea of Man": The Human Person in the Novels of Georges Bernanos. In: *The Modern Language Review*, Vol. 80, No. 3 (Jul., 1985), pp. 571-585; CHAIGNE, L. **Georges Bernanos**. Paris: Édition Universitaires, 1954.

<sup>47</sup> TOBIN, M. **Georges Bernanos**: The theological source of his art. Quebec City: McGill-Queen's University Press, 2007; BALTHASAR, H. **Bernanos**: An Ecclesial Existence. Ignatius Press, San Francisco, 1996, NOTH, Ernst Erich. **The Prophetism of Georges Bernanos**. In: *Yale French Studies*, No. 4, Literature and Ideas (1949), pp. 105-119; SMITH, J. **Religious feeling and religious commitment in Faulkner, Dostoyevsky, Werfel and Bernanos**. New York: Routledge, 2016.

Thomas Molnar no livro *Bernanos: His political thought and prophecy* insere as obras de combate de Bernanos em um contexto mais amplo de circulação de ideias entre os jovens envolvidos com política na França do início do século XX:

“Os primeiros anos de Bernanos, como os de todos os franceses de sua geração, foram marcados pelo caso Dreyfus, pela agitação maurrasiana, pelo conflito entre a Igreja e o Estado e, finalmente, pela Primeira Guerra Mundial. Todas essas questões provocaram grandes paixões intelectuais, sociais e nacionais na época; a maioria delas ainda é discutida na França, dividindo a esquerda e a direita. (tradução livre).”<sup>48</sup>

Molnar ao longo do seu livro busca contextualizar as obras de combate de Bernanos com o contexto do debate político das gerações anteriores que articularam suas ideias ao longo do século XIX, em especial, “(...) como a corrente liberal-democrática do século XIX entrou em conflito com a tradição conservadora-católica da maioria do país.” (tradução livre)<sup>49</sup>

Molnar defende que principalmente em seus primeiros escritos, Bernanos mobilizava o tema da traição, o que o associava a forma de pensamento da direita francesa do século XIX e XX:

“Era um termo comum, uma conclusão lógica do raciocínio característico do pensamento e da literatura de direita, porque a mentalidade conservadora-tradicionista não consegue conceber mudanças desfavoráveis a seus ideais, exceto por conspiração, traição e rupturas dramáticas com o passado”. (tradução livre)<sup>50</sup>

Bernanos interpretava parte do processo revolucionário francês iniciado em 1789 como um desses atos de traição. Bernanos reforçava que o ato de traição não teria ocorrido desde o início da Revolução, nesse período o governo mobilizou o apoio do terceiro estado para forçar os outros dois primeiros estados a aceitarem serem mais tributados. A traição teria se instalado em 1793, quando rei foi morto e se removeu o obstáculo para a instauração da classe burguesa capitalista no poder. A

---

<sup>48</sup> MOLNAR, Thomas. op.cit. p. 10. “*Bernanos’ early years, like those of every Frenchman of his generation, were stamped by the Dreyfus case, Maurrasian agitation, Church-State conflict and finally World War I. All of these issues provoked great intellectual, social and national passions at the time; most of them are still fought over in France, dividing Left and Right*”

<sup>49</sup> MOLNAR, Thomas. op.cit. p. 10 “(...) *how the liberal-democratic stream of the nineteenth century had clashed with the conservative-Catholic tradition of the country’s majority.*”

<sup>50</sup>MOLNAR, Thomas. op.cit. p. 10. It was a common term, a logical conclusion of the reasoning characteristic of right-wing thought and literature, because the conservative-traditionalist mentality cannot conceive of changes unfavorable to its ideals except by conspiracy, treason and dramatic breaks with the past.

partir desse marco, o século XIX foi analisado por Bernanos como uma sequência de ações da burguesia no poder que levavam ao individualismo e a exploração.

Molnar argumenta que não apenas Bernanos era crítico a República burguesa do final do XIX, tal governo gerava reação tanto de intelectuais associados a direita quanto na esquerda. Um dos grupos mais fortes nessa crítica era o dos romanos católicos. Molnar reforça o quanto esse coletivo não era monolítico, podendo ser dividido entre liberais e intransigentes. Primeiro apresenta os católicos liberais como um grupo que durante o século XIX não era, em geral, tão forte e que dentre outros tópicos defendia a separação da Igreja da aliança com o governo monárquico e a possibilidade de aproximação com as reivindicações do povo. Já o grupo caracterizado por Molnar como intransigentes estava associado a aristocratas donos de terra e agricultores prósperos, bispos e baixo clero, que se mantinham alinhados a valores pré-revolucionários, do período do Antigo Regime, como uma postura antirrepublicana e lealdade monárquica. Molnar sustenta que:

“Eles foram fortalecidos em sua intransigência pela publicação do *Syllabus of Modern Errors* (1864) do Papa Pio IX, pelo jornal *L'Univers* do brilhante Veillot e, mais tarde, após 1892, por outro jornal, *La Libre Parole*, do nacionalista e antisemita Edouard Drumont. (tradução livre) “.<sup>51</sup>

Molnar argumenta que as opiniões veiculadas nessas publicações e pelos aristocratas e clérigos não eram exceção, eram representativas da maior parte da população francesa do último quarto do século XIX, que via com maus olhos a desestruturação de uma antiga França diante do avanço das forças econômicas do mundo moderno. Molnar contextualiza essa descrença no governo republicano ao sentimento de humilhação e revanchismo diante da derrota da guerra franco prussiana 1870-1871, além de uma desconfiança diante do posicionamento anticlerical e hostilidade para com o exército como instituição. Esse estranhamento da elite católica francesa com o governo republicano foi criticado pelo Papa Leão XIII, como uma impossibilidade dos católicos se aproximarem das camadas mais desfavorecidas da população e liberar um campo de atuação e ampliação de poder por partes dos socialistas.

---

<sup>51</sup> Ibid. p. 13. *They were strengthened in their intransigence by Pope Pius IX's Syllabus of Modern Errors (1864), by the newspaper L'Univers of the brilliant Veillot and later, after 1892, by another newspaper, La Libre Parole, of the nationalist, anti-Semitic Edouard Drumont*

Nesse contexto, um dos representantes da voz da direita era Drumont, pensador que Bernanos conhecia desde jovem pela influência de seu pai. Drumont argumentava que o afastamento da França de sua tradição monárquica teria ocasionado a perda de sua essência:

“Os primeiros ataques de Drumont à República ocorreram anos antes do caso Dreyfus e foram dirigidos contra aqueles que estavam prosperando com o regime laico e sua filosofia agnóstica. Ele e outros porta-vozes da tradição católico-monarquista viram com alarme a revolução industrial que havia estabelecido na França o domínio do financista, do banqueiro e do industrial.” (tradução livre).<sup>52</sup>

Drumont era contra a destruição de antigos valores, buscava desacelerar o processo de estabelecimento de um capitalismo industrial e financeiro, protegendo assim o proletariado que ele via como camponeses. Para Drumont os judeus seriam representantes dessa nova sociedade capitalista em formação que se infiltrava nas tradições políticas, sociais, religiosas e da família francesa.

Após o caso Dreyfus, um grupo de católicos liberais, devotos de Marc Sagnier, se organizaram em um movimento chamado Sillon, tinham como objetivo “(...) trabalhar pela, tantas vezes adiada, paz nacional e religiosa (...)”. (tradução livre)<sup>53</sup>. O movimento foi ativo entre 1894 até 1910, ano em que suas atividades foram banidas pelo vaticano pela sua proximidade com as ideias socialistas. Molnar reconhece que tal movimento não foi tão bem-sucedido, porém influenciou uma “Consciência católica e ajudou a estabelecer alguns dos primeiros sindicatos de trabalhadores católicos, movimentos juvenis relacionados e grupos de estudo.” (tradução livre)<sup>54</sup> Molnar afirma que o movimento de Sillon recebia críticas tanto dos grupos socialistas franceses que eram agnósticos e anticlericais e dos católicos intransigentes que consideravam perigosa a identificação que estabelecida pelo Sillon entre cristandade e democracia.

Segundo Molnar, no contexto pós caso Dreyfus e a Primeira Guerra Mundial, apenas a Ação Francesa, o movimento e o jornal, liderado por Charles

---

<sup>52</sup> Ibid. p. 16. “*Drumont’s first attacks on the Republic took place years before the Dreyfus case and were directed against those who were thriving on the lay regime and its agnostic philosophy. He and other spokesmen of the Catholic-monarchist tradition looked with alarm at the industrial revolution which had established in France the rule of the financier, the banker and the industrialist.*”

<sup>53</sup> Ibid. p. 19. “*(...) to work for the so-often postponed national and religious peace (...)*”

<sup>54</sup> Ibid. p. 20. “*Catholic consciousness and helped establish some of the first Catholic worker’s unions, related youth-movements and study-groups.*”

Maurras, seria capaz de agregar atenção e aderência da direita e moldar os caminhos dos católicos intransigentes, isso devido a sua linguagem convincente e violenta.

No final do século XIX e início do século XX, parte do pensamento de direita católico se desenvolveu a partir da crítica a Revolução francesa, em especial a impossibilidade dos líderes desse movimento em banir o estabelecimento do poder da burguesia e a instauração de uma ordem social baseada no lucro. Molnar argumenta que esse pensamento de direita católico tem como elemento comum essa crítica ao governo burguês do século XIX, mas diferia nas propostas de caminhos alternativos para a França, se Drumont apostava na crítica a grupos sociais estrangeiros como judeus, Sillon apostava no caminho das organizações sociais, para além do caminho da AF que apostava na defesa da democracia e do uso de métodos violentos. O trabalho de Molnar é interessante por mapear o contexto de circulação de ideias da direita católica francesa no qual Bernanos cresceu e do qual participou na juventude ao começar a sua vida política na AF.

Monique Gosselin-Noat no livro *Bernanos: Militant de l'éternel*, por sua vez, evidencia como o escritor francês se posicionava diante desse mapa de intelectuais católicos de direita, às vezes por um movimento de aproximação outros pelo distanciamento. Gosselin-Noat sustenta a tese de que os escritos de combate de Bernanos deveriam ser lidos a partir do par tradição e insurgência. A autora busca se distanciar de caracterizações totalizantes, considerando ser incoerente definir Bernanos apenas como um católico tradicional ou ainda como um escritor da extrema direita francesa.

Ela inicia a sua argumentação a partir de uma sintética recepção da obra literária de Bernanos na primeira metade do século XX, recuperando alguns dos seus sucessos editoriais tais como o prêmio Femina para o livro *Sous Le soleil de Satan*, no ano de 1929, e a premiação do livro *O Diário de um pároco de aldeia* pela Academia Francesa no ano de 1936.<sup>55</sup> Porém, esse sucesso não teria garantido uma compreensão precisa da obra literária do autor. A recorrência de personagens e temas católicos contribuíram para que fosse recebido e taxado erroneamente como favorável a um catolicismo tradicional. Segundo Gosselin-Noat, a participação de

---

<sup>55</sup> GOSSELIN-NOAT, M. *Bernanos: Militant de l'éternel*. p. 5 e 6.

Bernanos da Ação Francesa, favoreceu que recebesse a acunha “(..) panfletário de extrema direita” (tradução livre)<sup>56</sup>, em que muitas das suas frases eram retiradas de contexto e automaticamente usadas para exemplificar a sua associação às ideias de extrema direita. A autora crítica esses dois estereótipos a partir da construção de uma trajetória intelectual dos enfrentamentos e tensões de Bernanos diante dos posicionamentos da Igreja católica e da Ação Francesa diante dos acontecimentos políticos da primeira metade do século XX.

A pesquisadora defende que Bernanos deveria ser compreendido pela sua devoção católica e fé, mas também pela sua liberdade de pensamento e de reação diante dos acontecimentos históricos e não apenas uma constante reprodução do posicionamento esperado de um católico membro da Ação Francesa. A autora reconhece em Bernanos um homem de fé, porém, um homem marcado pelo espírito de inconformismo e uma possibilidade de modular o seu pensamento diante de novos acontecimentos políticos. Ela sustenta inclusive que esse espírito de inconformismo e de insurgência viria do seu compromisso com a fé: “Longe de ser um instrumento de preservação social, o cristianismo lhe parecia ser uma fonte de rebelião permanente contra a desordem estabelecida pelos ricos e por um poder político injusto.” (tradução livre)<sup>57</sup>

Ao longo da sua obra Gosselin-Noat, defende a tese de que o pensamento articulado por Bernanos em suas obras é marcado pela sua defesa do cristianismo como elemento de rebelião constante diante da ordem social e econômica presente na França e Europa da primeira metade do século XX. A figura de Bernanos precisaria ser lida pela lente da contradição, um homem que poderia tanto ser descrito pela tradição católica como pela rebeldia.

O livro *Militant de l'éternel* é organizado em quatro capítulos seguindo a ordem cronológica da produção intelectual de Bernanos, buscando estabelecer uma leitura das obras de combate do autor a partir do viés da insurgência. No primeiro e no segundo capítulos se dedica a um escrito de combate em particular, *La Grande Peur de bien pensant* e *Os Grandes Cemitérios sob a lua*, respectivamente. No

---

<sup>56</sup>Ibid. p. 6. “pamphlétaire d'extrême droite”.

<sup>57</sup> Ibid.p. 6 e 7. « Loin d'être à ses yeux un ferment de conservation sociale, le christianisme lui apparaît comme une source de rébellion permanente contre le désordre établi par les nantis et un pouvoir politique injuste. »

terceiro analisa o conjunto de artigos e livros não ficcionais produzidos por Bernanos durante o seu exílio no Brasil (1938-1945), enquanto o quarto capítulo é dedicado a produção intelectual após o retorno a França, em 1945.

No primeiro capítulo intitulado *L'homme de tradition et l'insurgé*, Gosselin-Noat analisa os argumentos desenvolvidos por Bernanos na obra *La Grande Peur de Bien Pensant* de 1931, em especial os pontos de aproximação e distanciamento assumidos pelo autor diante do jornalista Drumont, representante do pensamento da direita católica do final do século XIX a quem dedicou esse seu ensaio. Bernanos se propôs nessa obra a narrar a história de vida de Drumont, construindo um itinerário intelectual articulado com o contexto histórico, focando em mapear a sua forma de estar no mundo em detrimento de exposição alongada de todas as ideias desenvolvidas por Drumont ao longo das suas obras<sup>58</sup>. Segundo Gosselin-Noat:

“Seu texto pretende ser uma homenagem de um discípulo a seu mestre, o que pode ofender se estivermos falando do grande defensor do antissemitismo. Mas, embora Bernanos não apague essa dimensão do pensamento de Drumont, ele a desloca: ele traz à tona o relacionamento íntimo e comprometido de Drumont com as pessoas humildes de Paris, com o mundo dos artesãos do faubourg Saint-Antoine, que regularmente se levantam contra a burguesia e seu egoísmo inveterado.” (tradução livre).<sup>59</sup>

Gosselin-Noat busca endereçar a associação que Bernanos teria com o tema do antissemitismo, que foi largamente defendido por Drumont. Ela sustenta que Bernanos não ignorou o tema<sup>60</sup>, mas sim o deslocou ao reforçar a crítica que

<sup>58</sup> Ibid. p. 12 ‘(...) il y relate non pas l'histoire d'une vie individuelle mais un itinéraire intellectuel et même spirituel, sur fond d'histoire. il met l'accent sur un « mode d'être au monde » dans un certain contexte historique plus que sur des prises de position.’ « Nela, ele relata não a história de uma vida individual, mas uma jornada intelectual e até mesmo espiritual em um cenário histórico. A ênfase está em um “modo de estar no mundo” em um determinado contexto histórico, e não em posições assumidas. (tradução livre)

<sup>59</sup> Ibid. p. 12-13 « Son texte veut être l'hommage d'un disciple à son maître, ce qui peut heurter s'agissant du chantre de l'antissimitisme. Or, si Bernanos n'efface pas cette dimension de la pensée de Drumont, il la déplace: il fait ressortir le rapport intime et engagé de Drumont au petit peuple de Paris, à ce monde des artisans du fauborg Saint-Antoine qui s'insurge régulièrement contre la bourgeoisie et son égoïsme invétéré.

<sup>60</sup>Ibid. P. 16 e 17. A autora sustenta que o posicionamento de Bernanos diante do caso Dreyfus, sua incapacidade mesmo com todas as provas de aceitar a inocência de Dreyfus revelava a sua proximidade com o antissemitismo encontrado na obra de Drumont: « Bernanos est dès lors conduit à retracer le déroulement de l'affaire Dreyfus et là, nous abordons le pire: son aveuglement puise sa source dans l'antisémitisme qu'il trouve chez Drumont. Contre toutes les preuves, il demeure convaincu de la culpabilité de Dreyfus et croit voir derrière tous les dreyfusard le poids du pouvoir juif, persuadé que le 'J'accuse' de Zola lui a été dicté par le directeur de L'Aurore. (...) il faut relire ces pages pour mesurer l'espèce de fanatisme qui s'est alors emparé d'une frange apertie de la droite française, au nom du patriotisme et de la défense de l'armée. Mais il n'est possible de comprendre les faits-sans les légitimer-qu'en se remémorant la violence des conflits entre les républicains, en

Drumont estabelecia a burguesia e a ordem estabelecida por ela ao final do século XIX. Ao longo do seu livro, Bernanos rerepresentava a história do Segundo Império e da terceira República a partir dos olhos e valores de Drumont, ou seja, buscando essa crítica a sociedade estabelecida pela burguesia francesa, especial fornecendo mais ênfase no caráter tímido até mesmo covarde dos católicos durante esse período. Ele criticava os católicos submissos que teriam parasitado a educação da fé e os valores tradicionais da identidade francesa a fim de melhor adaptar ao mundo moderno e a terceira república.<sup>61</sup> Gosselin-Noat argumenta que:

“Ele fulminou contra a adesão da Igreja à República, denunciando o oportunismo ingênuo do clero e dos cristãos que haviam demonstrado “lamentável indiferença à doutrina da ordem que se pretendia manter e restaurar”, acompanhada de um “sacrifício deliberado e quase cínico de princípios”. (tradução livre).<sup>62</sup>

Ao longo da obra, Bernanos teria criticado a proximidade do clero e dos cristãos com o estabelecimento da República e o sacrifício dos seus princípios de maneira cínica. Bernanos ao analisar a primeira guerra mundial na sua reconstrução da história da França criticou a mobilização por parte dos representantes do Estado e da imprensa de valores associados a tradição francesa, tais como direito, justiça pátria, humanidade, de forma a beneficiar apenas a si<sup>63</sup>. Analisou a seguir que a palavra pátria foi degradada em favor de uma visão legalista de estado. Bernanos estabeleceu uma dura crítica a conservadores, moderados ou liberais que venderem palavras como Deus, martírio, verdade, justiça, santidade para garantir a sua

---

l'occurrence souvent franc-maçons, et les catholiques traditionnels qui ont refusé le ralliement et qui souvent, comme Bernanos, restent nostalgiques de l'Ancien Regime. C'est l'affrontement du "Grand Orient de France" et du "Grand Occident de France" comme s'intitule alors la vieille ligue antisémite avec laquelle, tout même, Bernanos prend un peu ses distances. Il n'en demeure pas moins convaincu que cet épisode a constitué une "occasion manquée" de restaurer la monarchie par un coup de force et que c'est sur ce terrain que, le 25 de juin 1899, s'est créée l'Action française. »

<sup>61</sup> Ibid.p. 14. Ces chrétiens "trop soumis" ont sans cesse parasité l'éducation de la foi et la préservation des valeurs traditionnelles constitutives de l'identité française. « Ainsi Bernanos fera sans cesse appel À cette tradition d'éthique chrétienne, partagée selon lui par tous les hommes de bonne foi et de bonne volonté- fussent- ils incroyants-,pour fustiger ces catholiques honteux saisis du démon de la confusion sous prétexte de mieux s'adapter au monde moderne. » Esses cristãos “demasiadamente submissos” têm interferido constantemente na educação da fé e na preservação dos valores tradicionais constitutivos da identidade francesa. “Assim, Bernanos constantemente apelava para essa tradição da ética cristã, que ele sentia ser compartilhada por todos os homens de boa vontade - mesmo que fossem descrentes - para castigar os católicos que se envergonhavam do domínio da confusão sob o pretexto de se adaptarem ao mundo moderno.” (tradução livre)

<sup>62</sup> Ibid. p. 15. Il fulmine contre le ralliement de l'église à la république, dénonce l'opportunisme naïf du clergé et ces chrétiens qui ont dait preuve de "lamentable indifférence à la doctrine d l'ordre qu'on se proposait de maintenir et restaurer", accompagnée du "sacrifique délibéré, presque cynique des principes"

<sup>63</sup> Ibid. p. 19 e 20

segurança. A real consequência dessa traição dos *bien-pensants* é o absoluto ceticismo e relativismo dos jovens que não creem em mais nada. “A partir de então, Bernanos nunca deixaria de lamentar o fracasso da transmissão, a ruptura da tradição”.( tradução livre)<sup>64</sup>.

Nesse sentido, Bernanos identificava um futuro para o mundo moderno marcado pela desesperança, pela proximidade entre o capital e a ciência, entre os saberes e o interesse. Em especial temia que: “A racionalização imposta pela técnica corre o risco de levar à desumanidade porque coloca tudo nas mãos do homem, mesmo que ele seja um sábio, cujo poder de destruição é ilimitado, na medida em que ele não é guiado apenas pela razão”. (tradução livre)<sup>65</sup> Bernanos reconhecia a contradição entre um avanço da técnica que poderia garantir o fim da miséria, mas também dar fim ao respeito da vida humana e do humanismo cristão. Bernanos apontava para a criação de uma nova ordem que engendra uma sociedade sem tradição em que o futuro está sempre certo contra o passado. Uma sociedade marcada pela inveja, pelo domínio do indivíduo frente ao coletivo. Segundo Gosselin-Noat:

“Ele acredita que a transformação histórica pela qual a França passou é irreversível e condena qualquer esperança de uma pura regressão à Idade Média. Mas a solução certamente não está nos chamados cristãos "progressistas" que se comprometem com o mundo moderno por ingenuidade ou cinismo. Para ele, os cristãos sociais parecem trair o transcendente, sem serem mais justos ou mais eficazes, mas apenas oportunistas”. (tradução livre)<sup>66</sup>

Nesse sentido, Bernanos não buscava uma retomada do passado da Idade Média, em que se teria uma sociedade marcada por valores cristãos, mas também discordava de um posicionamento meramente otimista de aderir de maneira indiscriminada ao mundo moderno.

---

<sup>64</sup> Ibid. p. 20. « *Désormais, Bernanos ne cessera de déplorer l'échec de la transmission, la rupture de la tradition* »

<sup>65</sup> Ibid. p. 23. « *La rationalisation qu'impose la technique risque de mener à l'inhumain car elle remet tout dans les mains de l'homme, fût-il savant, dont le pouvoir de destruction et illimité, dans la mesure où il n'est pas seulement guidé par la raison; »*.

<sup>66</sup> Ibid. p. 26. « *Il juge que la mutation historique qu'a connue la France est irréversible et condamne tout espoir de pure régression vers le Moyen âge. Mais la solution ne réside sûrement pas chrétiens dits 'progressistes' qui se compromettent avec le monde moderne par naïveté ou cynisme. Les chrétiens sociaux lui paraissent trahir la transcendance, sans pour autant être ni plus justes ni plus efficaces, mais seulement opportunistes. »*

Um dos elementos de maior originalidade da obra de Gosselin-Noat frente aos demais trabalhos dedicados as reflexões políticas de Bernanos é a análise cuidadosa das obras produzidas pelo escritor francês durante a sua estadia no Brasil tais como: *Les Enfants Humiliés*, *Nous Autres Français* e Carta aos ingleses. A autora reforça como os textos de Bernanos foram marcados pela sua percepção em relação aos acontecimentos da política internacional tal como a assinatura dos Acordos de Munique, em 1938, a derrota diante das forças nazistas na Segunda Guerra Mundial e o estabelecimento da República de Vichy, em 1940. Gosselin-Noat reforça como esses eventos foram interpretados por Bernanos a partir da lente da decadência da França diante do mundo moderno e nesse processo de interpretação do seu presente buscava se diferenciar de Maurras que analisava o mesmo cenário a partir da lógica do pragmatismo político.

Durante a sua estadia no Brasil, Bernanos, tal como apontado no livro *Scandale de la Verité*, desenvolveu uma série de reflexões sobre a assinatura dos acordos de Munique por parte da França. Esse acontecimento político foi mobilizado pelo escritor como um dos motivos que justificaria o seu deslocamento para o Brasil, seu exílio seria uma maneira de curar a sua dor, visto que a honra teria um valor insuperável. Segundo a autora a pergunta crucial dessa série de trabalhos desenvolvidos no Brasil seria se a França conseguiria recuperar a sua vocação sobrenatural definida por Deus.

No *Scandale de la Verité*, Bernanos buscava se diferenciar da maneira em que Maurras mobilizava a noção de pátria e tradição francesa. Bernanos defendia que a tradição francesa era cristã e contra todas as formas de tirania. A partir desse ponto de vista apresentou dois argumentos que ilustrariam como Maurras desrespeitava tal tradição. Em primeiro lugar, Bernanos defendeu a ideia de que os seguidores de Maurras apoiavam formas de totalitarismo, o movimento da AF não poderia estar apoiado na tradição francesa caracterizado pela defesa da liberdade. Em segundo lugar, Maurras ao apoiar um poder estatal centralizado seria um homem de 1793 em contraposição aos valores do início da Revolução Francesa, de 1789. Gosselin-Noat sustenta que ao longo de *Scandale de la Verité*, Bernanos defendia um realismo tal como o de 1789, em que um rei visaria a união da nação – camponeses e trabalhadores.

Ela argumenta que o título do livro *Nous autres Français* traz um duplo sentido, podendo ser interpretado tanto como uma união e identificação entre os franceses, como também um questionamento sobre a existência desses pontos de contato. Segundo Gosselin-Noat:

Se concordarmos com Paul Ricoeur que a identidade é sempre expressa por meio de uma narrativa, ou melhor, por meio de uma série de narrativas progressivamente retificadas, Bernanos busca sua orientação e identidade francesa por meio de pequenas ficções, metáforas empregadas em narrativas por meio das quais seu pensamento é elaborado tanto para si mesmo quanto para o leitor. O leitor é convidado a imaginar com ele, a compartilhar sua experiência, à medida que a angústia cresce nesse mundo crepuscular governado por forças obscuras. Elas ameaçam assumir o controle e entregar a Europa, se não a humanidade, a uma vingança perturbadora e doentia de instintos quase biológicos sobre a razão, o livre-arbítrio e a consciência. (tradução livre).<sup>67</sup>

Bernanos mobilizaria uma noção de identidade construída a partir de uma série de narrativas compartilhadas com os seus leitores, em especial, a experiência de viver sob a ameaça de forças obscuras que ameaçavam a Europa e a humanidade, que visavam minar a razão, a livre vontade e a consciência.

A autora complementa que a noção de tradição mobilizada por Bernanos não acreditava em uma identidade francesa associada apenas a aspectos geográficos, mas sim, como uma terra carregada de história e de cultura. Nesse sentido a identidade francesa :

"Portanto, não faz parte, nem de uma paisagem, nem de um terreno, ou do sentimento organicista de pertencer a uma terra comum, nem ainda de uma comunidade étnica, mas de uma referência compartilhada a uma história que é uma fonte de valores." (tradução livre).<sup>68</sup>

Gosselin-Noat reforça, então, como Bernanos mobilizava uma noção de identidade francesa como entidade que não era morta e que se compunha e atualizava com a vida de cada cidadão francês.

---

<sup>67</sup> Ibid. p. 64-5.. *Si l'on admet avec Paul Ricoeur que l'identité se dit toujours par un récit ou plutôt par une série de récits progressivement rectifiés, Bernanos cherche ses repères et l'identité française à travers de minuscules fictions, soit des métaphores déployées en récits par lesquelles sa pensée s'élabore par lui-même autant que pour son lecteur. Celui-ci est invité à imaginer avec lui, à partager avec lui son expérience, alors que l'angoisse croît dans ce monde crépusculaire régi par des forces obscures. Celles-ci menacent de prendre le dessus et de livrer l'Europe, sinon l'humanité, à une inquiétante et malsaine revanche d'instincts quasi biologiques sur la raison, la volonté libre et la conscience.*

<sup>68</sup> Ibid. p. 68. « (...) ne s'inscrit donc ni dans un paysage, ni dans un terroir, ni dans le sentiment organiciste de l'appartenance à une terre commune, ni non plus dans une communauté ethnique mais dans la référence partagée à une histoire porteuse de valeurs. » )

Ela afirma que Bernanos nesses escritos buscava retomar a identidade francesa frente ao mundo moderno, identidade a qual era constantemente interpelado estando no Brasil. O escritor teria se proposto a refletir sobre as razões que o levaram a deixar seu país, porém, foi apenas em seu terceiro escrito de combate produzido no exílio autoimposto no Brasil, *Les Enfants humiliés*, que Bernanos se questionou acerca da sua relação com a sua terra natal. Gosselin-Noat seleciona o trecho a seguir para exemplificar a noção de desenraizamento, mobilizada pelo escritor francês:

Eu não perdi meu país, não poderia perdê-lo pela metade, eu o perderia se não precisasse mais dele. Certa nostalgia dos desenraizados me inspira mais repulsa do que compaixão. Eles lamentam os hábitos perdidos, choramingam pelos tocos de hábitos que ainda estão vivos e sangrentos. Nada nunca fará de mim uma pessoa desenraizada, eu não viveria nem cinco minutos com minhas raízes no ar. Só serei desenraizado da vida. (tradução livre) <sup>69</sup>

Nesse sentido, Bernanos mesmo distante da sua terra natal, mantém uma relação direta com o seu país e com os hábitos a eles associados. Não compreenderia dessa maneira a nostalgia que alguns exilados possuíam em relação a hábitos perdidos, afinal esse desenraizamento com a própria terra não se daria por um deslocamento geográfico e sim pela morte. Gosselin- Noat retoma a imagem da árvore que figura o texto de Barrés para explicar esse posicionamento de Bernanos: “Enquanto eu viver, vou me apegar à minha infância e, quando a seiva acabar, todas as folhas cairão de uma só vez.” (tradução livre) <sup>70</sup> A relação com a terra seria para Bernanos um elemento de conexão comum, seria o que permitiria o laço com a humanidade e não se perderia por uma distância geográfica.

Gosselin-Noat assim explora a trajetória intelectual de Bernanos a partir da ideia de revolta e os questionamentos que o autor elaborou diante de seu antigo aliado da AF, Maurras e diante da ordem estabelecida na França do século XX, a partir de um desejo de recuperação do que seria uma noção de tradição francesa. Serge Albouy no livro *Bernanos et la politique: La société et la droite Françaises*

---

<sup>69</sup> Bernanos apud Monique p. 66-67 « *Je n'ai point perdu mon pays, je ne pourrais le perdre À demi, je le perdrais s'il ne m'était plus nécessaire. Certaine nostalgie des déracinés m'inspire plus de dégoût que de compassion. Ils pleurent les habitudes perdues, ils geignent sur des moignons d'habitudes encore vifs et sanguinolents. Rien ne fera jamais de moi un déraciné, je ne vivrais pas cinq minutes les racines en l'air. Je ne serai déraciné que de la vie.* »

<sup>70</sup> Barrés apud Monique p. 67 « *Tant que je vivrai, je tiendrai à l'enfance et lorsque la sève ne montera plus, toutes les feuilles tomberont d'un coup* »

de 1900 à 1950, também se propôs a analisar a trajetória intelectual de Bernanos focando principalmente nas ideias articuladas em seus escritos de combate e também os posicionamentos do autor diante da direita francesa em grande medida representada pela sua relação com a Ação Francesa e também sua análise da sociedade europeia como um todo.

Albouy reconhece no autor um gosto pela oposição solitária e defesa das causas difíceis, esse espírito de rebeldia e inconformismo que Gosselin-Noat explora bastante em sua obra. Albouy reforça em seu livro que o pensamento e ação de Bernanos não são incoerentes e nem imutáveis, existiu um caminho de continuidade de comportamento diante de um itinerário de aparente rupturas.

Segundo o autor é possível reorganizar muitos temas constantes na produção de Bernanos de 1908 a 1948 que implicitamente ou explicitamente criticavam a desordem estabelecida e propunham um modelo político social e espiritual novo. Esse processo de crítica ao presente estaria em alguma medida orientado pelo passado:

“Em primeiro lugar, a escolha tradicionalista, enraizada em uma concepção da natureza humana inspirada no catolicismo, levou-o a buscar nas experiências passadas as chaves para o futuro. Um maniqueísmo latente e um certo romantismo levaram-no a idealizar um modelo retrospectivo. Consciente ou inconscientemente, ele sempre se inspirou em um mito: o de uma antiga França cristã, livre e monárquica, que se opunha triunfantemente à corrupção moderna.” (tradução livre).<sup>71</sup>

Bernanos ao olhar para o seu presente de maneira crítica propunha a recuperação de uma sociedade mítica, a Antiga França cristã e monárquica. Esse imaginário que alimenta a oposição ao mundo moderno, segundo Albouy, foi a fonte de inúmeros argumentos desenvolvidos no domínio político, social e espiritual.

Segundo Albouy, no campo político os temas se cercavam sobre a questão do patriotismo. Em nome de uma França deliberadamente inacessível, Bernanos clamava para que os franceses se unissem em grandeza. Sua percepção de

---

<sup>71</sup> Ibid. p. 228. “*D’abord, le choix traditionaliste, prenant sa source dans une conception de la nature humaine inspirée du catholicisme, l’a incité à rechercher dans les expériences passés les clés de l’avenir. un manichéisme latent et un certain romantisme l’ont conduit à idéaliser un modèle rétrospectif. Il s’est toujours inspiré, consciemment ou non, d’un mythe: celui d’une Ancienne France chrétienne libre et monarchique, opposé triomphalement à la corruption moderne.* »

autoridade o fez criticar a República sem prestígio, a democracia filha do número e da quantidade e o regime parlamentar suscetível a corrupção. O sistema político que preconizava era um sistema que tentava articular autoridade que não invadisse o indivíduo.

Albouy argumenta que Bernanos opunha liberdades concretas ao estatismo democrático, criticava a governos ditatoriais e a regimes totalitários marxistas e fascistas; diante desse cenário caminhava para a defesa de uma monarquia utópica que conjugasse de maneira harmônica a autoridade e a liberdade. Bernanos baseado em uma certa concepção de tradição francesa criticava os partidos políticos acusados de explorar as divisões artificiais, não se alinhando a partidos nem de direita e nem de esquerda. “É o gosto pela união numa tradição francesa, intimamente ligada à defesa e ilustração de alguns valores espirituais fundamentais, que o encorajou a apelar à ascensão de uma elite revolucionária” (tradução livre)<sup>72</sup>

Segundo Albouy, uma das marcas dos trabalhos de Bernanos em matéria social é a crítica a burguesia, a partir do seu ponto de vista a mediocridade da burguesia seria uma das responsáveis por romper o edifício social:

*Capitalismo, coletivismo, egoísmo social, luta de classes, predominância judaica... esses são alguns dos sintomas mais óbvios de uma crise nas estruturas e na moral. Diante dessa burguesia medíocre, gananciosa e medrosa, preocupada apenas com a aparência de ordem, havia um populismo verbal e um amor pelos humildes e pobres, que não eram acompanhados pelo mínimo projeto de reforma para melhorar sua situação material. (tradução livre).*<sup>73</sup>

Diante de uma elite tradicional que se aproximou da burguesia e que ao longo do período entreguerras não se fez capaz de alterar o que considerava uma crise francesa de caráter político e social, Bernanos propunha fundar uma nova aristocracia espiritual.

Segundo Albouy a estabilidade das posições fundamentais de Bernanos, aqui apresentadas anteriormente, não exclui inflexões e contradições nos seus

---

<sup>72</sup> Ibid. p. 229 “C'est le goût du rassemblement dans une tradition française, intimement liée à la défense et à l'illustration de quelques valeurs spirituelles fondamentales, qui l'incitera à appeler de ses vœux la levée d'une elite révolutionnaire”

<sup>73</sup> Ibid. p. 229. « Capitalisme, collectivisme, égoïsme social, lutte des classes, prédominance juive... sont quelques-uns des symptômes les plus apparents d'une crise des structures et des mœurs. Face à cette bourgeoisie médiocre, avide et peureuse, seulement préoccupée des apparences de l'ordre, fait pendant un populisme verbal et un amour des humbles et des pauvres qui se s'accompagnent pas du moindre projet de réforme tendant à améliorer leur situation matérielle. »

pensamentos e ações. Albouy defende que certas atitudes de Bernanos foram completamente alteradas, afinal no início da sua vida adulta era um militante convicto da Ação Francesa e depois de alguns anos abandonou a organização, passando a adotar uma atitude anticonformista. Albouy reconhece que Bernanos depois dessa inflexão com a AF, ao adotar um comportamento solitário e manter a sua inspiração no dogma católico, permitiu que fosse lido pelos seus contemporâneos como um profeta moderno. Albouy traça a seguinte trajetória de comportamento de Bernanos: militante, homem de direita questionador, profeta cristão.<sup>74</sup>

Albouy defende que as inflexões na obra de Bernanos viriam da evolução de um pensamento político separado da AF e do pensamento de Maurras, mudanças na sua maneira de pensar conforme o autor vai ganhando a sua originalidade frente ao mestre. Nessa caminhada de desenvolvimento de um pensamento original, o ponto de centralidade das suas reflexões era a crise do mundo moderno e seu agravamento:

(...) crise das instituições políticas, é em última análise a sociedade francesa e depois o sistema cultural em que estão imersos que estão envolvidos. Essa ampliação do campo de observação, essa mudança profunda de uma análise que se tornou cultural, relegou para segundo plano as críticas e as propostas estritamente políticas. Para ele, trata-se então de mostrar a verdadeira dimensão social e sobretudo moral e religiosa da “doença” e de recomendar remédios adequados. Crise política, crise social, crise de civilização, a crise moderna para Bernanos é agora tudo isto ao mesmo tempo e as suas denúncias, tal como os seus sucessivos remédios, longe de se contradizerem, sobrepõem-se e complementam-se.” (tradução livre).<sup>75</sup>

Albouy reconhece que as denúncias e soluções que Bernanos buscou construir para a crise moderna, envolvem aspectos políticos, sociais, religiosos, tais argumentos se contrapõem e se complementam e não necessariamente se contradizem entre si. Apesar de não apagar inflexões no pensamento do autor tal como a separação da AF e o abandono de uma vida de militante associada a uma organização e a busca

---

<sup>74</sup> Ibid. p.230.

<sup>75</sup> Ibid. p.231. « (...) *crise des institutions politiques, c'est finalement la société française puis le système culturel dans lequel elles sont immergées qui ont été impliquées. Cet élargissement du champ d'observation, ce changement profond d'une analyse devenue culturelle a relégué au second plan les critiques et les propositions étroitement politiques. Il s'agit alors pour lui de montrer la vraie dimension sociale et surtout morale et religieuse de la 'maladie' et de préconiser des remèdes adaptés. Crise politique, crise sociale, crise de la civilisation, la crise moderne pour Bernanos est désormais tout cela à la fois et ses dénonciations comme ses remèdes successifs, loin de se contredire, se superposent et se complètent.* »

de deslocamento do pensamento de Maurras, Albouy apresenta Bernanos como um escritor coerente.

Paul Serant no livro *Les dissidentes de L'Action Française* se dedica aos pensadores que romperam com o pensamento de Charles Maurras ao longo da sua trajetória intelectual, em um de seus capítulos se dedica a análise das obras de Bernanos e das razões para o seu rompimento com a Ação Francesa. Nesse sentido, as reflexões de Paul Serant podem nos ajudar a melhor compreender as inflexões no pensamento de Bernanos debatidas anteriormente por Albouy e Gosselin-Noat.

A Primeira Guerra Mundial é defendida por Serant como um grande marco na vida de Bernanos, representando o início de um processo de desilusão que irá o acompanhar para o resto da vida. Serant recupera como Bernanos no livro *La Grande Peur de les biens-pensants* criticou o posicionamento da mídia francesa de mobilizou de ideias como liberdade e democracia, enquanto milhares morriam nas trincheiras. Serant argumenta que Bernanos ao retornar da guerra se sentia apartado daqueles que não foram para guerra e desconectado da Ação Francesa, que não considerava mais a mesma. Ao aderir a organização em 1908 admirava a sua disponibilidade para a ação e a busca por alterar a sociedade a partir de um golpe, que poderia fazer uso inclusive da ação. Bernanos admiraria assim, segundo Serant, essa disponibilidade para a ação mais imediata. O autor francês ao olhar para a organização no pós-guerra não via mais o mesmo entusiasmo dos membros, muitos dos seus colegas mais próximos da AF morreram durante o conflito, ou estavam cansados e mais cautelosos com a violência com a qual Maurras costumava canalizar o ardor dos adolescentes. Dois anos depois do armistício, Bernanos deixou de militar na instituição em 1920.

Porém, foi apenas em 1932 que Bernanos rompeu publicamente com Maurras. François Coty, que era diretor do *Le Figaro*, a princípio tinha interesse e proximidade com a Ação Francesa ao ponto de conceder subsídios a ela, porém se desentendeu com seu líder Maurras. Bernanos foi convidado para fazer parte da direção literária do *Le Figaro* e não encontra razões para não compor a equipe editorial. Diante desse cenário, Maurras escreveu uma carta aberta ao jornal da Ação Francesa em após criticar Coty, finalizou o texto dando adeus a Bernanos, que mimetiza tal ruptura em um artigo no *Le Figaro*. Serant argumenta que essa

disputa teria sido prejudicial para a disposição de Bernanos em manter uma reflexão política, optando entre os anos de 1931 e 1938 pela produção literária. Além disso, esse período foi marcado por uma série de deslocamentos de Bernanos com a sua família na busca por uma região em que se conseguisse maior estabilidade financeira, por fim se alocou em Maiorca, onde essa reflexão política se restabeleceu.

Esse rompimento com Maurras no campo das ideias é mais bem explicitado por Serant na análise que estabelece do livro *Os Grandes Cemitérios sob a lua* de 1938. Serant argumenta que :

“A revolta de Bernanos contra o expurgo franquista, tal como ele o viu ocorrer na ilha de Maiorca, não foi apenas para distanciá-lo de Maurras e da *Action Française*: foi para marcar a sua ruptura com todo o mundo da direita, incluindo o conjunto daqueles que, confrontados com a coligação da Frente Popular, se autodenominaram “nacionais”.(tradução livre)..<sup>76</sup>

Serant sustenta que o livro de Bernanos voltado para criticar a ação dos franquistas de direita católicos pelos métodos adotados durante a guerra civil espanhola não apenas se limitou a representar um rompimento com os franquistas, representou na verdade uma ruptura com Maurras e a Ação Francesa e com o mundo de direita que se denominava nacional. Bernanos não considerava contraditório criticar os nacionais, em especial o alto clero e os bien pensants espanhóis, considerava que isso estava relacionado ao espírito original da Ação Francesa, da Ação Francesa da sua juventude.

Serant sustenta que Bernanos se diferenciava nesse caso de outros católicos que estabeleceram as suas críticas aos franquistas. Maritain, por exemplo, denunciou a monopolização da defesa da fé por um movimento cujos princípios não concordavam. Bernanos protestava a partir do espírito da França, da monarquia cristã e popular. Para Maritain era lógico que os membros da AF estariam ao lado dos franquistas para Bernanos isso era escandaloso, o Maurras que apoiou a cruzada franquista não seria o mesmo da sua infância, virou alguém que repudia o ideal

---

<sup>76</sup> SERANT, P. *Les dissidentes de L'Action Française*. p. 120. “La révolte de Bernanos contre l'épuration franquiste, telle qu'il la vit s'exercer dans l'île de Majorque, ne devait pas seulement l'éloigner encontre devantage de Maurras et de l'Action française: elle devait marquer sa rupture avec l'ensemble du monde de droite, avec l'ensemble de ceux qui, face à la coalition du Front populaire, s'appelaient eux-mêmes les 'nationaux' »

revolucionário e quer ser mestre dos *bien-pensants*. Nesse sentido, Serant argumenta que não foi Bernanos que abandonou Maurras, foi o contrário.

Serant apresenta os livros *Scandale de la Vérité e Nous autre français*, ambos elaborados no Brasil, como escritos em que Bernanos estabeleceu uma crítica sistemática a Maurras. A obra *Scandale de la Vérité* foi escrita logo depois dos acordos de Munique em 1938 e tem como um de seus temas a análise de tal acontecimento. Bernanos criticou o apoio francês a iniciativa alemã de anexar a Tchecoslováquia, enquanto Maurras foi a favor considerando a postura como uma ação própria do realismo político francês. Bernanos descredibilizou a atitude de Maurras, que não deveria falar em nome de uma tradição francesa, a qual seria estrangeiro. Serant recupera uma série de críticas estabelecidas por Bernanos ao trabalho de Maurras que justificariam a impossibilidade de considerá-lo um representante da tradição francesa. Maurras estaria aos olhos de Bernanos apartado da tradição francesa por não estar associado ao espírito de 1789 e sim ao de 1793. Maurras, não estaria ligado ao espírito da revolução francesa em seu início associado ao antigo regime e ao seu espírito de reforma. Maurras poderia ser caracterizado pelo espírito de 1793, um espírito burguês, pautado na razão de estado e a democracia totalitária. Bernanos estabeleceu essa associação de Maurras a tradição totalitária do final da Revolução Francesa estaria justificada no seu apoio a figuras como Franco e Mussolini.

Bernanos argumentava como se sentia traído por Maurras que se dizia revolucionário e demandava um golpe, uma ação violenta para alterar a ordem estabelecida, porém nunca teria partido para a prática. Nesse sentido, criticava Maurras como um homem de letras, doutrinário distante das reflexões populares o que o impossibilitava de poder exercer uma ação política frutífera.

O autor criticava Maurras por não retomar de fato uma tradição monárquica associada ao cristianismo e busca pela renovação. Bernanos argumentava que Maurras era conservador ao sacrificar os valores tradicionais da França, como as liberdades individuais, para manter o status quo da burguesia:

“A parte do mundo do trabalho que está se levantando contra o feudalismo moderno do dinheiro está na tradição monárquica e M. Maurras está fora dela.

Pode-se escrever hoje que M. Maurras está aliado a tudo que a monarquia precisa romper para poder agir.” (tradução livre).<sup>77</sup>

Serant sustenta que partir de junho de 1940 Bernanos passou a criticar o estabelecimento do governo de Vichy após a derrota para a Alemanha nazista. Porém, a sua escrita sobre a guerra nos jornais brasileiros e nas obras *Carta aos ingleses* e *França contra os robôs* não viria de um lugar da experiência tal como ocorreu durante a guerra civil espanhola, viria da imaginação de um exilado. Serant argumenta que Bernanos interpretou a situação de guerra e política francesa a partir de um discurso mitológico:

(...) o Estado-Maior não queria lutar, a elite, a burguesia preferia o risco da derrota ao risco da revolução, o marechal Pétain aproveitou a oportunidade para impor na França uma "ordem moral" semelhante à de seu amigo Franco; o Estado-Maior, o alto clero, os trustes, preferiam a desonra e a servidão ao risco da lealdade à aliança inglesa, porque a vitória sobre as ditaduras arriscava ser a derrota de seus privilégios. Nessas condições, o oficial que foi à Inglaterra para denunciar a capitulação e continuar a luta era o encantamento da honra francesa, da honra cristã: La France libre era o cavalheirismo que Bernanos esperava que aparecesse desde sua experiência na Espanha. (tradução livre).<sup>78</sup>

Bernanos olhava para o cenário de fim de guerra de uma maneira generalizada, olhava que o estado maior do exército francês como um todo e a burguesia não quiseram renunciar a seus privilégios, considerando melhor perder a guerra do que sofrer o risco de uma revolução. Segundo o autor, Bernanos veio a apoiar e compreender o posicionamento de De Gaulle de sair da França mesmo que alguns franceses ainda estivessem lutando e outros sendo obrigados a viver sobre a república de Vichy. Bernanos compreende que essa era a única maneira de se viver, estar fora da França, como se fosse possível reencontrar a França real fora do país, era mais fácil encontrar seu país a na boca de apoiadores e amigos brasileiros.

<sup>77</sup> Bernanos apud SERANT, P. *Les dissidentes de L'Action Française*. p. 124. *La part du monde ouvrier qui se soulève contre le moderne féodalité de l'argent est dans la tradition monarchique et M. Maurras est dehors. On peut écrire aujourd'hui que M. Maurras se trouve allié avec tout ce que la monarchie devra briser pour agir*

<sup>78</sup> SERANT, P. op.cit. p. 131-132. « (...) l'Etat-Major, ne voulait pas combattre, les élites, la bourgeoisie préféreraient le risque de la défaite au risque d'une révolution, le maréchal Pétain a saisi l'occasion pour imposer en France cet "ordre moral" semblable à celui de son ami Franco; L'Etat-Major, le haut-clergé, les trusts, ont préféré le déshonneur et la servitude au risque d'une fidélité à l'alliance anglaise, parce que la victoire sur les dictatures risquait d'être de la défaite de leurs privilèges. Dans ces conditions, l'officier qui a gagné l'Angleterre pour dénoncer la capitulation et continuer la lutte, est l'incantation de l'honneur français, de l'honneur chrétien: La France libre, est la chevalerie dont lui, Bernanos, attendait l'apparition depuis son expérience d'Espagne. »

Serant sustenta que Bernanos era um crítico a Vichy de forma isolada, a sua crítica não se assemelhava a de outros intelectuais ou jornalista no estrangeiro ou da imprensa clandestina na França. Ele criticava todos os franceses, ele não distinguia aqueles que estabeleceram a República de Vichy do povo em geral, que se viu obrigada a viver sob tal regime.

Segundo Serant no livro *Carta aos ingleses*, Bernanos se distancia da ideia de estabelecimento de uma monarquia como solução para o mundo moderno. Nesse livro elaborado no formato de cartas, Bernanos se direciona a Roosevelt, compreendido pelo autor como importante defensor da liberdade diante da crise francesa. Nessa carta Bernanos esclareceu que não apoiaria uma restauração cega ao passado monárquico, não pode ser uma retomada artificial. Bernanos sustentava na década de 1940, que não importaria tanto o regime político sob o qual se vivia, a ordem da sociedade seria a mesma diante de qualquer sistema se se mantivesse a ditadura do lucro.

Em diálogo com os pesquisadores Thomas Molnar, Gosselin-Noat, Serant e Albouy trabalha-se nessa tese a ideia de que Georges Bernanos deve ser lido pela lente do inconformismo e da dificuldade de categorização do escritor apenas como intelectual católico de direita extremista. Bernanos, ao longo da sua vida, desenvolveu seus argumentos críticos à modernidade informado por um conjunto de ideias comuns a direita católica francesa associada a AF, como a defesa de valores franceses e da monarquia como regime político ideal. Porém, a partir do livro *Os Grandes Cemitérios sob a lua* o autor ganhou mais autonomia de pensamento e passou a manter o seu relacionamento com esse conjunto de ideias, porém sem sentir a necessidade de manter os posicionamentos da AF ou dos demais intelectuais católicos franceses. Bernanos apesar de se considerar um católico fervoroso, não se eximiu de criticar aqueles que aceitaram as ações violentas de Franco durante a guerra civil espanhola porque viam como mal menor, já que Franco combatia um governo republicano de caráter comunista. Essa relação com um conjunto de ideias de direita não o impediu de manter um posicionamento crítico a governos de caráter fascistas e totalitários, em especial pela ameaça a liberdades individuais que tais regimes políticos ofereciam.

Apesar dessas rupturas e mobilidades apresentada pela trajetória intelectual de Bernanos, é possível reconhecer pontos de estabilidade e constância nos argumentos do autor como a defesa da tradição francesa frente a sociedade moderna que a ameaçava. Ao longo da tese serão analisados de maneira mais cuidadosa dois seus livros redigidos no Brasil, *Cartas aos ingleses* e *França contra os robôs* como forma de compreender as nuances da crítica estabelecida pelo autor a modernidade e a ameaça que a configuração da sociedade moderna ofereceria a liberdade. Para iniciar esse esforço de pesquisa, iremos primeiro analisar a experiência de exílio de Bernanos no Brasil, considerando o contexto político no qual produziu tal crítica a modernidade, suas redes de solidariedade entre intelectuais católicos que permitiram a sua estadia no Brasil, além de acompanhar os artigos do autor na imprensa brasileira se posicionando como uma voz da resistência francesa ao governo de Vichy.

### 3.

#### **A experiência do exílio 1938-1945**

Nesse capítulo, busca-se trabalhar com a ideia de exílio como chave de leitura para a obra crítica do escritor francês, para tal mobiliza-se a ideia de hermenêutica da distância desenvolvida por Enzo Traverso<sup>1</sup>. Segundo o autor o exílio confere um posicionamento estratégico para intelectuais desenvolverem suas interpretações sobre eventos violentos como as guerras totais, o fascismo e a criação da bomba atômica.

A experiência do exílio de Bernanos no Brasil foi marcada por sua articulação com uma rede de apoio formada por intelectuais católicos. Esse grupo composto por profissionais liberais como advogados, escritores, poetas, médicos, políticos ofereciam auxílio para questões burocráticas como contatos de trabalho com a imprensa carioca ou contatos para o aluguel de residências pelas cidades fluminenses e mineiras que residiu. Bernanos veiculou de maneira recorrente suas ideias no periódico O Jornal entre os anos de 1940 e 1944, especialmente a partir da queda da França para a Alemanha nazista e instauração do governo de Vichy. Essa produção periódica em jornais brasileiros não estava distante do debate apresentado nos demais livros que redigiu no Brasil, mas é de grande importância acompanhar seus artigos de jornais para perceber a sua articulação na sociedade brasileira. Será apresentado ao longo do capítulo como as ideias de Bernanos circulava por importantes críticos literários e intelectuais como Alceu Amoroso Lima e Otto Maria Carpeaux.

É importante considerar que Bernanos elaborou seus escritos de combate críticos a sociedade moderna, baseada no lucro, e a governos de caráter totalitário enquanto residia no Estado Novo de Vargas, regime caracterizado pelas suas características autoritárias. Nesse sentido, a sua obra sofreu com a censura, mas era possível por se tratar de um intelectual francês em uma sociedade brasileira francófona, articulada ao um importante grupo de intelectuais católicos próximos de Alceu Amoroso Lima.

---

<sup>1</sup> TRAVERSO, E. “Exílio y Violencia. Una Hermenéutica”. In: La História Como Campo de Batalla. Buenos Aires: Fundo de Cultura Económico, 2012.

Ao longo, desse capítulo também será analisado como Bernanos representou o seu exílio no Brasil e a sua relação com país nas páginas dos seus escritos. Defende-se que Bernanos viveria uma experiência de exílio temporal em que estaria apartado do presente em que vivia, considerando que o caminho para a resolver a crise do mundo moderno seria a retomada de uma tradição francesa fincado em um passado utópico anterior a Revolução Francesa. Além disso, apresenta-se como Bernanos representou o Brasil como um espelho dessa tradição francesa, os brasileiros apresentavam valores e preocupações próprias da cultura francesa, mostrando para o autor a universalidade de tal tradição.

### 3.1

#### **Exílio e a hermenêutica da distância**

Ao considerarmos a trajetória de vida e a produção de Bernanos, é possível identificar a recorrência da experiência do exílio, da constância dos deslocamentos geográficos e da sensação de errância. Nesse sentido, buscaremos apresentar o exílio como uma chave de leitura para os escritos de combate de Georges Bernanos.

Ao longo da idade moderna e século XIX, a experiência do exílio estava associada ao deslocamento forçado da sua localidade de origem majoritariamente por razões políticas, como, por exemplo, a fuga de italianos para a América Latina dado a perseguição política pelas suas ideias anarquistas, socialistas ou comunistas.<sup>2</sup> No século XX, por sua vez, o exílio passa a ser uma experiência de massa, dado o número daqueles que se veem obrigados a se deslocar.

Quanto ao século XX, como enfatiza o historiador italiano Maurizio Degl’Innocenti, o exílio – definido como “afastamento da pátria por razões políticas, raciais, religiosas, civis, de maneira imposta legal ou arbitrariamente pelo poder dominante, ou de maneira voluntária para escapar das perseguições, violências físicas ou psicológicas” – “constitui, pelas suas dimensões e sua importância social, um elemento caracterizador da história contemporânea. (...) O objetivo dessa migração forçada é de salvaguardar a vida e a liberdade.”<sup>3</sup>

O deslocamento em massa na primeira metade do século XX está associado à Primeira Guerra Mundial e à desintegração dos Impérios Austro-húngaro, Otomano, Czarista, resultado na construção de novos Estados como:

---

<sup>2</sup> GROppo, B. **Os exílios europeus no século XX**. p. 72

<sup>3</sup> Ibid. p. 71

Polônia, Tchecoslováquia, Iugoslávia e os Estados bálticos. Estados que, por sua vez, comportavam minorias étnicas que passaram a ser tratadas como inimigas ou indesejadas. Groppo, no texto “Os exílios europeus no século XX” reconhece que aqueles que se deslocaram nesse período eram os que não faziam parte da nova ordem internacional criada com a consolidação dos Estados Nacionais. Outros acontecimentos históricos que o autor associava ao número de deslocados eram a Revolução bolchevique e a guerra civil russa, que levou ao exílio dois milhões de pessoas, além da Segunda Guerra Mundial e a instauração de regimes totalitários ou de outros tipos de ditadura.<sup>4</sup>

Esse movimento de exílio em massa aponta para a consolidação da figura do refugiado como aquele que se vê obrigado migrar de maneira involuntária por razões diversas – orientação política, economia, perseguição religiosa – para além da questão política associada mais direta e tradicionalmente à figura do exilado. O refugiado seria aquele que pode fugir por razões não necessariamente associadas à sua ação, como por exemplo a experiência dos judeus durante o regime nazifascista. Apesar de existirem judeus que foram forçados a migrar pelas suas ações políticas, muitos o foram não pela sua ação, mas sim pelo mero fato de serem judeus.

Outra novidade da experiência do exílio do século XX é o surgimento da figura do apátrida, aqueles que perderam as garantias como cidadão de um Estado Nacional. A figura do apátrida se coloca como limítrofe da própria noção do homem como detentor dos direitos humanos universais, afinal, aquele digno de garanti-las era apenas aquele detentor de um passaporte.

Arendt, como filósofa erradicada nos Estados Unidos, também se debruçou sobre a questão dos refugiados, apátridas, povos sem estado e minorias por volta da década de 1950 com pouco ou nenhum distanciamento sobre o tema. Essa proximidade com a temática se dá por razões objetivas dada a sua condição de migrante judia fugida da Alemanha nazista no ano de 1933, mas também fica explicitada pelo posicionamento assumido em seu texto “Nós, os Refugiados”, em que a autora escreveu na primeira pessoa do plural, se identificando como refugiada.

---

<sup>4</sup>Ibid. p. 78

A filósofa Hannah Arendt estaria, pela sua posição de estrangeira, mais apta a analisar com pouco distanciamento temporal eventos relacionados à experiência totalitária e aos campos de concentração. A recuperação dos argumentos de Arendt sobre a condição das minorias, dos refugiados e dos apátridas no contexto da primeira metade do século XX nos ajuda a vislumbrar uma capacidade analítica apurada pela distância, a compreender as ideias que circulavam no contexto de produção de Bernanos. Também nos ajuda a compreender um pouco sobre o tema do exílio, uma vez que Arendt é considerada pioneira na produção filosófica sobre o tema.<sup>5</sup>

Arendt, no capítulo “O declínio do Estado-Nação e o Fim dos Direitos Humanos” da obra *As origens do Totalitarismo*, sustentou que a Primeira Guerra Mundial afetou diretamente a comunidade europeia com um cenário de inflação, crise financeira, desemprego e guerras civis. A autora se atentou para o surgimento de dois grupos de vítimas – os apátridas e as minorias – que tiveram uma particularidade em seu sofrimento: a perda dos direitos considerados inalienáveis. O grupo das minorias foi descrito por Arendt como aqueles que:

(...) não dispunham de governo que os representassem e protegessem e, por isso, eram forçados a viver ou sob as leis de exceção dos Tratados das Minorias – que todos os governos (com exceção da Tchecoslováquia) haviam assinado sob protesto e nunca reconheceram como lei-, ou sob condições de absoluta ausência da lei.<sup>6</sup>

A autora analisou o fortalecimento da questão das minorias a partir da desintegração da Monarquia Dual e do Império Czarista, o estabelecimento de novos Estados marcados pela reunião de vários povos em um único território e o estabelecimento nesses novos países de nacionalidades não emancipadas. Assim, minorias viviam sob governo dos povos formadores desses novos Estados e sob as leis de exceção dos tratados das minorias, assinadas após a Primeira Guerra Mundial. Esses tratados permitiram a criação de Estados-nações em regiões que não tinham, segundo a autora, os critérios básicos para tal como: “homogeneidade

---

<sup>5</sup> Di Cesare argumenta em seu livro estrangeiros residentes que: “Quem primeiro se pôs a refletir sobre a migração como fenômeno global foi Hannah Arendt, que viu no refugiado uma figura de exceção, fora de lugar na ordem territorial dos Estados-nação, por isso em condições de antecipar, em sua irredutível atopia, uma futura configuração mundial, o surgimento de uma nova comunidade. CF: CESARE, Donatella Di. **Estrangeiros residentes**. p. 46.

<sup>6</sup> ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. p. 301.

da população e fixação no solo”.<sup>7</sup>

A autora reforçou a questão de como o Tratado das Minorias pode ser considerado inadequado ao período, ao argumentar que o documento institucionalizava a não emancipação de povos nacionais em solo europeu, trazendo “métodos coloniais na convivência europeia.”<sup>8</sup> Essa contradição se colocou em um momento de busca direta dos povos coloniais pelo direito de autodeterminação. Além disso, o Tratado das Minorias, ao impor a forma de governo estatal sem considerar a fundo a presença das minorias, produzia um precedente para o questionamento do formato do estado-nação em si, uma vez que esse era baseado na homogeneidade da população. Por fim, Arendt sustentou que essa configuração governamental mesmo em “países de antigas e estabelecida tradição nacional”<sup>9</sup> era incapaz de lidar com os desafios da política mundial após a Primeira Guerra Mundial.

Para Arendt, a novidade, da situação dessas minorias era a permanência de sua condição como tal. A novidade vinha do reconhecimento por uma entidade externa como a Liga da Nações de que milhares de pessoas viviam fora da lei e precisavam que seus direitos fossem garantidos por ela, uma vez que esses novos Estados “entregavam à Liga das Nações a salvaguarda dos direitos daqueles que por motivos de negociação territoriais, haviam ficado sem Estados nacionais próprios, ou deles separados, quando existiam.”<sup>10</sup> Esse tratado torna claro alguns elementos do Estado-nação, que antes estavam implícitos:

(...) somente os “nacionais” podiam ser cidadãos, somente as pessoas da mesma origem nacional podiam gozar de toda a proteção das instituições legais, que os indivíduos de nacionalidade diferente precisavam de alguma lei de exceção até que, ou a não ser que, estivessem completamente assimilados e divorciados de sua origem.<sup>11</sup>

As minorias, ao estarem presentes no território do Estado-nação, questionam a simplicidade da relação cidadão e garantia de direitos. Esses expõem como é contraditório governos democráticos, baseados na valoração dos direitos humanos universais, negarem tais direitos a povos minoritários e

---

<sup>7</sup> Ibid. p. 303.

<sup>8</sup> Ibid. p. 304.

<sup>9</sup> Ibid. p. 303.

<sup>10</sup> Ibid. p. 305.

<sup>11</sup> Ibid. p. 308.

garantirem apenas os direitos nacionais de seus cidadãos. Nesse contexto, as minorias que viviam sob os governos desses novos Estados na Europa meridional e oriental tinham seus direitos constantemente ameaçados, tais como o direito ao uso do seu idioma e proteção a sua cultura.<sup>12</sup> Assim, esses povos minoritários consideravam que a maneira para alterar a sua condição era através do direito de autodeterminação, já que “os povos privados do seu próprio governo nacional ficariam sem a possibilidade de usufruir dos direitos humanos.”<sup>13</sup>

Outra figura que exerce a mesma função de questionamento aos princípios do Estado-nação é a do apátrida. Essa condição de apátrida foi descrita por Arendt como um movimento de massas de pessoas sem Estado, característico da Segunda Guerra Mundial e de origem multifatorial. A autora identificou que diferentes eventos políticos podem ser reconhecidos como causa desse movimento.<sup>14</sup>

Após 1945, a condição de apátrida passou a ser aplicada àqueles refugiados que foram expulsos de seus países de origem e sofreram um processo de desnacionalização. Esse processo foi caracterizado por Arendt como um fenômeno de massa, que revela uma incapacidade dos governos em lidarem com as diferenças ao ponto de preferirem deixar de considerar cidadãos aqueles que fossem contrários às suas ações.

A situação dos apátridas após Segunda Guerra Mundial era marcada pela subnotificação e pela falta de desejo dos Estados de lidar com essa situação. Alguns países evitavam reconhecer a condição do apátrida como povo sem estado, optando pelo termo *pessoas deslocadas*<sup>15</sup>. Dessa maneira, poderiam deportá-las para seus países de origem, sem considerar que elas não eram mais vistas como cidadãs em tal localidade ou que poderiam inclusive sofrer perseguições ao retornar para casa.

Essa imbricação entre direitos universais e o Estado nacional pode ser percebido pelo trecho da obra de Stefan Zweig apresentado por Groppo:

Em suas lembranças o escritor austríaco Stefan Zweig descreve o choque que representou para ele o fato de ser privado, após a anexação da Áustria pela

---

<sup>12</sup>Ibid. p.309.

<sup>13</sup> Ibid. p. 305.

<sup>14</sup> Ibid. p. 310.

<sup>15</sup>Ibid., p. 313.

Alemanha nazista em 1938, de sua nacionalidade e de seu passaporte, e conclui “e eu era forçado a me lembrar sem parar do que tinha me dito, anos atrás um exilado russo: “Antigamente, o homem não precisava mais do que um corpo e uma alma. Hoje, ele necessita de um passaporte, senão ele não é tratado como homem.”<sup>16</sup>

Essa sensibilização apresentada pelo escritor alemão Stefan Zweig ao conseguir analisar com precisão a situação de violência que estava vivendo é considerada como exceção pelo historiador Enzo Traverso. No texto “Exilio y Violencia” o historiador identifica que, em geral, autores da área das humanidades demoraram para lidar com temáticas violentas vinculadas ao período da Segunda Guerra Mundial como os campos de concentração, a bomba atômica de Hiroshima e o Gulag. O autor sustenta que:

“(...) alguns acontecimentos que hoje consideramos emblemáticos da violência do século XX foram recebidos com indiferença ou ignorados, e inclusive banalizados por seus contemporâneos. A qualidade dessa violência foi captada com muito atraso, e por vezes com a várias décadas de distância (...)”.<sup>17</sup>

Entretanto, Traverso considera que a experiência do exílio e da migração fornece uma posição estratégica para a observação desses eventos violentos que marcaram o período.

Uma história do pensamento crítico não pode ignorar um de seus principais focos: a contribuição de intelectuais exilados (...). Sismógrafos sensíveis, em virtude de sua instabilidade e precariedade de outsiders, das contradições e conflitos que atravessam o planeta, foram os primeiros analistas, provavelmente também os mais agudos, da violência da “era dos extremos”.<sup>18</sup>

Ele sustenta que diferentes autores tiveram a sua produção modificada pela experiência da migração forçada durante esse período, experiência caracterizada como instável e precária. Em especial, o autor identifica uma tendência de os autores associarem o seu trabalho de investigação do passado com os seus posicionamentos referentes a situação do seu presente.<sup>19</sup> Traverso considera ser

---

<sup>16</sup> GROppo, B. op. cit. p. 81 e 82

<sup>17</sup> TRAVERSO, E. “Exilio y Violencia. Una Hermenéutica”. p. 247. (...) *algunos acontecimientos que hoy consideramos emblemáticos de la violencia del siglo XX a menudo fueron recibidos con indiferencia o ignorados, e incluso banalizados por sus contemporáneos. La calidad de esta violencia fue captada con mucho retraso, a veces con varias décadas de distancia(...)*

<sup>18</sup> Ibid. p. 237 *Una historia del pensamiento crítico no puede ignorar uno de sus principales focos: la contribución de los intelectuales exilados (...) Sismógrafos sensibles, en virtude de su inestabilidad y su precariedad de outsiders, de las contradicciones y conflictos que atraviesan el planeta, fueron los primeros analistas, probablemente también los más agudos, de las violencias de la “era de los extremos”.*

<sup>19</sup>Ibid. p. 239.

capaz de reconhecer uma hermenêutica da distância, que seria uma possibilidade de análise fornecida aos intelectuais pela condição de distanciamento do seu país de origem.<sup>20</sup> Segundo Traverso:

“(...) o exílio estaria na origem de um modelo cognitivo que consistiria em olhar para a história e questionar o presente do ponto de vista dos vencidos e que, conseqüentemente, constituiria a premissa de um conhecimento do real diferente daquele do ponto de vista dominante e até mesmo oficial.”<sup>21</sup>

Essa hermenêutica da distância seria, assim, caracterizada pela posição estratégica de observação, que permitiria uma análise da história e do presente a partir de um ponto de vista não hegemônico e não oficial. Porém, Traverso reforça que esse favorecimento epistemológico do exílio de olhar do ponto de vista dos vencidos é cobrado com alto custo de estar isolado de relações sociais, culturais e linguísticas, de estar longe de um ordenamento de mundo conhecido para fixar o seu pensamento. Além disso, muitos desses intelectuais estavam em situação de invisibilidade e com pouca possibilidade de atuar na esfera pública. Esse desenraizamento possibilitava, segundo o autor, que tais intelectuais escrevessem independente de amarras sociais tradicionais ou constrangimentos nacionais e, assim, construíssem argumentos que não fossem adequados a visão corrente.

Ao longo desse trabalho mobilizaremos a noção de hermenêutica da distância para dar conta dos escritos de combate de Bernanos, afinal, essa produção se consolidou nos momentos em que ele não se encontrava em solo francês e sim em solo brasileiro. Porém, não se supõe uma necessidade entre a condição de exílio de um determinado intelectual e a sua capacidade de análise apurada de eventos violentos. No caso de Bernanos existe uma relação entre o exílio no Brasil e a multiplicação da formulação de textos panfletários, voltados para a análise da Segunda Guerra Mundial e suas implicações sobre a sociedade francesa. Porém, essa profícua produção não estaria apenas relacionada a condição privilegiada que a distância ofereceria para a análise. O exílio teria estimulado a produção de Bernanos de artigos já o ato de escrever textos para jornal garantia o sustento para a sua família. Além disso, defende-se que o exílio

---

<sup>20</sup> Ibid. p. 245

<sup>21</sup> Ibid. p. 255-56. “(...)el exilio estaria en el origen de un modelo cognitivo que, consistiría en mirar la historia e interrogar el presente desde el punto de vista de los vencidos y que, por consegüente, constituiría la premissa de un conocimiento de lo real diferente del de los puntos de vista dominantes, e incluso oficiales.”

não apenas reforçou o olhar para os acontecimentos políticos do autor, mas também favoreceu uma reflexão de caráter existencial e voltado para a busca de uma identidade francesa. Nesse sentido, considera-se a noção de hermenêutica da distância produtiva para pensar a obra de Bernanos, porém essa não será adotada de maneira automática,

### 3.2 Bernanos e a experiência do exílio no Brasil

Georges Bernanos se exiliou no continente americano, vivendo por sete anos no Brasil. O francês não foi obrigado a migrar devido às determinações do Estado, nem buscou exílio por sofrer ameaças explícitas de perseguição política em seu país de origem. Esse deslocamento, em certa medida, estava relacionado a dificuldades econômicas vividas pelo autor e representava uma possibilidade de manter a sua família. Outro fator que caracterizou esse movimento migratório, segundo o escritor, foi a sua dimensão política. Porém, ao narrar essa experiência, o autor sempre ressaltava as razões políticas para o seu exílio associadas à insatisfação de viver em um país em que a liberdade de expressão não poderia ser plenamente posta em prática e em uma sociedade que os valores como a liberdade e a fé católica estavam em constante decadência.

Antes de investigar mais a fundo como o tema do exílio foi mobilizado na obra de Bernanos, é relevante considerar o contexto mais amplo da diplomacia cultural<sup>22</sup> entre Brasil e França na primeira metade do século XX como forma de oferecer matizes para a experiência de exílio de um escritor francês católico em terras brasileiras. A construção de uma diplomacia cultural brasileira, em que se buscava ativamente fazer uso das relações culturais do Brasil com outros países

---

<sup>22</sup> Juliette Dumont no texto “De la coopération intellectuelle à la diplomatie culturelle” mobiliza a definição de Edgard Telles Ribeiro de diplomacia cultural: “(...) << la diplomatie culturelle serait alors [...] l’utilisation spécifique de ces relations culturelles por la réalisation d’ objectifs non seulement culturels mais aussi politiques, commerciaux ou économiques >>. Il ajoute : << Bien que quasiment intangible au niveau des résultats immédiats, la diplomatie culturelle est toujours enracinée dans des considérations et des priorités assez concrètes>>.” “(...) ‘a diplomacia cultural seria então [...] o uso específico dessas relações culturais para alcançar não apenas objetivos culturais, mas também políticos, comerciais ou econômicos’. Ele acrescenta: ‘Embora quase intangível em termos de resultados imediatos, a diplomacia cultural está sempre enraizada em considerações e prioridades bastante concretas.’” Cf: DUMONT, J. **De la coopération intellectuelle à la diplomatie culturelle** : le parcours du Brésil dans l’entre-deux-guerres. p. 218.

para benefícios políticos ou econômicos, se deu de uma maneira mais ativa a partir de 1920.

Esse período da República brasileira foi marcado por crises econômicas e pela Revolução de 1930 com a ascensão de Vargas ao poder, representando uma intencionalidade ainda maior na construção da diplomacia cultural brasileira. Gerson Moura inclusive cunhou a expressão equidistância pragmática para designar a política externa do governo Vargas, em especial o “(...) esforço brasileiro de se colocar como neutro frente às pressões exercidas pelos países do Eixo e pelas democracias ao longo dos anos de 1930.”<sup>23</sup> Essa neutralidade não significava a limitação de interações com países desses dois blocos ideológicos. Vargas reconhecia os possíveis ganhos de manter uma relação próxima aos Estados Unidos, símbolo de uma democracia liberal em termos de propagação de uma imagem positiva do Brasil:

Em relação aos Estados Unidos, o Brasil respondeu de maneira positiva à Política da Boa Vizinhança conduzida por Roosevelt e ao “imperialismo sedutor” que a acompanhava (Tota, 2000). Vargas conhecia as oportunidades oferecidas por essa nova configuração no domínio cultural, enviando músicos, cantores e café à Exposição Internacional de Nova York em 1939 (Vidal, 1942), ou ainda se apresentando como um ícone do pan-americanismo (Melo, 2005).<sup>24</sup>

Ao chegar ao Brasil, Bernanos encontrou um país disponível para a troca cultural com outras nações e que historicamente mantinha boas relações, com a França, expresso tanto pela fundação do Liceu Franco-Brasileiro no Rio de Janeiro<sup>25</sup> quanto pela participação de intelectuais franceses em instituições universitárias brasileiras como Claude Lévi-Strauss.<sup>26</sup> As pesquisadoras Sá e Viana nos ajudam a compreender que um cenário favorável de intelectuais brasileiros a recepção de Bernanos e a possibilidade deste de se comunicar no Brasil muitas vezes em francês em alguma medida deve ser lido a partir de um esforço estrutural francês e brasileiro de manter os laços entre as duas nações, favorecendo os intercâmbios entre intelectuais e a troca de conhecimento. Georges Bernanos, por sua vez, exilou-se no Brasil em um contexto particular, em que o país viva a experiência autoritária do Estado Novo (1937-1945).

<sup>23</sup> DUMONT, J. “**Pelo que é nosso!**”: a diplomacia cultural brasileira no século XX. p. 209.

<sup>24</sup> Ibid. p. 209.

<sup>25</sup> SÁ, Magali Romero e VIANA, Larissa Moreira. **Ciência médica e política internacional**: um circuito de trocas científicas entre a França e o Brasil no período entre-guerras. p. 6.

<sup>26</sup> SUPPO, Hugo. **A “máquina diplomática cultural” da Quarta República Francesa no Brasil (1946-1958)**. p. 8

O golpe de estado em novembro de 1937, que permitiu a instalação desse tipo de regime, foi instaurado por Getúlio Vargas sob pretexto de manutenção da ordem, diante da ameaça comunista representada no Plano Cohen, não seria possível organizar as eleições eleitores do ano subsequente.<sup>27</sup> O regime do Estado Novo era centralizado na figura de Vargas e compartilhava características do fascismo europeu tais como:

“(...) a ênfase no poder Executivo personificado numa liderança única; a representação de interesses de grupos e classes sociais num arranjo corporativo, isto é, sob a forma de uma política de colaboração entre patrões e empregados, tutelada pelo Estado; a crença na capacidade técnica posta a serviço da eficiência do governo e acompanhada da supressão do dissenso.”<sup>28</sup>

O regime foi capaz de se manter durante oito anos no poder em parte pelo seu sistema de repressão policial baseado na Lei de Segurança Nacional de 1935 que definia quem eram os criminosos contra a ordem política e social. Uma segunda estratégia era desenvolvida pela delegacia especial de segurança política social (Desp) que atuava diretamente na repressão política e pela ação de seu comandante Filinto Muller foi responsável pela tortura e morte de adversários do regime.

O poder de Vargas também foi mantido pelo consentimento da população através da construção de um aparato para legitimar e difundir as suas ideias políticas. Junto ao esforço de propaganda o consentimento foi conquistado pelo exercício sistemático da censura para desmobilizar e suprimir o dissenso. “A peça-chave que ligou o sistema e o fez funcionar foi concebida por Getúlio, em 1939, sob a forma de uma agência com gigantesco poder de interferência na área de comunicação – o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)”<sup>29</sup>

A partir da “Noite de Cristas” e da anexação da Áustria pela Alemanha em março de 1938, a busca dos europeus por vistos brasileiros aumentou, o que favoreceu o debate sobre a política migratória brasileira pelo Estado novo. O então ministro da Justiça Francisco Campos se preocupava com um certo tipo de refugiado “(...) não exatamente a origem étnica ou questões relacionadas ao ideal eugenista, mas sim à potencial influência que poderia produzir no meio intelectual brasileiro a partir da inteligência, erudita formação, elevada cultura e capacidade

---

<sup>27</sup> FAUSTO, B. *História do Brasil*. p. 364.

<sup>28</sup> SCHWARCZ, L e STARLIN, H. *Brasil uma biografia*. p. 375.

<sup>29</sup> *Ibid.* p. 376

intelectual.”<sup>30</sup> O ministro se preocupava com intelectuais e jornalistas que propagavam suas ideias contra a guerra e que não se adaptaram aos governos de caráter fascistas o que não seria interessante para o governo do Estado Novo. A existência da censura liderada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) somada a dificuldade de se expressar em português tornava a produção desses intelectuais mais complicada. Porém, alguns intelectuais conseguiram aprender português e ter as suas obras publicadas e escrever de maneira recorrente em jornais sendo influentes para “(...) reconhecidos intelectuais brasileiros que passaram a orbitar, como uma espécie de discípulos, tais estrangeiros, (...). Eram esses os homens classificados como perigosos que Francisco Campos desejava impedir a entrada no Brasil.”<sup>31</sup>

É importante ressaltar que Bernanos foi um autor conhecido por se posicionar de maneira contrária ao governo de Vichy, instaurado após a derrota francesa para os alemães. Já as autoridades brasileiras do Estado Novo reconheceram a legitimidade de tal governo e, inclusive, se interessavam em acompanhar de perto a produção intelectual de Bernanos e reportar tal conteúdo para as autoridades francesas. Suppo argumenta que após a Segunda Guerra Mundial teve uma diferença de proximidade cultural entre a França e o Brasil:

Os aliados tradicionais da França, as classes dirigentes e abastadas – tradicionalmente francófilas – em sua grande maioria tinham sido pro-Vichy, considerando-o como o único regime capaz de acabar com a crise de autoridade herdada do Front Populaire. Elas eram agora hostis à França do ponto de vista político, ainda que continuassem a consumir produtos culturais franceses tradicionais (teatro, ópera, livros, moda, etc).<sup>32</sup>

Apesar desse certo acompanhamento das autoridades brasileiras à produção de Bernanos, isso não o impediu de participar do debate público. Dessa maneira, por ser um escritor francês minimamente conhecido no Brasil, Bernanos garantia um certo status e a possibilidade de veicular a sua opinião - ação impossível para muitos exilados do século XX. Essa possibilidade viria não apenas de uma disposição das elites brasileiras com a cultura francesa, mas também pela força do círculo católico de intelectuais leigos construído em torno de Alceu Amoroso Lima durante o governo Vargas.

---

<sup>30</sup> KOIFMAN, F. Cidadão carioca: a naturalização de Otto Maria Carpeau. In: *Intellèctus*, ano XIV, n. 2, 2015, p. 173.

<sup>31</sup> *Ibid*, p.v174.

<sup>32</sup> SUPPO, Hugo. *opt.cit.p.* 9.

Alceu Amoroso Lima (1893 – 1983), também reconhecido pelo pseudônimo Tristão de Ataíde, nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Ao longo da sua vida atuou como advogado, jornalista, crítico literário, professor, além de ser um influente membro da sociedade civil defensora dos valores católicos.<sup>33</sup> No ano de 1918, passou a atuar como crítico literário no periódico *O Jornal* e a partir do ano de 1924 começou a se aproximar do Centro Dom Vidal,<sup>34</sup> associação civil de estudos associada a Igreja católica. No ano de 1928 assumiu a direção do centro e para além do seu papel como advogado das indústrias da sua família e da sua função como crítico literário, também atuou como editor da revista da instituição intitulado *A Ordem*, voltado para o debate no campo da cultura e publicando novos poetas como Jorge de Lima, Murilo Mendes e Vinicius de Moraes.

A partir da integração ao Centro Dom Vital, Lima “(...) começou a liderar uma elite de intelectuais católicos e tornou-se o intelectual, no campo laico a representar e a defender os interesses da Igreja Católica e de um conjunto de movimentos e instituições de orientação católica.”<sup>35</sup> Além disso, no ano de 1932, ajudou a fundar a Liga Eleitoral Católica “(...) que não era um partido, mas a atividade para guiar o povo para agir e votar na forma mais apropriada (...)”<sup>36</sup> e associada a candidatos preocupados com valores cristãos.

Ao longo da sua vida veio a atuar em diferentes instituições de ensino universitária como a PUC Rio, além de integrar a redação dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Jornal do Brasil* e a cadeira quarenta da Academia Brasileira de Letras.

O centro Dom Vital a princípio estava mais próximo de um viés conservador de análise da sociedade, em especial, na busca pela manutenção da

---

<sup>33</sup> Ver verbete do Cpdoc redigido por Marieta de Moraes Ferreira: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/lima-alceu-amoroso> último acesso 25/03/2023.

<sup>34</sup> O centro dom vital era “Uma associação cultural formada por católicos leigos, desde médicos, políticos, professores, entre outros profissionais, que partilhavam da mesma aspiração, com estima pelo pensamento de Joseph De Maistre e Juan Donoso Cortés, além de nutrirem certo interesse por filósofos mais espiritualistas como Pascal, Henri Bergson ou Raymundo Farias Brito, entre outros.” Ver: D’AVILA, L. Do Neo-Escolasticismo ao New Criticism: A Intelectualidade Católica Brasileira. In: revista landa Vol. 5 N° 1 (2016), p.382

<sup>35</sup> RODRIGUES, C. Por uma nova disponibilidade: o intelectual Alceu Amoroso Lima e o rompimento com o estado novo. In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 4, Mai. 2009 - ISSN 1983-2850, p. 42.

<sup>36</sup> D’AVILA, L. Do Neo-Escolasticismo ao New Criticism: A Intelectualidade Católica Brasileira. In: revista landa Vol. 5 N° 1 (2016), p. 384.

religião no ensino e na proibição de dissolução dos casamentos. Nesse sentido, na pauta dos costumes acabava por se aproximar dos movimentos de direita em formação no período como integralismo, além de se relacionarem na pauta anticomunista. Em especial, manteve uma posição pouco crítica e de relativa proximidade em relação ao governo de Vargas que assumiu o poder a partir da Revolução de 1930, usufruindo da boa vontade do governo diante da Igreja Católica.

Georges Bernanos desembarcou a primeira vez no Rio de Janeiro em agosto de 1938. Naquele primeiro momento a cidade era uma parada rumo ao seu destino final, o Paraguai. O autor foi então recebido para almoçar por Augusto Frederico Schmidt, poeta que trabalhou na biblioteca do Centro Dom Vital, trabalhou com uma livraria católica em torno de 1930 reunindo intelectuais para o debate, além de abrir uma editora em 1931<sup>37</sup>. Em setembro de 1938, ao retornar para o Brasil, Bernanos se instalou por um mês no hotel Botafogo-Majestic na cidade do Rio de Janeiro, em que recebeu visita novamente de Schmitt, dessa vez acompanhado de Alceu Amoroso Lima. Foi a partir dessas duas figuras que Bernanos conseguiu estabelecer seus contatos e círculo de amizade, a princípio na região serrana do Rio de Janeiro e em seguida em Minas Gerais. A rede de amigos de Bernanos era em grande medida composto por escritores ou profissionais liberais católicos como Virgílio de Mello Franco e Edgar Godói da Mata Machado, diretor do *O Diário Mercantil*. A partir dessa rede que Bernanos conseguiu contatos para alugar as suas casas nas cidades mineiras de Juiz de Fora, Pirapora e Barbacena, além de o ajudarem com a tradução de seus textos para o português.

Apesar dessa primeira aproximação de Bernanos com o grupo católico criado em torno de Alceu Amoroso Lima ter sido crucial para sua estadia no Brasil, a relação entre os dois intelectuais não era apenas marcada pela completa cordialidade. Em uma carta direcionada para Lima de 1938, Bernanos criticou a amenidade com a qual o brasileiro se opunha aos regimes totalitários.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Ver: <https://jk.cpdoc.fgv.br/biografia/augusto-frederico-schmidt> último acesso 04/10/2023.

<sup>38</sup> D'AVILA, L. Do Neo-Escolasticismo ao New Criticism: A Intelectualidade Católica Brasileira. In: revista landa Vol. 5 N° 1 (2016), p. 386.

A partir de 1940, Alceu Amoroso Lima se reaproximou de suas posturas liberais da juventude a partir da leitura da obra do católico francês Jacques Maritain *Humanismo integral*, que se preocupava em defender o princípio da liberdade frente ao da autoridade. O pesquisador Candido Moreira Rodrigues defende que Amoroso Lima ao longo dos anos de 1928 e 1946 passou por um processo de transformação se deslocando de uma tradição mais conservadora de pensamento para uma tradição mais democrática associada a defesa da liberdade, o que teria tornado insustentável manter um posicionamento mais neutro diante do governo do Estado novo. Rodrigues mapeou o momento mais evidente dessa ruptura:

“No editorial da revista *A Ordem* de abril de 1945, intitulado “Definição”, Alceu Amoroso Lima se colocou abertamente contra o governo Vargas, criticando a censura e convocando os católicos a lutarem pelo retorno do Brasil ao regime democrático. Neste meio, Alceu denuncia o caráter contraditório de um regime autoritário em luta pela democracia no exterior”<sup>39</sup>

Durante os anos de 1940 e 1944, Bernanos escreveu frequentemente artigos para periódico *O Jornal*, pertencente ao grupo Diário Associados de Assis Chateaubriand. As contribuições mais recorrentes do autor ao periódico começaram por volta de julho de 1940, período em que o exército francês já havia sido derrotado e a instauração do governo colaboracionista de Vichy se iniciava. Durante os próximos três anos em média dois artigos seus eram publicados por mês, com um espaçamento irregular entre eles. A sua produção para *O Jornal* era apresentada pelo autor como uma maneira crucial de se manter financeiramente e de veicular as suas ideias. No tomo dois da coletânea de cartas de Bernanos, é possível identificar que seus artigos era um dos temas de maior recorrência em suas conversas, o autor acionava a sua rede para pedir opinião sobre o que havia escrito ou ainda solicitava ajuda com questões burocráticas como tradução.

Um dos interlocutores mais frequentes de Bernanos no que tange a suas publicações no *O Jornal* era Dario Magalhaes diretor do Diário Associados, responsável por fechar o contrato de exclusividade do escritor francês com o

---

<sup>39</sup> RODRIGUES, C. Por uma nova disponibilidade: o intelectual Alceu Amoroso Lima e o rompimento com o estado novo. In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 4, Mai. 2009 - ISSN 1983-2850, p. 45.

periódico.<sup>40</sup> Um dos artigos de Bernanos em novembro de 1940 foi censurado pelas autoridades brasileiras, o que despertou no autor preocupações de que Dario e Chateaubriand poderiam estar mantendo o contrato com ele apenas por pena ou admiração, temia que essa relação de trabalho poderia trazer mais problemas para o jornal do que leitores.<sup>41</sup> Para além de fazer um papel de intermediação de receber os artigos do autor e de confidente para os momentos de desânimo, Dário Magalhaes era responsável por auxiliá-lo nos contratos com outros veículos de imprensa como o jornal argentino *La Nación*, que no final de 1940 se responsabilizava por publicar dois de seus artigos por mês.

Em alguma medida é possível acompanhar a integração de Bernanos a sociedade brasileira e as suas limitações em tal processo pelas buscas do seu nome nos jornais do período dispostos na Biblioteca Nacional. Ao pesquisarmos os periódicos *O Jornal* e *O Correio da Manhã* entre os anos de 1939-1948, é possível identificar uma série de convites para que Bernanos participasse de eventos sociais como palestras e conferências, em especial na capital. O autor foi convidado pelo ministro da aeronáutica para ser paraninfo do avião Jeanne D'arc e participar do evento de batismo do mesmo.<sup>42</sup> Além disso, foi convidado a proferir uma conferência, no ano de 1943, sob organização da Associação de Cultura Franco Brasileira,<sup>43</sup> além de ter sido convidado a participar do Congresso de escritores em janeiro de 1945<sup>44</sup>. Além disso, ao falecer em julho de 1948 teve duas missas rezadas em seu nome uma na Igreja da Santíssima Trindade convocada pela embaixada francesa no Rio de Janeiro e outra pelos redatores da Revista *A ordem* no Mosteiro de São Bento.

Um dos limites dessa integração ao Brasil pode ser a sua incapacidade ou até indisponibilidade para aprender o português. Durante os sete anos em que residiu no país, o autor apenas conversou e escreveu em francês, precisando que as publicações mensais nos jornais dos Diários Associados fossem traduzidas para o português. As suas primeiras publicações para o *Jornal*, por exemplo, foram

---

<sup>40</sup> BERNANOS, G. para Dario Magalhaes, dia 28 de setembro de 1940 (carta 566), BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948, p. 346-47.

<sup>41</sup> BERNANOS, G. para Dario Magalhaes, dia 16 de novembro de 1940 (carta 566), BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948, p. 351-352.

<sup>42</sup> *O Jornal*. dia 25 de fevereiro de 1943.

<sup>43</sup> *O jornal*. dia 13 de outubro de 1943.

<sup>44</sup> BERNANOS, G. *O Jornal*. dia 27 de janeiro de 1945.

traduzidas para o português por Lucia Miguel Pereira., ensaísta e crítica literária<sup>45</sup>. Essa relação, por sua vez, entrou em conflito após o francês ter optado por não solicitar a ela a tradução de uma série de 6 artigos intitulada *Vocação Espiritual da França*. Essa sequência de artigos teriam o objetivo de responder a afirmação de Assis Chateaubriand de que a França seria uma nação de segunda ordem<sup>46</sup>. Bernanos não solicitou o trabalho de Lúcia para essa sequência de artigos porque quis poupá-la de um possível conflito ético, em se envolver com um trabalho crítico a Assis Chateaubriand. Bernanos em carta para o seu editor na editora Atlântica Charles Ofaire e em outra endereçada a Austregésilo de Athayde explicou a anedota e conflito, revelando a preocupação com o tema e um certo ego ferido.<sup>47</sup> O esforço de tradução também era realizado por amigos de Bernanos como Jorge de Lima que traduziu uma das primeiras contribuições de Benanos para *O Jornal* no ano de 1939, tal como a obra o *Diário de um Pároco de Aldeia* que foi traduzida por Edgar Mato Machado.

As menções ao nome Georges Bernanos no *O Jornal* e no *Correio da Manhã*, em geral, e especialmente, antes do seu exílio no Brasil em 1938, eram associadas a recepção literária da sua obra em que o autor era citado nas colunas de crítica literária de Tristão de Athayde e Álvaro Lins, em cada jornal respectivamente. O autor era muitas vezes associado a um círculo de escritores católicos franceses romancistas como Mauriac e Claudel, além da comparação com o filósofo francês Maritain. Essa última comparação, em especial, era realizada por Alceu Amoroso Lima, muitas vezes sob a alcunha de Tristão de Athayde, que dado a sua trajetória intelectual possuía bastante proximidade com a obra do filósofo francês.

---

<sup>45</sup> Lúcia Miguel Pereira (1901-1959) foi uma ensaísta, biógrafa e crítica literária nascida no Rio de Janeiro. A partir do apoio do amigo Augusto Frederico Schmidt publicou seu primeiro romance intitulado “Maria Luísa” no ano de 1933. Apesar de ter produzido outros romances, a escritora foi mais reconhecida pelo seu trabalho como crítica literária em especial seu trabalho intitulado *Machado de Assis: Estudo crítico-biográfico*. A escritora foi colaboradora dos periódicos Boletim do Ariel, Dom Casmurro, Estado de São Paulo, Correio da Manhã. Lúcia faleceu em 1959 em um acidente aéreo acompanhada do seu marido Octávio de Tarquínio de Souza. Ver verbete na Biblioteca Nacional: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/intelectuais-brasileiros-lucia-miguel-pereira-12-de-dezembro-de-1901-22-de-dezembro-de-1959/> último acesso 14/10/2023.

<sup>46</sup> BERNANOS, G. *O Jornal*. dia 27 de maio de 1942.

<sup>47</sup> BERNANOS a Charles Ofaire, Barbacena, 3 de junho de 1942 (carta 661). BERNANOS, G. Albert(org). *Correspondance* tome II 1934-1948. p. 460-461.

Em 10 e 16 de setembro de 1944, Alceu Amoroso Lima em sua coluna intitulada *Vida Literária* refletiu sobre a produção intelectual de Bernanos, o reconhecendo como um dos pensadores, juntamente com Maritain, que seriam capazes de orientar a reconstrução do futuro da França após a invasão alemã e instauração do governo de Vichy. Alceu Amoroso Lima reconhecia que provavelmente os aliados seriam vitoriosos durante a Segunda Guerra Mundial, porém um novo tipo de conflito estava se estruturando, um embate ideológico entre as democracias europeias e americanas com a União soviética, intitulada por ele como representante das forças totalitárias esquerdistas.<sup>48</sup> Maritain e Bernanos foram, então, apresentados como figuras que poderiam apoiar esse possível embate entre os vitoriosos da guerra, aproximar os polos da direita e esquerda postos para as sociedades.

Alceu Amoroso Lima compreende que em um primeiro momento poderia ser estranho para os seus leitores que Bernanos seja caracterizado por ele como uma figura conciliadora. Afinal, o escritor francês era, em geral, conhecido por seu tom extremista e panfletário, um homem que teria saído da extrema direita, pela sua associação com a Ação Francesa e caiu na extrema esquerda ao criticar as ações do general Franço na guerra civil espanhola. Por esse histórico Bernanos seria uma figura interessante para ajudar a conciliar uma França que se vê dividida em dois extremos, entre a direita e esquerda, que representava assim uma divisão que também se via no mundo. Essa França que, segundo Alceu Amoroso Lima, voltava a ocupar o centro do debate intelectual, após o período de quatro anos e que assim era possível procurar no pensamento francês, que era visto pelo autor como universal, caminhos de resolução para todas as sociedades ocidentais inclusive o Brasil. Alceu Amoroso Lima acredita que Bernanos tinha uma trajetória intelectual nas letras caracterizada pela reflexão sobre a construção de um novo mundo que não fosse marcado por uma revolução de direita totalitária ou por uma revolução comunista.

Alceu Amoroso Lima reforçava a autonomia de pensamento de Bernanos em que ele era capaz de expor suas ideias mesmo que isso significasse romper com aqueles que o apoiavam, como fica evidente pelo trecho a seguir:

---

<sup>48</sup> O jornal, dia 10 de setembro de 1944.

A revolução espanhola foi o sinal dos novos rumos, Acreditou, como muitos de nós, por um momento, que fosse ela a cruzada contra o burguesismo, contra o espírito de comodismo liberal e contra a tirania do dinheiro que o século XIX nos legara. Quando veio a desilusão – e nele veio muito rapidamente por ter visto de perto e ter assistido a cena que cedo lhe abriram os olhos- escreveu os seus primeiros livros de idéias como “La grande peur des bien pensants” e “Les grands cimetières sous la lune”, que representavam um verdadeiro ato de bravura moral, social e intelectual. Eram a ruptura fatal com a maioria daqueles que até então o tinham como vanguardista do seu partido. Nesses livros magníficos e abridores de rumos é que Bernanos ia empreender essa campanha de discernimento que representa, neste momento, a sua maior contribuição a mudança de pensamento contemporâneo particularmente nos meios sociais, culturais e religiosos da chamada Direita, que até então o tinham como seu. Bernanos vinha justamente denunciar a falsa equiparação entre catolicismo e direitismo de um lado, por outro entre esquerdismo e justiça social.<sup>49</sup>

Alceu Amoroso Lima sustentou que em suas primeiras obras polêmicas, Bernanos já articulava as próprias ideias, o que representou um rompimento com a maioria da direita a partir do livro *Os Grandes Cemitérios sob a lua*, uma vez que denuncia católicos por apoiarem as forças franquistas mesmo que isso tenha significado a morte de vários inocentes. Amoroso Lima afirmou que Bernanos buscava diferenciar o catolicismo de uma tradição da direita totalitária, queria restituir a percepção de um catolicismo associado a tradição da liberdade e justiça.

Alceu Amoroso Lima defendeu que seria inapropriado duvidar do catolicismo de Bernanos e que seria pela sua fé católica que deveria-se assentar uma análise da sua personalidade e obra. Além de considerar que Bernanos o homem e escritor não eram distintos, tal como as ideias articuladas em seus romances e textos não ficcionais também possuíam uma continuidade. Bernanos escrevia, segundo ele, como falava, com a mesma intempestividade e dinamismo, seus romances eram como conversas e suas obras de combate uma extensão dos seus artigos de jornal.

A produção de livros e artigos de caráter panfletário foram o foco de Bernanos ao longo da sua estadia no Brasil, publicando apenas um romance, *Monsieur Quine*, no ano de 1943 pela Plon. As reflexões apresentadas nas obras *Scandale de La Vérité*, *Nous autres Français*, ambas impressas no ano de 1939 pela Gallimard, *Carta aos ingleses*, publicada pela editora Atlântica em 1942 e *A França Contra os robôs*, pela editora Robert Laffont, 1947 não se distanciam dos argumentos articulados em seus artigos mensais para o diário associados.

---

<sup>49</sup> Ibid.

As obras elaboradas no ano de 1939, já estabeleciam Bernanos como um autor crítico do mundo moderno, pelo seu olhar pessimista para a realidade. Porém, a partir do ano de 1940, as suas obras e artigos estabeleciam como grande sintoma dessa crise moderna, a derrota da França na Segunda Guerra Mundial. Os artigos elaborados para *O Jornal* eram caracterizados por se sustentarem em poucas referências aos acontecimentos políticos e militares da França, assim não poderiam ser considerados uma cobertura completa do desenrolar do conflito mundial no que tange aos fatos. Os artigos de Bernanos se caracterizavam por um tom mais ensaístico, em que abordava temas como guerra total, revolução, defesa da tradição francesa e crise do mundo moderno.

Bernanos no artigo *Ordem e Revolução*, publicado no *O Jornal* no dia 14 de março de 1941, considerava que um dos elementos que justificariam a derrota francesa seria a ação de uma elite católica que por temer a perda do seu privilégio optaram por aceitar o armistício com a Alemanha e desistiram de um conflito armado que defenderia a integridade da França. Bernanos apresentava assim uma importante distinção do que seria uma revolução e o que seria uma revolta, criticando aqueles que temiam as revoltas e permitiam sem perceber a instalação de uma revolução perigosa do espírito alemão:

Admitte-se de bom grado que os Poderes espirituais venham, ha dois séculos, partilhando os legítimos temores dos governos temporaes ameaçados pela Revolução. Commetieram apenas, uns e outros, o erro de tomar a palavra “revolução no seu sentido mais banal, mais vulgar: o de revolta, de rebelião. A Revolução como a febre não é doença. Embora a maior parte das doenças seja acompanhada por esse symptoma.<sup>50</sup>

Bernanos seguiu com a analogia e comenta que cabe aos policiais não lidarem no dia a dia das ruas com a doença maior da revolução e sim lidarem com as revoltas, buscando impor uma certa ordem. Mas teria que estar vivendo sob uma civilização muito corrupta para que os poderes espirituais e até os governos atuem como policiais. Bernanos olhava para o caso da derrota francesa como um caso policial, em que as elites em busca de manter o seu poder diante de ameaças de revoltas da população local fizeram um pacto com os alemães, sem considerar os perigos reais de uma revolução maior em curso, da possibilidade de instauração

---

<sup>50</sup> BERNANOS, G. *Ordem e Revolução*. O JORNAL, dia 14 de março de 1941.

de uma influência alemã na França, instauração de uma forma alemã de olhar para a vida, o que para o autor seria uma tragédia cultural.

Quando digo, por exemplo, que à força de tudo sacrificar à ordem material, à ordem nas ruas, a segurança dos proprietários, se chega primeiro à desordem e em seguida, à demissão das consciências, emito uma ideia absolutamente simples; (...) Assim, os horribéis massacres de Barcelona, em 1936, conseguiram como por milagre- um milagre a que não forma estranhos os serviços de propaganda totalitária- a quasi unanimidade da opinião catholica universal.<sup>51</sup>

Bernanos, então, comparava a situação da França com a da guerra civil espanhola em que em nome da manutenção dos privilégios de poder, a opinião católica permitiu a instauração de um governo de caráter totalitário na Espanha. O autor comentou como o esforço de propaganda de Franco mobilizava imagens de revolta tradicionais como incêndios e pilhagens para o convencimento. Porém, Bernanos sustentou que as revoluções mais perigosas são aquelas que não mobilizavam de maneira imediata a violência, por serem mais silenciosas e sem o seu sintoma de revoltas não despertam uma reação imediata. Nesse sentido o autor afirmava: “Mas a devastação de todo o planeta, se fosse amanhã empreendida por um governo regular, utilizando técnicos de uniforme, não provocaria, sem dúvida, por parte das autoridades espirituais senão uma dessas “offensivas diplomáticas””<sup>52</sup>. Estratégias que não seriam capazes de conter as mudanças na sociedade.

Bernanos estabelecia assim de maneira recorrente críticas as autoridades francesas políticas e espirituais por não terem sido capazes de liderar a França frente a iniciativa alemã em termos militares, o que permitiu a invasão do país, mas também serem pouco competentes em resistir a influência alemã em termos culturais permitindo a instauração de um governo orientado pelas decisões de um país estrangeiro, além da mudança do simbólico lema do Estado francês originário da revolução francesa: Liberdade, igualdade e fraternidade. Bernanos expressava um temor que após a Segunda Guerra Mundial, independente do resultado seria instaurado uma lógica totalitária de poder, de controle por parte do governo das liberdades individuais, em todos os países, mesmo em governos reconhecidamente democráticos.

---

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> Ibid.

Bernanos no artigo intitulado *A Guerra Total* publicado no dia 22 de fevereiro de 1941 expressou uma preocupação de que a lógica total presente na guerra se mantivesse no período posterior a ela, de que se instaurasse uma paz total. Bernanos argumenta que a Segunda Guerra Mundial deveria ser caracterizada como um novo tipo de guerra, seria uma guerra total, por manifestar todo o instinto de destruição. O autor argumentou que a guerra do mundo antigo não podendo se valer de todo potencial destrutivo teria disciplinado esse instinto com o uso de leis, transformando esse instinto em um jogo político, um último recurso. Nesse sentido, considerava que tais leis teriam reduzido o número de mortes e inclusive possibilitou que a guerra fosse considerada uma “(...) escola de abnegação, de cortesia recíproca, de respeito aos fracos e à infelicidade, e até, por vezes, de santidade.”<sup>53</sup> Nesse sentido retoma os exemplos de Joana D’arc e Inácio de Loyola ambos teriam participado do exército e santificados, a primeira pela sua devoção inclusive militar e o segundo pelas suas ações na Companhia de Jesus.

Porém, o processo de participar de uma guerra total seria distinto, estaria desassociada da possibilidade de santificação ou respeito aos fracos, ele afirmou:

(...)mas quando, daqui a dez anos ou daqui a cem anos, os futuros aviadores, operando na estratosfera, puderem, quase sem risco, destruir pelos gases zonas inteiras de território, aniquillar toda vida, até a das plantas, como imaginar um desses sinistros executores, tão inconscientes como os carrascos, consagrando a Nossa Senhora sua última bomba de veneno?<sup>54</sup>

Essa guerra total seria para Bernanos nomear de guerra o que na verdade seria completo instinto de destruição, que estava naquele momento sendo assessorado pelo avançar da ciência e da inteligência humana. Nesse sentido, a guerra total não seria um acaso seria a abnegação da espécie humana livre ao determinismo biológico.<sup>55</sup> Então, afirmou que temia que após a guerra total a lógica de uso total de recursos para o domínio e controle não cessasse, “(...) que a paz total que seguirá a guerra total, não diferirá desta senão pelos métodos de escravização, de esmagamento, de destruição dos fracos (...)”<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> BERNANOS, G. *A Guerra total*. In: O jornal, dia 22 de fevereiro de 1941.

<sup>54</sup> *Ibid.*

<sup>55</sup> Nesse trecho parece associar determinismo biológico a ideia de seguir de maneira pouco consciente os seus instintos como o da destruição e o instinto sexual também explorado nesse artigo.

<sup>56</sup> *Ibid.*

Bernanos estabeleceu em seus artigos de jornais críticas ao mundo moderno a partir do contexto da derrota francesa na Segunda Guerra Mundial e tinham uma grande preocupação nesse processo de denunciar as elites temporais e espirituais francesas que não se atentarem para uma ameaça maior apresentada pela lógica de um regime totalitário da ameaça das liberdades. Bernanos estabelecia essas duras críticas, no contexto dos anos de 1940 e 1941, mesmo antes do governo do Estado Novo de Vargas assumir o seu apoio direto aos aliados no ano de 1942.

A produção desses artigos críticos ao governo nazista totalitário e aos governos fascistas da Itália e da Espanha, em um contexto de governo autoritário brasileiro, acabou significando que o autor passava pela censura brasileira. Os seus funcionários, por sua vez, dialogavam com a embaixada francesa de Vichy durante esse processo de escrutínio. Bernanos endereçou uma carta ao embaixador francês no Rio de Janeiro, Jules Henry, em julho de 1940 questionando-o sobre esse processo de censura.<sup>57</sup> O autor afirmou que acreditava que era a partir da intervenção do embaixador que a maior parte dos seus artigos eram suprimidos pela censura brasileira. Comentou que acionou uma rede de conselheiros brasileiros para analisarem um dos seus próximos artigos para *O Jornal* para evitar a ação da censura brasileira, então, se mesmo assim esse artigo não pudesse ser publicado na sua integridade significaria uma intervenção direta do embaixador. Bernanos argumentava que caso quisesse eliminar todos os textos que não compactuassem com o interesse do governo de Vichy ou com o seu espírito, seria uma maneira de instaurar em solo brasileiro a censura do governo francês.

Em uma carta endereçado ao seu colega e editor na Atlântica Charles Ofaire de janeiro de 1942 evidencia a preocupação e cuidados de escrever sob um regime que adotava a prática da censura<sup>58</sup>. Bernanos envia de forma anexada a carta um artigo para análise de Charles, perguntando se achava necessário cortar o último parágrafo que fazia referência a estados totalitários. Esse corte teria sido uma sugestão do diretor do *O Jornal* Dario de Magalhaes como uma maneira de

---

<sup>57</sup> Bernanos a Jules Henry, carta 557, julho de 1940. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P.333.

<sup>58</sup> BERNANOS para Charles Ofaire, carta 647, janeiro de 1942. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P.443.

evitar que o artigo fosse censurado. Particularmente, o artigo em questão não foi censurado e foi publicado com o último parágrafo no O Jornal do dia 5 de fevereiro de 1942, com o título São Tartufo.

Bernanos não era o único exilado europeu no Brasil no campo da literatura. Se considerarmos a sua produção de artigos é possível identificar dois autores com os quais estabeleceu um contato direto, Stefan Zweig e Otto Maria Carpeaux.

Zweig nasceu em Viena no ano de 1881 em Viena, em uma família de origem judaica. Na juventude cursou filosofia e aos 19 anos conseguiu ter o seu primeiro livro de poesia publicado. Esses primeiros anos foram marcados pela experiência de viver uma sociedade austríaca marcada pelo cosmopolitismo. Apesar dos anos de nacionalismo acerbados durante a Primeira Guerra Mundial, o autor teria vivido entre os anos de 1924 e 1933 um período de tranquilidade anterior as tragédias que caracterizaram a sua geração, também foi o seu período de maior sucesso profissional, antes de que seus livros passassem a ser proibidos com a ascensão do nazismo.<sup>59</sup>

Em 1938, decidiu deixar a Áustria de maneira definitiva e exilou-se na Inglaterra. No ano subsequente o escritor virou um apátrida, já que a Áustria foi anexada pela Alemanha que não reconhecia cidadania para aqueles de ascendência judaica e o seu antigo país desaparecera. Essa condição estimulou um processo de busca por uma cidadania inglesa, de maneira concomitante o autor solicitou a naturalização brasileira. No ano de 1941, Zweig obteve um visto de moradia permanente no Brasil.

Zweig viajou para o Brasil duas vezes antes de se instalar no país de maneira definitiva em 1941. No ano de 1936, conheceu o Rio de Janeiro e São Paulo, destinos que fizeram parte de uma viagem para a Argentina. Já em 1941, o escritor austríaco viajou durante seis meses pelo país passando por São Paulo, Belo Horizonte, Minas Gerais, Recife e Salvador, momento em que começou a redigir o livro *Brasil, país do futuro*, publicado no ano de 1941. No ano seguinte, Zweig se estabeleceu de maneira permanente no Brasil na cidade de Petrópolis,

---

<sup>59</sup> PARADA, M. Reinvenções de si: o exílio como deslocamento e crítica. In: Projeto História, São Paulo, n. 53, Mai.-Ago. 2015, p. 111

com uma experiência de exílio marcada pela perseguição política e pela errância. Apensar de Zweig reconhecer, de maneira utópica, o Brasil como o país do futuro, em que seria possível viver com respeito as diferenças raciais,<sup>60</sup> foi na região serrana do Rio de Janeiro, que no dia de 22 de fevereiro, se suicidou junto da sua mulher.

Bernanos escreveu em fevereiro de 1942 um artigo sobre a morte de Stefan Zweig que pode ser encontrado no seu livro *Le Chemin de la croix-des-âmes*. Nesse artigo, Bernanos visou tratar das implicações da morte de Zweig reforçando o quanto o seu suicídio não assumiu um caráter privado, que toda a mídia buscou cobrir todos os detalhes daquele processo. Bernanos considerava que o ato de suicídio de Bernanos em uma escala maior o representava como escritor e que para todos aqueles que o consideravam um mestre a sua morte seria um ato de perda de esperança. Apesar de admirar Zweig pela sua obra considerava que seu ato de suicídio foi problemático não pela perda da sua vida em si, o que teria uma maior dimensão no plano privado, mas pelo impacto na esperança daqueles que o seguiam. Em alguma medida, a morte de Zweig virou um pretexto para que Bernanos dissertasse sobre o compromisso da profissão de escritor de forma mais abstrata.

O autor francês considerava que um escritor deveria se posicionar sobre os acontecimentos políticos de maior relevância, tais como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e criticou Zweig por se eximir de tal posicionamento. Nesse sentido, a sua escrita marcada pela angústia e tristeza, seguida do ato de suicídio, contribuiria, segundo Bernanos, com um desânimo do povo e de quem era seu leitor, estimularia um sentimento de recusa. O papel do escritor de denúncia social se fazia ainda mais relevante em um contexto do século XX, em que as autoridades religiosas não assumiam mais tal tarefa se restringindo a um papel de conduzir os sacramentos e de proferir reflexões teológicas. A partir desse ponto de vista, Bernanos finalizou seu artigo deixando claro que estava em luto pela morte do escritor austríaco, mas que considerava relevante assumir as ressalvas pela

---

<sup>60</sup>CARVALHO, V. Brasil, um país do futuro: projeções religiosas e leituras sobre um mote de Stefan Zweig. In: Horizonte: Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 30-42, dez. 2006.

postura adotada em vida por ele, se distanciando assim da maior parte da cobertura dos veículos de imprensa que apenas teceram elogios a sua obra.<sup>61</sup>

Uma segunda polêmica mais explícita com a qual Bernanos se envolveu nas páginas do *O Jornal* foi com o também exilado Otto Maria Carpeaux, no ano de 1944. Nascido em Viena em 1900, filho de pai judeu e mãe católica. A trajetória do intelectual foi marcada por uma extensa formação acadêmica<sup>62</sup> nas áreas das humanidades como filosofia, sociologia, literatura. Na década de 1930 contribuiu de maneira recorrente para jornais e revistas, para além de publicações de livros como *Catolicismo e nacionalismos na França* e *As confissões católicas e protestantes nas origens e na evolução da literatura alemã moderna*.

Após a invasão alemã à Áustria em março de 1938, Carpeaux começou um processo de deslocamento e fuga passando pela Itália, Suíça e Bélgica. Na embaixada brasileira na cidade da Antuérpia, Carpeaux conseguiu um visto permanente e em 10 de setembro de 1939, desembarcou no Brasil. Dentro de um ano o escritor já falava português e veio a compor o corpo editorial do jornal *Correio da Manhã* e publicar suas reflexões sobre crítica literária na série *História da literatura Ocidental* (oito volumes, 1947). Carpeaux em pouco tempo conseguiu impactar o círculo intelectual carioca, tal como Koifman afirma a seguir:

A recepção positiva ou o impacto da chegada de Carpeaux no meio intelectual do Rio de Janeiro é percebida pelo número expressivo de vezes que o jornalista passou a ser citado nos mais diferentes textos, especialmente nos jornais, mas também em livros, publicados naquele momento e nas décadas posteriores. Dois exemplos dessa boa receptividade foram os artigos publicados na imprensa carioca por Gilberto Freyre e Vinícius de Moraes, o primeiro no *O Jornal* na edição do dia 14 de abril de 1942 e o segundo no diário *A Manhã*, em 17 de julho de 1942.<sup>63</sup>

No ano de 1944, Otto Maria Carpeaux e Bernanos fizeram parte de uma polêmica estruturada por uma série de seis artigos. A desavença entre os dois foi iniciada pelo artigo de Carpeaux intitulado *Traduções* do dia 20 de janeiro. Nesse

---

<sup>61</sup> Bernanos, Georges; Rougon-Jablonski, Irene. *Georges Bernanos - Romances e ensaios completos* (edição francesa) (p. 2273). Edição Kindle.

<sup>62</sup> "Doutor em filosofia pela Universidade de Viena, cursou também as Universidades de Leipzig (ciências matemáticas), de Paris (filosofia e sociologia) e de Nápoles (literatura comparada), e a Escola Superior de Política e Sociologia de Berlim." CF: KOIFMAN, F. *Cidadão carioca: a naturalização de Otto Maria Carpeau*. In: *Intellèctus*, ano XIV, n. 2, 2015, p. 169-188.

<sup>63</sup>Ibid.180

Carpeaux criticava o fato de que a maior parte dos livros estrangeiros a entrarem no mercado editorial brasileiros serem de origem francesa e que autores de outras nacionalidades como alemães ou russos adentravam o mercado a partir de traduções do francês e não a partir das suas línguas originais. A França seria assim, segundo Carpeaux, a intermediária entre a América Latina e o mundo. O seu objetivo seria dar mais espaço para autores de outras línguas no Brasil e se afastar de um predomínio literário francês.

Para fundamentar a sua crítica, sustentou que a cultura francesa poderia ser muito fechada em si, com pouca abertura para outras culturas e tradições, além de buscar medir o que era produzido em outros lugares do mundo a partir dos seus critérios. Nesse sentido, concluiu que a cultura francesa poderia ser muito profícua e positiva para dentro da França, porém para o resto do mundo a sua influência era funesta.

Bernanos, por sua vez, redigiu um artigo no dia 12 de fevereiro intitulado *As disciplinas do espírito* como resposta ao texto previamente apresentado. Bernanos optou por dois caminhos na sua argumentação: descredibilizar a figura de Otto Maria Carpeaux como intelectual e crítico literário e buscou defender a cultura francesa como uma influência produtiva para a humanidade, em especial no contexto da Segunda Guerra Mundial. Bernanos sustentou que Carpeaux argumentava que a cultura francesa era excessivamente fechada por não compreender que na verdade a cultura francesa era distinta de um espírito judeu. Segue-se um trecho do artigo de Bernanos em que é possível identificar o uso de uma série de conceitos prévios e associações racistas utilizados para se referir aos judeus no período como o do comerciante aproveitador ou ainda a noção de praga, parasita:

O que o sr. Carpeaux exproba à cultura a minha terra é precisamente de ser um lar, uma casa- domus-morada, uma vivenda, e não um refúgio aberto a todos os ventos para os vagabundos, os parasitas de todas as culturas, que não tiveram nunca outra pátria no mundo, à maneira dos prestamistas judeus, senão a maleta recheada de amostras disparatadas, idéias apanhadas aqui e ali ao acaso dos albergues do pensamento, e com a qual, cada etapa, tentam aliciar os transeuntes.

<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> BERNANOS, G. “As disciplinas do espírito”. In: O jornal, 12 de fevereiro de 1944.

Bernanos, em diferentes momentos do texto lembrava que Carpeaux era judeu, então a problemática defesa da cultura francesa a partir da distinção do espírito do judeu se torna uma crítica direta ao crítico.

Bernanos afirmou que a comparação de Carpeaux de que a civilização francesa seria um filtro seria precisa, afinal a cultura francesa eliminaria impurezas, impediria que fossem “(...) atingidos agora pela peste, a cujo contágio agonizarão amanhã os enormes rebanhos totalitários pretos, pardos ou vermelhos.”<sup>65</sup> Assim, Bernanos afirmava que frente a influência e ameaça totalitária nazista e da esquerda soviética seria importante afirmar a cultura francesa que poderia se antepor ao espírito da servidão e tirania econômica, social e militar.

Carpeaux buscou responder as falas de cunho antissemita de Bernanos a partir do artigo de mesmo título *As disciplinas do espírito* em 13 de fevereiro. Diante da falta de retorno do escritor francês, Carpeaux redigiu um segundo artigo intitulado *Discussão e Terrorismo* no dia 16 de abril. Ambos os artigos denunciam Bernanos por suas falas de caráter racistas, comentando como ele estaria assim mais próximo dos nazistas que tentava combater do que distante. Bernanos estaria assim agindo de maneira contrária a luta com a qual se comprometera. Carpeaux nesse momento recuperou uma trajetória de Bernanos participante da Ação Francesa e do *Camelots de roi*, o momento em que o escritor francês poderia ser caracterizado como crítico a Dreyfus e apoiava o discurso de Drumont. Além disso, convocou o escritor francês a comprovar com documentos a acusação elaborada em seu artigo de que era um fascista colaborador do governo austríaco de Dollfuss.

Por fim, Bernanos redigiu uma resposta direta ao artigo de Carpeaux com um texto de mesmo título *Discussão e Terrorismo* em 05 de maio. No final do mês de maio provocado por supostas reclamações dos leitores Bernanos buscou defender as ideias apresentadas anteriormente, buscando fugir da alcunha de racista, no artigo *O espírito judaico e alemão* do dia 25. Nele quis se defender das acusações de ser antissemita a partir de três argumentos. Primeiro, buscou descredibilizar o próprio termo antissemita que não faria muito sentido para o

---

<sup>65</sup> Ibid.

autor considerando que os árabes também eram um povo semita, faltando precisão no termo. Em seguida, lista dois amigos no Brasil que eram judeus, um deles era religioso e alemão, um segundo já falecido em combate pela França, não sendo de nenhuma religião, mas um exemplo para a humanidade. Bernanos mobilizou essa estratégia de negar seu racismo a partir da proximidade de judeus, porém sem não antes lembrar que estava desde 1938 restrito ao seu círculo de amigos íntimos que o teriam recebido no Rio de Janeiro, o que não necessariamente auxiliou o discurso do autor. Por fim, Bernanos sustentou que não poderia ser chamado de racista apenas por reconhecer existir raças no mundo, afirmou que segundo a Igreja, da qual era adepto, racismo era a crença:

“(...) que pretender distinguir entre as raças superiores por essência e as raças inferiores destinadas da servir as primeiras, ou a ser exterminadas por elas. Este racismo ou nazismo alemão, ou Ku-Klux-Kan americano, nunca foi, para um francês senão uma monstruosidade nojenta.”<sup>66</sup>

Essa sequência de artigos indica o envolvimento do escritor francês na imprensa brasileira, como se envolveu em debates localizados e dialogava com outros escritores do período. No caso é possível identificar alguns de seus temas recorrentes como a defesa da tradição francesa como maneira de combate a ameaça totalitária, porém sem deixar de mobilizar seus preconceitos antissemitas, repertório que o acompanha desde a juventude.

### **3.3 Exílio brasileiro associado a busca pela identidade francesa**

Em seus escritos de combate, Bernanos se referiu pontualmente a sua vivência como exilado, porém não necessariamente desenvolveu um pensamento sistematizado sobre o tema do exílio, generalizando os impactos que essa experiência pode ter na produção literária ou ainda na subjetividade de cada pessoa que migra. Considerando o tema, Bernanos afirmou no livro *Les enfants humiliés*:

“E ainda mais raramente escrevi essa do exílio, esta palavra exílio é grande demais para mim. Sou feito de uma matéria grosseira, minha lealdade ao meu país é aquela dos animais e das árvores: se o clima não nos faz murchar e morrer, não temos nada a temer de influências mais sutis, dos climas caros ao Sr. André

---

<sup>66</sup> BERNANOS, G. “O espírito judaico e alemão”. O jornal, 25 de maio de 1944.

Maurois. Quem sofre de exílio já sofre de uma partilha inconsciente, quem se defende contra o desprendimento, já está desprendido.”(tradução livre).<sup>67</sup>

Ao afirmar que o tema seria muito grande para ele, é possível identificar que Bernanos temia tecer um argumento mais denso sobre o exílio e sobre viver como um exilado. Em seguida afirmou que sua identificação com a sua pátria era forte o suficiente para sobreviver a interferências externas, mas que mesmo assim o exilado sofre com alguma forma de dissociação com o seu país de origem. O ato de se defender contra essa dissociação em si já seria uma forma de distanciamento. Assim, Bernanos apontava para os impactos do exílio em sua vida.

A partir da leitura de alguns dos seus escritos de combate, conferências e cartas, elaborados enquanto residia no Brasil, é possível inferir a percepção de Bernanos sobre a sua experiência de exílio em terras brasileiras e identificar os impactos de tal vivência na sua produção literária e em seu engajamento político. Em um dos artigos que compõe o livro *Le Chemin de la Croix-des-âmes*, título que inclusive remete ao nome da propriedade em que viveu na cidade mineira de Barbacena, Bernanos afirmou:

Deixei meu país em 1938, deixei-o livremente, não fui expulso, nem fugi dele, como tantos outros que agora esperam apenas o apito dos mestres para voltar. Eu não o deixei para umas férias agradáveis e proveitosas. Vivi longe das cidades, posso até dizer longe da última cidade, mais além da última estação ferroviária, no coração desta floresta brasileira que é, nove meses por ano, apenas um deserto de árvores queimadas e cujas vacas selvagens traçam elas mesmas os caminhos. Deixei meu país porque a verdade tinha ali se tornado estéril, porque a liberdade de expressão foi rapidamente sufocada..<sup>68</sup>

A experiência de exílio foi descrita como um ato intencional de busca pela liberdade e pela possibilidade de comunicar a verdade. O ato de vir para um país

<sup>67</sup> BERNANOS, G. **Les enfants humiliés** p. 2616. « *Et j'ai plus rarement encore écrit celui d'exil, ce mot d'exil est trop grand pour moi. Je suis fait d'une matière grossière, ma fidélité à mon pays est celle des bêtes et des arbres : si le climat ne nous fait pas dépérir et crever, nous n'avons rien à craindre d'influences plus subtiles, des climats chers à M. André Maurois. Qui souffre de l'exil souffre déjà d'un partage inconscient, qui se défend contre le détachement est déjà détaché.* »

<sup>68</sup> BERNANOS, G. **Le Chemin de la croix-des-âmes**, p. 2174 “*J'ai quitté mon pays en 1938, je l'ai quitté librement, je n'en ai pas été chassé, je ne l'ai pas fui non plus, comme tant d'autres qui n'attendent aujourd'hui qu'un coup de sifflet des maîtres pour y rentrer. Je ne l'ai pas quitté pour d'agréables et profitables vacances. J'ai vécu loin des villes, je puis même dire loin de la dernière ville, au-delà de la dernière station de chemin de fer, en plein cœur de cette forêt brésilienne qui n'est, neuf mois sur douze, qu'un désert d'arbres calcinés et dont les vaches sauvages tracent elles-mêmes les chemins. J'ai quitté mon pays parce que la vérité y était devenue stérile, parce qu'une parole libre y était aussitôt étouffée.* »

da América Latina, porém, não foi associado a um curto período de férias, em que se desfrutaria de aventuras de se viver em um lugar distinto da realidade europeia que poderia ser caracterizado como exótico. Bernanos reforçava o ponto de que o seu exílio não foi glamuroso, marcado por um isolamento dada a distância da costa e da capital do Rio de Janeiro, representado aqui pela expressão última estação de trem. Nesse sentido, o isolamento não seria apenas marcado por uma distância espacial, mas por uma distância de uma suposta cultura universal, marcada pelo domínio do homem sobre a natureza. Nesse trecho, o autor francês chamou atenção para a falta de elementos técnicos como estradas de ferro e ainda uma natureza inhóspita, marcada por árvores descritas como carbonizadas e desérticas, em que as vacas selvagens eram responsáveis por mapear os caminhos e não a ação humana. Assim, é possível afirmar que o exílio para Bernanos foi uma experiência contraditória. Se, por um lado, poderia ser a possibilidade de colocar em prática a liberdade de expressão que lhe era tão cara, também significava o apartamento da cultura e imersão em uma natureza que o agonizava, isolava e, como veremos, inspirava a reflexão.

No livro *Carta aos Ingleses*, o autor francês formulou um prefácio em que se dirigiu diretamente aos leitores brasileiros, no qual sustentou que a sua relação com o país se alterou conforme o tempo:

Para mim o Brasil não é o hotel suntuoso, quase anônimo em que deixei minha mala enquanto esperava rever o mar novamente, e voltar para casa: é meu lar é minha casa, mas ainda não acho que tenho o direito de lhes dizer (...) mas parece-me que começo a compreendê-lo<sup>69</sup>

A princípio, o país que era visto como um hotel, como um local de residência temporária, transformou-se em um lar que aos poucos passou a ser mais compreendido pelo autor. Essa compreensão, segundo a argumentação do autor, em parte estaria associada ao tempo em que passou no Brasil, mas também ao espaço que procurou ocupar, afinal, não se restringiu a viver no litoral e nas capitais desfrutando da sua fama como escritor, mas buscou conhecer o seu interior. Bernanos narrou que:

Deixei meu país, pois nada mais tendo a lhe dar, recusar-me-ia a receber dele o que quer que fosse. Deixei-o mesmo sem saber ao certo em que país da América refaria um lar, nem como alimentaria os meus. Queria apenas fermentar a minha culpa em um canto perdido dessas terras sem limites, pois não me viram nas

---

<sup>69</sup> BERNANOS, G. *Carta aos Ingleses*. p.7.

idades douradas da costa, aqui não levei a vida de cabotino literário em conferências, não cunhei meu exílio, não dei minha tristeza ao espetáculo.<sup>70</sup>

Nesse trecho em particular é possível perceber o sentimento de incerteza e de tristeza que marcou o deslocamento de Bernanos para a América Latina. O autor reforçou que buscou viver isolado no interior do Brasil, distante das cidades douradas, como uma maneira de lamentar a sua culpa. O autor em diferentes trechos de sua obra associou esse sentimento de culpa ao cenário de decadência da civilização europeia sintetizada por dois eventos: a anuência aos acordos de Munique e a ocupação nazista na França.

Além desse sentimento de tristeza, o deslocamento para o Brasil foi marcado por uma busca de retorno a França, especialmente e culturalmente. Em especial, a natureza brasileira foi descrita por Bernanos como um ponto de estranhamento:

Quando percorri pela primeira vez essas paisagens de colinas que, do Rio à capital verdejante de Minas – e ainda mais além, até os confins do Sertão, até a minúscula floresta, infinita-, subindo e descendo sob o olhar, em um movimento mais lento, mas idêntico ao do mar, procurava descobrir alguma coisa que se parecesse com as aldeias do meu país; e, frequentemente, não encontrava senão casas solitárias, com os campos de milho com espigas desiguais invadidas pelas matas, bananeiras destruídas pelo vento e penachos de bambu tão orgulhosos e quase tão vãos quanto as grandes metáforas de Claudel. E, então, vinham-me à boca – infelizmente! – os “deveríamos”, “precisaríamos”, “poderíamos ter feito”, “deveríamos ter feito” da ignorância pretensiosa. Mas acabei por compreendê-los, oh camponeses tão diferentes dos nossos e, no entanto, tão idênticos, pois nasci para amá-los. Quem os julga apenas pelo trabalho de suas mãos julga-os mal, absurdamente. A terra do meu país é uma terra amiga do homem. A sua não é inimiga, certamente, mas os ignora; vocês estão sozinhos diante dela, sem aldeias, sem vizinhos, com suas pobres famílias. Convém antes domesticá-la, torná-la familiar.<sup>71</sup>

Bernanos buscava de maneira frustrada pontos de contato entre a natureza brasileira e a natureza francesa. As diferenças não se limitariam ao ponto estético e sim ao que a natureza ofereceria para a sociedade brasileira. Bernanos via a natureza francesa como aquela que possibilitou o desenvolvimento da sociedade, uma natureza parceira do homem, enquanto a natureza brasileira seria inóspita. A natureza brasileira era vista como extensa, como aquela que invade e destrói casas, aquela que precisa ser familiarizada, domesticada. Bernanos, ao falar dessa

---

<sup>70</sup>Ibid. p.26.

<sup>71</sup> Ibid. p. 14 e 15.

natureza não explorada pelos brasileiros e ao usar de maneira constante o termo sertão - que remete na cultura brasileira a uma noção de ausência de homens -, indicava operar com critérios eurocêntricos de civilização universal e, de maneira velada, indicava o aspecto selvagem do Brasil. Porém, para além desse aspecto de estranhamento e identificação de distância com a sua pátria, a natureza brasileira em alguma medida reforçou o sentimento de isolamento de Bernanos, próprio da sua condição de exilado:

Quando cai a noite nesta terra tropical que mal conhece o homem, sem passado, sem lembranças, e no entanto tão pobre sob o sol inabalável, desgastado até os ossos, até seu esqueleto de ferro, por sua vegetação irrisória e inútil, de árvores retorcidas, deformadas, tetânicas, com o coração lotado de formigas, gramíneas afiadas, flores sem sangue, — esta terra desgastada antes de ter servido, pergunto-me se realmente ultrapassei a margem da solidão depois da qual todo o retorno é fechado. Então um vento começa a soprar, do nada, caído do céu, absolutamente alheio a este país, ao qual a folhagem responde apenas com um ruído metálico, e os sapos dourados com um breve e pouco audível espasmo de suas gargantas de cristal. De repente penso que toda solidão tem sua saída, mas que deve ser encontrada mais adiante, que se deve encarar a solidão, à medida que se encara a noite, até o amanhecer.<sup>72</sup>

Essa natureza descrita pelo sol devastador, por árvores retorcidas, inúteis e cheias de insetos, reforçaria, segundo Bernanos, o seu sentimento de solidão. Ele indicou que talvez fosse importante reforçar esse sentimento, como se o isolamento pudesse cumprir alguma função. Max Milner indica no prefácio do livro *Exil, errance et marginalité dans l'œuvre de Georges Bernanos* uma interessante chave de leitura para essa agonia solitária:

No entanto, por ter sido livremente escolhido, o exílio de Bernanos não se limita aos sofrimentos do expatriamento, nem às ruminções da honra ferida. Há também que a distância favoreça a meditação: “É no silêncio e na solidão que se encontra a si mesmo - que se encontra a verdade de si mesmo”<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> BERNANOS, G. **Les enfants humiliés**. p. 2630/ 2631. *Quand le soir tombe sur cette terre tropicale qui connaît à peine l'homme, sans passé, sans souvenirs, et pourtant si pauvre sous l'inébranlable soleil, usée jusqu'à l'os, jusqu'à son squelette de fer, par ses végétations dérisoires, inutiles, d'arbres tordus, grimaçants, tétaniques, au cœur plein de fourmis, d'herbes aiguës, de fleurs exsangues, — cette terre usée avant d'avoir servi, je me demande si j'ai vraiment dépassé la marge de solitude après quoi tout retour est fermé. Puis un vent se met à souffler, venu de nulle part, tombé du ciel, absolument étranger à ce pays, auquel les feuillages répondent seulement par un cliquetis métallique, et les crapauds dorés d'un bref spasme, à peine audible, de leur gorge de cristal. Je pense soudain que toute solitude a son issue, mais qu'il faut la trouver plus avant, qu'il faut remonter la solitude, ainsi qu'on remonte la nuit, jusqu'à l'aurore.*

<sup>73</sup> MILNER, M. **Preface**. In: *Exil, errance et marginalité dans l'œuvre de Georges Bernanos*. p 29. *Cependant, parce qu'il fut librement choisi, l'exil de Bernanos ne se résume pas aux souffrances du dépaysement, ni aux ruminations de l'honneur blessé. Il y a aussi que l'éloignement favorise la*

A solidão do exílio em terras do sertão mineiro permitiu que, mais do que apenas ruminar diante da derrota vivida pelo seu país para a Alemanha nazista em 1940, Bernanos conseguisse meditar, olhar para si mesmo. Essa chave de leitura da solidão como a possibilidade de meditação é relevante se consideramos que Bernanos não abandonou a sua produção literária nos anos em que se manteve no Brasil, conseguindo não apenas concluir o romance *Senhor Ouine*, que começara a escrever ainda em 1931, mas redigir uma série de ensaios em formato de artigos de jornais e livros, além de correspondências, textos para conferências e reflexões de cunho mais pessoal em seu diário publicado sob o título *Les enfants humiliés*.

Essa solidão foi também a possibilidade de refletir de maneira sistematizada sobre a sua pátria. Essa reflexão é uma das questões que em um primeiro momento leva ao estranhamento em relação a realidade vivida no Brasil, mas também é uma proximidade em relação a essa terra, tal como afirma Baudelle: “Após os choques iniciais da geografia e do clima, ele havia até encontrado semelhanças entre o modo de vida e a mentalidade dos camponeses brasileiros e o que havia de melhor nas lembranças que guardava de seu país.”<sup>74</sup>

Nesse sentido, uma questão que se coloca é a de compreender quais elementos permitiram a Bernanos depois de um tempo no país obter essa sensação real ou imaginária de familiaridade ao ponto de reconhecer no Brasil o seu lar. Uma possível hipótese seria a de que o autor reconheceu nas atitudes dos brasileiros os valores que associava como parte da civilização francesa. Esse reconhecimento que viria não apenas a partir da ação dos intelectuais e políticos das capitais com quem Bernanos se comunicava em sua língua mãe, mas também dos habitantes do interior do país.

Vivi com a minha mulher e meus filhos muito longe das cidades douradas da costa, bem afastado das últimas estações da ferrovia. Conheci aquelas minúsculas cidadezinhas brancas do interior brasileiro, espalhadas por uma imensa extensão de terra virgem, perdidas na baixa floresta tropical, mas onde a França está presente por toda a parte, repito porque é verdade. Repito que a França está presente em cada uma dessas cidadezinhas cujo nome nem aparece no mapa,

---

*méditation : « C'est dans le silence et la solitude qu'on se retrouve soi-même-qu'on retrouve la vérité de soi-même » (CII,P.303).*

<sup>74</sup> BAUDELLE, Y. **La France Au Miroir du Brésil**. In: Exil, errance et marginalité dans l'oeuvre de Georges Bernanos. Presses Sorbonne Nouvelle, 2004, p. 9. “Après les premiers chocs dus à la géographie et au climat, il avait même trouvé des ressemblances entre le mode de vie et la mentalité des paysans brésiliens et ce qu'il y avait de meilleur dans le souvenir qu'il gardait de son pays”

porque o pároco, o tabelião, o estalajadeiro, o farmacêutico e o redator-chefe do jornal semanal local falam entre si de meu país com a gravidade religiosa de um homem de 1848, porque a França ainda é para eles a filha primogênita da Igreja ou emancipadora do gênero humano, segundo as respectivas preferências.<sup>75</sup>

Bernanos descreveu que, ao perpassar por diferentes cidades pelo Brasil, reconhecia em sua população, desde farmacêuticos a profissionais da área jurídica, um apreço pela França. Tal valor era atribuído, segundo Bernanos, pela associação do país com a Igreja católica e pelo seu papel emancipatório do gênero humanos, sendo possível inferir que o autor se referia a Revolução Francesa e a defesa de liberdade, igualdade e fraternidade para todos os homens.

Esse reconhecimento de valores franceses na população brasileira também foi reforçada nas conferências apresentadas por Bernanos após o seu retorno para solo europeu em 1945 e publicadas no *Liberdade, para quê?*. Em uma dessas apresentações, Bernanos sustentou que no momento de formação nacional do Brasil, após a independência em 1822, a França passou a ser adotada como uma referência nacional e que os brasileiros “(...) ensinavam a França aos seus filhos como se ensina uma religião, ela era verdadeiramente a sua religião, aquela que proclamava a primazia universal da liberdade de pensar e, ao mesmo tempo, a igualdade de todos os homens livres.”<sup>76</sup>

Nessa mesma conferência, Bernanos construiu um segundo argumento para essa aproximação com o Brasil: o posicionamento do povo diante da Segunda Guerra Mundial. Bernanos relatou uma anedota de que no dia anterior ao início do conflito, ao passar a cavalo do lado dos casebres a caminho da sua fazenda em Barbacena escutava a raiva das famílias que ouviam o discurso de Hitler no rádio. O autor buscou com essa história narrar que no interior do Brasil existiam aqueles que conseguiam estar preocupados com os dilemas universais, talvez até mais do que em alguns liceus franceses.<sup>77</sup> Esse argumento também se encontra presente no livro *Carta aos Ingleses*, em que Bernanos descreveu a reação dos brasileiros à queda da França diante dos alemães: “Caros amigos, seu

---

<sup>75</sup> BERNANOS, G. *Liberdade, para quê?*. p. 34

<sup>76</sup> *Ibid.* p. 51.

<sup>77</sup> *Ibid.* p.37.

povo sentiu a infelicidade do meu país como se fosse seu próprio país; e ele de fato o era.”<sup>78</sup>

Assim os brasileiros fariam parte daqueles que “(...) ajustaram suas consciências à nossa, esses milhões de homens tinham encontrada um abrigo nas fronteiras invisíveis da comunidade cultural francesa, como se o tivessem ido procurar à sombra da bandeira nacional.”<sup>79</sup> Nesse sentido, Bernanos sustentava ter encontrado no Brasil elementos que reforçavam a sua identificação com a civilização francesa que, segundo o autor, vinha se deteriorando com o desenvolvimento tecnológico, a primazia da técnica na sociedade moderna e com determinadas atitudes do povo francês como o governo colaboracionista de Vichy.

Assim, é possível perceber que o autor confirmou que o contato com o povo brasileiro restaurou em si o orgulho de sua identidade francesa, indicando limites nesse suposto processo de aculturação: “Depois de Munique, eu escrevia que tinha vindo ao Brasil para ‘fermentar minha vergonha’. Não fermentei a minha vergonha, mas encontrei meu orgulho, e ele me foi devolvido por esse povo.”<sup>80</sup> O que Bernanos encontrou no Brasil não foi uma nova cultura ao qual buscou aculturar-se. Mesmo depois de sete anos no país, o escritor não se comunicava ou escrevia em português, somente em francês, o que implicava em uma comunicação limitada com aqueles a sua volta e ainda um esforço de tradução dos seus artigos publicados em jornais brasileiros.

O autor a partir dos seus relatos sobre o Brasil imaginou uma França idealizada, o que seria, inclusive, um pressuposto para argumentar que a cultura francesa não era restrita ao enquadramento do Estado Nacional, mas era, na verdade, representativa de uma civilização universal. Os relatos sobre Brasil em alguma medida ao apresentarem um reencontro de Bernanos com valores que acreditava estarem ameaçados nos revela o seu caráter utópico. Bernanos mobiliza o Brasil com um espaço idealizado em que a tradição francesa ainda estava operante em um momento que a considerava ameaçada.

Segundo o autor Baudelle existe uma forte dimensão política no exílio de Bernanos, onde os temas que o afligem na distância são a agonia da Europa e da

---

<sup>78</sup> BERNANOS, G. **Carta aos Ingleses**. p 9.

<sup>79</sup> BERNANOS, G. **Liberdade, para quê?**. p. 53.

<sup>80</sup> BERNANOS, G. **Carta aos Ingleses**. p.7.

consciência da desonra nacional, caracterizada por Bernanos pelo Acordo de Munique e pela anuência a dominação nazista durante a Segunda Guerra Mundial. O isolamento vivido no Brasil, reforçado pela escolha de viver no interior distante da capital, seria uma oportunidade para a reflexão sobre a decadência moral da sua pátria. Diferentemente da paisagem que foi apresentada por Bernanos como uma antítese da França, o povo brasileiro foi apresentado como detentor de valores universais que os franceses mesmos não vinham colocando em prática. Bernanos imputava assim ao Brasil “a missão de manter, a todo custo, contra a dupla barbárie militar e politécnica (elas acabam sempre se confundindo e andando juntas), a tradição, os costumes e o vocabulário do Cristianismo Antigo. (TNR, p. 829).”<sup>81</sup>

Baudelle sustenta que: “(...) Bernanos também contempla no espelho que o Brasil lhe deu a imagem de um passado mítico, o da França medieval, que se opõe ao maquinismo do mundo moderno (...).”<sup>82</sup> Baudelle, atenta como Bernanos, ao falar sobre a sua experiência do exílio no Brasil, acabava por mobilizar uma metáfora do espelho em que a população brasileira o ajudava a identificar a França dos valores cristãos, uma França de um passado anterior ao mundo moderno. Inclusive Bernanos afirmava que:

Aqui ou em algum outro lugar, por que eu seria nostálgico daquilo que possuo apesar de mim mesmo e que não posso trair? Por que eu evocaria com melancolia a água negra do caminho escavado, a sebe que assobia na chuva, já que eu mesmo sou a sebe e a água negra? Eu não tenho medo da solidão no espaço, mas tenho medo do exílio no tempo. Contra este último, não posso fazer nada.<sup>83</sup>

Nesse trecho, Bernanos afirmava que o mais doloroso não seria estar distante fisicamente da França, afinal ele mesmo compunha essa pátria. O mais doloroso para ele seria o exílio no tempo e, diante desse, afirmava que nada poderia fazer. Milner nos ajuda a melhor compreender esse aspecto temporal do exílio de Bernanos ao afirmar que:

---

<sup>81</sup> BERNANOS Apud BAUELLE, op. cit. p P.31 “*la mission de maintenir, coûte, contre la double barbarie militaire et polytechnique ( ils finissent toujours par se confondre et trailer de concert), la tradition les moeurs et le vocabulaire de l’Antique Chrétienté. (TNR, p. 829)”*

<sup>82</sup> BAUELLE op. cit.. 3. “*(...)Bernanos contemple aussi dans le miroir que lui tend le Brésil l’image d’un passé mythique, celui la France médiévale qui oppose au machinisme du monde moderne(...).*”

<sup>83</sup> BERNANOS, G. **Les enfants humiliés**. p. 2617. *Ici ou ailleurs, pourquoi aurais-je la nostalgie de ce que je possède malgré moi, que je ne puis trahir ? Pourquoi évoquerais-je avec mélancolie l’eau noire du chemin creux, la haie qui siffle sous l’averse, puisque je suis moi-même la haie et l’eau noire ? Je n’ai pas peur de la solitude dans l’espace, mais j’ai bien peur de l’exil dans le temps. Contre ce dernier je ne puis rien.*

Isto significa que o exílio no tempo é ainda mais difícil de suportar do que o exílio no espaço, e corre o risco não só de se perpetuar quando este último chegar ao fim, mas também de piorar à medida que o curso da história traz sua parcela de desorientação e desapontamento. Esta decepção é tanto mais fundamental quanto é, por assim dizer, original. Bernanos julga o presente não em relação a um passado que ele teria vivido (não há a menor exaltação, no seu caso, dos “bons velhos tempos”, a fortiori da “belle époque”, ou da guerra de 14, que teria sido uma verdadeira guerra), mas em relação a um passado mítico, cujo ponto culminante estaria, curiosamente, não na Idade Média ou no século de Luís XIV, mas num século XVIII pré-revolucionário ou proto-revolucionário e pré-industrial, onde a nostalgia incutida por Drumont, mas também por Michelet, assombra *La Grande Peur des bien-pensants* e alimentará a decepção bernanosiana, reforçada pelo anti-modernismo de Péguy, até *La France contre les robots*, com uma implacabilidade multiplicada por dez pelo crescente domínio da tecnologia e do dinheiro em todos os aspectos da vida.<sup>84</sup>

Milner identifica que Bernanos operava com a noção de exílio temporal ao se sentir deslocado, apartado do seu presente. Bernanos comparava a sua realidade marcada por uma sociedade orientada pelo capital e pelo avanço da técnica com o passado francês anterior a instalação da sociedade moderna. Milner considerava que mais importante do recuperar a história da Idade Média ou do século de Luís XIV, seria analisar a sociedade pré ou protorevolucionária. Nos seus escritos de combate, Bernanos estruturou a sua crítica a modernidade a partir do olhar para o passado, evidenciando assim o impacto do exílio temporal em sua obra, além do estímulo que o estranhamento frente a uma novo país exerceu na capacidade reflexiva no autor:

Todo exilado depende, seja para se alegrar ou para sofrer, de uma certa distância de seu país de origem. As particularidades das quais acabo de dar uma visão geral fizeram dele, para Bernanos, um instrumento extremamente rico para analisar a situação histórica e um apoio eficaz na construção de seu ser interior, em uma época em que muitas das convicções pelas quais ele havia vivido corriam o risco de desmoronar.<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> MILNER, M. Préface. In: *Exil, errance et marginalité dans l'œuvre de Georges Bernanos*. p.13. *C'est dire que l'exil dans le temps est plus dur encore à supporter que l'exil dans l'espace et risque non seulement de se perpétuer lorsque celui-ci aura pris fin, mais de s'aggraver à mesure que le déroulement de l'histoire apporte son lot de fourvoiements et de déceptions. Cette déception est d'autant plus fondamentale qu'elle est, pour ainsi dire, originelle. Bernanos juge le présent nos par rapport à un passé qu'il aurait vécu (pas la moindre exaltation, chez lui, du «bon Vieux temps», a fortiori de la «belle époque», ou de la guerre de 14 qui aurait été une vraie guerre), mais par rapport à un passé mythique, dont le point culminant se trouverait curieusement non au Moyen Âge ou au siècle de Louis XIV, mais dans un XVIII siècle pré-révolutionnaire ou protorévolutionnaire et pré-industriel, dont la nostalgie instillée par Drumont mais aussi par Michelet, hante *La Grande Peur des bien-pensants* et nourrira la déception bernanosienne, conforée par l'antimodernisme de Péguy, jusqu'à *La France contre les robots*, avec un acharnement décuplé par l'emprise croissante de la technique et de l'argent sur tous les aspects de la vie.*

<sup>85</sup>Ibid. p. 11. *Tout exilé est tributaire, pour s'en réjouir ou en souffrir d'une certaine distance par rapport à son pays d'origine. Les particularités, dont je viens de donner un aperçu, en ont fait, pour Bernanos, un instrument extrêmement riche d'analyse de la situation historique et un appui*

Porém, o exílio não impactou a obra de Bernanos apenas de forma metafórica com a percepção de um distanciamento do tempo presente e valorização do passado, mas também de maneira prática. Milner argumenta que caso o autor francês não tivesse se exilado no Brasil, a partir de 1940 com o governo de Vichy, provavelmente a produção literária de Bernanos seria prejudicada:

Se ele tivesse permanecido na França, ou teria sido forçado a permanecer em silêncio, ou então – o que me parece mais provável – sua irreprimível liberdade de expressão, que ele havia demonstrado durante a guerra espanhola, teria rapidamente designado à vingança do ocupante, ou condenado a uma ação clandestina que dificilmente parece ter estado em seu carisma.<sup>86</sup>

Milner argumenta que caso Bernanos mantivesse a sua busca por liberdade de expressão que orientou o seu trabalho durante a guerra civil espanhola em um governo francês de orientação fascista, seria obrigado a trabalhar na clandestinidade. Ao vir para o Brasil o cenário, por sua vez, favoreceu a sua produção e publicação:

Ele dispunha, assim, à medida que a pressão dos acontecimentos se fazia mais urgente, de um palanque regular que, tanto quanto se sabe, nenhum escritor francês exilado teve e que, em todo o caso, gastou com uma assiduidade provocada tanto pela paixão por intervir nos destinos do seu país e por necessidades materiais, a pecuária não cumprindo – longe disso – as promessas que ele havia feito sobre uma atividade para a qual ele mal estava preparado.<sup>87</sup>

Bernanos conseguiu no Brasil uma publicar suas ideias nos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, em que criticava a decisão de governantes franceses em saírem da guerra e acatar o regime de orientação fascista de Vichy. Milner argumenta que Bernanos fazia uso dessa relação com a imprensa brasileira de maneira recorrente por razões financeiras e para extravasar a sua decepção com os franceses que haviam acatado a saída da Segunda Guerra Mundial e o governo de Vichy a partir de 1940.

---

*efficace dans la construction de son être intérieur, à une époque où beaucoup de convictions dont il avait vécu risquaient de s'effondrer*

<sup>86</sup>Ibid. p.11 – 12. “S’il était resté en France, ou bien il aurait été contraint de se taire, ou bien – ce qui me semble plus probable – son irrépressible liberté d’expression, dont il avait fait preuve durant la guerre d’Espagne, l’aurait vité désigné à la vindicte de le’occupant, ou condamné à une action clandestine qui ne semble guère avoir été dans son charisme”

<sup>87</sup> Ibid. p.11. “Il a disposé ainsi, à mesure que la pression des événements se faisait plus urgente, d’une tribune régulière dont n’a disposé, que l’on sache, aucun écrivain français obligé à l’exil, et il en a, en tout cas, usé avec une assiduité provoquée à la fois par la passion d’intervenir dans le destin de son pays et par les nécessités matérielles, l’élevage tenat pas-loin de là -les promesses qu’il avait dondées sur une activité à laquelle il n’était guère préparé”.

Ao interpretar a obra de Bernanos, Jurt reforça como o exílio no Brasil não foi particularmente marcado pelo sofrimento, se considerar a receptividade dos brasileiros com a cultura francesa. Além disso, reforça como o exílio do autor francês reforçou a sua atuação política pela escrita de jornais. Bernanos não foi atuante somente a partir da produção de artigos para jornais dos *Diários Associados*, mas também para publicações da *França Livre*, governo francês no exterior liderado por De Gaulle durante a Segunda Guerra Mundial. Bernanos contribuiu para publicações no Brasil, América Latina e Inglaterra a partir de 1940, porém sem se associar diretamente a algum comitê da *França Livre* distribuídos pelo mundo. Nesses artigos “(...) Bernanos falou com grande coragem contra o totalitarismo fascista em um país que não romperia com o Eixo até 1942, e onde tinha que lidar com a censura meticulosa.”<sup>88</sup>

Nesse sentido, Bernanos, segundo Jurt, foi uma importante voz da resistência francesa, que criticava as orientações fascistas do governo de Vichy, convocava os ingleses a permanecerem em sua luta contra o eixo, mas residia em um país que não havia se posicionado publicamente se era favorável aos aliados ou ao eixo. Sua importância era tamanha que o embaixador da França de Vichy buscava obter uma cópia dos escritos publicados por Bernanos como forma de se manter informado. Jurt também reforça sobre a circularidade dos textos de Bernanos que eram reproduzidos em veículos brasileiros, em periódicos da Argentina como o *Comité de Gaulle* de Buenos Aires, dirigido por Albert Guérin, ou ainda da Inglaterra no periódico *La Marseillaise* publicado em Londres.<sup>89</sup>

Segundo Jurt, Bernanos estava associado a causa da *França Livre*, mesmo que não diretamente associado a algum comitê específico. Essa associação se daria primeiro pelo armistício assinado na França em 1940. Para Bernanos tal medida seria um descompromisso o valor da liberdade. Jurt reforça que Bernanos operava com uma concepção de história não determinista, em que o desenrolar dos eventos históricos não era necessário, tendo espaço para a responsabilização humana mediante os fatos. Assim, não seria necessário aceitar a rendição na Segunda Guerra Mundial, poderia ser possível resistir e manter os valores da

---

<sup>88</sup> JURT, J. **Exil et engajement**. In: Exil, errance et marginalité dans l'œuvre de Georges Bernanos. p. 47 “(...) Bernanos s'élevait avec un grand courage contre le totalitarisme fasciste et ceci dans un pays qui ne rompit avec l'Axe qu'en 1942, et où il avait affaire à une censure pointilleuse.”

<sup>89</sup>Ibid.. 48 e 50.

honra e da liberdade. Aqueles que não resistiram eram considerados pelo autor como medíocres. O exílio de Bernanos foi, para Jurt, uma possibilidade de espaço que ofereceu liberdade de produção para o escritor francês, onde ele pode se manter fiel a esse valor que considerava sua herança ideológica.

Ao longo dos próximos capítulos serão apresentadas as ideias centrais do argumento de Bernanos de que a sociedade moderna estaria em crise e a sua defesa da retomada dos valores cristãos e da civilização francesa, em especial no que tange a liberdade de pensamento. Ao longo dos capítulos, uma das questões que serão recorrentes é a mecanização da vida moderna e as consequências negativas do dito progresso tecnológico. Outra questão que será explorada ao longo dos próximos capítulos é a análise de Bernanos de que a influência excessiva do Estado na sociedade não seria uma característica apenas dos regimes totalitários derrotados na Segunda Guerra Mundial. Essa realidade teria se expandido para as democracias capitalistas, inclusive para a França. Nesse sentido, o trabalho de Bernanos lida com a relação entre a sociedade, o indivíduo e os espaços para a liberdade individual, argumentos que dialogam com a obra de Hannah Arendt, também apresentada neste capítulo.

#### 4.

### Escritos de combate como críticas a modernidade

Georges Bernanos, enquanto esteve exilado no Brasil entre anos de 1938 e 1945, direcionou a sua produção intelectual para a análise da situação política e cultural da França e da Europa na metade do século XX. Durante a sua estadia em terras brasileiras, após a conclusão do romance *Senhor Ouine*, publicado em 1940, Georges Bernanos se dedicou majoritariamente à produção ensaística: “*Once Bernanos had written the last chapter of M. Ouine in 1940, he abandoned fiction. With the exception of his spiritual testament Dialogues des Carmélites (...), he spent his remaining years as an essayist of dazzling virtuosity.*”<sup>1</sup> .

Esse foco de Bernanos na produção de obras de combate e no desenvolvimento de uma reflexão sobre a política é explicado pelo filósofo Thomas Molnar no livro *Bernanos: His Political Thought and Prophecy* da seguinte maneira:

*Perhaps in another age he would have remained far from politics and political preoccupations. Our time, however, is such that men like Bernanos are inevitably drawn towards an examination and a critique of the collective conscience (of nation, a Society, a class or civilization [sic]), and this conscience is inevitably expressed through political channels and political terminology. Hence the unbreakable link today between the man of conscience and the Community which holds his hopes and fears, his commitment, captive. (...) This was the case of Bernanos.*<sup>2</sup>

O pesquisador Molnar defende a ideia de que caso Bernanos não tivesse vivido o século XX poderia ter permanecido preocupado apenas com a consciência do homem em um campo espiritual e religioso. Nesse cenário a análise política poderia ter sido menos relevante na produção escrita do autor. O teólogo Urs von Balthasar ao analisar a obra de Bernanos, discordava do argumento de Molnar

---

<sup>1</sup> TOBIN, M. **Georges Bernanos**: The theological source of his art. p. 161.

<sup>2</sup> MOLNAR, T. **Bernanos**: His political thought and prophecy. introduction. Talvez em outra época ele tivesse permanecido longe da política e das preocupações políticas. Nosso tempo, porém, é tal que homens como Bernanos são inevitavelmente atraídos para um exame e uma crítica da consciência coletiva (de nação, de uma sociedade, de uma classe ou civilização), e essa consciência é inevitavelmente expressa por canais políticos e terminologia política. Daí o vínculo inquebrável hoje entre o homem de consciência e a Comunidade que mantém cativas as suas esperanças e os seus medos, o seu compromisso. (...) Este foi o caso de Bernanos.

defendendo que a sua principal preocupação era com: “*the human person and his integrity; the question of what political system promotes the values of the person was, for him of secondary importance.*”<sup>3</sup>.

Porém, segundo Molnar a situação política marcada por duas Guerras Mundiais e pela Guerra Civil Espanhola faziam com que o homem de consciência, o homem religioso, se imbricasse na comunidade, afinal a consciência, as esperanças, os medos da sociedade, da nação, da classe eram expressos em termos políticos. Nesse sentido, Bernanos: “*As he confessed on two or three occasions, he was irresistibly attracted to the political phenomenon – to the point where he was compelled to set aside his literary work, (...)*”.<sup>4</sup>

Serge Albouy no livro *Bernanos et la politique: La Société et la droite française de 1900 à 1950* também reforça o papel de cronista político que o escritor francês assumiu ao longo da sua vida: “*Ecrivain engagé et polémiste redoutable, il n’a cessé, parallèlement à son œuvre d’imagination, de juger les événements, les idées et les hommes de son temps. On peut d’ailleurs affirmer qu’il se passionne surtout pour les problèmes politiques*”<sup>5</sup>. Além disso, reforça o engajamento de Bernanos com a ação e a vida prática explicitada desde cedo pelo seu papel ativo na organização *Action Française*.

A partir da rendição francesa para a Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial em junho de 1940, Bernanos passou a escrever assiduamente colunas de opinião para o Diário Associados de Assis Chateaubriand. O escritor francês veiculava para um público brasileiro as suas interpretações sobre o futuro da Europa a partir desse conflito, em que identificava na derrota francesa um indício de uma crise mais ampla de valores.

---

<sup>3</sup> VON BALTHASAR, Urs. Apud MOLNAR, T. **Bernanos: His political thought and prophecy.** introduction. “a pessoa humana e sua integridade; a questão de qual sistema político promove os valores da pessoa era, para ele, de importância secundária.”

<sup>4</sup> MOLNAR, T. **Bernanos: His political thought and prophecy.**, introduction. “Como ele confessou em duas ou três ocasiões, ele foi irresistivelmente atraído pelo fenômeno político – ao ponto de se ver obrigado a pôr de lado a sua obra literária, (...)”.

<sup>5</sup> ALBOUY, S. **Bernanos et la politique: La Société et la droite française de 1900 à 1950.** p. 11. “Graças à plataforma que a França Livre havia disponibilizado, os artigos de guerra de Bernanos encontraram uma audiência mundial.

Bernanos, em um dos seus artigos para o Diário Associados publicado no periódico carioca *O Jornal*, descreveu o povo francês a partir de uma identidade cristã, assim indicando um dos elementos cruciais para a sua interpretação da conjuntura política contemporânea:

Cabe-me bem o direito de chamar a essa gente o povo das Cathedraes, porque, antes de mais nada, foram seus antepassados que as construíram. E se edificaram com o mesmo espirito com que seus descendentes as elevariam ainda hoje, se a horrenda solicitude dos métodos de tailorização não se tivesse esforçado, inutilmente aliás, em transformá-las em automatismos inconscientes. (...) Seus avós ergueram as Cathedraes no designio de ali alojar o bom Deus, e ele, o povo, construiu a sua victoria para ali, magnificamente, guardar aquillo que jamais cansara de esperar, nem de aspirar, a despeito de todas as ironias- o Direito, a Liberdade, a Justiça, um mundo novo. Os paes christãos diziam outrora: - “Venha a nós o vosso Reino!” E os filhos continuam repetindo: - “Venha a nós o vosso Reino!”<sup>6</sup>

Bernanos compreendia o povo francês como um povo tradicionalmente cristão, que estaria ligado aos antepassados que construíram as catedrais dos séculos XI e XII. Essa tradição cristã, por sua vez, parecia possibilitar a esse povo ser aquele que garantiria valores como o direito, a justiça, a liberdade, a construção de um mundo novo. Assim, Bernanos construiu uma história francesa que não desassociava a religião de matriz cristã a valores e conquistas associados à Revolução Francesa e ao Iluminismo - que na maior parte de suas interpretações possuíam uma conotação crítica à religião.

Porém, Bernanos identificou que esse laço com a religião cristã se via ameaçado na França da década de 1940 diante da adoção de métodos tayloristas de produção industrial em massa. Bernanos argumentava que esse método de produção predominante no sistema capitalista do século XX geraria um processo de transformação do povo francês em autômatos – menos capazes de se responsabilizarem por suas reflexões – além de que os distanciaria dos valores cristãos vistos pelo autor como a base da tradição e da história francesa.

Nesse sentido, é possível identificar o quanto a religião é uma lente interpretativa de Bernanos para a melhor compreensão do desenrolar dos acontecimentos políticos europeus. Isto também possibilita compreender como a

---

<sup>6</sup> BERNANOS, G. A Frente das Cathedraes. In: O jornal/ copyright dos Diários Associados. 31/08/1940. Edição 06512, p. 4

derrota francesa na Segunda Guerra Mundial, segundo Bernanos, estava associada a uma crise mais generalizada do seu povo, que tinha a sua tradição religiosa ameaçada pelas consequências da produção em massa no que tange à capacidade de tomada de decisões de maneiras autônomas.

Em outro artigo também publicado no periódico *O Jornal* em agosto de 1940, Bernanos argumentou sobre outro elemento que justificaria a derrota francesa:

Erra pelo mundo afóra muita gente, que se diz cristã e que, no entanto, ama menos a Deus do que teme o inferno. Pois a burguezia franceza amava infinitamente menos a França do que temia a revolução. “Se a França Não pode ser nossa que seja de Hitler! Se a França não pode ser nossa que acabe então! Sem nós a França não é mais a França.”<sup>7</sup>

Bernanos identificou a importância do papel da burguesia na capitulação francesa. Segundo o autor, essa não amaria o povo francês e a Deus suficientemente, e diante do medo de perder o poder através de uma revolução, preferiu entregar o governo a forças estrangeiras, para Hitler. Assim, ele associava novamente os problemas da França a um distanciamento dos valores cristãos, agora representados na figura dos governantes burgueses.

Essa matriz de análise da política europeia a partir da ótica da religião não apenas influenciou leitores brasileiros, mas também um público internacional. Bernanos também contribuiu com textos para publicações de periódicos de comitês da França Livre, apoiadores de um governo francês no exílio liderado por De Gaulle, se consolidando, assim, como uma influente figura da resistência francesa no exterior. Bernanos não contribuiu apenas para a publicação associada ao comitê da França Livre no Rio de Janeiro, mas também para publicações na Argentina e em Londres. “*Grâce à la plateforme que la France libre avait mise à disposition, les articles de guerre de Bernanos avaient trouvé une audience mondiale*”<sup>8</sup>. Raymond Aron, responsável pelas publicações da França Livre em Londres, “(...) *consacra en 1943 à Bernanos un article intitulé simplement ‘La pensée française en exil’.*”<sup>9</sup>

<sup>7</sup> BERNANOS, G. Amar é o único meio de conhecer. In: O jornal/ copyright dos Diários Associados. 11/08/1940. Edição 06495, p. 6

<sup>8</sup> JURT, J. *Exil et engagement*. p. 49

<sup>9</sup> Ibid. p. 49 ‘O pensamento francês no exílio’.”

Em um dos artigos que redigiu para o boletim “*Pour La France Libre*” Bernanos descreveu a França Livre como uma causa comum, uma casa capaz de agregar todos aqueles que estivessem associados à bandeira tricolor. O pesquisador Jurt, ao analisar esse texto, identifica que Bernanos considerava que o ponto que reuniria aqueles lutando pela França seria a crença em valores universais tais como a honra:

*Y entre qui veut, pourvu qu'il ait au coeur le sens de l'honneur français, qui'il ait compris, une foi pour toutes, que l'honneur d'un peuple est le capital des morts dont les vivants n'ont que l'usufruit, qu'un chef de gouvernement, fût-il dix fois maréchal et deux centenaire, ne saurait en disposer à son gré (...). Je ne crois plus que'al honneur français, et réellement je ne vis plus que pour venger*<sup>10</sup>

Bernanos assim identificava como defensores da causa da França Livre aqueles que defendiam a honra francesa, um valor associado aos mortos, à história e à tradição francesa. Esse valor não poderia ser mobilizado de maneira exclusiva por chefes de governo, mesmo aqueles associados ao exército, parecendo assim fazer uma menção aos generais responsáveis pela capitulação francesa na Segunda Guerra Mundial, que ele considerava vergonhosa.

Além disso, Bernanos, durante a sua estadia no Brasil, também articulou sua denúncia em formato de livros: *Nous autres français*, *Scandale de la Verité*, *Carta aos Ingleses*, *A França contra os Robôs*. Essa recorrência de produções associadas ao estilo de escritos de combate, voltados para a denúncia, pode ser explicada tanto por uma necessidade financeira de Bernanos – a de escrever para jornais como uma maneira de manter a família –, mas também um engajamento na manutenção de uma tradição francesa, que o autor associava a ideia de liberdade e de cristianismo.

Um elemento recorrente nos livros redigidos pelo autor no exílio, tal como em suas publicações para periódicos, é o uso da tradição e história francesa como lente para analisar o presente e os acontecimentos violentos do século XX – como as duas guerras mundiais e a guerra civil espanhola. Nesse sentido, é como se a distância física do seu país de origem despertasse uma necessidade de investigar

---

<sup>10</sup> Ibid. p. 48 Entre quem quiser, desde que tenha em seu coração o sentido da honra francesa, que tenha compreendido, de uma vez por todas, que a honra de um povo é a capital dos mortos dos quais os vivos só têm o usufruto, que um chefe de governo, se ele fosse dez vezes marechal e tivesse duzentos anos de idade, não poderia dispor dela como bem entendesse (...) Eu não acredito mais em nada além da honra francesa e, na verdade, eu não vivo mais a não ser para vingar

mais sobre a identidade francesa. Yves Baudelle, no texto *La France Au Miroir du Brésil*, afirma: “*Au coeur des ouvrages écrits au Brésil, il y a, comme l’a notamment montré Monique Gosselin-Noat, la question de l’identité française.*”<sup>11</sup>

O trecho a seguir nos permite inferir essa ligação de Bernanos com os acontecimentos políticos da sua terra natal:

Quando chegou a mim, em um dia de junho, a novidade da desonra, estava muito longe, a oeste, mais longe que a última estação de ferro, além da trilha e das estradas, em pleno “sertão” brasileiro, a floresta anã e maciça em que as vacas selvagens traçam caminhos. (...) Nosso pequeno posto de telegrafia, sem fio alimentado por uma bateria velha – ali era impossível se defender das formigas, quase tão grandes quanto vespas – interrompia-se incessantemente para dar gritos agudos e lamurientos como um cão torturado por pulgas. (...) Ficávamos todos de pé em torno daquele aparelho ridículo, daquele sapo ofegante, como diante da imagem disforme e grotesca de nossa miséria.<sup>12</sup>

Nesse trecho o autor reforçou a sua percepção de distância física do seu país de origem, insistindo no fato de estar no interior do Brasil, à oeste e não no litoral. Além de estar em outro país, Bernanos reforçava estar no sertão, distante de estações de trem e de estradas, em um cenário marcado pelo predomínio da natureza frente ao homem, com a descrição da presença de uma floresta densa e de grandes insetos, além de usar de forma recorrente de metáforas com animais como cachorros ou sapos.

Nesse cenário caracterizado pelo sentimento de estranhamento e descrito pela falta de símbolos civilizacionais como ferrovias, o autor ainda permanece preocupado com a sua terra natal, e descreveu a realidade francesa com lentes pessimistas. O fato de os generais franceses optarem por fazer um acordo com a Alemanha, renunciando assim a participar da guerra, não foi identificado por Bernanos como um mal menor que poderia proteger a população francesa de um possível massacre. Tal evento foi percebido pelo autor como uma desonra, uma miséria, ao ponto de autor afirmar ter recebido tal informação aos gritos. A comparação dos seus gritos com latidos de cachorros e a construção de cena baseada no isolamento reforçam que o autor se encontrava em uma situação de desespero e revolta pelos destinos do seu país.

<sup>11</sup> BAUDELLE, Y. *La France au miroir du Brésil* p. 29. “No cerne das obras escritas no Brasil está, como mostrou em particular Monique Gosselin-Noat, a questão da identidade francesa.”

<sup>12</sup> BERNANOS, G. *Carta aos Ingleses*. p. 26

Esse pessimismo de Bernanos diante da conjuntura política francesa, porém, não se encerrava em um ato de negação da realidade, e não se apresentava como um sentimento melancólico de tristeza paralisante face ao presente. O pessimismo de Bernanos o convocava para a reflexão, para o engajamento na compreensão mais ampla da crise francesa, na compreensão das condições de possibilidade para a derrota francesa na Segunda Guerra Mundial. No livro *Carta aos Ingleses* - Bernanos redigiu seu prefácio dirigindo-se ao povo brasileiro, onde afirmava:

Caros amigos, seu povo sentiu a infelicidade do meu país como se fosse seu próprio país; e ele de fato o era. Nunca neguei os erros da França, nem mesmo que ela cometeu uma falta grave para o com o mundo; mas, quando o mundo moderno proclama sua decepção, esse mundo mente, pois não o decepcionamos. O mundo sabia muito bem que, por sua culpa, nossa solidão se agravaria mais dia após dia e que uma sociedade em que a autarquia econômica conduz logicamente à autarquia intelectual e espiritual, enfraquecer-nos-íamos, necessariamente, pois os outros se recusavam a nos entender e ali não poderíamos mais sentir amor. (...) Eles esperavam esse passo em falso que desobstruía o caminho. Tendo, depois de muito tempo, deixado de servir aos valores humanos e históricos aos quais nosso ilustre nome continua ligado, sofriam ainda seu prestígio, esperavam estar totalmente quites e que nós mesmos os tivéssemos renegado. Nós o renegamos.<sup>13</sup>

Ao falar da capitulação francesa no conflito mundial, Bernanos não buscou eximir o país da possível responsabilidade no desfecho do conflito. Porém, identificou que a França estaria vivendo um processo de decadência mais amplo associado ao estabelecimento do mundo moderno, que ao priorizar uma independência econômica das sociedades acabava por isolar a França e diminuir sua influência intelectual e espiritual. Bernanos afirmou que a França renegou valores descritos como humanos e históricos. O trecho a seguir, em que Bernanos evocou a missão aos quais os franceses foram designados, nos ajuda a melhor compreender quais seriam esses valores anunciados anteriormente: “(...) parece que o bom Deus nos escolheu para levar a liberdade, a igualdade, a fraternidade a todos esses povos dos quais não sabemos sequer a localização exata no atlas”.<sup>14</sup>

Dessa forma, é possível afirmar que o mundo moderno era descrito pela perspectiva da falta: pela negação de valores, pela priorização da economia em detrimento do avanço intelectual ou espiritual: “No mundo moderno, o futuro não

---

<sup>13</sup> Ibid. p.9-10.

<sup>14</sup> Ibid. p.22.

pertence aos heróis, mas aos que produzirão para vender, e vendem para produzir mais. Trabalhem, produzam, para que possamos vender.”<sup>15</sup>

Porém a crise instaurada a partir do estabelecimento do mundo moderno não seria limitada à França, a uma escala nacional, e sim seria um processo universal de crise, um cenário universal de decadência: “Não riam de nossa desgraça: para ser mais indigna ou vergonhosa corre o risco de se tornar, um dia, a desgraça de toda a humanidade, o castigo universal por um erro comum.”<sup>16</sup> Essa crítica de Bernanos ao mundo moderno enquanto sistema socioeconômico responsável pela decadência da França e da humanidade como um todo permite identificar no autor a valorização de um passado caracterizado pela influência intelectual francesa e pelo que intitularia valores históricos frente ao presente – e uma preocupação com o futuro dessa humanidade.

A Europa não estava sofrendo uma crise de depressão, mas uma crise de angústia, e esse tipo de neurose, como é de seu conhecimento, costuma ser causado pelo que os psiquiatras chamam de repulsão. Nossa civilização ainda sobrevivia, mas estava como que ocultada por um sistema que não lhe dava oportunidade de se exprimir. A Europa vai muito melhor, com mil vezes mais valor que a civilização – dita com ou sem razão, capitalista, pouco importa! - na qual caiu por acaso (...)<sup>17</sup>

No trecho acima, a sociedade europeia foi descrita como doente, marcada, em particular, pela angústia. Independentemente da acuracidade do termo técnico relacionado aos transtornos psíquicos, é interessante investigar a narrativa que Bernanos construiu. Segundo o autor, a cultura europeia da década de 1940 parecia ter a sua existência ameaçada e se encontrava adormecida por de baixo de um regime capitalista, compreendido como uma novidade, um evento sem precedentes. Essa interpretação de que a sociedade europeia foi acometida por uma enfermidade a partir da instalação do sistema capitalista, de que ela possuía mais valor antes desse processo, aponta para uma valorização do passado em detrimento do presente.

Iremos explorar nesse capítulo como Bernanos, em seus escritos de combate, descreveu o mundo moderno a partir de uma ótica pessimista, em que identificava que o estabelecimento desse mundo representava uma crise da civilização europeia. Iremos, portanto, analisar as características que marcaram a

---

<sup>15</sup> Ibid. p. 57

<sup>16</sup> Ibid. p. 38.

<sup>17</sup> Ibid. p. 157

crítica à modernidade estabelecida por Georges Bernanos em sua produção intelectual no Brasil, em especial nos dois livros de maior fôlego sobre o tema: *Carta aos Ingleses* e *França contra os Robôs*, além de cotejar tais análises com os artigos produzidos para os jornais do Diário Associados.

O objetivo do capítulo é apresentar como o escritor francês estabeleceu uma crítica pessimista e anticapitalista a modernidade a partir da construção de uma narrativa histórica da decadência da civilização europeia. Essa operação temporal foi elaborada por Bernanos do ponto de vista da valorização de uma tradição francesa marcada pela adesão aos valores cristãos.

#### 4.1 A modernidade em questão

Bernanos, ao se engajar no debate público sobre o presente da França e sobre a instalação do governo de Vichy, não se limitava a denunciar pontualmente os políticos e gerais por trás de tal iniciativa. Como vimos, a crítica estabelecida ganhou contornos mais amplos, apontando para uma crise generalizada dos valores franceses e uma ameaça de crise universal a partir da instalação do mundo moderno.

Essa visão crítica da modernidade permite localizar a obra de Georges Bernanos em um contexto mais amplo de produção intelectual do século XIX e XX. Essa fortuna crítica reúne autores com propostas teóricas diversas, tal como o trabalho de Walter Benjamin ou a reflexão de Simmel, a partir de uma perspectiva sobre as continuidades e rupturas da modernidade com a tradição no campo da cultura. Antes de compreender as particularidades do argumento de Bernanos e possíveis pontos de contato com a produção intelectual sobre o tema, é importante analisar mais a fundo os elementos que estruturavam a ideia de modernidade em si.

O historiador Reinhart Koselleck é conhecido pela sua contribuição aos estudos sobre a modernidade, em especial pelo pensamento desenvolvido em torno da noção de tempo histórico. A modernidade, para o autor, teria surgido como uma: “(...) experiência histórica distintiva desde finais do século XVIII, com a Revolução Francesa e a ascensão da burguesia, cujo pensamento e aspirações políticas desencadearam uma crise no coração do Estado absolutista (...).”<sup>18</sup> Koselleck

---

<sup>18</sup> IEGELSKI, F. **Resfriamento das sociedades quentes?** Crítica da modernidade, história intelectual, história política. p. 393

identifica que, ao longo do século XVIII, a ascensão da burguesia à uma esfera central da economia e do debate público teria contribuído para a percepção de se viver uma nova realidade, uma vez que:

A sociedade burguesa que se desenvolveu no século XVIII entendia-se como um mundo novo: reclamava intelectualmente o mundo inteiro e negava o mundo antigo. Cresceu a partir do espaço político e, na medida em que se desligava dele, desenvolveu uma filosofia do progresso que correspondia a esse processo.<sup>19</sup>

Essa filosofia do progresso estaria associada a um processo amplo de crítica ao Estado Absolutista que abusava do seu poder político e as imbricações da religião cristã com o Estado. Tal filosofia implicava uma visão de mundo baseada na noção da novidade, da distinção com o passado.”<sup>20</sup>

Assim, Koselleck identifica o fim do século XVIII como ponto inaugural de uma nova experiência que teve uma das suas características uma nova maneira de pensar e experimentar a noção de tempo. Reinhart Koselleck, no livro *Futuro Passado*, argumenta que a noção de “tempo moderno”, como a definição de um tempo histórico específico marcada pela sequência de eventos novos e únicos, demorou para se afirmar. Apesar de hoje esse período dar conta de experiências datadas a partir dos séculos XV/XVI, foi apenas no século XVIII que essa denominação se firmou. Até então, a noção de tempo moderno, de novo tempo, dizia sobre o tempo em que se vivia não necessariamente trazendo uma série de conteúdos específicos. O tempo moderno era, então, parte de uma sucessão cronológica de eventos que poderia ainda ser compreendida por lógicas e exemplos apresentados por experiências históricas anteriores.

O rompimento com a lógica exemplar dos acontecimentos do passado e a consideração do tempo presente como completamente novo só foi possível com o estabelecimento de uma nova relação com o passado e com o futuro: “ Enquanto se acreditasse que nos encontrávamos na última era, o realmente novo do tempo não poderia ser senão o Último Dia que poria um fim a todo tempo anterior.”<sup>21</sup> Só quando essas expectativas de cunho cristãs deixaram de ser largamente compartilhadas é que um novo tempo pode ser considerado, marcado por ser

---

<sup>19</sup> KOSELLECK, R. *Crítica e crise*. p. 9.

<sup>20</sup> *Ibid.* p. 14-17.

<sup>21</sup> KOSELLECK, R. *Futuro Passado*: Contribuição à semântica dos tempos históricos. p. 278.

ilimitado e novo. Koselleck sustentava que, até então, o relevante era saber quando seria o Último Dia. Essa sequência de cálculos e expectativas desse dia foram abandonados ao final das guerras civis religiosas. Outros acontecimentos elencados por Koselleck que foram marcantes para a percepção de uma novidade são:

O avanço das ciências, que prometiam e anunciavam sempre mais descobertas no futuro, assim como a descoberta do Novo Mundo e de seus povos, repercutiram, de início lentamente, ajudando a criar a consciência de uma história universal, que como um todo estaria entrando em um novo tempo.<sup>22</sup>

Essa percepção de novidade que acompanha a consciência do tempo histórico chegou ao ponto de, rapidamente após o estabelecimento da noção de tempo moderno, trazer à tona a experiência de um tempo contemporâneo, marcado por uma maior celeridade da mudança – ou seja, da novidade. A noção de tempo contemporâneo se consolida rapidamente como uma maneira dos homens do período darem conta de uma experiência histórica marcada pela mudança acelerada, processo que foi auxiliado por um conjunto de expressões e neologismos tais como “revolução, progresso, desenvolvimento, crise, espírito do tempo – expressões que continham indicações temporais.”<sup>23</sup>

Segundo Koselleck, esse surgimento da percepção de um novo tempo é caracterizado por uma série de indícios ao longo do século XVIII. Um dos aspectos elencados por ele é que o tempo em si passa a ser visto de maneira distinta, não somente como a maneira em que as histórias se desenrolam, mas ele em si adquire qualidade histórica. “O tempo se dinamiza como uma força da própria história.”<sup>24</sup> O que por sua vez só se dá com uma nova visão da história, vista como um singular coletivo, a história em si sem um objeto atrelado a ela, não mais a história do Peloponeso, mas a História. Entre esses dois conceitos – História e Tempo – é estabelecida uma nova relação, em que a História se dá através do tempo e esse ganha uma conotação de força motora, possibilitando o movimento da História. Esse processo é chamado de temporalização.

Koselleck elenca diferentes expressões e princípios que ajudaram nesse processo de temporalização, sendo um deles crucial para a compreensão da obra de

---

<sup>22</sup> Ibid. p. 278.

<sup>23</sup> Ibid. p. 282.

<sup>24</sup> Ibid. p. 283

Bernanos: “o teorema nascido da experiência da anacronia das histórias diferentes, mas cronologicamente simultâneas.”<sup>25</sup> Esse teorema está relacionado às experiências associadas às grandes navegações e ao processo de descoberta do continente europeu do então considerado Novo Mundo.

A percepção mais ampla do globo evidenciou a existência de civilizações diversas. Essas civilizações eram classificadas em graus, em um esforço de comparação sincrônica, ou seja, numa comparação de sociedades que existiam ao mesmo tempo. Porém, essa classificação em graus se dava de maneira diacrônica. Ou seja, essas sociedades eram alocadas em momentos históricos distintos considerando que toda a humanidade compartilhava a mesma jornada de desenvolvimento. Koselleck esclarece esse teorema pela afirmação: “Olhando-se para a América selvagem a partir da Europa civilizada, olhava-se também para trás (..)”.

A história do mundo era vista como uma história universal e, pelo processo de comparação, “povos, estados, continentes, ciências, corporação ou classes” eram alocados em diferentes momentos do desenvolvimento geral da humanidade. Nesse sentido, sociedades estavam adiantadas ou atrasadas uma em relação as outras. Assim, desde o final do século XVIII foi sendo postulada a noção de aceleração daqueles que ainda não haviam alcançado o padrão máximo da civilização da humanidade. Segundo Koselleck, essa experiência do progresso se dá pelo “conhecimento do anacrônico que ocorre em um tempo cronologicamente idêntico”<sup>26</sup>. Por fim, o autor aponta que os enciclopedistas estabeleceram um padrão para “momentos, durações e prazos: o padrão do progresso, segundo o qual toda a história pode ser interpretada universalmente.”<sup>27</sup> A partir desse momento se instaura a análise da história a partir de critérios de tempo, associadas a avançar ou retroceder, progredir ou conservar.

Koselleck, por sua vez, mobiliza as categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” para dar conta da semântica dos tempos históricos, e foca a sua reflexão em como a experiência de articulação do passado, presente e

---

<sup>25</sup>Ibid. p. 284.

<sup>26</sup> Ibid. p. 285.

<sup>27</sup>Ibid. p. 286.

futuro se deu a partir do século XVIII. Segundo Koselleck, o espaço de experiência estaria associado ao passado que pode ser mobilizado no presente, ou seja, os acontecimentos incorporados pelos homens e que podem ser por eles lembrados<sup>28</sup>. Essa categoria usada para refletir sobre o passado é mobilizada a partir da noção de espaço, o que permite unir de uma só vez diferentes estratos de tempo, a partir da qual diferentes acontecimentos do passado estariam simultaneamente presentes na experiência coletiva. Já a noção de horizonte de expectativas está relacionada ao que se espera para o futuro, ao que ainda não se viveu, ao que apenas se pode esperar.<sup>29</sup> A noção horizonte dá conta de uma linha que indica o início de espaço que ainda não se pode vislumbrar, apenas prever. Koselleck sustenta que, a partir do mundo moderno e de acontecimentos marcantes como a Revolução Francesa, as categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativas começam a se descolar, o que foi vivido no passado não dá conta de informar as previsões de futuro. Koselleck sustenta que: “Uma característica do horizonte de expectativa esboçado pelo Iluminismo tardio é que o futuro não apenas modifica a sociedade, mas também a melhora.”<sup>30</sup> Nesse sentido:

Na experiência da modernidade, a crença nos avanços da inteligência, da ciência e das técnicas remetia, como notou Koselleck, à visão do tempo como *perfectionnement*, como uma escalada do progresso não somente científico, mas também moral.<sup>31</sup>

O trabalho de Koselleck debate a modernidade a partir da relação que os homens estabeleceram entre passado, presente e futuro a partir do século XVIII. Além disso, nos atenta para um conjunto de crenças em relação ao progresso da humanidade em termos técnicos, científicos e morais.

Por sua vez, os autores Lowy e Sayre, no livro *Revolta e Melancolia*, estudam o tema da modernidade a partir da formação e da generalização da economia de mercado:

No presente livro, a “modernidade” remeterá a um fenômeno mais fundamental e mais abrangente do que os dois sentidos evocados acima: a civilização moderna engendrada pela Revolução Industrial e a generalização da economia de mercado. Como já constatado por Max Weber, as principais características da modernidade – o espírito do cálculo (...), o desencantamento do mundo (...), a racionalidade

---

<sup>28</sup>Ibid. p. 309

<sup>29</sup> Ibid. p. 311.

<sup>30</sup>Ibid. p. 321.

<sup>31</sup> IEGELSKI, F. op. cit. p. 397.

instrumental (...), a dominação burocrática – são inseparáveis do aparecimento do “espírito do capitalismo”. As origens da modernidade e do capitalismo remontam à Renascença e à Reforma Protestante (daí a expressão “época moderna” utilizada pelos manuais de história para designar o período que começa no final do século XV), mas esses fenômenos só se tornarão hegemônicos no Ocidente a partir da segunda metade do século XVIII, quando termina a “acumulação primitiva” (Marx), quando a grande indústria começa a deslanchar e o mercado se libera da dominação social (Polanyi).<sup>32</sup>

Lowy e Sayre em seu livro consideravam complicado definir a modernidade sem considerar as implicações do sistema socioeconômico capitalista:

Esse sistema socioeconômico é caracterizado por diversos aspectos: a industrialização, o desenvolvimento rápido e conjugado da ciência e da tecnologia (traço que define a modernidade, de acordo com Petit Robert) a hegemonia do mercado, a propriedade privada dos meios de produção, a reprodução ampliada do capital, o trabalho “livre”, uma divisão intensificada do trabalho. E, em torno dele, desenvolvem-se fenômenos de “civilização” inteiramente ligados a ele: a racionalização, a burocratização, a predominância de “relações secundárias” (Cooley) na vida social, a urbanização, a secularização, a “reificação”. Essa totalidade, da qual o capitalismo enquanto modo e relações de produção é o principal unificador e gerador, mas que é rica em ramificações, é que constitui a “modernidade”.<sup>33</sup>

Ao vincular o tema da modernidade a relações de produção capitalista, ao predomínio da economia de mercado e a um processo de secularização, Lowy e Sayre nos ajudam a melhor compreender a obra de Bernanos. O autor que constantemente definia o mundo moderno a partir da multiplicação das máquinas.

Simmel por sua vez olhava para a modernidade a partir do recorte do final do século XIX e início do século XX. O autor no artigo “A Metrópole e a Vida Mental” considerava que a experiência de viver na metrópole nesse período representava uma ruptura no equilíbrio entre a subjetividade do indivíduo e os estímulos da cultura objetiva<sup>34</sup>:

Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> LOWY, M. e SAYRE R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. p.39-40

<sup>33</sup> Ibid. p. 40

<sup>34</sup> Cultura objetiva segundo Benzaquen remeteria a: “(...) toda aquela soma de informações, inovações, novidades intelectuais e materiais que eventualmente estivessem conectadas com um elemento capaz de garantir identidade (...)”. In: ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. **Zique Zaque**: ensaios reunidos (1977-2016). p. 375.

<sup>35</sup> SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. p. 11.

Anteriormente esse nexa entre a subjetividade e o entorno, representado pela cultura objetiva, possibilitava um tensionamento no sujeito e assim o desenvolvimento das suas capacidades de maneira ainda mais potencializada do que se tivesse permanecido isolado:

Exatamente para que esse sujeito, digamos que provocado, fertilizado, fecundado para aquilo que é diferente dele, tenha condições de atingir um resultado maior, mais sofisticado, tenha condições de se desenvolver de maneira mais complexa e mais sofisticada do que aquela que teria se desenvolvido, se deixado simplesmente entregue a uma espécie de ampliação do seu núcleo interior.<sup>36</sup>

Porém, viver sob a experiência da metrópole a partir do século XIX e XX, teria desequilibrado tal relação, uma vez que, a cultura objetiva teria multiplicado os seus estímulos. Simmel argumenta que a divisão do trabalho teria possibilitado o aumento da produção e o surgimento do mundo das mercadorias. Assim, se antes o mundo objetivo poderia oferecer uma relação moderada capaz de alimentar o desenvolvimento do indivíduo, agora era responsável por um excesso de informação:

O que se dá é o posto: é um sujeito que começa a ser bombardeado por um conjunto cada vez maior, mais variado, de elementos desse mundo objetivo que vão se produzindo numa quantidade e velocidade tão gigantesca que rigorosamente desnorteiam esse indivíduo. Esse portador de uma experiência subjetiva é colocado quase que em uma situação de receber os mais distintos e variados golpes a cada momento do dia.<sup>37</sup>

Esse sujeito da metrópole moderna seria então, de acordo com a leitura de Benzaquen, marcado por uma melancolia, afinal se veria com dificuldade de preservar a sua vida interior frente aos estímulos da vida material.

Simmel sustentava que a vida na metrópole, marcada pelo predomínio de atividades econômicas monetárias e atividades voltadas para a alta de produção de mercadorias potencializadas pela divisão do trabalho impactavam diretamente a vida interior dos indivíduos:

Pontualidade, calculabilidade, exatidão, são introduzidas à força na vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana e não estão apenas muito intimamente ligadas à sua economia do dinheiro e caráter intelectualístico. Tais traços também devem colorir conteúdo da vida e favorecer a exclusão daqueles traços e impulsos irracionais, instintivos, soberanos que visam determinar o modo de vida de dentro, ao invés de receber a forma de vida geral e precisamente

---

<sup>36</sup> ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. op. cit. 375.

<sup>37</sup> ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. op. cit. 377.

esquemática de fora. (...) Os mesmos fatores que assim redundaram na exatidão e precisão minuciosa da forma de vida redundaram também em uma estrutura da mais alta impessoalidade; por outro lado, promoveram uma subjetividade altamente pessoal.<sup>38</sup>

Simmel, descrevia um processo de impessoalidade, em que os princípios da racionalidade e do cálculo passam a orientar a formatar a interioridade de cada indivíduo a partir de exclusão de impulsos irracionais que visariam a tensionar a adesão a formas de comportamentos exteriores ao sujeito. Simmel descreveu sujeitos que, devido ao excesso de informação exterior e da redução de todos os objetos ao denominador comum do valor monetário, passam a agir diante do mundo de uma maneira *blasé*. Uma incapacidade de dar valor ao que se está no mundo e assim chegando ao ponto de não ser capaz de valorizar a sua própria interioridade:

A autopreservação de certas personalidades é comprada ao preço da desvalorização de todo o mundo objetivo, uma desvalorização que, no final, arrasta inevitavelmente a personalidade da própria pessoa para uma sensação de igual inutilidade.<sup>39</sup>

Simmel, então permite uma reflexão sobre a formação da modernidade a partir da perspectiva da cultura e da relação com a tradição. O autor sustentava que a modernidade representava uma ruptura da relação da subjetividade do indivíduo com a cultura objetiva, o que levaria a uma postura de melancolia.

O debate sobre a configuração da modernidade como uma experiência temporal, nos atenta para a maneira de experimentação de um tempo novo, que se abre para um futuro distinto do que foi vivido no passado e para a possibilidade de crença de que esse futuro será responsável por uma melhoria da vida em termos técnicos, científicos e morais. Koselleck defende que essa concepção de tempo moderno se consolidou a partir do século XVIII e o advento da Revolução Francesa e desmantelamento do Estado absolutista. Os autores Lowy e Sayre, que selecionam o mesmo recorte temporal para marcar o início da modernidade, desenvolvem um trabalho que prioriza o estabelecimento do capitalismo e suas consequências socioeconômicas para os indícios como elemento central da experiência moderna. Por fim, Simmel, ao olhar para o final do século XIX e para o século XX, apresenta um pensamento sobre a modernidade a partir de uma perspectiva cultural e com um

---

<sup>38</sup> SIMMEL, G. op. cit. p. 15.

<sup>39</sup> SIMMEL, G. op. cit. p. 17.

foco nas nuances de novidade, priorizando um olhar para os diálogos com a tradição estabelecidos por esses homens modernos. A reflexão sobre a novidade da concepção de tempo e instauração da crença do progresso, bem como essa ponderação sobre as consequências do estabelecimento do mundo moderno e sobre as rupturas e continuidades com a tradição, são chaves importantes para tornar a crítica a modernidade de Bernanos inteligível.

#### 4.2 Pessimismo diante da modernidade

O escritor francês em seus escritos de combate identificou a estruturação do mundo moderno como causadora a médio prazo de uma crise em seu país de origem, mas também uma crise de toda a civilização europeia. Nesse sentido, é possível afirmar que Bernanos olhava o presente dos acontecimentos políticos da Europa do século XX e o futuro europeus a partir de lentes pessimistas. Essa caracterização pessimista da modernidade aponta para uma desconfiança e um questionamento em relação à crença no progresso moral, científico e técnico que a partir do Iluminismo se tornou recorrente não só entre intelectuais, políticos, mas entre a população em geral.

O livro do pesquisador Antoine Campagnon, intitulado *Os Antimodernos*, nos ajuda a compreender essa circulação de ideias pessimistas sobre a modernidade presente na literatura francesa do século XIX e XX. Campagnon identifica Bernanos como um de uma série de autores franceses que poderiam ser descritos como antimodernos<sup>40</sup>, por não se adequarem completamente à sociedade moderna inaugurada após a Revolução Francesa. Os antimodernos seriam aqueles que, diante da modernidade, conseguiriam manter a capacidade analítica e crítica, são aqueles que mantêm uma relação de ambivalência com o mundo moderno. O antimoderno:

(...) qualificava uma reação, uma resistência ao modernismo, ao mundo moderno, ao culto do progresso, ao bergsonismo, tanto quanto ao positivismo. Designava

---

<sup>40</sup> Ver: “Quem são os antimodernos: Balzac, beyle, Ballanche, Baudelaire, Barbey, Bloy, Bourget, Brunetière, Barrès, Bernanos, Breton, Bataille, Blanchot, Barthes... Nem todos os escritores franceses cujo nomes começam com B, mas, a partir da letra B, um número imponente de escritores franceses(...) os modernos melindrados pelos Tempos modernos, pelo modernismo ou pela modernidade, ou os modernos que o foram a contragosto, modernos atormentados ou modernos intempestivos.” COMPAGNON, A. **Os antimodernos**: de Joseph de Maistre a Roland Barthes. p.11.

uma dúvida, uma ambivalência, uma nostalgia, mais do que uma rejeição pura e simples.<sup>41</sup>

Compagnon argumenta existir uma particularidade na “moderna sensibilidade antimoderna”<sup>42</sup>, que a diferenciaria de um mote usual de resistência à mudança presente, por exemplo na querela e entre os Antigos e os Modernos. Esse cenário de crítica se distingue de mais um movimento de querela entre os defensores do passado e daqueles que se atêm ao presente, ganha especificidade por ser um movimento crítico à experiência inaugurada após a Revolução Francesa e por se tratar de críticos que possuem uma relação ambivalente com tal modernidade. Esses escritores, ao mesmo tempo que eram levados pela corrente da modernidade, recusavam essa corrente. Compagnon afirma ser possível identificar seis traços ou temas comuns nos trabalhos dos antimodernos: contrarrevolução, antiiluminismo, pessimismo, pecado original, sublime, vituperação.<sup>43</sup>

Compagnon sustenta que a expressão “pessimismo” foi um neologismo surgido por volta das décadas de 1860/1870, e a princípio se referia a uma visão negativa ou à expectativa de resultados negativos no campo da política, relacionado “(...) à desilusão do progresso e da democracia, antes de se tornar individual, e seria um erro reduzi-lo a uma emoção psicológica(...)”<sup>44</sup> Compagnon reforça como os escritores antimodernos do século XIX desacreditavam do otimismo sugerido pela filosofia moderna e tinham seu trabalho marcado pela: “(...) contestação permanente da lei do progresso, ‘farol obscuro’, como Baudelaire a chama em sua senha da Exposição universal, em 1855, ‘essa lanterna moderna (que) lança trevas sobre todos os objetos do conhecimento.’”<sup>45</sup> É interessante identificar como, para o antimoderno Baudelaire, a crença no progresso, associado à confiança no desenvolvimento da capacidade humana de fazer uso da sua razão, acabava por levar ao contrário do esperado, ao invés de ser um caminho para a construção de conhecimento, acaba por obscurecê-lo. Assim, Baudelaire inverteu o par luzes e

---

<sup>41</sup> Ibid. p. 13

<sup>42</sup> Ibid. p. 13

<sup>43</sup> “Entretanto, uma diferença capital separa do eterno preconceito contra a mudança a moderna sensibilidade antimoderna. Esta, historicamente situada, tem uma data de nascimento que não deixa dúvidas: é a Revolução Francesa como ruptura decisiva e reviravolta fatal.” Ibid. p. 13

<sup>44</sup> Ibid. p.70.

<sup>45</sup> Ibid. p. 63.

trevas utilizado de maneira recorrente na filosofia moderna do XVIII e que inclusive se encontrava na base do movimento intelectual iluminismo.

Compagnon reforça que a desconfiança de Baudelaire com o progresso estaria associada à desconfiança dele com o homem, tal como é possível perceber em Fusées:

O que há de mais absurdo do que o Progresso, pois o homem, como está provado pelos fatos cotidianos, é sempre semelhante e igual ao homem, isto é, ainda no estado selvagem (...) ele não é o homem eterno, isto é, o mais perfeito animal de rapina?.<sup>46</sup>

Baudelaire como vimos fundamentava o seu pessimismo com o mundo moderno no desconforto com a ideia de progresso, que a crença nele poderia levar ao desconhecimento. Além disso, Baudelaire questionava o progresso por se basear na ideia de uma natureza humana eterna que seria boa. O autor desacreditava na ideia desenvolvida por Rousseau em *Do contrato social* e se aproxima de uma visão hobbesiana do homem de uma eterna luta de todos contra todos. Compagnon analisa que no trecho de Fusées de Baudelaire:

Toda a filosofia do Iluminismo é contestada por um argumento de autoridade fechado em uma questão retórica: o mito do bom selvagem é ultrajado pois o homem é sempre igual a ele mesmo no mal, “homem eterno” ou “animal de rapina”<sup>47</sup>

Para além dessa referência filosófica, outros autores antimodernos fizeram uso de situações concretas do cotidiano ou ainda referências históricas para tecer suas críticas pessimistas ao mundo moderno, tal como é possível perceber pela citação a seguir do filósofo De Maistre:

(...) se se quisesse conduzir o otimismo mais empedernido pelos hospitais, pelos leprosários e pelas câmeras de tortura cirúrgicas, pelas prisões, pelos locais de suplício, pelas senzalas, pelos campos de batalha e pelos tribunais criminais, (...) e se enfim o deixassem olhar dentro da torre esfomeado de Ugolino, - então, seguramente, ele também acaba por reconhecer de que tipo é este melhor dos mundos possíveis.<sup>48</sup>

O pessimismo antimoderno reforçaria as contradições vividas no mundo dos séculos XIX e XX, que impediriam tais escritores de acreditarem que a realidade operava a partir de uma lógica necessária do progresso. Como acreditar que se vivia

<sup>46</sup> BAUDELAIRE Apud COMPAGNON. **Os Antimodernos**: de Joseph de Maistre a Roland. p. 63

<sup>47</sup> COMPAGNON, A. **Os antimodernos**: de Joseph de Maistre a Roland. p. 63

<sup>48</sup> Ibid. p. 72

em um mundo baseado na constante evolução do gênero humano, se o presente ainda era marcado por torturas, prisões, senzalas? A geração do final do século XIX, por exemplo, reforçava uma série situações de eventos históricos que dificultavam uma visão otimista do seu presente e futuro tais como: a invasão de 1870, a guerra civil de 1871 ou ainda a insalubridade das condições de vida em Paris.

As obras de combate escritos por Bernanos durante a sua estadia no Brasil, que apresentam esse tom pessimista e crítico à crença no progresso, foram descritos por Compagnon como característicos de autores antimodernos, tal como é possível identificar a seguir:

A atual situação da Europa não é muito diferente da situação do século XI, Oh! Gostaria de tanto que tal aproximação não passasse de um jogo de espírito aos olhos dos homens de boa-fé que me leem! Quase quarenta anos nos separam dos tempos em que a invenção do dirigível, do automóvel e do avião anunciava o fim das doenças... Estávamos tão felizes conosco, tão ingenuamente certos de surpreender o passado, teríamos tido tanto orgulho em passear com Ramsés II, Alexandre, o Grande, César, Maomé, Carlos V, Luís XIV pela Exposição Universal de 1900, como se fossem parentes da província! E é verdade, no entanto, que, se pensarmos bem estamos agora ainda mais perto de um homem do ano 1000 que de um contemporâneo de Napoleão III. Nossa angústia se parece com a dele, pois tem o mesmo caráter indefinido; como ele, perguntamo-nos: aonde vamos? Porque, como ele, sentimos que não encontraremos novamente o que perdemos, ou o que encontraremos sob outra forma, irreconhecível, sentimos que estamos assistindo ao fim de um mundo sem saber ao certo qual será o mundo que o substituirá, nem, ao menos, se esse mundo deve ser substituído!<sup>49</sup>

Bernanos considerava estar vivendo sob a possibilidade do fim do mundo e pela incerteza de que tipo de realidade seria instaurada. A visão do autor para o seu presente era marcada pelo pessimismo, afinal considerava que o homem do século XX estava mais próximo do homem do ano mil do que aquele contemporâneo de Napoleão III, indicando que no intervalo entre o final da década de 1870 até 1940 – período em que escrevia – a sociedade francesa tinha experimentado um processo de decadência. Ele afirmava que o homem de 1940 parecia distante daquele que havia inventado o dirigível, o automóvel e que parecia ter competência de dar fim a diferentes doenças. Assim sendo, o homem de 1940 não seria capaz de caminhar ao lado de grandes figuras históricas como Maomé, Carlos V e Luís XIV. Nesse sentido, Bernanos não compartilhava de uma concepção de história que implicasse

---

<sup>49</sup>BERNANOS, G. *Carta aos Ingleses*. p. 167.

em um desenvolvimento contínuo e progressivo das capacidades humanas morais, técnicas ou científicas.

Nesse trecho Bernanos reforçou o seu pessimismo ao comparar a situação dos franceses do século XX com os homens do ano mil, que experimentavam um desafio no campo religioso e espiritual e buscavam lidar com as previsões e expectativas do fim do mundo, do retorno do messias e do julgamento das almas. Assim, Bernanos apontava para um momento de transição, como se a partir da Revolução Francesa se fora progressivamente estruturando uma nova sociedade, um novo mundo que substituiria aquele no qual Bernanos cresceu. Apesar do futuro ainda carregar em si uma esperança, o autor não apostava que ele seria necessariamente melhor do que seu presente.

Esse aspecto de ambivalência e dúvida diante da modernidade é identificado por Compagnon nas obras do escritor francês. Compagnon recupera a obra *Scandale de la Verité*, de 1939, em que Bernanos criticou Maurras, que em sua confiança não considerava legítimo se desesperar no campo da política. Bernanos, por sua vez, considerava o ato da desconfiança, da dúvida e da ambivalência como próprios da atitude do herói<sup>50</sup>. Compagnon também identifica Bernanos como um antimoderno na sua descrença em relação ao progresso contínuo do homem nos campos da liberdade, igualdade e fraternidade.<sup>51</sup>

Os pesquisadores Löwy e Sayre, por sua vez, refletem sobre a crítica à modernidade a partir da noção de falta. No livro *Revolta e Melancolia*<sup>52</sup>, analisam o romantismo a partir do aspecto crítico a modernidade, assim descrevendo interessantes chaves de leitura para a obra de Bernanos. Os autores defendem que apesar do romantismo se referir a um movimento intelectual do século XIX é possível identificar características românticas em autores do século XX tal como Georges Bernanos. Os pesquisadores definem o romantismo como uma:

(...)modalidade, uma tonalidade particular de crítica ao mundo moderno. De fato, na óptica romântica essa crítica está vinculada à experiência de uma perda; no real moderno uma coisa preciosa foi perdida, tanto no nível do indivíduo quanto no da humanidade. A visão romântica caracteriza-se pela convicção dolorosa e

<sup>50</sup> COMPAGNON, A. op. cit. p. 92

<sup>51</sup>Ibid. p.95.

<sup>52</sup> LOWY, M. e SAYRE R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. São Paulo: Boitempo.

melancólica de que o presente carece de certos valores humanos e essenciais, que foram alienados. Senso agudo da alienação, então, frequentemente vivido como exílio; (...) A alma, sede do humano, vive aqui e agora longe de seu verdadeiro lar ou de sua verdadeira pátria(...)"<sup>53</sup>

Como vimos nos trechos anteriores, Bernanos mobilizava a noção de falta em sua crítica ao mundo moderno, afinal o autor ressentia viver em um presente em que a França não possa exercer a sua influência religiosa e intelectual e que o seu país não viva os valores históricos e humanos muitas vezes associados a liberdade, igualdade e fraternidade. Sobre a perda de influência cultural, Bernanos afirmava:

Dirão alguns que essa alteração do gosto, essa tripla decadência da arquitetura, do mobiliário, da vestimenta foi generalizado na Europa do último século. Ora, nada mais natural, visto que, com respeito ao vestuário a moda, à arquitetura era França que dava o tom!<sup>54</sup>

Essa sensação de deslocamento e não conexão com o presente em que se vive pode ser percebida não só pela própria situação de exílio autoimposta que Bernanos experimentou mais de uma vez em vida, mas também pela percepção de que seu exílio não era apenas físico - a sua relação com a sua pátria França encontrava-se abalada. Na introdução ao livro *A França contra os robôs*, Bernanos afirmou que se encontrava em exílio já há anos no Brasil e que, se tivesse permanecido na França, lá também seria considerado um exilado, pois ali não era mais possível respirar livremente e viver com honra - um homem francês que buscasse viver de tal maneira se sentiria isolado.

Outro aspecto elencando no livro *Revolta e Melancolia* como característico dos românticos que se associa à crítica de Bernanos ao mundo moderno é a valorização do passado. Lowy e Sayre sustentam que:

Há um desejo ardente de reencontrar o lar, retornar à pátria no sentido espiritual, e é precisamente a nostalgia que está no âmago da atitude romântica. O que falta no presente existia antes, em um passado mais ou menos longínquo. A característica essencial desse passado é a diferença com relação ao presente: ele é o período em que as alienações modernas ainda não existiam. A nostalgia aplica-se há um passado pré-capitalista, ou pelo menos um passado em que o sistema socioeconômico moderno ainda não estava plenamente desenvolvido.<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> Ibid. p. 43

<sup>54</sup> BERNANOS, G. *A França contra os Robôs*. p. 68

<sup>55</sup> LOWY, M. e SAYRE R. op. cit. p. 44

O tema do retorno a pátria foi largamente explorado por Bernanos. Afinal, o autor sonhava com que a França voltasse a assumir o seu papel de defensora da liberdade e a viver de acordo com a fé católica. Além disso, o autor afirmou no livro *Carta aos Ingleses* que conseguiu no Brasil encontrar a França que há muito não via, uma França associada às ideias de 1789:

A França de 1789 ainda está presente por toda a parte – sim, por toda a parte presente, até nas mais longínquas cidades brasileiras, perdidas na floresta anã e retorcida, fervilhante de insetos ou de répteis, no deserto vegetal que a estação seca recobre com uma espécie de tosão cinza e fúlvido de odor ferino...Falo do que conheço. A França amada é a França de Rousseau (...)<sup>56</sup>

Bernanos se refere a essa pátria como aquela das ideias novas, aquela que acreditava “(...)só dependia de sua vontade, de sua inteligência, libertar o gênero humano, não apenas das tiranias, mas até mesmo (...) das disciplinas sociais, estando o cidadão apto a agir conforme sua Razão, sem nenhuma necessidade de restrições.”<sup>57</sup> Bernanos identificava assim que o homem de 1939 estava mais distante dessas ideias do que homem de 1789, trazendo a noção de decadência e pessimismo.

### 4.3 Anticapitalismo e modernidade

Para além dos atributos da falta e valorização do passado, Lowy e Sayre identificam o aspecto anticapitalista da crítica romântica a modernidade. Os dois pesquisadores elencam seis características da sociedade capitalista moderna que eram percebidas como intoleráveis para os escritores românticos: desencantamento do mundo, quantificação do mundo, mecanização do mundo, abstração racionalista, dissolução de vínculos sociais.

A crítica anticapitalista dos escritores românticos nem sempre foi articulada de maneira explícita, segundo Lowy e Sayre: “A crítica recai em geral sobre as características do capitalismo cujos efeitos negativos permeiam as classes sociais, e que são vividas como miséria em toda essa sociedade.”<sup>58</sup> Em uma série de casos as reclamações estariam associadas à coisificação do homem, explicada pela

---

<sup>56</sup> BERNANOS, G. *A França contra os Robôs*. p. .65

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 69.

<sup>58</sup> LOWY, M. e SAYRE R. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015, p.41.

predominância das relações mediadas pela lógica do dinheiro, em que fica mais palpável a possibilidade de o trabalhador ser tratado como objeto e ter a sua humanidade desrespeitada. Os autores também afirmam que:

De maneira geral, poderíamos distinguir várias facetas desse sistema, sobre as quais podem concentrar-se a crítica: por um lado tudo o que diz respeito às relações de produção (em regime capitalista, centradas no valor de troca, nas relações quantitativas de dinheiro); por outro lado, os meios de produção (meios tecnológicos apoiados em bases científicas); e por fim, o Estado e o aparelho político moderno que gera o sistema social (ou é gerado por ele).<sup>59</sup>

No livro *Revolta e Melancolia*, Bernanos, por exemplo, é caracterizado como um escritor romântico pela sua crítica anticapitalista ao mundo moderno:

No título *Grandes cemitérios sob a lua*, Bernanos apresenta a imagem metafórica de sua concepção da sociedade moderna: tudo é atingido de morte espiritual em um mundo iluminado apenas pelo valor do dinheiro. Nesse mesmo livro, ele denuncia no homem moderno “a extrema solidão em que o deixa uma sociedade que só conhece entre as pessoas as relações de dinheiro.”<sup>60</sup>

Os pesquisadores Lowy e Sayre reforçam que no livro *Grandes cemitérios sob a lua*, de 1938, Bernanos via a sociedade moderna sob uma ótica pessimista pelo enfoque dado as relações baseadas no dinheiro, o que levaria a uma morte espiritual. Porém, esse tipo de crítica não foi articulado por Bernanos apenas para se referir à guerra civil espanhola. Também é possível identificar uma crítica anticapitalista nos trabalhos posteriormente redigidos, quando se encontra em sua segunda experiência de autoexílio. Assim, Bernanos demonstraria um engajamento, uma disponibilidade para lidar com essa realidade marcada pela perda de valores espirituais. No livro de 1938, Bernanos explicitou que a “única atitude legítima é o engajamento em uma luta absurda, e perda de antemão, para restaurar o paraíso perdido.”<sup>61</sup>

Nas páginas iniciais do *Carta aos ingleses*, Bernanos afirmou que a civilização moderna iria mais cedo ou mais tarde se revelar pelo que era: “(...) a expulsão a ferros de um feto não viável, uma gigantesca empresa de aborto”<sup>62</sup>.

<sup>59</sup> LOWY, M. e SAYRE R. op. cit. p. 42

<sup>60</sup> Ibid. p. P.90

<sup>61</sup> Ibid. p. P.91.

<sup>62</sup> BERNANOS, G. *Carta aos Ingleses*. p.8.

Nesse trecho, o escritor associou a sociedade moderna ao processo de estruturação do capitalismo pautado no modo de produção fabril, que a partir da Revolução Industrial inglesa se disseminou para o resto do mundo. Porém, Bernanos não interpretava essa forma de produção a partir de um viés otimista. Apesar de não negar o aumento da capacidade produtiva possibilitado pela introdução das máquinas no cotidiano moderno, ele reforçava as consequências negativas dessa nova tecnologia. A expressão aborto e “expulsão a ferros” explicita como tal modo de produção poderia afetar a manutenção da existência da humanidade aos olhos do autor francês.

Bernanos em seus escritos de combate reforçava que a multiplicação das máquinas ampliava inclusive a capacidade destrutiva do homem, tornando viável a destruição da humanidade com apenas um artefato – como a bomba atômica. Porém, essa destruição da humanidade não ocorreria apenas pela sua destruição material. Também seria possível ameaçar a humanidade pela perda dos elementos que Bernanos considerava seus definidores, como a liberdade. O autor sustentava que a sociedade moderna estava cada vez mais distante de uma sociedade espiritualizada, que conseguia manter valores como a liberdade, autonomia, amor a Cristo, em que o que era valorizado era o desenvolvimento tecnológico e o aumento da produtividade.

Nesse sentido, Bernanos valorizava o povo brasileiro por possuir uma lógica de viver a vida distinta da lógica capitalista da produtividade. O autor se dirige aos brasileiros no prefácio a *Carta aos Ingleses* sustentando que:

Pensam que vocês tardam muito a “explorar” sua terra, isto é, a refazê-la à sua imagem e semelhança, a explorar sua terra isto é, abri-la para eles, escancará-la por completo. Eles ouvem alguma coisa que se move lá dentro, não sabem bem o que, e sonham possuir essa coisa imediatamente, viva ou morta. Medem a espessura de suas montanhas, as encostas, os rios, a profundidade de seus vales; calculam o que isso custará em marcos, florins, ienes, rublos, piastras, libras ou dólares, para reduzir todos os obstáculos e lhes trazer a felicidade sob a única forma que dela conhecem: as mercadorias. A única coisa que esquecem é que as montanhas podem ser perfuradas, os rios desviados de seu curso, os vales transpostos ou tapados, mas que nenhuma força do mundo seria capaz de mudar a natureza de um povo, sua concepção íntima, tradicional ou familiar da vida, isto é, em suma, a ideia de felicidade que esse povo constrói.”<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup>Ibid. p.9.

Ao invés de defender a imposição de uma lógica do progresso técnico que visaria a exploração completa e rápida das terras brasileiras, Bernanos afirmava ser mais importante manter um estilo de vida próprio do brasileiro, a sua forma de felicidade. A exploração lenta da terra não seria uma forma de preguiça, mas sim uma maneira de se manter constantemente disponível para trabalhar uma terra que era inóspita ao homem, uma forma de não ser consumido pelo trabalho. Nesse sentido, Bernanos reconhecia a existência de um progresso técnico, que possibilitaria, por exemplo, o desvio de um rio ou a perfuração de uma montanha, porém isso não significaria um progresso da humanidade. Os brasileiros, ao não explorarem a sua terra, poderia ter algo mais valioso do que “pastos e pomares: vocês lhe terão dado um povo livre, formado para a liberdade.”<sup>64</sup>

Ao defender os valores intrínsecos de cada povo como algo mais relevante do que apenas o progresso técnico, Bernanos se aproximava de uma forma de percepção da vida similar à do poeta oitocentista Baudelaire, que por sua vez afirmava: “Só pode haver progresso (verdadeiro, ou seja, moral) no indivíduo e pelo próprio indivíduo.”<sup>65</sup> O progresso não viria apenas pelo desenvolvimento da tecnologia, se isso não significasse uma manutenção de um olhar interior para a prática moral daquele homem. Inclusive, Baudelaire afirmava que: “A crença no progresso é uma doutrina de preguiçosos, uma doutrina de belgas. É o indivíduo que conta com os seus vizinhos para cumprir com suas obrigações.”<sup>66</sup> A crença de que constantemente as capacidades humanas iriam se desenvolver poderia levar à preguiça e à falta de comprometimento com o desenvolvimento de sua moral.

Bernanos, por sua vez, ao olhar para a realidade do homem moderno do século XX, argumentava como o desenvolvimento técnico não alcançou uma sociedade que moralmente estava preparada para tal. Bernanos ao narrar a instauração do sistema capitalista repetiu várias vezes como esse processo se deu de maneira abrupta e em uma sociedade que não estava preparada para lidar com a multiplicação das máquinas:

---

<sup>64</sup> Ibid. p. 16.

<sup>65</sup> BAUDELAIRE Apud COMPAGNON. Os Antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland. p p. 93.

<sup>66</sup> BAUDELAIRE Apud COMPAGNON. Os Antimodernos: : de Joseph de Maistre a Roland. p. 65

Suponham que se perguntassem a um homem culto do século XIII, do século XV, ou do século XVII: “Como você imagina a sociedade do futuro?”. Ele logo teria pensado em uma civilização pacífica, muito próxima da natureza e, ao mesmo tempo, prodigiosamente refinada. Ao menos foi para esse tipo de civilização que a França se preparou durante a sua longa história. (...) Compreende-se muito bem, agora, o erro deles. A invasão da Maquinaria pegou essa sociedade de surpresa: ela como que desmoronou bruscamente embaixo desse peso, de modo surpreendente. É que ela nunca havia previsto a invasão da Máquina; a invasão da máquina era, para ela, um fenômeno inteiramente novo. Até então o mundo só havia conhecido instrumentos, ferramentas – mais ou menos aperfeiçoados, sem dúvidas-, que eram como o prolongamento dos membros.<sup>67</sup>

Nesse sentido, a modernidade para Bernanos evocava também a noção da instauração de algo completamente diferente, de algo novo, em que o passado não é mais o suficiente para orientar a ação no presente e que o futuro também se coloca como aberto. Assim tal como a crítica de Bernanos ao mundo moderno nos convocou a pensar a realidade socioeconômica do que seria essa modernidade, ela também nos convoca a refletir sobre o aspecto de novidade desse tempo que estava sendo anunciado.

É possível perceber que Bernanos articulou os seus escritos políticos a partir de um forte componente temporal, afinal ele mobilizava diferentes operações temporais na sua crítica ao mundo moderno. Em primeiro lugar, o autor compara a experiência do passado com a experiência vivida em seu presente, em que o passado é identificado como o momento em que valores franceses tais como a liberdade eram postos em prática e o presente foi associado como o momento de negação de tais valores. Em um segundo lugar, o autor mobiliza uma crítica à noção de progresso que implicaria um constante desenvolvimento das capacidades humanas conforme o passar do tempo - afinal o presente, segundo o escritor, seria marcado pela decadência de valores práticos no passado da história francesa. Por fim, é possível identificar nessa crítica ao mundo moderno um esforço de pensar o futuro que teme que seja marcado pela desonra ou ainda pela destruição da humanidade.

Bernanos não identificava os valores franceses ao olhar para a experiência do mundo moderno, e essa experiência de um presente tão distinto do passado vivido gerava um desconforto no autor que considerava que a civilização europeia estava ameaçada diante de um sistema econômico capitalista. Além disso, Bernanos considerava que a instauração do mundo moderno e do sistema econômico a ele

---

<sup>67</sup> BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p. 71.

associado foi inesperada, como se as experiências do passado não pudessem informar o homem europeu a viver naquela situação. Além disso, Bernanos olhava para um futuro incerto e aberto que poderia ser desastroso para toda a humanidade e não apenas para os franceses.

Assim, é possível afirmar que a crítica ao mundo moderno elaborada por Bernanos é estruturada a partir de uma concepção moderna de história, ao depender de critérios temporais de comparação entre passado e presente e expectativa por um futuro distinto e ameaçador. Bernanos, informado por esses princípios, olhava para a história da França e da Europa após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa como um processo de decadência e de retroação no campo dos valores. Nesse sentido, se posicionando de maneira contrária a um dos elementos centrais da modernidade que seria a crença no progresso do gênero humano.

Bernanos se encontrava assim à beira da modernidade, em uma relação ambígua com o mundo moderno. Se por um lado operava com conceitos próprios da modernidade, como a noção de tempo moderno e de um campo de experiência incapaz de informar a ação dos homens no presente. Por outro, Bernanos parecia distante do seu tempo, valorizando a forma de vida da França anterior à Revolução de 1789. Nesse sentido, vale retomar a reflexão apresentada por Compagnon:

(...) os verdadeiros antimodernos são, também, ao mesmo tempo, modernos, ainda e sempre modernos, ou modernos contra a sua vontade. Baudelaire é o protótipo, sua modernidade – foi ele quem inventou a noção – sendo inseparável de sua resistência ao “mundo moderno (...)”<sup>68</sup>

Bernanos mantinha essa relação de resistência ao mundo moderno, criticando a derrota francesa na Segunda Guerra Mundial e ameaça de expansão da lógica de governo totalitária, ou ainda criticando um mundo pautado na lógica do dinheiro e não em valores como liberdade, direito e justiça. Porém, essa resistência ao mundo moderno não significou uma postura melancólica, vide o seu engajamento na discussão pública sobre a conjuntura política da Europa através da publicação de livros e artigos de combate em jornais. Bernanos assim não negaria a modernidade por completo, seria assim um homem moderno que não se eximiria

---

<sup>68</sup> COMPAGNON, A. op. cit. p.12.

de uma autocrítica. Ele não propõe, por exemplo, um simples retorno ao passado, tal como é possível identificar no trecho do livro *Carta aos ingleses*:

Caro Senhor Roosevelt, que os burgueses democratas americanos não finjam, aqui, acreditara que sonho vê-los impor o antigo regime no meu país. Isto já foi, a propósito, tão ridicularizado por filmes idiotas em seu país que não vou agora fazer uma desforra dizendo francamente que não acredito que façam parte de um tipo de humanidade capaz de viver à vontade em qualquer um dos nossos grandes séculos franceses ressuscitados; eles ficariam um pouco incomodado. Não, caro Senhor Roosevelt, não peço nem ao senhor nem a própria França uma restauração do passado, a qual seria tão artificial quanto uma exposição retrospectiva.<sup>69</sup>

Lowy e Sayre, ao falarem sobre a crítica dos românticos à modernidade, afirmam que:

Devemos notar igualmente que o romantismo é, queira-se ou não uma crítica moderna da modernidade. Isso significa que, mesmo se revoltando contra ela, os românticos são (sic) poderiam deixar de ser profundamente influenciados por sua época. Assim, ao reagir afetivamente, ao refletir, ao escrever contra a modernidade, eles reagem, fletem e escrevem em termos modernos. Longe de lançar um olhar exterior, de ser uma crítica vinda de um “além” qualquer, a visão romântica constitui uma “autocrítica” da modernidade.<sup>70</sup>

A partir dessa hipótese, de que Bernanos mobilizou termos modernos para fundamentar a sua crítica à modernidade, iremos analisar como esse construiu uma história do afastamento da França da cristandade.

#### 4.4 Desencantamento

Bernanos, como dito anteriormente, redigiu o livro *Carta aos ingleses* como maneira de compreender a crise cultural francesa sintomatizada, segundo ele, na derrotada aos nazistas em 1940. Ao analisar a cultura francesa, o autor afirmava que seu povo era: “(...) uma cristandade em marcha rumo a um reino de igualdade, de liberdade, de fraternidade no qual às vezes nos é difícil de crer, porque não cremos de bom grado senão naquilo que vemos, e nunca o vimos.”<sup>71</sup> Nesse sentido, ele atrela a história da França à história da cristandade e coloca o povo francês como representantes do caminhar da humanidade rumo à conquista de valores universais como liberdade, fraternidade e igualdade. Nesse sentido, valores associados historicamente aos ideais da Revolução Francesa, vistos por muitos como uma

<sup>69</sup> BERNANOS, G. *Carta aos Ingleses*. p.162.

<sup>70</sup> LOWY, M. e SAYRE R. op. cit. p.43.

<sup>71</sup> BERNANOS, G. *Carta aos Ingleses*. p. 23.

experiência de secularização, ganham uma conotação religiosa, e seriam em alguma medida vistos como ponto de chegada de um longo processo.

Compagnon, em seu estudo sobre autores antimodernos afirmava que uma das razões para uma análise pessimista da realidade moderna por parte dos escritores do século XIX e XX estaria associada à incapacidade do homem moderno de se engajar com alguma religião:

(...) a própria raiz do pessimismo residia na incapacidade moderna de aderir a uma fé. Essa impossibilidade de crer tornava melancólicos os jovens cheios de energia, mas reprimidos em sua dúvida. A juventude, segundo Bourget, não estava satisfeita com o seu pessimismo, mas através dele exprimia a sua aspiração de um novo ideal.<sup>72</sup>

A obra de Bernanos pode ser lida a partir dessa chave. Muito do pessimismo e da crítica à modernidade por parte do autor estava baseada na sua interpretação de que o mundo moderno se distanciava da fé cristã e de que os valores cristãos não orientavam mais ação dos homens no dia a dia. No seio dessa crítica, como vimos, Bernanos interpretava a história francesa a partir das lentes da religião:

Toda a nossa história, durante séculos, foi a história de uma lenta e inexorável restauração da Ordem Pagã, de uma vingança da Ordem Pagã contra uma civilização cristã que, a propósito acabara de começar, na qual os próprios cleros provavelmente nunca acreditaram, pela qual nunca tiveram coragem de correr riscos.<sup>73</sup>

A história francesa segundo Bernanos seria marcada por esse processo de decadência da civilização cristã e restauração de uma ordem pagã. Inclusive esse processo de perda dos valores cristãos também estaria associado à atitude do próprio clero. É interessante perceber que em determinados momentos do mesmo escrito de combate, como por exemplo no livro *Carta aos Ingleses*, Bernanos apresentava visões aparentemente conflitantes sobre a história francesa. Se por um lado, descrevia o povo francês como aquele marcado por uma missão religiosa de expandir para o mundo valores como liberdade, igualdade e fraternidade rumo ao reino de Deus, por outro lado, a história francesa era marcada pela restauração de uma ordem pagã. Nesse sentido, Bernanos construía uma narrativa histórica aberta, em que apesar de identificar sinais de enfraquecimento da civilização cristã e da instauração de uma ordem pagã na França, tinha esperança de que o povo francês

<sup>72</sup> COMPAGNON, A. op. cit. p. 91.

<sup>73</sup> BERNANOS, G. *Carta aos Ingleses*. p. 182.

iria cumprir sua missão e retomar seu curso rumo à garantia de valores universais tal como a liberdade.

Bernanos elencava que um mundo orientado pelo lucro questionaria a possibilidade de manter uma vida orientada pelos valores católicos: “Todo mundo fala em restaurar os valores espirituais; a frase está na moda. Nunca se poderão restaurar os valores espirituais enquanto o Lucro for honrado, ao passo que deveria quando muito ser tolerado ou controlado.”<sup>74</sup> Se o mundo moderno era visto pelo escritor como um tipo de sociedade focada no lucro, avesso ao espírito e ao comprometimento com a fé cristã, não significava que a modernidade havia se formado a partir de um rompimento completo com a religião. Em parte, Bernanos parecia identificar que um dos elementos de crise da civilização cristã seria a associação da religião com a política ao longo da história europeia.

Ainda no livro *Carta aos ingleses*, ele lista como um dos indícios desse processo de crise civilizacional a instauração da Igreja Anglicana na Inglaterra, visto pelo autor como rompimento de uma unidade europeia:

Ao longo de três séculos, a política de nossos dois países nunca mais se inspirou em uma ideia comum; deixamos que a frente da cristandade se rompesse, perdemos o sentido da unidade europeia (...). Deixamos que a frente cristã se rompesse, e os ódios religiosos, o orgulho e a ganância das igrejas inimigas, o fanatismo dos devotos levavam ao seu mais alto grau de maleficência as combinações do maquiavelismo político emprestado dos gângsteres do Renascimento italiano.<sup>75</sup>

Para além desse rompimento da cristandade no século XVI, Bernanos identificou a ascensão da burguesia ao poder cultural e político na França, ao longo dos séculos XIX e XX, como um dos elementos que distanciava o povo francês da sua missão espiritual em prol dos valores cristãos. Bernanos olhava para a experiência da Primeira Guerra Mundial como reveladora do distanciamento entre a burguesia e o povo francês. Ao se referir à burguesia, argumentava que: “Turvaram a consciência do nosso povo, traíram sua consciência, e os que a traíram foram precisamente aqueles que pretendiam ser seus guias. É verdade que esse povo se renegou, mas seus próprios guias o fizeram anteriormente.”<sup>76</sup> O autor argumentava que os governantes teriam levado a população francesa a guerra

---

<sup>74</sup> Ibid. p. 163.

<sup>75</sup> Ibid. p.43.

<sup>76</sup> Ibid. p. 33.

apostando que essa seria a maneira de garantir a liberdade, a paz, a igualdade. Porém, a guerra não teria garantido ao povo uma vida próspera e orientada por valores espirituais:

O povo da França acreditou lutar pelo Direito, pela Justiça, pela Paz Universal, e as mesmas pessoas que ele julgava tão superiores a ele pela educação, pela cultura, riam na cara dele, tratavam essas grandes palavras de “balela”. Porque nada souberam tirar da guerra, proclamavam que a guerra é um engano, e o povo se perguntava, tristemente, por que esses senhores outrora tanto o encorajavam a fazê-la.<sup>77</sup>

Nesse sentido, Bernanos criticava a burguesia por ela não conseguir representar a tradição francesa e por se apropriar de seus valores, como na noção de justiça ou paz, fazendo-o de maneira vazia:

Esse nome de burguesia não se impõe a mim de forma alguma, pois não representa mais para nós além de um espírito, quer dizer, um pequeno número de preconceitos ou hábitos, às vezes respeitáveis, mas sem nenhuma ligação profunda com nossa tradição ou com nosso passado. (...) A burguesia, com efeito foi tudo. Ela destruiu nossa monarquia, quebrou o ambiente de uma sociedade milenar, cuja pobreza desdenhava, sem prever que ela carregava assim um golpe fatal, não para com algumas bravas gentes inofensivas que invejava, mas para com a tradição militar e camponesa que fez a grandeza de nossa nação. Apoderou-se de nosso antigo domínio, hipotecou-o pra além de seu valor, a fim de transformá-lo segundo seu gosto e, em seguida, pereceu de sua própria vitória.<sup>78</sup>

A burguesia se apropriava de um conjunto de valores, porém sem os vínculos sociais que tais ideias implicavam. Ao invés de operar pela lógica cristã do serviço e do cuidado para com o próximo, ela se apropria dos valores e da estruturação da ordem e justiça apenas na medida em que lhe é adequada:

Ela despreza o povo, mas teme-o. Reprimo-a menos por desprezá-lo que por temê-lo, pois o povo não suporta ser tratado como inimigo da nação. A grande infelicidade da atual burguesia é ser rica e poderosa demais para servir, muito malnascida para eleva-se À concepção de um serviço desinteressado, de um serviço pelo qual não se paga. A todos os valores preciosos que pretende defender, ela lhe dá ingenuamente o pronome possessivo, ela diz MINHA Ordem, MINHA Propriedade, MINHA Justiça. Que se assuma contra ela a defesa do povo é algo que lhe parece uma traição.<sup>79</sup>

Inclusive esse processo de apropriação descarnada, segundo Bernanos, se daria com a própria religião cristã. O autor traz uma preocupação com tal atitude, afinal, a capacidade de influência do ideário cristão seria significativa dado o

---

<sup>77</sup>Ibid. p. 35.

<sup>78</sup> Ibid. p. 33.

<sup>79</sup> Ibid. p. 34.

número de pessoas cristãs no mundo. Nesse sentido, a mediocridade de um governo burguês que se dizia representante da cristandade teria grande poder de influência. O escritor francês afirmava que essa apropriação burguesa teria se dado pela incompetência de criação do seu próprio ideário. Esses líderes que teriam traído o povo na Primeira Guerra o fizeram novamente durante a Segunda Guerra, ao entregarem o poder à Alemanha nazista. Bernanos assim deixava claro que não confiava o futuro do povo francês às elites burguesas:

Dão ao nosso povo o escândalo de pretender restaurar a Honra. Dizem-se doutores em moral cristã, e preconizam a contrição sem firme propósito, a absolvição sem restituição ou reparo. Veneram a Letra e traem o Espírito. A partir deste momento, que me importam os nomes que se dão, e que esses nomes sejam os que eu mesmo me sinto honrado de carregar? Sei que a salvação não virá deles.<sup>80</sup>

Essa desconfiança viria do descompromisso das elites francesas com a fé cristã e os valores por ela legitimados. Bernanos assim identificava que o mundo moderno se via em crise por causa dessa dissociação com a fé cristã e de uma substituição da vida orientada pelos valores universais por uma vida baseada no lucro. Ele almejava para o futuro do mundo e da França que fossem retomados valores da liberdade e dos direitos do homem, o que por sua vez implicariam numa ação:

Por mais incrível que pareça, é perfeitamente exato dizer que nos consideramos, nós cristãos, os únicos realmente responsáveis pela liberdade humana, pois somos responsáveis diante de Deus; não somos responsáveis pelos Direitos do homem, notem bem, mas pelo princípio de legitimidade sobre o qual o fundamos.<sup>81</sup>

Bernanos, ao criticar a modernidade, estruturou a sua crítica a partir da criação de uma narrativa da história francesa marcada pela ascensão da burguesia e o conseqüente enfraquecimento da orientação da vida pela fé cristã, o que descaracterizaria valores vistos como universais como a liberdade e os direitos do homem.

---

<sup>80</sup>Ibid. p. 36-37.

<sup>81</sup> Ibid. p. 207.

## 5.

### **“Um mundo ganho para a Técnica está perdido para a Liberdade.”<sup>1</sup>**

No livro *França contra os robôs*, Bernanos teve como foco apresentar os processos históricos que levaram a restrição da liberdade individual no mundo moderno. Ao longo desse capítulo, apresenta-se a narrativa construída por Bernanos sobre o processo de decadência da civilização europeia e ameaça a liberdade individual, a partir da centralização do Estado nacional, com a Revolução francesa, e da multiplicação das máquinas e desenvolvimento da técnica, com a revolução industrial inglesa.

Bernanos, em suas obras de combate, buscava denunciar a formação do mundo moderno.; ao longo dos séculos XIX e XX a partir da construção de uma história da decadência da civilização europeia. Essa operação temporal, como vimos anteriormente, era marcada por tons pessimistas e anticapitalistas, além da denúncia do processo de secularização vivenciado pela sociedade europeia na década de 1940. Contudo, essa narrativa construída por Bernanos não teria como único cerne a questão da desvalorização da religião católica como elemento orientador da ação humana no mundo.

A Revolução Francesa, na virada do século XVIII para o século XIX, foi adotada por Bernanos como marco para pensar o despertar de uma nova sociedade articulada a esse mundo moderno em formação e ideal para refletir sobre o processo de crise da civilização europeia. De maneira recorrente, Bernanos lembrava o seu leitor de que a experiência da vida sob as estruturas do mundo moderno se dava apenas há 150 anos. Não era uma realidade estática. Era possível identificar o seu início.

O autor, que escrevia seus textos de combate majoritariamente na década de 1940, operava em uma escala temporal mais alargada. Bernanos afirmava que se considerar mil anos de história da França, os últimos 150 anos não poderiam ser determinantes para apagar o passado ou ainda se apresentar como uma única

---

<sup>1</sup> BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p. 21.

maneira de estruturar a vida: “Sou um homem da Antiga França, pois mil anos de história não poderiam ser apagados por 150 anos de apalpadelas infelizes: a Antiga França está toda na França de hoje, e quem quer vê-la ali poderá vê-la.”<sup>2</sup>

Essa Antiga França seria um conjunto de valores, saberes, forma de vida que Bernanos organizou sob a nomenclatura civilização francesa, que, por sua vez, foi elencada como “(...)expressão mais viva e multifacetada, a expressão mais helênica da civilização europeia.”<sup>3</sup> Segundo Bernanos o enfraquecimento da civilização europeia e a construção de uma civilização caracterizada como moderna não era um processo acabado e sim em desenvolvimento na primeira metade do século XX:

Uma civilização não desmorona como um edifício; seria muito mais exato dizer que se esvazia pouco a pouco de sua substância, até que lhes sobre apenas a casca. Poder-se-ia dizer com mais exatidão ainda que uma civilização desaparece junto com a espécie de homem, o tipo de humanidade que dela se originou.<sup>4</sup>

Ao trazer o marco temporal de 150 anos e dizer que a decadência da civilização europeia se dá de maneira processual como o ruir de um edifício, Bernanos oferecia a possibilidade de identificação das causas para o seu desmoronamento. Além disso, também permitia a indicação de uma esperança de paralisação de tal processo de decadência, uma vez que ele não se encontrava acabado. Ao analisar esse movimento descendente, sustentava que a descaracterização da civilização europeia viria com a perda dos seus valores, do que lhe era essencial. Segundo o autor, uma das essências da civilização europeia que teria se esvaído com o tempo seria a liberdade, tal como é possível identificar a seguir:

Não se pode compreender absolutamente nada sobre a civilização moderna sem antes admitir que ela é uma conspiração universal contra toda espécie de vida interior. Que lástima! E, no entanto, a liberdade está somente dentro de vocês, imbecis!<sup>5</sup>

Para Bernanos, uma maneira de caracterizar a modernidade seria pela sua conspiração contra a liberdade. O autor argumentava que ela seria um dos fatores que caracterizavam o homem como tal, e ser livre era uma maneira de garantir o cumprimento da sua vocação:

---

<sup>2</sup> BERNANOS, G. *Carta aos Ingleses*. p. 34

<sup>3</sup> BERNANOS, G. *A França contra os Robôs*. p. 35

<sup>4</sup> *Ibid.* p. 35

<sup>5</sup> *Ibid.* p. 73

Não se trata de saber se ela [liberdade] favorece o mal mais do que o bem, pois Deus é o senhor do Mal assim como do Bem. Basta-me que ela torne o homem mais homem, mais digno de sua perigosa vocação de homem, de sua vocação conforme à natureza, mas também de sua vocação sobrenatural, pois aquele que a liturgia da missa convida à participação na Divindade – *divinitatis consortes*- não poderia renunciar, nem mesmo infimamente, a seu risco sublime. Ao falar como acabo de fazer, falo como cristão e também como francês, falo a linguagem da minha velha Cristandade.<sup>6</sup>

A liberdade para o autor estaria diretamente relacionada aos valores cristãos, afinal, a liberdade corresponderia a sua vocação sobrenatural. Nesse trecho Bernanos indicava que o conceito de liberdade com o qual operava não estaria distante de uma concepção de homem marcado pelo livre arbítrio. Ele sustentava ainda que a liberdade demandaria do homem uma ação. Essa, segundo Bernanos, deveria ser mobilizada de maneira recorrente; um hábito a ser praticado:

Capitalistas, fascistas, marxistas, toda essa gente se parece. Uns negam a liberdade, outros fingem ainda acreditar nela, mas quer acreditem nela, quer não, isso infelizmente deixou de ter grande importância, visto que não sabem usá-la. Ai de nós! O mundo corre o risco de perder a liberdade, de perdê-la irremediavelmente por não ter mantido o hábito de usá-la...<sup>7</sup>

A sua falta de prática levaria ao seu enfraquecimento. Nesse sentido, Bernanos investigou em seus textos como essa perda de prática de liberdade se deu e como tal valor se via ameaçado no século XX, independentemente do tipo de sistema socioeconômico em que se viva.

A formação do mundo moderno representaria um processo de constante redução da liberdade individual, que poderia culminar na predominância de governos ditatoriais no cenário internacional. Bernanos identificava que a configuração das democracias capitalistas e do socialismo de Estado implicariam em um processo de “(...) fatal evolução para a Ditadura – a Ditadura do dinheiro, da raça, da classe ou da Nação (...)”.<sup>8</sup> O autor, ao longo de seus textos, identificou nas duas formas de organização político-econômica uma busca pela manutenção de poder e/ou riqueza a partir de uma constante centralização do Estado e uma “(...) regulamentação cada dia mais minuciosa e mais estrita das atividades particulares (...)”<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup>Ibid. p.30.

<sup>7</sup> Ibid. p.31

<sup>8</sup> Ibid. p. 20

<sup>9</sup> Ibid. p. 20

Essa projeção de futuro marcada pelo alastramento da lógica ditatorial foi articulada pelo autor mesmo após vivenciar a vitória das democracias capitalistas na Segunda Guerra Mundial, frente ao governo totalitário nazista e o regime fascista de Mussolini. Segundo o autor derrota desses governos que discursivamente representavam para os países aliados uma ameaça à liberdade, à democracia e à existência da humanidade, não teria sido o suficiente para alterar a rota de cerceamento das liberdades em curso na primeira metade do século XX. Um ponto de fissura da estruturação do mundo moderno que possibilitaria esse cerceamento e permitiria o alastramento de governos pautados no controle da vida privada seria, segundo Bernanos, a concepção de homem com a qual operavam.

O autor sustentava que a sociedade moderna mobilizava uma concepção econômica do homem, em que esse seria: “(...) não apenas escravo mas o objeto, a matéria quase inerte, irresponsável, do determinismo econômico, e sem esperanças de emancipar-se dele, visto que não conhece outro móbil certo além do interesse, do lucro.”<sup>10</sup> Essa percepção de homem não estaria para ele associada a um regime capitalista ou socialista, afinal seria uma concepção compartilhada tanto por economistas liberais do século XVIII quanto por Marx ou Lênin. Essa visão de homem estaria imbricada em uma concepção de progresso não do homem em si, mas o progresso da técnica, ou seja, “(...) aperfeiçoamento dos métodos capazes de propiciar uma utilização cada dia mais eficaz do material humano.”<sup>11</sup> Então, o progresso, ao invés de garantir o avanço do gênero humano<sup>12</sup> com mudanças que permitissem o avanço cultural, de qualidade de vida e civilizacional, era responsável pela objetificação do gênero humano.

---

<sup>10</sup>Ibid. p. 21.

<sup>11</sup>Ibid. p. 22

<sup>12</sup> Essa expectativa de avanço do gênero humano está associada a uma expectativa de filósofos caracterizados como iluministas. Trago aqui a critério de exemplificação o trabalho de Immanuel Kant que no texto *Resposta à Pergunta o que é Esclarecimento* afirmou que o gênero humano poderia viver um processo de avanço ao dispor cada vez mais da sua capacidade de entendimento de sua razão, desde que ousasse parar de pensar a partir da perspectiva de um terceiro. Para que esse processo fosse possível, Kant alegava a necessidade de se vive rem um contexto de liberdade de uso público da razão. Buscou-se exemplificar a crença de filósofos iluministas no progresso do gênero humano a partir do trabalho de Kant, uma vez que ao longo do trabalho de Bernanos é possível identificar a importância que o autor francês conferiu a necessidade de uso da liberdade e como que o processo de viver uma vida determinada por terceiros era mais fácil do que viver a partir de seus preceitos e a partir da ousadia do pensar.

Bernanos exemplificou essa objetificação a partir da retomada da experiência do trabalho industrial na Inglaterra do século XVIII:

Há 150 anos os comerciantes de algodão de Manchester, a meca do capitalismo universal, que faziam trabalhar crianças por dezesseis horas por dia, crianças de doze anos – mantidas acordadas até altas horas da noite pelos golpes de vara dos contramestres- dormiam, no entanto, com a Bíblia embaixo do travesseiro.<sup>13</sup>

Em específico, o autor explicitou o caso de comerciantes que, para supostamente respeitar as determinações de leis econômicas, optaram por empregar crianças por longas jornadas de trabalho e permitir que elas ganhassem uma soma que não garantisse a sua qualidade de vida.

No último capítulo vimos como Bernanos ao longo dos seus escritos de combate redigidos no Brasil sustentou que o mundo moderno representava um distanciamento da fé cristã e uma ameaça a prática da liberdade, o que, por sua vez, levaria a um processo constante de decadência da civilização europeia. Bernanos construiu uma história francesa da relação do povo com a fé cristã, reforçando a aproximação ou distanciamento dos governantes com a religião e as respectivas consequências para o país. Vimos como essa operação narrativa apresentava a história francesa como um indício de uma decadência mais ampla da civilização europeia. Assim, o autor articulava uma história nacional com uma história universal. Nesse capítulo, por sua vez, iremos identificar como Bernanos mobilizou o conceito de liberdade e os processos históricos que levaram a sua ameaça, em especial, a centralização burocrática estabelecida pelo Estado nacional e a capacidade de controle populacional possibilitado pelo avanço da técnica e multiplicação das máquinas.

### **5.1 Centralização Política e as liberdades individuais**

Bernanos ao longo do livro *A França contra os robôs* adotou a Revolução Francesa como um dos marcos da instauração do mundo moderno e da consequência decadência da civilização diante da ameaça das liberdades individuais oferecida pelo Estado. Porém, o escritor estabeleceu uma relação dúbia com a

---

<sup>13</sup> BERNANOS, G. *A França contra os Robôs*. p. 22

tradição da revolução francesa, reconhecendo nessa valores a serem perseguidos e uma energia produtiva a ser imitada.

Um dos primeiros elementos centralizadores do Estado moderno que Bernanos denunciou, em sua obra *A França contra os robôs*, foi instauração do serviço militar obrigatório durante a Revolução Francesa: “O homem da nossa civilização (...) praticamente desapareceu da cena da História no dia em que foi decretada a conscrição. Ou, pelo menos, desde então não fez mais do que se arrastar.”<sup>14</sup> Esse tipo de medida, considerada pelo autor como totalitária, representou um ataque “(...)as liberdades individuais, familiares, regionais, profissionais, religiosas, a desferir esse golpe terrível contra a Pátria, porque a Pátria consistia justamente nessas liberdades.”<sup>15</sup> A conscrição obrigatória era para o autor a suspensão das liberdades individuais sob o pretexto de proteção do país diante de ameaças estrangeiras, uma suspensão das leis civis para os homens entre dezoito e cinquenta anos que passavam a viver sob código militar.

O autor francês afirmava que a pátria consistia em uma série de liberdades individuais como a liberdade religiosa ou ainda a liberdade de pensamento. Pátria no contexto anterior a Revolução Francesa estaria associada, segundo o autor, ao afeto e laços paternais e maternos, que se apresentava em oposição a um Estado regulador e administrador que não possuía limites para a sua ação.

Para o homem de 1789, a Pátria era provavelmente, de acordo com a etimologia, a Terra dos Pais; de modo ainda mais natural, ainda mais real, era tudo o que ele havia recebido, tudo o que ele podia transmitir a sua família, tudo o que garantia essa transmissão: era sua própria família, imensamente aumentada, mas sempre reconhecível. E ainda que ele em particular não possuísse um único arpeno de terra, um único escudo, a Pátria era os direitos, os privilégios – nos quais mesmo o mais pobre tinha sua participação -, tão numerosos, tão diversos, tão bem entrelaçados uns nos outros que, à leitura dos antigos tratados de Direito público ou privado, evocam irresistivelmente a imagem daquelas vastas, daquelas impenetráveis moitas onde, escondidos, os animais livres da floresta desafiam o caçador.<sup>16</sup>

Bernanos construiu uma interpretação da monarquia do Antigo Regime, anterior a Revolução Francesa, como uma forma de governo em que o Estado era limitado pela pátria, ou seja, por um conjunto de liberdades que deveriam ser respeitadas. Essa possibilidade de respeito às liberdades individuais era garantida,

---

<sup>14</sup> Ibid. p. 35

<sup>15</sup> Ibid. p. 36

<sup>16</sup> Ibid. p. 56

segundo o autor, pela descentralização das estâncias de poder e de jurisprudência em uma série de parlamentos locais, que poderiam fazer frente ao poder executivo do Estado evitando, assim, uma ação padronizada por parte do governo que pudesse ignorar as particularidades locais.

O interessante nesse ponto é que para Bernanos, a garantia de liberdade e de direitos está associada a uma concepção da sociedade do Antigo Regime baseada em hierarquias, em que essas diferenciações eram vistas como proteção frente ao Estado. Ao operar a noção de liberdade a partir de uma lógica próxima a do direito histórico local, autor se opunha a uma definição de direito que desse conta de aspectos gerais e universais. Nesse momento, o autor recuperava uma tradição de análise de direitos associado ao pensamento nacionalista do século XIX pautado no trabalho de Edmund Burke, que defendia uma concepção hierárquica tradicional da sociedade em que os direitos para serem operantes em uma sociedade quando: “(...) nasciam de tradições e práticas de longa data.”<sup>17</sup>

Bernanos se aproximava, assim, de uma postura adotada por autores românticos, tal como é possível identificar no trecho a seguir:

Frequentemente, o combate ideológico dos românticos contra a abstração toma a forma de um retorno ao concreto: no romantismo político alemão, aos direitos naturais abstratos opõem-se os direitos concretos, históricos, tradicionais de cada país ou região; à Liberdade abstrata, as “liberdades” concretas de cada estado sociais; às doutrinas universalistas, as tradições nacionais ou locais, e às regras ou princípios gerais, os aspectos concretos, particulares, específicos da realidade.<sup>18</sup>

Bernanos recuperava assim uma visão particular do documento da Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, documento que defendeu de maneira recorrente em seus textos, afinal apoiava apenas os artigos que limitavam a ação do Estado como o da garantia da liberdade religiosa, liberdade de pensamento, liberdade de ação desde que essa atitude não limite a ação do outro ou ainda o artigo que diz respeito a prisão só mediante ao descumprimento da lei. O autor, por sua vez, ao valorizar uma sociedade pautada em hierarquias, privilégios e na diferença, desconsiderava de maneira recorrente desconsidera o artigo que determinava a igualdade de todos perante a lei.

---

<sup>17</sup> HUNT, L. **A invenção dos direitos humanos**: uma história. p. 178.

<sup>18</sup> LOWY, M. e SAYRE R. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade**. p. 64

Bernanos temia o processo de centralização do poder estatal, cuja conscrição militar universal era um exemplo pela possibilidade de padronização no trato dos homens. O autor argumentava que a igualdade e a liberdade não são necessariamente direitos proporcionais, ou seja, que o aumento da igualdade não garantiria um aumento da liberdade. A igualdade de todos perante a lei, para Bernanos, seria a possibilidade de uma ação unilateral do Estado e uma impossibilidade de resistência do homem a partir de suas particularidades:

A igualdade absoluta dos cidadãos diante da Lei é uma ideia romana. À igualdade absoluta dos cidadãos diante da Lei deve corresponder, cedo ou tarde, a autoridade absoluta e sem controle do Estado sobre os cidadãos. Isso porque o Estado é perfeitamente capaz de impor a igualdade absoluta dos cidadãos diante da Lei até tomar-lhes tudo que lhes pertence, tudo que permite distingui-los uns dos outros; mas quem defenderá a Lei contra as usurpações do Estado? Tal papel foi outrora, entre nós, o dos Parlamentos.<sup>19</sup>

Esses parlamentos distribuídos por toda a França faziam frente ao poder real através de ações como exame a tratados internacionais ou ainda a nomeações propostas pelo rei a cargos públicos. Segundo Bernanos, os parlamentares poderiam ser considerados privilegiados por possuírem esse cargo. Ainda, mesmo os cidadãos que não faziam parte do órgão eram privilegiados, pois se beneficiavam desse jogo do parlamento diante da ação do Estado:

Por isso os privilégios não melindravam em absoluto o seu senso de justiça; ele os considerava obstáculos à tirania, e, por mais humilde que fosse o seu, ele o considerava- não sem razão, aliás- solidário dos maiores, dos mais ilustres. Sei perfeitamente que esse ponto de vista se tornou estranho para nós, porque fomos perfeitamente condicionados a confundir justiça com igualdade”<sup>20</sup>

O possível benefício que algum grupo possuía pela legislação não necessariamente seria algo limitador da liberdade dos demais, pois os privilégios naquela sociedade orientada pelo cristianismo eram usados em prol do coletivo, o que implicava em uma série de deveres e responsabilidades para com os demais:

O sentimento que me anima diante dele (povo) é o dos deveres que me impõem alguns privilégios que possuo para com eles. Por menores que sejam, reconhecer-me-ia como indigno se hesitasse em colocá-los a serviço dos que não gozam deles comigo. E, a propósito de que vale falar de privilégios? “Não há privilégios, há apenas serviços.” Tal era o princípio fundamental da monarquia popular francesa à qual permaneço ligado.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p. 39

<sup>20</sup> Ibid. p. 41

<sup>21</sup> BERNANOS, G. **Carta aos Ingleses**. p. 34

Bernanos sustentava que a manutenção das liberdades individuais dependia de uma sociedade que conseguisse fazer frente ao poder centralizador do Estado, que conseguisse questionar uma autoridade absoluta. Isso era possível tanto por instituições como os parlamentos locais no caso francês, quanto pela organização da sociedade a partir da noção de serviço cristã, em que os privilégios e direitos de uns eram colocados a serviço de todos. O autor francês argumentava que esse equilíbrio entre privilégios e deveres estava presentes no Antigo Regime e orientava a ação da Monarquia francesa e a vida dos homens até o século XVIII. Considerava, ainda, que a prática cristã voltada para o serviço aos demais deveria orientar a ação do homem do século XX.

Após um século e meio da experiência da Revolução Francesa e da Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, Bernanos não identificava na sociedade francesa os princípios que possibilitariam a garantia das liberdades individuais, afinal: “Toda sociedade cujo prestígio já não corresponde exatamente aos serviços cumpridos, cujas classes dirigentes recebem mais da comunidade do que lhe dão, é uma sociedade fadada a ruína.”<sup>22</sup>

Ao longo de seus textos, o autor assumiu uma postura contraditória no que tange a Revolução Francesa, em determinados momentos do seu trabalho ele a reverencia como um momento em que o povo francês encarnou a luta pela liberdade:

Não pretendemos em absoluto confiscar essa palavra- *liberdade*- para uso próprio, mas temos certos direitos sobre ela. Mais que qualquer outro, o nosso povo a encarnou, tornou-a carne e sangue. Durante todo o século XIX, caso se perguntasse a um homem culto da Europa ou da América que lembranças históricas a palavra *liberdade* despertava em seu espírito provavelmente teria respondido pelo nome da Bastilha, de Valmy, ou por uma estrofe da Marselhesa.<sup>23</sup>

Em outros momentos, no entanto, o autor adota uma postura crítica diante do legado da Revolução Francesa, como um momento em se que:

(...)reata com o absolutismo de Estado dos legistas italianos ou espanhóis, com a tradição centralizadora e unitária, para desembocar logicamente no regime napoleônico, nas primeiras guerras econômicas – o Bloqueio Continental-, na igualdade absoluta, isto é na impotência absoluta dos cidadão diante da Lei- a lei do Estado- possibilitando, assim, o advento dos sistemas totalitários.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> Ibid. p. 54

<sup>23</sup> BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p. 27

<sup>24</sup> Ibid. p. 43

Na verdade, Bernanos identificou que os elementos que caracterizaram o início do movimento revolucionário e o seu final foram distintos, acreditou ainda que o processo revolucionário foi traído e que durante os séculos XIX e XX os franceses viveram o luto desse fracasso.

Com certeza é difícil de acreditar que a França só teria vindo a ser a mais rica, a mais populosa, a mais culta, a mais célebre, a mais invejada de todas as nações com o único intuito de desembocar num sistema social e econômico absolutamente contrário à Declaração dos Direitos do Homem, e que não parou de favorecer os imperialismos – imperialismos esses dos quais sua missão histórica era proteger a Europa -, a ponto de haver perdido, em um século, sua fortuna e seu poder, inclusive seu poder militar, seu poderio e seu prestígio militar, acontecimento inacreditável, imprevisível!<sup>25</sup>

Nas obras de Bernanos o legado da Revolução Francesa parecia estar em disputa. Por um lado, existia uma tradição da liberdade associada a esse período e crença no potencial do ser humano de viver em uma sociedade marcada pelas liberdades e pela justiça, ao ponto de que alguns países viam a França como aquela que iria conseguir se organizar sem a necessidade de policiais e de juízes.<sup>26</sup> Uma França que era reconhecida como um referencial do conhecimento, da língua, das artes e da arquitetura. Por outro lado, um possível legado da Revolução de 1789 seria o estabelecimento de governos de caráter totalitário, caracterizado como a desproteção do indivíduo frente ao Estado. Segundo Bernanos, esse processo se daria pela limitação de privilégios e distinções de cada indivíduo ao ponto em que se pudesse retirar todas as formas de liberdade e que o homem passasse a ser tratado a partir de critérios quantificáveis:

O Número cria uma sociedade à sua imagem, uma sociedade de seres não iguais, mais igualados, reconhecíveis apenas por suas impressões digitais. É loucura confiar ao Número a guarda da Liberdade. É loucura opor o Número ao dinheiro, pois o dinheiro sempre vence o Número, visto ser mais fácil e menos dispendioso comprar no atacado que no varejo.<sup>27</sup>

Ao apresentar ressalvas quanto às consequências da igualdade do homem perante a lei e a possibilidade de que isso gerasse uma ação arbitrária do Estado,

---

<sup>25</sup> Ibid. p. 69

<sup>26</sup> “(...) os homens de 1789 acreditavam sinceramente que a França havia alcançado tão alto nível de cultura que só dependia de sua vontade, de sua inteligência, libertar o gênero humano, não apenas das tiranias, mas até mesmo – num prazo mais ou menos curto- das disciplinas sociais, estando o cidadão apto a agir conforme sua Razão, sem nenhuma necessidade de restrições. (...) Na Alemanha, na Áustria, na Rússia, os espíritos esclarecidos não estão longe de acreditar, de fato, nessa idade de Ouro. Ao menos julgam o povo francês mais capaz que qualquer outro de demonstrar, num futuro próximo que uma nação realmente civilizada pode prescindir de tribunais e policiais.” In: BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p. 69 e 70.

<sup>27</sup> Ibid. p.93.

Bernanos se aproxima da tradição de leitura de Alexis Tocqueville dos processos revolucionários do século XVIII. O filósofo francês após uma visita a América do Norte e análise das instituições democráticas locais, em 1930, compilou as suas reflexões no livro *A Democracia na América*, em que descreveu um processo universal de transição de uma sociedade aristocrática do Antigo Regime para uma sociedade democrática. O filósofo, após essa experiência, identificou um processo de democratização em curso no mundo, em que a igualdade entre os homens passava a se fortalecer cada vez mais:

Uma grande revolução democrática acha-se em curso entre nós; todos a vêem; nem todos, no entanto, a julgam da mesma maneira. Consideram-na uns como coisa nova e, tomando-a por um acidente, esperam poder ainda detê-la, ao passo que outros a julgam irresistível, porque se lhes afigura o fato mais contínuo, mais antigo e mais permanente já conhecido na História.<sup>28</sup>

Tocqueville identificava essa revolução democrática como um processo universal e durável. Apesar de suas rápidas mudanças, ainda era possível no século XIX identificar esse movimento de democratização, movimento em que se misturam as classes, em que o poder é compartilhado e os saberes se propagam. Exemplos desse processo de igualdade de condições seriam a criação do estribo e da arma de gogo, que aproxima nobres e plebeus na arte da montaria e da guerra.<sup>29</sup>

A preocupação de Tocqueville era que esse processo democrático fosse orientado para a manutenção da liberdade do homem. No livro *O Antigo Regime e a Revolução*, apresentou seus argumentos sobre a relação imbricada entre liberdade e igualdade na modernidade. O filósofo temia que esse processo de igualdade de condições e a desarticulação de filiações próprias do período do feudalismo e do Antigo Regime – como as corporações de ofício ou ainda o vínculo com a Igreja – isolassem o indivíduo na sociedade: “Uma vez destruídos a hierarquia e seus lugares estamentais, a unidade do corpo social se fragmenta numa pluralidade de indivíduos independentes entre si e que, em última instância, só contam consigo mesmos em todos os aspectos de sua vida.”<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> TOCQUEVILLE, A. *A democracia na América*. p. 11.

<sup>29</sup>Ibid. p 15

<sup>30</sup> JASMIN, M. *Despotismo e História na Obra de Alexis de Tocqueville* In: Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo. p. 5. Texto disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos> último acesso 28/03/2023

Esse isolamento deixaria o indivíduo mais propício às pressões da opinião das massas, onde renunciaria à liberdade de tomada de decisão e passaria a viver orientado apenas para os seus interesses privados, abrindo mão da sua ação pública. É possível resumir as preocupações de Tocqueville sobre o exercício da liberdade em governos de caráter democrático:

(...)só haverá liberdade democrática onde houver ação permanente do corpo de cidadãos na esfera pública. O cerne do dilema pode, no entanto, ser apreendido justamente no fato de que a participação cívica é espécie em extinção no contexto de privatização das relações sociais da sociedade igualitária imaginada por Tocqueville<sup>31</sup>

Em paralelo a esse processo de democratização e de igualização dos costumes, se desenrolou um processo de centralização da burocracia por parte do Estado moderno. Apesar da democracia ser pautada na representação política e nas eleições recorrentes, a participação diária do espaço público acabou sendo reduzida e a população, inclusive a aristocracia, passou a se restringir aos espaços privados. Esse processo de igualização acabaria por reduzir a capacidade de cada indivíduo fazer frente ao poder estatal e da opinião do coletivo:

Segundo Tocqueville, esta forma da tirania alimenta-se da interpretação e da aplicação imoderadas do princípio democrático elementar segundo o qual os interesses do maior número devem ser preferidos aos do menor. A tradução "bárbara" deste princípio encontra-se na falsa noção da "infallibilidade da maioria", que opera a transformação do poder de uma maioria eventual em poder absoluto e irresistível.<sup>32</sup>

Tocqueville, assim como Bernanos, criticava essa modernidade baseada na centralização burocrática do Estado Moderno, pela igualização de condições e pelas possíveis ameaças a liberdade que engendravam. Tocqueville inclusive reforçava como esse processo de igualização e quebra das hierarquias estamentais levou a uma instabilidade social em que o indivíduo seria obrigado a se preocupar de maneira continuada com o seu bem-estar material e menos com a sua ação no espaço público. Nesse sentido, é possível perceber como para Tocqueville era crucial a preocupação com a liberdade de teor político, afinal, criticava essa privatização das relações e interesses que impediria o indivíduo de fazer frente a ação do coletivo. Bernanos talvez estivesse menos preocupado diretamente com a participação política em termos da possibilidade de participar de um debate coletivo

---

<sup>31</sup> Ibid. p. 1.

<sup>32</sup> Ibid. p. 11

sobre as questões que dizem respeito ao coletivo. Porém, estava preocupado com um ser humano capaz de agir de maneira autônoma e de tomar as suas decisões mesmo que na esfera da vida privada, um homem que se responsabilizasse pelas suas ações. O trabalho de Tocqueville nos ajuda a dar nuances e contornos ao debate entre a relação da liberdade e da igualdade na sociedade moderna proposto por Bernanos ao percebê-lo dentro de um contexto mais amplo do pensamento político francês.

Nesse esforço de tornar a concepção de liberdade defendida por Bernanos mais evidente, assim como, a imbricação de tal conceito com o movimento revolucionário de 1789 é produtivo retomar a obra da filósofa Arendt sobre o tema da revolução. A filósofa Hannah Arendt no livro *Sobre a Revolução* analisou as Revoluções norte-americana e Francesa do século XVIII como forma de olhar para os diferentes processos revolucionários da guerra fria de uma maneira mais informada. Ao olhar para a Revolução Francesa, Arendt sustentou que estavam em curso dois movimentos imbricados, porém distintos: uma luta pela libertação e uma luta pela liberdade. A noção de libertação seria uma noção negativa de liberdade, como uma forma de garantia de direitos civis frente ao Estado, direitos como a liberdade de movimentação, vida, propriedade etc. Libertação seria uma forma de proteção da subjugação do poder autoritário do governante<sup>33</sup>. A luta pela liberdade, por sua vez, implicaria em uma condição para a vida pública, associada com a liberdade política. Nesse ponto do argumento, a autora recupera o modo de vida na pólis grega, em que a vida política era possível pela isonomia, pela igualdade dos cidadãos perante a lei. Baseado nessa ideia, Arendt argumentou que:

O cerne da questão é que o primeiro, o desejo de estar livre da opressão, podia ser atendido sob um governo monárquico- mas não sob a tirania e muito menos sob o despotismo- ao passo que o segundo demandava a instauração de uma forma de governo que fosse nova ou, pelo menos, redescoberta; ele exigia a constituição de uma república.<sup>34</sup>

A partir dessa distinção apresentada por Arendt, é possível afirmar que Bernanos está mais vinculado a percepção de liberdade como as liberdades civis, descrita pela filósofa como uma libertação. Bernanos ao longo dos seus textos não esclareceu qual forma de governo considerava mais propícia para garantir uma vida

---

<sup>33</sup> ARENDT, H. **Sobre a Revolução**. p. 60.

<sup>34</sup> *Ibid.* p. 61.

em que os valores da civilização europeia, tais como a liberdade, pudessem prosperar, tampouco reforçou a necessidade de que os espaços públicos fossem ocupados necessariamente.

Ao olhar para a realidade da França e do continente europeu no contexto da Segunda Guerra Mundial, Bernanos afirmava que a França só iria recuperar o seu prestígio se conseguisse retomar a tradição da liberdade elencada durante a o início da Revolução Francesa de 1789, voltado para a limitação do poder do governo. O processo revolucionário era visto pelo autor como uma quebra abrupta, o que poderia causar repercussões negativas para a sociedade. Porém, tal ação era vista como necessária frente a um processo contínuo de formação de um sistema totalitário que se desenrolava desde o final do movimento de 1789:

Para nós, franceses, a palavra *Revolução* não é uma palavra vaga. Sabemos que a Revolução é uma ruptura, a Revolução é um absoluto. Não existe revolução moderada, não existe revolução dirigida (...). Isso que anunciamos se fará contra a totalidade do sistema atual, ou não se fará. Se pensássemos que este sistema é capaz de se reformar, que ele pode romper por si mesmo o curso de sua fatal evolução para a Ditadura – do dinheiro, da raça, da classe ou da Nação-, certamente nos recusaríamos a correr o risco de uma explosão capaz de destruir coisas preciosas, que só se reconstroem com muito tempo, perseverança, altruísmo e amor.<sup>35</sup>

Em sua crítica ao mundo moderno, Bernanos mobilizou a necessidade de uma revolução como um processo disruptivo e capaz de interromper um processo histórico rumo ao totalitarismo. Essa operação crítica se dá a partir do enquadramento de uma concepção moderna da história. O conceito de revolução que o autor articulava, por exemplo, estava:

(...)indissociavelmente ligado à ideia de que o curso da história de repente se inicia de novo, de que está para se desenrolar uma história totalmente nova, uma história jamais narrada ou conhecida antes, era desconhecido antes das duas grandes revoluções no final do século XVIII.<sup>36</sup>

A revolução seria um movimento histórico capaz de instaurar uma novidade, algo que nunca foi visto antes, o que dependeria de uma percepção de que as experiências do presente não pudessem ser mais informadas pelas informações associadas ao que foi vivido no passado.

A reivindicação de Bernanos de recuperar uma tradição da liberdade do momento inicial da Revolução Francesa se dá em um contexto político do século

<sup>35</sup> BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p. 20.

<sup>36</sup> ARENDT, H. **Sobre a Revolução**. p. 56.

XX, em que o conceito de revolução estava em disputa. Ao longo de seus textos, o autor faz questão de distinguir a Revolução Francesa de outros processos revolucionários tais como a Revolução Russa: “Nossa Revolução de 1789 começou na poeira e nas canções de um verão jubiloso – o mais ensolarado que se havia visto naqueles últimos cinquenta anos, (...) A Revolução Russa nasceu na lama de uma desorientação total.”<sup>37</sup> O autor argumentava que o movimento francês teve como causa a busca pela liberdade e da libertação do gênero humano. Já a experiência russa de 1917 poderia ter adeptos que acreditassem nessa libertação, mas essa crença não foi causa do movimento e sim consequência. A defesa de liberdade no caso russo teria sido consolidada a partir da ação da propaganda.

Ao escrever na década de 1940, Bernanos percebia que estava em jogo uma disputa ideológica entre governos de caráter capitalista, socialista e fascista.<sup>38</sup> Diante desse cenário o autor buscava fugir de um posicionamento diante dessas vertentes e reivindicar uma tradição da liberdade associada somente à revolução francesa. Então, não apenas buscou desmerecer o processo revolucionário russo como apresentado anteriormente, mas também buscou se afastar da experiência nazista, que caracterizou como uma revolução associada às massas e com preocupações com o determinismo econômico, por isso a aproximava de uma ideologia marxista:

Repito que a Revolução de 1789 foi a revolução do Homem, inspirada por uma fé religiosa no homem, ao passo que a Revolução alemã de tipo marxista é a Revolução das massas, inspirada não pela fé no homem, mas no determinismo inflexível das leis econômicas que regram a sua atividade, ela por seu interesse. Uma vez mais, não oponho aqui duas ideologias: distingo-as. Se a Revolução de 1789 se tornou de imediato uma das mais belas lendas humanas, foi porque começou na fé, no entusiasmo; porque não consistiu numa explosão de ira, e sim na imensa esperança acumulada.<sup>39</sup>

Apesar de acreditar na tradição de liberdade francesa, Bernanos analisava o mundo moderno a partir da ótica da falência dessa tradição e da traição dos preceitos do início da Revolução Francesa.

---

<sup>37</sup> BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p. 70.

<sup>38</sup> “Capitalistas, fascistas, marxistas, toda essa gente se parece. Uns negam a liberdade, outros fingem ainda acreditar nela, mas quer acreditem nela, quer não, isso infelizmente deixou de ter grande importância, visto que já não sabem usá-la. Ai de nós! O mundo corre o risco de perder a liberdade, de perdê-la irremediavelmente por não ter mantido o hábito de usá-la(..)”Ver: Ibid. p. 31.

<sup>39</sup> Ibid. p. 45.

## 5.2 Decadência da liberdade e ameaça totalitária

Até o presente momento analisamos uma série de medidas de centralização do Estado que, segundo Bernanos, teriam contribuído para a traição da tradição da Revolução francesa, tais como a quebra de laços sociais pautados na honra cristã, o desmantelamento de privilégios associados ao Antigo Regime – como o direito de participar de parlamentos e assembleias regionais na França –, e a instauração de práticas que permitiam o tratamento do homem a partir da lógica do número como a conscrição universal.

Em sua análise, Bernanos reforçou a Primeira e a Segunda Guerra Mundial como marcos importantes desse processo de centralização estatal e de redução das liberdades individuais, uma vez que ambos os conflitos se estruturaram a partir da lógica da mobilização por parte do Estado de todos os recursos técnicos e humanos para o esforço militar. Bernanos inclusive identificava que a guerra moderna, por ser total, permitiria o estabelecimento de estados totalitários:

Já a guerra moderna, a guerra total, trabalha para o Estado totalitário, fornece-lhe seu material humano. Forma uma nova espécie de homens, amaciados e alquebrados pela prova, conformados em não compreender, em não “tentar compreender”, como se diz, argumentadores e céticos na aparência, mas terrivelmente pouco à vontade em meio às liberdades da vida civil, que jamais reaprenderão, ou que ao menos nunca mais lhes serão familiares- respeitosos da vida civil, do conforto da vida civil, como se não tivessem direito a isso, como se carregassem uma autorização falsa no bolso,<sup>40</sup>

Esse formato de guerra, segundo Bernanos, moldaria a população civil para o Estado totalitário ao reduzir as liberdades individuais, levar a obediência e a recusa da busca pela compreensão da realidade de maneira autônoma. Um ponto que Bernanos articulava em seus escritos era que a Primeira Guerra Mundial teria formado uma geração de homens que se desvincularam da experiência da liberdade, pois mesmo ao retornar a rotina cotidiana anterior ao conflito não sabiam mais dispender desse direito. Bernanos se refere a esses homens que lutaram na primeira guerra como a geração de 1920 e sobre eles afirmava que:

(...) Odiavam o que lhes restava de liberdade, precisamente porque não lhes restava o suficiente para serem homens livres, mas apenas o suficiente para carregar seu nome, para que por vezes se esperasse que agissem como tais. (...) Bastava olhar para eles para compreender perfeitamente o que eles eram: filhos de uma raça cujo sangue, no decorrer de um século, se havia prodigiosamente empobrecido de suas

---

<sup>40</sup> Ibid. p. 62

substâncias misteriosas, daqueles hormônios desconhecidos que os químicos talvez descubram um dia nas veias do último homem livre, antes que a medicina totalitária tenha o tornado inofensivo por algum engenhoso procedimento futuro de esterilização.<sup>41</sup>

Outros escritores do período entreguerras também identificaram uma dificuldade dos homens que participaram da Primeira Guerra Mundial em retornarem para suas famílias, para seus antigos empregos e ocupações. O escritor alemão Erich Maria Remarque, no romance *Nada de Novo no Front* de 1929 relatou a experiência de um jovem soldado que viveu a sua transição para a vida adulta ao participar do conflito. No início do livro era apenas um adolescente chegando ao fim da escola e, após a guerra, não sabia qual função ocupar ou qual profissão exercer, nem mesmo como operar em um cenário de paz.

O romancista ao longo do livro evidenciou o absurdo da guerra ao mostrar a vida nas trincheiras marcada pelo medo de acender um cigarro já que a chama poderia denunciar seu posicionamento para os inimigos, pela insalubridade em que alimentos dos soldados eram disputados com ratos, pela aleatoriedade da morte, em que uma explosão poderia acertar a pessoa que dormia ao seu lado. Apesar de jovem, o personagem principal havia experimentado a perda, a dor, a desumanização da guerra em que soldados, logo após verem seus amigos morrerem, optavam por retirarem as suas botas para uso pessoal, já que um soldado um pouco menos gasto poderia aumentar as suas chances de sobrevivência. Esse jovem experimentava uma situação de desilusão, em que tudo o que ele tinha sido ensinado em anos de escola fora desvalidado logo na primeira morte que presenciou:

Os professores deveriam ter sido para nós os intermediários, os guias para o mundo da maturidade, para o mundo do trabalho, do dever, da cultura e do progresso e para o futuro. Às vezes, zombávamos deles e lhes pregávamos peças, mas no fundo, acreditávamos neles. À ideia de autoridade da qual eram portadores, juntou-se em nossos pensamentos uma melhor compreensão e uma sabedoria mais humana. Mas o primeiro morto que vimos destruiu essa convicção. Tivemos que reconhecer que a nossa geração era mais honesta do que a deles; só nos venciam no palavreiro e na habilidade. O primeiro bombardeio nos mostrou nosso erro, e debaixo dele ruiu toda a concepção de mundo que nos tinham ensinado.<sup>42</sup>

Remarque apresentou a Primeira Guerra como um dos eventos do século XX que questionou uma série de valores das sociedades europeias vinculados a trabalho, cultura, dever e principalmente a noção de progresso que eram construídos

---

<sup>41</sup> Ibid. p. 52-53.

<sup>42</sup> REMARQUE, E. *Nada de Novo no Front*. p. 17-18

e transmitidos através da educação. Assim, Remarque se aproxima de Bernanos, que via a guerra total como uma das experiências formativas do mundo moderno que questionavam a perspectiva de que o desenrolar da história levaria para um futuro marcado pelo otimismo e pelo desenvolvimento do gênero humano.

Bernanos sustentava que a Segunda Guerra Mundial potencializou a construção de um homem totalitário, porém não foi a única responsável pela construção de um homem avesso às liberdades individuais. A paz na sociedade moderna também poderia ter levado à experiência totalitária, apontando para uma trajetória mais ampla de constante decadência da liberdade e aumento da centralização do poder estatal:

Não digo que a sociedade moderna não tenha conseguido na paz, graças a seus admiráveis métodos de deformação das consciências, um homem totalitário; mas não é menos verdadeiro que foi na guerra que ela apressou prodigiosamente seu amadurecimento. Aliás, talvez seja ocioso distinguir a Sociedade Moderna da Guerra Total, a Guerra total é a própria Sociedade Moderna, em seu mais alto grau de eficiência.<sup>43</sup>

O autor francês que redigiu a maior parte dos seus textos de combate na década de 1940 mobilizava de maneira recorrente a ideia de Estado totalitário. Essa mobilização revela o compartilhamento de um vocabulário político com outros autores que, apesar das suas formações filosóficas distintas, pensavam a situação de crise ocidental na primeira metade do século XX a partir da ótica da ameaça da experiência totalitária. É possível identificar a importância desse termo para autores de literatura e ensaístas tal como Bernanos, Aldous Huxley em sua obra “Admirável Mundo Novo” ou ainda na obra “1984” de George Orwell. Nesse sentido, indica que o conceito de totalitarismo não circulava apenas nos circuitos de ciência política, compondo também o imaginário dos homens de literatura que buscavam investigar e criticar as estruturas da modernidade na década de 1930 e 1940.

A criação dos termos “totalitário” e “totalitarismo” remetem a década de 1920 para caracterizar a experiência fascista na Itália. Segundo o pesquisador Bruno Bongiovanni, o termo totalitário foi mobilizado pela primeira vez pelo jornalista Giovanni Amendola no jornal *Il Mondo* no ano de 1923 para criticar a manipulação do sistema eleitoral pelos fascistas afim de controlar quem seria eleito para o

---

<sup>43</sup> BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p. 63.

parlamento.<sup>44</sup> Nos dois anos seguintes o termo foi utilizado por outros jornalistas com a mesma conotação antifascista, até que, em 1925, Lelio Basso mobilizou o conceito de totalitarismo para se referenciar a uma: “(...) *dictatorial manner of whoever, once having monopolized military power, scoops up all remaining power to transform it into a tool to be used by a single party that proclaimed itself interpreter of the unanimous will (...)*”<sup>45</sup> Nos próximos anos os termos “totalitário” e “totalitarismo” passaram a circular para além da imprensa italiana e integraram o repertório de jornalistas e cientistas políticos para dar conta das experiências políticas do século XX, associadas ao questionamento da democracia parlamentar, podendo se referenciar ao fascismo italiano de Mussolini, ao governo socialista soviético ou ainda ao nazismo de Hitler.

É importante ressaltar que o termo nem sempre era mobilizado em seu aspecto crítico, sendo incorporado inclusive no discurso de Mussolini para se referir a estrutura do seu governo. No período em que Bernanos elaborou suas críticas à modernidade, o conceito de totalitarismo estava disponível e em larga circulação, utilizado para se referenciar a essa concentração de poder por parte do Estado. O autor o mobilizava de maneira recorrente em suas previsões sobre o futuro da Europa e da humanidade, em que antevia uma experiência política marcada pela ausência de liberdade em termos práticos, dada a capacidade de controle da vida privada por parte do Estado.

No campo da ciência política, Hannah Arendt construiu uma das mais importantes reflexões sobre o tema em “Origens do Totalitarismo” de 1951. Arendt articulou a sua análise sobre totalitarismo em um mundo marcado pelas consequências de duas Guerras Mundiais com elevado número de mortes, deslocamentos de refugiados em larga escala e a possibilidade de instauração de uma nova guerra. Arendt afirmava ter escrito “(...) com mescla do otimismo temerário e do desespero temerário.”<sup>46</sup> Buscou compreender o que teria levado a desintegração do que chamou de tradicionais características do mundo político e, para tal, analisou três grandes acontecimentos do século: o antissemitismo, o imperialismo e o movimento totalitário. Apesar dessa reflexão ter sido publicada

---

<sup>44</sup> BONGIOVANNI, B. **Totalitarianism: the Word and the Thing**. In: Forum, 2005, p. 1.

<sup>45</sup> Ibid. p. 6.

<sup>46</sup> ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. p. 12

em formato de livro 3 anos após a morte de Bernanos nos ajuda a compreender como o conceito de totalitarismo estava em circulação na metade do século XX, nos permitindo matizar a análise proposta pelo escritor francês, em especial a articulação estabelecida entre decadência da liberdade, processo de centralização do Estado e a ameaça do alastramento da lógica totalitária.

Arendt sustenta em seu livro que o regime totalitário é uma forma de ditadura, porém distingue de outros governos ditatoriais despóticos ou tiranos, pontuando a novidade do sistema total:

(...) os métodos do domínio total não são apenas mais drásticos, mas que o totalitarismo difere essencialmente de outras formas de opressão política que conhecemos, como despotismo, a tirania e a ditadura. Sempre que galgou o poder, o totalitarismo criou instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas do país. Independentemente da tradição especificamente nacional ou da fonte espiritual particular da sua ideologia, o governo totalitário sempre transformou a classe em massa, substituiu o sistema partidário não por ditaduras unipartidárias, mas por movimentos de massa, transferiu o centro do poder do Exército para a política e estabeleceu uma política exterior que visava abertamente ao domínio mundial.<sup>47</sup>

Essa totalidade não viria apenas da participação de um único partido do poder, com a intolerância diante de outros partidos, a negação da existência de uma oposição e a falta de liberdade política. “O domínio totalitário, porém, visa à abolição da liberdade e até mesmo à eliminação de toda a espontaneidade humana e não a simples restrição, por mais tirânica que seja, da liberdade.”<sup>48</sup> O Estado totalitário teria a sua novidade associada a busca pelo poder total, que só seria possível com a eliminação da liberdade do homem: “O livre consentimento é um obstáculo ao domínio total, como o é a livre oposição.”<sup>49</sup>

Arendt iniciou a sua extensa reflexão sobre o totalitarismo analisando de maneira cuidadosa as massas, uma vez que o regime totalitário se instauraria e seria mantido no poder a partir do apoio destas. A autora definiu as massas como um grupo que, pelo número ou pela indiferença, não podem participar de uma organização baseada em um interesse comum tal como partidos ou sindicatos. Esse grupo desforme de pessoas teria se formado na esteira das democracias capitalistas ao longo do século XIX e XX por aqueles não interessados nas questões públicas

---

<sup>47</sup> Ibid. p. 512

<sup>48</sup> Ibid. p. p. 455

<sup>49</sup> Ibid. p. 502

ou na participação política. As massas foram potencializadas, segundo Arendt, pela lógica capitalista de atomização dos laços sociais pela priorização de uma lógica individualista e competitiva na busca pelo destaque econômico e status social:

(...) filosofia para a qual o sucesso ou o fracasso do indivíduo em acirrada competição era o supremo objetivo, de tal modo que o exercício de deveres e responsabilidades do cidadão era tido como perda desnecessária de seu tempo e energia.<sup>50</sup>

Arendt identificava que a Primeira Guerra Mundial teria potencializado a ampliação das massas devido a situação de desemprego, que se apresentou em países derrotados durante o conflito tais como a Alemanha e a Áustria.<sup>51</sup> As massas não estariam associadas, segundo a autora, pela ampliação da igualdade de condições e pelo avanço da educação, mas sim da desestruturação da identificação por classe e participação dos partidos a elas associados.

A principal característica do homem de massa não é a brutalidade nem a rudeza, mas o seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais. Vindas da sociedade do Estado-nação, quer era dominada por classes cujas fissuras haviam sido cimentadas pelo sentimento nacionalista, essas massas, no primeiro desamparo da sua existência tenderam para um nacionalismo especialmente violento, que os líderes aceitavam por motivos puramente demagógicos, contra os seus próprios instintos e finalidades.<sup>52</sup>

Arendt apontava como as massas não se relacionavam a partir de laços sociais comuns, tais como o laço familiar ou o da amizade, e reforçava que a lealdade ao movimento e ao líder totalitário deveria ser completa, ao ponto de que essa lealdade poderia acabar levando a criminalização ou condenação à morte de si mesmo. Além disso, a autora reforçou como essas massas acabaram por tender a movimentos violentos nacionalistas potencializadas com o conflito mundial de 1914. Essa guerra teria potencializado a lógica do número e do tratamento indistinto entre as pessoas próprio das massas, a partir da capacidade mortífera das armas utilizadas. A morte poderia se apresentar para qualquer um e assim serviria com um critério nivelador:

Essa geração recordava a guerra como o grande prelúdio do colapso das classes e da sua transformação em massas. A guerra, com a sua arbitrariedade constante e assassina, tornou-se o símbolo da morte, a “grande niveladora” e, portanto, a mãe da nova ordem mundial.<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup> Ibid. p. 363

<sup>51</sup> Ibid. p. 365

<sup>52</sup> Ibid. p. 367.

<sup>53</sup> Ibid. p. 378-379.

Para além do aspecto de apoio das massas ao regime totalitário, Arendt também discorre sobre o uso da propaganda de massa por parte desses regimes como um instrumento crucial. A autora sustentava que a propaganda de massa em um regime totalitário estava mais associada a comunicação e convencimento de governos externos ou aos poucos que ainda não tinham sido doutrinados dentro do regime: “Em outras palavras, a propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não-totalitário; o terror ao contrário, é a própria essência da sua forma de governo.”<sup>54</sup>

Arendt descreveu em seu livro como nos regimes totalitários a população era mobilizada a participar ou do partido que se encontrava no poder, ou de organizações que se mostravam simpatizantes ao regime, fossem elas dos mais diferentes fins: profissionais, estudantis ou mesmo paramilitares. Nesse sentido, a maioria da população se encontrava mobilizada e tinha como centro do seu movimento a figura do líder. Uma dinâmica importante dos regimes totalitários era que o desejo do líder era considerado a lei do partido e do movimento totalitário, ao ponto de permitir que a massa agisse sem refletir necessariamente sobre as consequências e implicações dos seus atos:

Essa responsabilidade total por tudo o que o movimento faz e essa identificação total com cada um dos funcionários têm a consequência muito prática de que ninguém se vê numa situação em que tem de se responsabilizar por suas ações ou explicar os motivos que levaram a elas.<sup>55</sup>

O culto ao líder acabou por gerar um cenário de obediência e de manutenção do poder cada vez mais total para o Estado. Arendt argumenta que o campo de concentração seria a sociedade totalitária por excelência, o espaço em que melhor se colocou em prática o objetivo de controle total sobre o ser humano e levou a cabo a eliminação da sua liberdade.

O campo de concentração seria esse exemplo de prática de poder total pelo processo de desumanização daqueles ali reunidos. A condenação dos homens ao campo não estava com exceção de alguns presos políticos, ligada a atitudes, ações tomadas que poderiam, em alguma medida, questionar o regime. A condenação era arbitrária, uma vez que os inimigos do regime eram selecionados de maneira ideológica e se alterava com o tempo. Aquele homem era condenado não pela sua

---

<sup>54</sup> Ibid. p. 393.

<sup>55</sup> Ibid. p. 425

ação e sim de maneira prévia por fazer parte de um determinado agrupamento selecionado para extermínio pelo líder.

Arendt descreveu em detalhes práticas que teriam contribuído para o processo de desumanização do condenado quando esse chegava ao campo como: a destituição de roupas pessoais e uso de uniformes, a raspagem de cabeça, a identificação por números e não pelos nomes, a separação de famílias. Além da alocação dos prisioneiros para ocupar funções no campo que poderia significar que esse passaria a prejudicar os demais prisioneiros, desfazendo possíveis laços entre eles.

Porque destruir a individualidade é destruir a espontaneidade, a capacidade do homem de iniciar algo novo com os seus próprios recursos, algo que não possa ser explicado à base de reação ao ambiente e aos fatos. Morta a individualidade, nada resta senão horríveis marionetes com rostos de homens, (...), todas reagindo com perfeita previsibilidade mesmo quando marcham para a morte.<sup>56</sup>

Arendt argumentava que era da natureza dos regimes totalitários exigir o poder ilimitado, e que esse poder só se daria quando todos fossem totalmente dominados em todos os aspectos da sua vida. O campo era, então, um laboratório para aplicação do poder total no que tange a redução dos homens e suas particularidades a um só indivíduo com os mesmos tipos de reações diante dos estímulos. Assim, elimina-se a espontaneidade, uma das essências do ser humano ao se considerar a liberdade humana. A autora ainda sustenta que esse controle viria também pela possibilidade de extermínio e de geração de novas vidas, que trazem em si a possibilidade de instauração de uma dinâmica inesperada.

Por fim, é importante considerar que Arendt identificava que o totalitarismo estava associado a processos de longo prazo, próprios da sociedade dos séculos XIX e XX. A autora reforçava que tal regime possuía raízes mais profundas associadas ao estabelecimento do Imperialismo, da Revolução industrial e formação da sociedade de massas, tal como é possível identificar a seguir:

A solidão, o fundamento para o terror, a essência do governo totalitário, e, para a ideologia ou a lógica, a preparação de seus carrascos e vítimas, tem íntima ligação com o desarraigamento e a superfluidade que atormentavam as massas modernas desde o começo da Revolução Industrial e se tornaram cruciais com o surgimento do imperialismo o fim do século passado e o colapso das instituições políticas e tradições sociais do nosso tempo. Não ter raízes significa não ter no mundo um

---

<sup>56</sup> Ibid. p. 506.

lugar reconhecido e garantido pelos outros; ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma.<sup>57</sup>

Bernanos, em seus textos, também operava com a ideia de que os governos totalitários não teriam surgido do dia para a noite, mas eram fruto de processos próprios do que intitulava mundo moderno tal como a estruturação de uma sociedade burguesa e a priorização da esfera econômica em detrimento da vida intelectual e espiritual:

É-lhes desagradável, por exemplo, pensar que o Totalitarismo foi tão pouco inventado pelo Sr. Hitler ou pelo sr. Mussolini quanto o Protestantismo o foi por Lutero; que os ditadores, assim como próprio Lutero, apenas mereceram ter seu nome atribuído a uma crise mais antiga porque, embora a maleficência já estivesse espalhada por todo o organismo, foram eles que a fixaram, no sentido que os médicos dão a essa expressão quando falam de um abscesso de fixação que localiza a infecção, coleta o pus. Milhões e milhões de homens já não acreditavam na liberdade, isto é, já não a amavam, não a sentiam como necessária, nela tinham apenas os seus hábitos, e bastava-lhes falar sua linguagem.<sup>58</sup>

Assim como a filósofa alemã, Bernanos considerava o totalitarismo como uma forma de ditadura pautada na anulação de toda a forma de liberdade. Porém, diferente de Arendt que buscava um cuidado com o termo totalitarismo, próprio de uma produção acadêmica das ciências sociais, Bernanos mobilizava o conceito sem grandes aprofundamentos teóricos e projetando a experiência totalitária como possibilidade de futuro para todas as nações. A autora, por sua vez, argumentava que até o momento da escrita do seu livro, apenas dois países, Alemanha e União Soviética experimentaram tal regime e em um período específico. Já Bernanos não diferia a experiência do fascismo da experiência totalitária.

Em seus escritos de combate, o autor, tal como Arendt, reconhecia na experiência totalitária a subjeção individual à lógica do coletivo e a subjeção da massa a projetos veiculados por um líder, o que permitiria ao controle não apenas dos corpos, mas também das almas:

Cento e cinquenta anos depois da Declaração de Direitos, Hitler domina a Europa e milhões de homens, milhões de homens do mundo, em todas as partes do mundo – pois as Democracias, como vocês sabem, as próprias democracias abrigavam muitos amigos dos fascismos-, milhões de homens aclamavam uma doutrina que não apenas reconhece à Coletividade o pleno poder sobre os corpos e as almas, como faz dessa sujeição total do indivíduo – para não dizer absorção- a mais nobre finalidade da espécie.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> Ibid. p. 528

<sup>58</sup> BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p.52

<sup>59</sup>Ibid. p. 48

É interessante perceber que muitas vezes em que Bernanos se referia ao governo totalitário de Hitler, se referia também a Declaração de Direitos do Homem e do cidadão de 1789, como se quisesse apontar a contradição do que foi estipulado para o gênero humano no campo das liberdades e o que se deu na prática. Nesse sentido, se aproximando da decepção de Arendt ao falar dos campos de concentração: “Por sua vez, isso só pôde acontecer porque os Direitos do Homem, apenas formulados, mas nunca filosoficamente estabelecidos, apenas proclamados mais nunca politicamente garantidos, perderam, em sua forma tradicional, toda a validade.”<sup>60</sup>

Bernanos reforçava em seus escritos que mesmo antes da experiência totalitária do nazismo os homens já se encontravam distantes da liberdade. Não conseguiam identificá-la como um direito. Bernanos apontava a contradição da guerra ser realizada por métodos totalitários pelos aliados em nome da liberdade. Em suma, Bernanos considerava existir em um mundo que os homens não reconheciam a liberdade como um direito e inclusive passaram a desprezá-la mobilizando as palavras atrozes de Lênin: “Liberdade? Para fazer o quê com ela? Para fazer o quê? Ou seja, para que serve? Para que serve ser livre?”<sup>61</sup> Para Bernanos a utilidade da liberdade era clara, o livre arbítrio do homem estava associado a possibilidade e ao dever de servir o próximo, de uma atuação na sociedade que implicasse esse olhar para o outro, para o comum.

A comparação entre a mobilização do conceito de totalitarismo por Arendt e por Bernanos deve ser considerada em suas devidas proporções. Enquanto a filósofa traçou uma proposta teórica para refletir sobre o tema, se munindo de uma extensa base documental para construir o seu argumento, Bernanos usava o termo “totalitarismo” e “fascismo” de maneira indistinta, parecendo querer colar o horror experimentado nos campos de concentração e o terror da eliminação de liberdade individual como arma retórica para alertar os seus leitores dos riscos do mundo moderno. Em comum, porém, pode ser identificado a denúncia ao comportamento de massa, a recusa de atuar no mundo público e o reconhecimento da liberdade

---

<sup>60</sup> ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. p. 498.

<sup>61</sup> BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p. 48.

como um dos elementos essenciais do homem que estava em ameaçada na metade do século XX.

### 5.3 Invasão das máquinas

Em seu esforço de construir uma história da decadência da civilização europeia, Bernanos apontava que tanto a centralização do poder nas mãos do Estado, quanto a multiplicação das máquinas iniciada com a Revolução Industrial poderiam representar uma ameaça as liberdades individuais.

O autor argumentou como a multiplicação das máquinas e a predominância da lógica da técnica representou a configuração de uma nova civilização marcada pela novidade e pela celeridade:

Esse é um fato único na História. As civilizações que precederam a das Máquinas foram decerto, elas também sob muitos aspectos, o resultado de um certo número de transformações morais, sociais ou políticas; no entanto, essas transformações se desenrolavam muito devagar, e como que no interior de um enquadramento imutável. O homem podia, assim, beneficiar-se com experiências ulteriores, mesmo que houvesse praticamente esquecido suas lições <sup>62</sup>

Bernanos construiu uma narrativa sobre o desenrolar da história em que até o século XVIII as mudanças morais, sociais ou políticas pelas quais as sociedades passavam eram paulatinas, de modo em que os homens estariam preparados em termos de repertório cultural e epistemológico para lidar com elas. Posteriormente, porém, ao longo do século XIX e XX, a configuração de sociedade pela primeira vez rompe com o enquadramento social ao ponto de pegar a todos de surpresa:

Ao passo que a civilização das Máquinas pegou o homem desprevenido. Serviu-se de um material humano que não fora feito para ela. A tragédia da Europa no século XIX e, em primeiro lugar, sem dúvida, a tragédia da França é precisamente a inadaptação do homem ao ritmo da vida que já não se mede pelo batimento de seu próprio coração, mas pela rotação vertiginosa das turbinas, e que, aliás acelera sem cessar.<sup>63</sup>

A sociedade das máquinas, segundo Bernanos, era orientada pelo ritmo da produção industrial. O historiador inglês Thompson a partir de sua obra *Costumes em comum* nos ajuda a melhor compreender esse cenário de mudança descrito por Bernanos no que tange a introdução do ritmo das máquinas a partir da Revolução Industrial inglesa. O autor inglês explora como antes desse processo revolucionário

---

<sup>62</sup> Ibid. p. 79-80.

<sup>63</sup> Ibid. p. 80

a vida do homem inglês, em especial aquele que trabalhava no campo, era orientada pelo tempo da natureza:

Da mesma forma, o trabalho do amanhecer até o crepúsculo pode parecer “natural” numa comunidade de agricultores, especialmente nos meses da colheita: a natureza exige que o grão seja colhido antes que comecem as tempestades. E observamos ritmos de trabalho “naturais” semelhantes acompanhando outras ocupações rurais ou industriais: deve-se cuidar das ovelhas na época do parto e protegê-las dos predadores; as vacas devem ser ordenhadas; deve-se cuidar do fogo e não deixar que se espalhe pelas turfas (e os que queimam carvão devem dormir ao lado); quando o ferro está sendo feito, as fornalhas não podem apagar.<sup>64</sup>

As atividades cotidianas tinham seus horários adequados em relação a disponibilidade de luz e o trabalho era distribuído ao longo do ano de acordo com as estações, possuindo meses adequados para cada tarefa como a plantação, colheita e cuidado com os animais. O que a Revolução Industrial trouxe foi a possibilidade de relacionar tempo com dinheiro, em que o trabalho a ser exercido ou não em determinado período poderia significar o ganho ou a perda de dinheiro. Assim, o trabalho, especialmente aquele associado a atividades manufatureiras ou fabris, passava cada vez a ser menos dividido por tipo de atividade e estar relacionado ao tempo da natureza para ser marcado pelo tempo do relógio. Essa mudança de relação temporal diminui a autonomia do trabalhador para gerir o seu cotidiano.

Para além de uma alteração nos ritmos da vida, Bernanos identificava na multiplicação das máquinas uma ameaça de destruição do gênero humano:

Uma máquina faz indiferentemente o bem ou o mal. Uma máquina mais perfeita-isto é, de eficiência maior-deveria corresponder uma humanidade mais sensata, mais humana. Por acaso elas tornaram o homem mais humano? Eu poderia dispensar-me de responder; parece-me mais apropriado, contudo, definir melhor meu pensamento. É provável que as máquinas não tenham modificado em nada-ao menos até agora- a malvadez inata dos homens, mas elas exerceram essa malvadez, revelaram aos homens a potência dessa malvadez e que o exercício dessa potência não tinha, por assim dizer, limite algum. De fato, os limites que foi possível impor a essa potência ao longo dos séculos são sobretudo imaginários, estão menos na consciência que na imaginação do homem. É a repulsa que não raro nos preserva de ir além de certa crueldade – a lassidão, a repulsa, a vergonha, o desfalecimento do sistema nervoso, o desfalecimento do sistema nervoso-, e é mais frequente do que imaginamos darmos a essa repulsa o nome de piedade. O treinamento permite superar essa repulsa.<sup>65</sup>

<sup>64</sup> THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**: Estudos sobre cultura popular tradicional. p. 271.

<sup>65</sup> BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. p. 81.

Bernanos sustentou em seus textos de combate de que as armas, esse desenvolvimento da técnica, não necessariamente garantiria um aumento ou diminuição da bondade do homem. Porém, o potencial técnico levaria a um aumento de destruição que só teria como limite a capacidade de criação e imaginação dos homens, já que a piedade seria fácil de contornar. Bernanos considerava ainda mais problemático que essa destruição de milhares de inocentes poderia se dar por um homem que não se envolvesse diretamente no ato, de uma maneira que não afetasse a sua consciência:

Será que compreendem que o massacre de milhares de inocentes não nos convida a desesperar do futuro? É de vocês tais horrores nos convidam a desesperar, visto que tais abominações há nem suscitam um caso de consciência individual. Ainda que fossem dez vezes mais atroz, nem por isso pesariam mais, ou pior: sua crescente enormidade ultrapassaria cada vez mais, atrevo-me a dizer, os limites relativamente estreitos da consciência pessoal. Quanto ao caso coletivo de consciência, poupem-me essa brincadeira! Não me façam rir! Não existe consciência coletiva. Uma coletividade não é uma consciência. Quando ela parece ter uma consciência, é porque nela subsiste o número indispensável de consciências refratárias, isto é, de homens suficientemente indisciplinados para não reconhecer ao Estado-Deus o direito de definir o Bem e o Mal.<sup>66</sup>

Ao analisar a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, Bernanos as caracterizava como guerras modernas pela capacidade destrutiva dos armamentos utilizados e pela aplicação da tecnologia não para o avançar do gênero humanos, mas para a sua implosão. Esse avançar das máquinas como a possibilidade de destruição do gênero humano pode ser mais bem compreendido pela produção do intelectual Anders, marcada pelo lançamento das bombas de Hiroshima e Nagasaki.

A partir dessa experiência, o autor passou a refletir sobre o papel da tecnologia na era moderna e, em especial, as consequências da criação da bomba atômica para a humanidade, ao ponto de ser associado ao movimento antinuclear. Ao oferecer um olhar mais cuidadoso ao desenvolvimento da tecnologia, reconhecendo as suas possíveis consequências negativas para a sociedade pós Segunda Guerra Mundial, Anders se aproxima de Bernanos, que também não analisou o desenvolvimento tecnológico apenas sob a ótica do progresso humano.

A partir de 1945 Anders passa a tecer argumentos que serão reunidos na obra *La obsolescencia del hombre* (1956) sobre a novidade extrema da bomba

---

<sup>66</sup> Ibid. p. 84.

atômica “como síntoma de una mutación antropológica aterradora: el advenimiento de una supremacía de la técnica sobre los hombres, de ahí em más destronados de su condición de sujetos históricos.”<sup>67</sup>

Anders no texto “*Mandamientos de la era atómica*”<sup>68</sup> iniciou a sua argumentação de maneira persuasiva: o primeiro pensamento que se deve ter ao acordar é o Átomo. Anders sustentou que a criação da bomba atômica reforçou a percepção de se viver em um mundo efêmero. Não porque sabe-se que pode morrer a qualquer momento; a efemeridade, na verdade, viria da possibilidade de destruir a humanidade, de apagar também os registros da sua existência. Em seguida, sustentou que é necessário considerar o apocalipse como uma possibilidade e que as condições para tal foram criadas pelo próprio homem. Porém, essa percepção de finalidade não era óbvia. Tal dificuldade

*es consecuencia del abismo, creciente día a día, entre dos de nuestras facultades, a saber, entre aquello que podemos hacer y aquello que podemos representarnos. En el curso de la era técnica, la relación clásica entre imaginación y acción se ha invertido: si nuestros antepasados consideraron obvio que la imaginación era una facultad «desbordante», es decir, una facultad que sobrepasaba y superaba la realidad, hoy las posibilidades de nuestra imaginación (así como de nuestra capacidad de sentir y de responsabilizarnos de nuestros actos) están por debajo de las posibilidades de nuestra acción; así pues, actualmente la imaginación es incapaz de hacer frente a los efectos de nuestra acción.*<sup>69</sup>

Nesse sentido, o extermínio em massa, por exemplo, excede a capacidade humana de representar e de sentir, assim sendo complicado de inibir tal ação. A tarefa do homem diante dessa constatação deveria ser a de buscar ampliar a sua imaginação:

---

<sup>67</sup> TRAVERSO, E. “**Exilio y Violencia. Una Hermenéutica**”. p. 254. “como um sintoma de uma mutação antropológica aterradora: o advento da supremacia da técnica sobre as pessoas, doravante destronadas de seu status de sujeitos históricos.”

<sup>68</sup> ANDERS, G. MANDAMIENTOS DE LA ERA ATÓMICA. In: El piloto de Hiroshima Más allá de los límites de la conciencia. Correspondencia entre Claude Eatherly y Günther Anders. “como um sintoma de uma mutação antropológica aterradora: o advento da supremacia da técnica sobre as pessoas, doravante destronadas de seu status de sujeitos históricos.”

<sup>69</sup> ANDERS, G. MANDAMIENTOS DE LA ERA ATÓMICA. In: El piloto de Hiroshima Más allá de los límites de la conciencia. Correspondencia entre Claude Eatherly y Günther Anders. Editor digital: Titivillus. “é consequência do abismo, crescente a cada dia, entre duas de nossas facultades, a saber, entre o que podemos fazer e o que podemos nos representar. No decorrer da era técnica, a relação clássica entre imaginação e ação foi invertida: se nossos ancestrais consideravam óbvio que a imaginação era uma facultade “transbordante”, ou seja, uma facultade que ultrapassava e superava a realidade, hoje as possibilidades de nossa imaginação (assim como nossa capacidade de sentir e assumir a responsabilidade por nossos atos) estão abaixo das possibilidades de nossa ação; assim, atualmente a imaginação é incapaz de lidar com os efeitos de nossa ação.”

*debes —es tu tarea— salvar el abismo existente entre tu capacidad de hacer y de imaginar; reducir el desnivel existente entre ambas capacidades; o, dicho de otro modo: debes ampliar considerablemente el limitado «ámbito de acción» de tu imaginación (y de tu capacidad de sentir, todavía más limitada), hasta que imaginación y sentimiento puedan captar y comprender la magnitud de lo que eres capaz de hacer; hasta que seas capaz de aceptar lo captado, o de rechazarlo. En una palabra: tu tarea consiste en ampliar tu imaginación moral.<sup>70</sup>*

Diante desse cenário, Anders propôs que a responsabilidade de agir contra a bomba atômica ou ainda buscar ampliar a sua capacidade de imaginação era de todos. Nesse sentido, o autor buscou se afastar de uma das tendências da era atômica de compartimentalizar as competências, como se pensar sobre o arsenal atômico dos países fosse função apenas de militares e políticos. Anders argumentou que a criação desse tipo de bomba trouxe consequências permanentes para a humanidade, afinal, destruir todo o arsenal atômico existente não seria o suficiente para garantir a paz. O conhecimento técnico se manteria, então em outra oportunidade uma outra arma seria criada. Nesse sentido, a tarefa daqueles que buscam a paz deveria ser:

*Ésta es, pues, tu misión: enseñar a la humanidad que ninguna medida que tomemos, ninguna destrucción material de estas cosas, constituirá jamás una garantía absoluta; que nuestra tarea es más bien renunciar decididamente a dar el paso, aunque siempre será posible darlo<sup>71</sup>*

O texto “*Mandamientos de la era atômica*” faz parte de uma troca de correspondência entre Anders e o ex-piloto Claude Eatherly, responsável pelo bombardeio de Hiroshima. O caso Eatherly chamou a atenção de Anders por indicar um ex-comandante que aparentava não estar ajustado a sociedade norte-americana e que parecia viver atormentado pela consequência de seus atos. Eatherly, após alguns anos do retorno a vida civil com o fim da Segunda Guerra Mundial, passou a cometer pequenas infrações, como passar cheques falsos. Também lidou com algumas tentativas de suicídio, passando assim por diferentes hospitais e

<sup>70</sup> ANDERS, G. MANDAMIENTOS DE LA ERA ATÓMICA. In: El piloto de Hiroshima Más allá de los límites de la conciencia. Correspondencia entre Claude Eatherly y Günther Anders. Editor digital: Titivillus. você deve – é sua tarefa – fazer a ponte entre sua capacidade de fazer e de imaginar; reduzir o desnível entre as duas capacidades; ou, dito de outra forma: você deve ampliar consideravelmente o limitado “campo de ação” de sua imaginação (e sua capacidade ainda mais limitada de sentir), até que a imaginação e o sentimento possam captar e compreender a magnitude do que você é capaz de fazer; até que você seja capaz de aceitar o que você capturou, ou de rejeitá-lo. Em uma palavra: sua tarefa é expandir sua imaginação moral

<sup>71</sup> ANDERS, G. MANDAMIENTOS DE LA ERA ATÓMICA. In: El piloto de Hiroshima Más allá de los límites de la conciencia. Correspondencia entre Claude Eatherly y Günther Anders. Editor digital: Titivillus. Esta é, então, a sua missão: ensinar à humanidade que nenhuma medida que tomemos, nenhuma destruição material destas coisas, jamais constituirá uma garantia absoluta; que nossa tarefa é antes renunciar resolutamente a dar o passo, embora sempre seja possível dá-lo.

instituições hospitalares. No ano de 1959, após ter conhecimento da situação de Eatherly, Anders iniciou uma troca de cartas com o ex-piloto, por reconhecer que ele buscava assumir a responsabilidade pelas consequências do seu ato, em particular pelo lançamento da bomba de Hiroshima.

Anders sustentou na troca de Cartas com Eatherly, que o piloto é o precursor de um novo tipo de culpa associado a era moderna. Anders sustenta que:

*La tecnificación de la existencia, esto es, el hecho de que todos nosotros, sin saberlo e indirectamente, cual piezas de una máquina, podríamos vernos implicados en acciones cuyos efectos seríamos incapaces de prever y que, de poder preverlos, no podríamos aprobar —esta tecnificación ha cambiado toda nuestra situación moral. La técnica ha traído consigo la posibilidad de que seamos inocentemente culpables de una forma que no existió en los tiempos de nuestros padres, cuando la técnica todavía no había avanzado tanto.<sup>72</sup>*

O filósofo optou por universalizar a questão de Eatherly e não considerar o seu sofrimento como uma condição individual, e sim reconhecer que a culpa que assumia poderia acometer a outros seres humanos que pudessem, ao apenas cumprir o seu papel dentro de uma engrenagem mais ampla, cometer algum crime.

Anders valorizou o desconforto de Eatherly perante a vida, pois identificava que ele não ignorava os seus atos e buscou lidar com eles, tal como é possível perceber pela seguinte afirmação:

*usted sigue intentando hacer frente al efecto (antes inimaginable) de su acción; porque este intento, aunque fracase, indica que ha logrado mantener viva su conciencia, a pesar de haber sido una simple pieza del aparato técnico y de haber cumplido perfectamente su función.<sup>73</sup>*

A consciência de Eatherly é mantida mesmo em uma era em que a capacidade da ação excedia a capacidade de representação geral, tal como

---

<sup>72</sup>ANDERS, G. Carta 3 de junio de 1959- Anders para Eatherly. In: El piloto de Hiroshima Más allá de los límites de la conciencia. Correspondencia entre Claude Eatherly y Günther Anders. Editor digital: Titivillus A tecnificação da existência, isto é, o fato de que todos nós, inconsciente e indiretamente, como engrenagens de uma máquina, poderíamos estar envolvidos em ações cujos efeitos não poderíamos prever e que, se pudéssemos prevêê-los, não poderíamos aprovar – esta tecnificação mudou toda a nossa situação moral. A técnica trouxe consigo a possibilidade de sermos inocentemente culpados de uma forma que não existia no tempo de nossos pais, quando a tecnologia ainda não havia avançado tanto

<sup>73</sup> ANDERS, G. Carta 3 de junio de 1959- Anders para Eatherly. In: El piloto de Hiroshima Más allá de los límites de la conciencia. Correspondencia entre Claude Eatherly y Günther Anders. Editor digital: Titivillus. você ainda está tentando encarar o efeito (antes inimaginável) de sua ação; pois esta tentativa, mesmo que fracasse, indica que você conseguiu manter sua consciência viva, mesmo que você tenha sido uma mera engrenagem no aparato técnico e tenha cumprido perfeitamente sua função

apresentado por Anders anteriormente. O livro *El piloto de Hiroshima Más allá de los límites de la conciencia* é um indicativo de como Anders pode ser identificado como um desses intelectuais que a condição de percepção da realidade é impactada pela experiência de exílio, no sentido em que se posiciona de maneira crítica a experiência da Hiroshima e Nagasaki e ao desenvolvimento tecnológico da sociedade ocidental do século XX, após poucos anos do ocorrido.

Bernanos, em seus escritos de combate, traçou uma filosofia da história da decadência da liberdade a partir da centralização do poder do Estado e avanço das máquinas. A filosofia proposta por Bernanos construía um futuro que poderia ser marcado pela multiplicação de governos de caráter totalitário e pela eliminação da liberdade como um valor posto em prática pelos homens. Porém, Bernanos indicava brechas e ações alternativas para que esse curso não se cumprisse.

Durante o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, Bernanos contava com a ação da Inglaterra e dos Estados Unidos no sentido de lutar pela manutenção da liberdade, porém o ato de vencer a guerra em termos militares não seria o suficiente. Bernanos defendia a retomada da tradição da liberdade francesa veiculada no início da Revolução Francesa de 1789. O campo para essa retomada não seria explicitamente político, mas um esforço de retomada da coragem da reflexão e do pensamento individual e da responsabilização por esse ato de pensar. Bernanos, nesse sentido, se propunha a criticar aqueles que teriam livremente aberto mão desse esforço reflexivo e o consideravam um estorvo, em alguma medida fazendo referência àqueles que optaram por seguir líderes responsáveis por tomar todas as decisões e aqueles que seguiram o estilo de vida veiculado pelas propagandas de massa.

Bernanos pode ser compreendido em um conjunto de escritores que, mesmo sob um ponto de vista estritamente acadêmico, reflete sobre o tema do avanço da técnica e do controle estatal com implicações direta para a vida em liberdade. Escritores como Bernanos e Aldous Huxley tiveram as suas produções impactadas diretamente pela experiência de se viver sob governos fascistas ou, ainda, a guerra civil espanhola.

Huxley, em 1931, publicou o livro “Admirável Mundo Novo” representando uma Londres distópica, em que a vida pública e privada era

controlada por um poder central. O avanço tecnológico teria chegado a tal ponto que os embriões fecundados de maneira industrial eram manipulados quimicamente para cumprir certos papéis na sociedade. Huxley traz “O princípio da produção em série aplicado enfim à biologia”<sup>74</sup>, em que diferentes testes eram realizados a fim de aumentar a produtividade de um único embrião, afinal, o mesmo era multiplicado gerando gêmeos. A possibilidade dessa produção controlada de seres humanos era garantir uma sociedade marcada pela estabilidade social.

Além dessa manipulação de embriões, Huxley descreveu em seu livro técnicas de hipnose em que regras sociais ou ainda comportamentos esperados daquele grupo social eram incutidos com o objetivo de: “(...) fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar.”<sup>75</sup> Apesar dessa separação em diferentes classes sociais, existia nessa sociedade um apreço pelo coletivo e a identificação das particularidades individuais como algo perigoso. O mote seria o de que “Cada um trabalha para todos. Não podemos prescindir de ninguém.”<sup>76</sup>

A perfeita divisão do trabalho criada pela fecundação artificial e esse senso de coletivo tinham como objetivo garantir uma alta produtividade e consumo. Nos hábitos incutidos em cada uma das castas, estimulavam o consumo tais como o interesse por comprar roupas novas ao invés de consertar as antigas, ou ainda o desprezo pela apreciação pura da natureza, por ser um lazer pelo qual não se poderia cobrar. Em uma passagem do livro é explicado a racionalidade por de trás da programação a repulsa pela natureza:

As flores do campo e as paisagens, advertiu têm um grave defeito: são gratuitas. O amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, pelo menos nas classes baixas; abolir o amor à natureza, mas não a tendência a consumir o transporte. Pois era essencial, evidentemente que continuassem a ir ao campo, mesmo tendo-lhe horror. O problema era encontrar uma razão economicamente melhor para o consumo de transporte do que a simples afeição às flores silvestres e às paisagens. Ela fora devidamente descoberta. (...) condicionamos a adorarem o esporte ao ar livre. Ao mesmo tempo, providenciamos para que todos os esportes ao ar livre exijam o emprego de aparelhos complicados. De modo que elas consumam artigos manufaturados, assim como transporte.<sup>77</sup>

Diante dessa sociedade perfeitamente manipulada e controlada pelo poder centralizado um dos personagens, Bernard, que acompanhamos mais de perto,

---

<sup>74</sup> HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. p.26

<sup>75</sup> Ibid. p. 36.

<sup>76</sup> Ibid. p. 99

<sup>77</sup> Ibid. p. 43.

questiona a sua existência identificando a sua realidade não como feliz, mas como um aprisionamento, como pode ser identificado pelo trecho a seguir:

-Sim já sei - disse Bernard com o sarcasmo. – “Até os Ípsilsons são úteis!” Eu também. E gostaria imensamente de servir para nada!

Lenina escandalizou-se com a blasfêmia.

-Bernard! – protestou, espantada e aflita. -Como pode falar assim?

Bernard, em outro tom respondeu meditativamente:

-Como posso? Não, o verdadeiro problema é este: como é que não posso; ou antes, pois sei perfeitamente por que é que não posso, o que eu sentiria se pudesse, se fosse livre, e não estivesse escravizado pelo meu condicionamento?

-Mas, Bernard, você diz as coisas mais espantosas!

- Você não tem o desejo de ser livre, Lenina?

-Não sei o que é que você quer dizer. Eu sou livre. Livre para me divertir da melhor maneira possível. Todos são felizes agora.

Ele riu.

-Sim: “Todos são felizes agora”. Nós começamos a dar isso às crianças a partir dos cinco anos.<sup>78</sup>

Em um mundo em que a história, arte e livros de literatura eram controlados, em que o homem era condicionado ao trabalho e o lazer se apresentava como uma inebriante fuga da realidade, Bernard questiona a sua liberdade para ter reações distintas daquelas esperadas pelo seu condicionamento social. Além disso, a estranheza desse personagem não era bem-vinda. Ele era excluído pelos seus pares e era em alguma medida considerado uma decepção para os homens da sua classe social.

No romance de Huxley, essa sociedade pautada na técnica e no controle, em que a liberdade de pensamento e de expressão dos sentimentos parece estar completamente cerceada, é considerada a civilização. Em alguns trechos do livro as sociedades em que os homens vivem a partir da reprodução natural, em que a literatura era usual, eram consideradas como pré-modernas. Em especial, o tema da civilização e barbárie foi abordado quando o personagem Bernard decidiu viajar para conhecer territórios. Nesse território os homens seriam selvagens por viverem em núcleos familiares, cultuar deuses, acudidos pelas mais diversas emoções e não possuírem um desenvolvimento técnico que consiga paralisar o envelhecimento. Em um mundo com laços sociais para além da coletividade tais como a família e religião, o poder do estado não poderia ser total.

---

<sup>78</sup> Ibid. p.117

Ainda no início da década de 1930, Huxley foi capaz de conceber uma sociedade pautada na eugenia, no cerceamento das liberdades individuais e de laços sociais como família e religião, que parece, em alguma medida, uma versão extremada do que será visto na sociedade totalitária nazifascista. Ao apontar para a possibilidade de que o avanço da técnica se dê em detrimento do avanço da liberdade do homem, Huxley, tal como Bernanos, indica como ideias cruciais para o conceito de totalitarismo estavam em circulação e preocupavam intelectuais nas décadas de 1930 e 1940 - mesmo antes que intelectuais e cientistas das humanidades pudessem consolidar a análise desse conceito após o fim da experiência nazifascista.

## 6.

### Conclusão

Leva à revolta contra o excesso de materialismo, de espírito utilitarista na relação para com a natureza, inflação do *esprit de géométrie* pascaliano, dominação burocrática e desencanto do mundo. Leva à melancolia face à anemia espiritual dominante na cultura e à ausência da razão sensível e cordial que funda o respeito à alteridade, a ética do cuidado e a responsabilidade universal.<sup>1</sup>

Entre os anos de 1940 e 1945, o escritor francês Georges Bernanos instalado na cidade mineira de Barbacena interpretava os acontecimentos da política internacional a partir do par revolta e pesimismo. O escritor nascido em 1888, na virada do século XIX para o século XX, olhava para a sociedade moderna a partir de um olhar pessimista diante do avanço tecnológico que levava a um estilo de vida cada vez mais acelerado e a uma capacidade técnica de destruição que ameaçava a humanidade. O autor também se sentia desconfortável com a estruturação do Estado moderno voltado para a burocratização e centralização de poder e tomada de decisão nos governantes, característica potencializada por duas guerras totais, já que o Estado direcionava todos os recursos nacionais para o esforço de guerra.

Por fim, lamentava a expansão de governos autoritários pela Europa a partir das décadas de 1920 e 1930, desde a instalação de governos de caráter fascista na Itália e Espanha, como também a instauração do governo nazista na Alemanha pelos métodos violentos dos mesmos e pela limitação a liberdade que ofereciam. Então, quando em 1940, após a perda da França para a Alemanha, e a instalação do governo colaboracionista de Vichy de caráter autoritário na França, o pessimismo do autor aumentou tal como a decepção com o seu país de origem. Nesse contexto, o autor olhava com cuidado para a possibilidade de que o caráter totalitário dos governos italiano e alemão continuasse operante na sociedade moderna mesmo com a vitória dos aliados, representados pela democracia capitalista norte-americana, na Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>1</sup> LOWY, M. e SAYRE R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. p. 16

Esse desconforto com o presente, esse pessimismo diante da realidade, não levava Bernanos para a apatia, o mobilizava para a ação e para a busca de transformação da sociedade. O seu pessimismo potencializava um sentimento de revolta com a sociedade moderna expresso em uma série de textos de caráter panfletário, publicados em formato de artigos de jornal para os periódicos dos Diários Associados e livros como *Carta aos ingleses* e *A França contra os robôs*.

Ao longo dessa tese analisou-se com cuidado essas duas obras de combate como maneira de melhor compreender esse pessimismo e revolta de Bernanos com o seu presente – a sua crítica a modernidade. No primeiro capítulo, recuperou-se a trajetória de vida do escritor francês com enfoque nos eventos que contribuíram para a sua formação intelectual e as possíveis relações com a sua produção de escritos de combate, com especial destaque para a participação do autor na organização católica de direita nacionalista, Ação Francesa e para a sua experiência de exílio em solo espanhol durante a guerra civil espanhola e exílio no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. No segundo capítulo, fez-se uso da categoria de exílio para analisar a produção do autor, considerando como esse poderia ser compreendido como um exilado no tempo.

No terceiro capítulo, explorou-se a obra *Carta aos ingleses* para melhor compreender a crítica a modernidade construída por ele, a partir da chave de leitura do pessimismo e do anticapitalismo em diálogo com as obras *Os antimodernos* de Antoine Compagnon<sup>2</sup> e *Revolta e Melancolia* de Lowy e Sayre.<sup>3</sup> Nesse capítulo também foi abordado a ideia de que ao estabelecer a sua crítica a modernidade, Bernanos construiu uma narrativa da decadência da sociedade francesa a partir do deslocamento da sociedade moderna com a fé cristã.

No quarto capítulo, por sua vez, apresenta-se a narrativa histórica construída pelo escritor francês ao longo da obra *A França contra os robôs* referente ao processo de limitação da liberdade a partir do estabelecimento do mundo moderno. Em especial, foca-se na crítica de Bernanos ao processo de centralização de poder iniciado após a Revolução Francesa e a desestruturação da sociedade estamental

---

<sup>2</sup> COMPAGNON, A. **Os antimodernos**: de Joseph de Maistre a Roland Barthes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

<sup>3</sup> LOWY, M. e SAYRE R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2015.

baseada na noção de hierarquia em que alguns estamentos da sociedade, como a aristocracia possuía privilégios. Essa crítica a centralização do poder estatal se dá pela ameaça que tal iniciativa trazia para a liberdade dos indivíduos. Bernanos também criticou o desenvolvimento da técnica e multiplicação das máquinas que acabaram por estimular um estilo de vida baseado no lucro em detrimento de uma sociedade baseada na reflexão intelectual e a fé, levando assim também a limitação da liberdade individual e compromisso com responsabilização por seus atos: “Ao fazer da sociedade uma simples máquina de produzir, ele a esvaziou, por extenuação, das forças espirituais indispensáveis para mantê-la num certo nível de humanidade, para mantê-la humana.”<sup>4</sup>

A princípio sustenta-se que a experiência de exílio de Bernanos tanto na Espanha, entre os anos de 1934 e 1937, quanto no Brasil entre os anos de 1938 e 1945 marcaram a produção intelectual do autor, em ambos os casos o autor recorreu ao estilo de obras de combate para se posicionar diante dos acontecimentos políticos que vivenciou no período. Durante o seu autoexílio na Espanha, o autor elaborou as suas reflexões críticas em relação a guerra civil espanhola (1936- 1939) que posteriormente foram publicadas no livro *Os Grandes Cemitérios sob a lua*.

O escritor francês, em um primeiro momento, olhou com bons olhos a iniciativa dos nacionalistas já que eles se posicionavam como defensores da Igreja católica frente a um governo de caráter comunista. Porém, ao longo do conflito, Bernanos passou a criticar a ação dos nacionalistas católicos espanhóis pelos métodos violentos de execução daqueles que não aderiam a sua causa. Isso não quer dizer que ele mudou de lado necessariamente, não passou a defender o lado republicano. Porém, O autor que foi membro de uma organização de direita, católica, nacionalista e antissemita, a Ação Francesa, e alguma medida ainda compartilhava dos valores da defesa da fé cristã e da valorização da história e tradição francesa, assumiu um posicionamento crítico aos católicos espanhóis e franceses que defendiam indiscriminadamente os métodos adotados pelo general Franco.

A segunda experiência de autoexílio do escritor francês foi marcada pela errância. O primeiro destino de Bernanos no ano de 1938 foi o Paraguai, porém em

---

<sup>4</sup> BERNANOS, G. *Liberdade, para quê?*. p. 169.

poucos meses a iniciativa se mostrou frustrada. O escritor com poucos recursos financeiros não conseguiu se adaptar à realidade local e garantir um sustento para a sua família. Diante desse cenário o autor buscou refúgio no Brasil onde se instalou até o ano de 1945. O autor, a partir da amizade com católicos influentes no campo da política e profissões liberais que conheciam os seus romances, conseguiu aos poucos garantir os meios para se manter no país. Depois de uma série de residências em cidades como Rio de Janeiro, Itaipava, Vassouras, fez da fazenda cruz das Almas em Barbacena sua moradia mais permanente a partir de 1940 até o seu retorno para a França.

Em suas obras de combate como *Carta aos ingleses, A França contra os Robôs e Liberdade, para quê?* Bernanos construiu uma narrativa sobre as razões que o motivaram se deslocar para a América Latina. Um motivo elencado pelo autor de maneira mais clara para o seu exílio seria o contexto político na França e na Europa. O escritor argumentava que a liberdade estaria ameaçada em seu país de origem, que não seria possível pensar livremente se tivesse permanecido ali. Ele sustentava que mesmo em 1938 já conseguia prever que a Europa passaria por momentos de limitação a liberdade tal como o experimentado no período Segunda Guerra Mundial, ele descrevia um cenário futuro em que a liberdade estaria ameaçada no continente europeu com o avançar do sistema totalitário nazista e a conivência das democracias liberais. Nesse sentido, o autor conferiu contornos políticos ao seu deslocamento, mesmo que o autor tenha migrado antes de tais eventos e em grande medida por razões econômicas, sem nenhuma ameaça clara de perseguição política e censura a sua obra intelectual.

Esse argumento para o seu deslocamento, em geral, era apresentado juntamente com uma grande decepção ao posicionamento da França na Segunda Guerra Mundial. Bernanos estava decepcionado pelo país ter realizado um acordo para a instauração de um governo colaboracionista após a derrota para a Alemanha, como se por esse ato os franceses estivessem negando a sua tradição de luta pela liberdade. Diante desse cenário, Bernanos em seus escritos representou o povo brasileiro como um contraponto a situação presente da França. O povo brasileiro seria, então, aquele povo associado a valores do que Bernanos elencava como próprios da civilização europeia, como a fé cristã e a liberdade, um povo que era contrário à imposição da lógica do progresso técnico e que buscava manter um

estilo de vida que desse espaço para o lazer e para a cultura. O autor defendia essa proximidade dos brasileiros com a liberdade ao narrar o luto que esses assumiram após a derrota da França para a Alemanha nazista.

Essa proximidade com o Brasil a partir de uma valorização que os brasileiros ofereciam aos franceses não foi imediata e em grande foi mediada pela relação que o autor estabelecia com o seu próprio país. Bernanos, em um primeiro momento, descreveu a natureza brasileira como inóspita, desértica, por árvores retorcidas, marcada pela existência de insetos gigantes, não amigáveis aos homens. Além disso, o escritor reforçava como o interior brasileiro era caracterizado pela ausência de homens e de seus marcos civilizatórios como casas, rodovias e ferrovias. Em diferentes contextos, o autor reforçava o quanto estava em um ambiente distante do que conhecia, narrava, em seus relatos redigidos no Brasil, que durante muito tempo tentava encontrar na natureza brasileira elementos dos campos franceses. Esse estranhamento, essa sensação de não pertencimento aquele espaço físico teria motivado o autor a um processo reflexivo, tanto que nos primeiros anos no Brasil, em 1939 e 1940, recorreu a produção de um diário, posteriormente publicado em formato de livro<sup>5</sup>, como forma de lidar com os seus sentimentos.

Essa relação ambígua com o Brasil, de distanciamento com o país a partir da estranheza com a natureza local e depois de proximidade com os valores do povo brasileiro, tinha como parâmetro a França. O que o autor identificava como louvável no país era elementos que considerava representativos de valores franceses, como a fé crista, a defesa da liberdade, da cultura e língua francesa. Ao ponto de o autor agradecer ao povo brasileiro por esse ter permitido se reaproximar de uma identidade francesa.

A sua estadia no Brasil pode ser lida pela categoria do pessimismo diante do distanciamento e do estranhamento pelo que era vivido, além de um pessimismo pela situação política que a França vivenciava durante o período. Porém, o exílio no Brasil também poderia ser interpretado pela ideia de revolta. O autor, a partir de 1940, aumentou a sua produção de escritos de combate tanto em jornais e livros

---

<sup>5</sup> BERNANOS, G. **Les enfants humiliés**. In: BERNANOS, G. *Intégrale des romans et essais*. Editions Alètheia, 2020.

para expressar o seu descontentamento com o presente e um desejo de buscar por um futuro que fosse distinto.

Nesses escritos de combate, Bernanos demonstrava uma postura crítica diante de modernidade, com uma insatisfação por estar vivendo em um presente marcado pela lógica do lucro e que não valorizava as liberdades individuais. Nesse processo crítico, ao apresentar uma visão pessimista e anticapitalista da realidade, valorizava o passado em detrimento do presente, valorizava um tempo em que a fé cristã movia a sociedade e não o dinheiro. Particularmente, o autor ao longo dos seus textos indicava estar mais próximos em termos ideológicos de uma concepção hierárquica de sociedade, presente na França antes da Revolução de 1789. O autor defendia a sociedade marcada por privilégios como maneira de garantir liberdades individuais. O autor acreditava que os privilégios de aristocratas era uma maneira de limitação da ação do Estado. Bernanos valorizava essa sociedade do passado por acreditar que nela operava uma defesa dos valores cristãos, em que os que tinham poder e privilégio buscavam servir o próximo e garantir o bem comum. Ao considerar esse olhar valorativo para o passado é possível considerar que o autor era um exilado no tempo, um homem que não se identificava e não se sentia confortável com o seu período histórico.

Apesar dessa criticidade e distanciamento em relação ao mundo moderno, é importante reforçar o quanto Bernanos permanecia sendo um homem moderno. Ele operava com um conceito moderno de história ao identificar a Revolução Francesa como um período disruptivo que permitiu o surgimento de um novo tipo de sociedade pautada na igualdade entre os anos e não na hierarquização entre eles e no lucro.

O autor em seu processo de crítica a modernidade construiu uma história da decadência da civilização europeia, uma história que desse conta de um processo de perda de dois valores, em especial, que lhe eram caros: a fé cristã e a liberdade. Bernanos identificava o povo francês como aquele escolhido por Deus para guiar o mundo para uma sociedade pautada nos valores da liberdade, igualdade e fraternidade. Nesse sentido, o autor associava valores iluministas que foram largamente associados a experiência da Revolução Francesa a cristandade. Porém, segundo o autor, ao longo do século XX, os governantes franceses associados a

burguesia teriam distanciado o povo desse caminho e missão religiosa. O autor caracterizava esses governantes burgueses pelo seu foco no lucro e pelo uso da linguagem cristã para mobilizar a população para a participação dos conflitos mundiais, porém de maneira descarnada. Assim, Bernanos acreditava que desde a Revolução Francesa, em especial, durante o século XX, a história da França era marcada pela decadência de uma ordem cristã.

Esse processo de decadência da civilização europeia seria reforçado pela perda constante da liberdade. Esse processo associado, por sua vez, a centralização do Estado moderno, que se deu em detrimento das liberdades individuais. O autor sustentava que uma sociedade moderna pautada no princípio da igualdade poderia conferir ao Estado uma condição de controle por parte dos governantes. Uma sociedade igualitária dificultaria a proteção de um indivíduo diante da ação do Estado. O autor interpretava a Revolução Francesa a partir de uma ótica ambígua se por um lado, defendia um princípio inicial do movimento por defender a liberdade do indivíduo frente as arbitrariedades do Estado. Por outro, criticava as ações tomadas ao final do movimento revolucionário que mostravam uma ação centralizadora de poder, como a conscrição obrigatória. Bernanos inclusive acreditava que esse processo de centralização de poder e redução da liberdade se desenvolveram ao longo do século XX:

Aqueles que acham que os cristãos cedo ou tarde adaptar-se ao Mundo Moderno não levam em conta um fato que oprime a alma: o Mundo Moderno é essencialmente um mundo sem liberdade. Não existe lugar para a liberdade na gigantesca usina mecânica que deve ser regulada como um relógio. Para convencer-se disso, basta levar em conta a experiência da guerra. A liberdade é um luxo que uma coletividade não poderia dar a si mesma, quando se propõe a empenhar todos os seus recursos em vista de um rendimento máximo.<sup>6</sup>

Bernanos, apesar de reconhecer a possibilidade de um futuro distópico em que a liberdade não seria mais um princípio organizador da sociedade, acreditava que ainda havia espaço para breçar tal processo de decadência. “Decerto é verdade que força nenhuma é capaz de deter ou mesmo retardar o movimento do espírito humano. Mas o espírito humano não se move obrigatoriamente para o mesmo sentido e para o mesmo fim.”<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> BERNANOS, G. **Liberdade, para quê?**. p. 108.

<sup>7</sup> BERNANOS, G. **Liberdade, para quê?**. p. 171.

O autor ainda acreditava na ideia de abertura para um futuro que fosse diferente baseado numa retomada dos valores da fé cristã e liberdade que foram operantes no passado. Contudo, impedir esse movimento decadente não necessariamente implicaria em um retorno literal ao passado, o autor não negava a necessidade de progressos tecnológicos do mundo moderno. O autor gostaria, na verdade, de restaurar uma tradição da liberdade do início do movimento da revolução francesa associada a limitação do poder estatal e uma sociedade marcada pelo compromisso com o próximo, com a vida espiritual e com a fé cristã. Para tal, o escritor acreditava na importância de um processo disruptivo e revolucionário, um compromisso com a ação.

## 7. Referências

### Fontes consultadas:

#### Artigos elaborados por Georges Bernanos para o periódico *O Jornal* (1941-1944):

BERNANOS, G. O front das amizades. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 02 de julho de 1940.

\_\_\_\_\_ Dies Irae. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 05 de julho de 1940.

\_\_\_\_\_. Só se pode compreender o que se ama. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1940.

\_\_\_\_\_ A angústia do nosso tempo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1940.

\_\_\_\_\_ As causas da derrota. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1940.

\_\_\_\_\_ Amar é o unico meio de conhecer. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1940.

\_\_\_\_\_ A França pagará tudo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1940.

\_\_\_\_\_ A Frente das Cathedraes I. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1940.

\_\_\_\_\_ A Frente das Cathedraes II. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1940.

\_\_\_\_\_ A geração da inflação. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 04 de setembro de 1940.

\_\_\_\_\_ O duque de Guise. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1940.

\_\_\_\_\_ O exército francês de 1914-1939. **O Jornal**, Rio de Janeiro 14 de setembro de 1940.

- \_\_\_\_\_ Dakar. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1940.
- \_\_\_\_\_ O Munich Espiritual. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 04 de outubro de 1940.
- \_\_\_\_\_ A Christandade Francesa. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 12 de outubro 1940.
- \_\_\_\_\_ Diálogo dos mortos. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 30 de outubro 1940.
- \_\_\_\_\_ Crise de Consciência ou Crise de Opinião. **O Jornal**, Rio de Janeiro 19 de novembro de 1940.
- \_\_\_\_\_ Se nós nos calarmos, quem falará? **O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1940.
- \_\_\_\_\_ Raça contra nação. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1940.
- \_\_\_\_\_ Um cenário policial. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1941.
- \_\_\_\_\_ Antes reparar os erros é preciso expial-os. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1941.
- \_\_\_\_\_ Uma consciencia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1941.
- \_\_\_\_\_ Monsenhor Suhard e Joana d'arc. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1941.
- \_\_\_\_\_ Volta ao humano. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 05 de fevereiro de 1941.
- \_\_\_\_\_ A Guerra. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1941.
- \_\_\_\_\_ Ordem e Revolução. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 14 de março de 1941.

\_\_\_\_\_ Primavera Francesa. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1941. p.

\_\_\_\_\_ O Incendio de Moscou. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1941..

\_\_\_\_\_ Uma Tragédia Acaba, Outra Começa. **O Jornal**, Rio de Janeiro de 07 de maio de 1941.

\_\_\_\_\_ Guerra perdida ou revolução fracassada? **O Jornal**, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1941.

\_\_\_\_\_ Exército alemão essa incognita **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1941.

\_\_\_\_\_ Salvar por qualquer preço equivale a, no fim, nada salvar. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1941.

\_\_\_\_\_ A imaginação anglo-saxônica reage muito fracamente contra a alemã. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 04 de junho de 1941.

\_\_\_\_\_ Nossa humilhação é uma ferida envenenada no flanco da Europa. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1941.

\_\_\_\_\_ Será a autoridade de Pétain superior à de São Luiz?. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 24 de junho de 1941.

\_\_\_\_\_ O derrotismo dos ventres. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 05 de julho de 1941.

\_\_\_\_\_ A nova forma de Kolaboração. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1941.

\_\_\_\_\_ Um drama anônimo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1941.

\_\_\_\_\_ Só a honra nos faz livres. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1941.

\_\_\_\_\_A traição das elites não compromete o passado ilustre da França.  
**O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1941.

\_\_\_\_\_A partir de uma certa idade, a Gloria se chama Desforra. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1941.

\_\_\_\_\_A Vergonha derramará muito mais sangue do que teria custado a Honra. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1941.

\_\_\_\_\_ A Batalha do Marne foi uma vitória popular da França. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 01 de outubro de 1941

\_\_\_\_\_ Pode surgir amanhã uma geração de homens realmente livres.  
**O Jornal**, Rio de Janeiro, 03 de outubro de 1941.

\_\_\_\_\_ Renascimento da liberdade. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1941.

\_\_\_\_\_ Solidariedade dos mártires. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1941.

\_\_\_\_\_ Os mortos de Verdun e a política de colaboração. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 08 de novembro de 1941.

\_\_\_\_\_ Eles tem medo do sangue. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1941.

\_\_\_\_\_ Não há “Misterio Weygand. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1941.

\_\_\_\_\_ Estrategia diabólica. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1941.

\_\_\_\_\_ O espirito de Munich. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1941.

\_\_\_\_\_ O General de Gaulle. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1942.

\_\_\_\_\_A destituição marechal Foch. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1942.

\_\_\_\_\_O espírito de Munich. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1942.

\_\_\_\_\_Ser ou parecer. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1942.

\_\_\_\_\_São Tartufo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 05 de fevereiro de 1942.

\_\_\_\_\_Crédulos e ingenuos. **O Jornal**, 12 de fevereiro de 1942.

\_\_\_\_\_Raciocínio de empresários de cinema. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 01 de março de 1942.

\_\_\_\_\_O escândalo da verdade. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 24 de março de 1942.

\_\_\_\_\_A Sabotagem de guerra. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 27 de março de 1942.

\_\_\_\_\_Infecção sem febre. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1942.

\_\_\_\_\_Aos franceses. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21 de abril de 1942.

\_\_\_\_\_Voz da França. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1942.

\_\_\_\_\_Não levei a França ao desespero! **O Jornal**. Rio de Janeiro, 08 de maio de 1942.

\_\_\_\_\_A vocação espiritual da França. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 27 de maio de 1942.

\_\_\_\_\_A Vocação Espiritual da França -II-. **O Jornal**. 11/06/1942.

\_\_\_\_\_A Vocação Espiritual da França -III- A defesa dos valores humanos. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 27 de junho de 1942.

\_\_\_\_\_ A Vocação Espiritual da França -V- Jamais a França tolerou a impostura. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 23 de julho de 1942.

\_\_\_\_\_ Os responsáveis. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 04 de agosto de 1942.

\_\_\_\_\_ As forças intactas do mundo. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1942.

\_\_\_\_\_ Mãos limpas e coração puro. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1942.

\_\_\_\_\_ A Vocação Espiritual da França -IV- A técnica não é vida. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1942

\_\_\_\_\_ Os cegos voluntários. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1942

\_\_\_\_\_ A conspiração universal contra as consciências I. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1942.

\_\_\_\_\_ A conspiração universal contra as consciências II. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1942.

\_\_\_\_\_ A conspiração universal contra as consciências III. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1942.

\_\_\_\_\_ A conspiração universal contra as consciências IV. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1942.

\_\_\_\_\_ O bom senso e a honra a serviço da França. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1942.

\_\_\_\_\_ Secreta razão da indulgência. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1942.

\_\_\_\_\_ Casablanca e Toulon. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1942.

- \_\_\_\_\_ Paz alemã. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1942.
- \_\_\_\_\_ A depuração geral de Vichy. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1942.
- \_\_\_\_\_ A inteligência a serviço da vida. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1943.
- \_\_\_\_\_ O que importa antes de tudo. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1943.
- \_\_\_\_\_ O mais o diabo..... **O Jornal.** Rio de Janeiro, 31 de janeiro 1943.
- \_\_\_\_\_ Falta ao mundo o senso da ironia... **O Jornal.** Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1943.
- \_\_\_\_\_ A burra e a pele. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1943.
- \_\_\_\_\_ A sobrevivência dos que não vivem como rebanhos. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 17 de março de 1943.
- \_\_\_\_\_ Paz realista, paz sem justiça. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 04 de abril de 1943.
- \_\_\_\_\_ Hitler prepara a paz. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 17 de abril de 1943.
- \_\_\_\_\_ A sorte do mundo nas mãos das nações pobres. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 27 de abril de 1943.
- \_\_\_\_\_ Não vos deixeis enganar pelas aparências! **O Jornal.** Rio de Janeiro. 11 de maio de 1943.
- \_\_\_\_\_ A quimera dos Negocios Seguros. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 30 de maio de 1943.

\_\_\_\_\_ Os piedosos paroquianos do marechal. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 06 de junho 1943.

\_\_\_\_\_ O giraudismo não é Giraud. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1943.

\_\_\_\_\_ A reconciliação dos franceses não se fará sob controle e pressão estrangeiros. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1943.

\_\_\_\_\_ Carta aos libaneses e sírios, amigos fieis da França. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1943.

\_\_\_\_\_ O mundo assinou um cheque em branco. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943.

\_\_\_\_\_ Adeus à 'Marseillaise' de Londres. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1943.

\_\_\_\_\_ Sobre a queda de Mussolini. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 04 de agosto de 1943.

\_\_\_\_\_ Democracia sem democratas, Cristandade sem cristãos. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1943.

\_\_\_\_\_ Aniquilamento ou difamação do espírito da França. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1943.

\_\_\_\_\_ O erro cometido e os meios de repara-lo. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1943.

\_\_\_\_\_ Lições de Machiavel a Tio Sam. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1943.

\_\_\_\_\_ A França não duvida mais da liberdade. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1943.

\_\_\_\_\_ Sua majestade o petróleo: Esvaziando consciencias. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1943.

\_\_\_\_\_ Fernand Jouteux. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1943.

\_\_\_\_\_ Paz-de-compromisso e o inconformismo da França. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1943.

\_\_\_\_\_ É preciso salvar a Alemanha. **O Jornal**, Rio de Janeiro 08 de janeiro de 1944.

\_\_\_\_\_ É preciso salvar a Alemanha II. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 09 de janeiro de 1944.

\_\_\_\_\_ É preciso salvar a Alemanha III. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1944.

\_\_\_\_\_ As Disciplinas do Espirito. **O Jornal**, Rio de Janeiro 12 de fevereiro de 1944.

\_\_\_\_\_ Criados, fâmulos, domésticos, lacaios... a dignidade da França. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 05 de março de 1944.

\_\_\_\_\_ A Mobilização da Canalha Diante da União Nacional. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 18 de março de 1944.

\_\_\_\_\_ Uma voz contra os católicos fascistas ( a verdade entre duas mentiras). **O Jornal**, Rio de Janeiro, 26 de março de 1944.

\_\_\_\_\_ Garantia contra a liberdade. **O Jornal**, 01 de abril de 1944.

\_\_\_\_\_ Fariseus... e a peste do farisaísmo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21 de abril de 1944.

\_\_\_\_\_ Discussão e Terrorismo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 05 de maio de 1944.

\_\_\_\_\_ O espírito judaico e o alemão. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1944.

\_\_\_\_\_ Ante a Invasão. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1944.

\_\_\_\_\_ A Revolução Francesa e a Internacional do Dinheiro. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1944.

\_\_\_\_\_ O sossego no equívoco ou a união na verdade. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1944.

\_\_\_\_\_ As cambalhotas da diplomacia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1944.

\_\_\_\_\_ "Bichas" à Porta de Nova Guerra. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1944.

### **Artigos consultados no periódico *O Jornal* (1941-1944):**

MELO FRANCO, Virgílio A. Carta aos ingleses. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 29 de março de 1942.

CARPEAUX, Otto. As Disciplinas do Espirito. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1944.

CARPEAUX, Otto. Discussão e Terrorismo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1944.

BASTIDE, Roger. Itinerario da democracia: I- Encontro com Bernanos. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 17 de março de 1944.

ATHAYDE, Tristão. Bernanos. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1944.

ATHAYDE, Tristão. Bernanos II. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1944.

### **Correspondências de Georges Bernanos consultadas:**

BERNANOS, G. Carta para Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1938. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 227-228.

BERNANOS, G. Carta para Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, final de 193., BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p.231-232.

BERNANOS, G. Carta para Amoroso Lima. Vassouras, 5 de março de 1939.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 241-242.

BERNANOS, G. Carta para Amoroso Lima. Pirapora, 20 de janeiro de 1940  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 290-295.

BERNANOS, G. Carta para Amoroso Lima. Pirapora, 2 de fevereiro de 1940.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 297-299.

BERNANOS, G. Carta para Amoroso Lima. Pirapora, 13 de março de 1940.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 310-312.

BERNANOS, G. Carta para Amoroso Lima..Barbacena, 21 de agosto de 1940.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p 341-342.

BERNANOS, G. Carta para Amoroso Lima. Barbacena, 19 de outubro de 1940.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 349.

BERNANOS, G. Carta para Amoroso Lima. Barbacena, 13 de dezembro de 1940.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 360-361.

BERNANOS, G. Carta para Amoroso Lima. Barbacena, dezembro de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 487-488.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Pirapora, 27 de setembro de 1939.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 269.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Pirapora, 10 de maio de 1940  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 320-321.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Belo Horizonte, agosto de 1940.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 336-337.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire. Barbacena, 28 de novembro de 1940.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p 354-356.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire. Barbacena, janeiro de 1941  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 376-377.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire. Barbacena, 26 de janeiro de 1941.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p 377-378.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire. Barbacena, 10 de fevereiro de 1941.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 381-382.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Barbacena, 3 de junho de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 460-461.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Barbacena, 06 de julho de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 466-467.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Barbacena, 31 de julho de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 470-471 .

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Barbacena, 8 de agosto de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 471-473.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Barbacena, 31 de agosto de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P 474-475.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Barbacena, setembro de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 476-477.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Barbacena, 19 de outubro de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P.479-481.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Barbacena, dezembro de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P 482-483.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Barbacena, dezembro de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 483-484.

BERNANOS, G. Carta para Charles Ofaire, Barbacena, 20 de dezembro de 1942.  
BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 484-485.

BERNANOS, G. Carta para Dario Almeida de Magalhães. Barbacena, 28 de setembro de 1940. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 346-347.

BERNANOS, G. Carta para Dario Almeida de Magalhães. Barbacena, 16 de novembro de 1940. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 351-352.

BERNANOS, G. Carta para Dario Almeida de Magalhães. Barbacena, final de novembro de 1940. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 356-357.

BERNANOS, G. Carta para Dario Almeida de Magalhães. Barbacena, 1º de dezembro de 1940. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 357-358.

BERNANOS, G. Carta para Dario Almeida de Magalhães. Barbacena, 4 de dezembro. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. P. 359.

BERNANOS, G. Carta para Dario Almeida de Magalhães. Barbacena, 22 de dezembro de 1940. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p.368.

BERNANOS, G. Carta para Dario Almeida de Magalhães. Barbacena, fevereiro de 1941. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 382-383.

BERNANOS, G. Carta para Dario Almeida de Magalhães. Barbacena, 1º de outubro de 1941. BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948. p. 428-429.

### **Obras de Georges Bernanos:**

BERNANOS, G. **Carta aos Ingleses**. São Paulo, É Realizações, 2021.

BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948.

BERNANOS, G. **Les enfants humiliés**. In: BERNANOS, G. Intégrale des romans et essais. Editions Alètheia, 2020.

BERNANOS, G. **Le Chemin de la croix-des-âmes**. In: BERNANOS, G. Intégrale des romans et essais. Editions Alètheia, 2020.

BERNANOS, G. **A França contra os Robôs**. São Paulo: É realizações, 2018.

BERNANOS, G. **Os Grandes Cemitérios sob a lua**: um testemunho de fé diante da Guerra civil espanhola. São Paulo: É realizações, 2015.

BERNANOS, G. **Liberdade, para quê?**. São Paulo: É realizações, 2020.

BERNANOS, G. Albert(org). Correspondance tome II 1934-1948.

### **Bibliografia:**

ALBOUY, S. **Bernanos et la politique**: La Société et la droite française de 1900 à 1950. Toulouse: Privat, 1980.

ANDERS, G. Mandamientos de la era atómica. In: **El piloto de Hiroshima Más allá de los límites de la conciencia**. Correspondencia entre Claude Eatherly y Günther Anders. Editor digital: Titivillus.

ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. **Zique Zaque**: ensaios reunidos (1977-2016). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo Editora Unifesp, 2019.

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

ARENDT, H. **Sobre a Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BALTHASAR, H. **Bernanos**: An Ecclesial Existence. Ignatius Press, San Francisco, 1996.

BAUDELLE, Y. **La France Au Miroir du Brésil**. In: Exil, errance et marginalité dans l'oeuvre de Georges Bernanos. Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

BONGIOVANNI, B. **Totalitarianism**: the Word and the Thing. In: Forum, 2005.

CARVALHO, V. Brasil, um país do futuro: projeções religiosas e leituras sobre um mote de Stefan Zweig. In: Horizonte: Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 30-42, dez. 2006.

CESARE, Donatella Di. **Estrangeiros residentes**. Belo Horizonte: Editora Âyiné. Kindle Edition, 2020.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. Crítica y Emancipación, (1): 53-76, junio 2008.

CHAIGNE, L. **Georges Bernanos**. Paris: Édition Universitaires, 1954.

COMPAGNON, A. **Os antimodernos**: de Joseph de Maistre a Roland Barthes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

D'AVILA, L. Do Neo-Escolasticismo ao New Criticism: A Intelectualidade Católica Brasileira. In: revista landa Vol. 5 N° 1 (2016).

DUMONT, J. **De la coopération intellectuelle à la diplomatie culturelle**: le parcours du Brésil dans l'entre-deux-guerres. In: Caravelle, No. 99, Toulouse, 2012.

DUMONT, J. **“Pelo que é nosso!”**: a diplomacia cultural brasileira no século XX. *Revista Brasileira de História*, vol. 34, no 67, 2004.

GOSSELIN, M. **Bernanos e o Brasil**. In *Literatura e Sociedade*. 2005, pp.308-319.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996.

GOSSELIN-NOAT, M. *Bernanos: Militant de l'éternel*. Paris: Michalon, 2007.

GROPPO, B. **Os exílios europeus no século XX**. In: *Diálogos*, DHI/UEM, v. 6. p. 69-100, 2002.

HANNA, M. **Laying Siege to the Sorbonne**: The Action Française's Attack upon the Dreyfusard University In: *Historical Reflections / Réflexions Historiques*, Vol. 24, No. 1, Intellectuals and the Dreyfus Affair (Spring 1998).

HELLMAN, J. **Bernanos, Drumont, and the Rise of French Fascism**. *The Review of Politics*, Vol. 52, No. 3 (Summer, 1990).

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNT, L. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HUXLEY, A. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Globo, 2014.

IEGELSKI, F. **Resfriamento das sociedades quentes?** Crítica da modernidade, história intelectual, história política. In: *rev. hist.* (São Paulo), n. 175, p. 385-414, jul.dez., 2016.

JASMIN, M. **Despotismo e História na Obra de Alexis de Tocqueville** In: Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo. Texto disponível em [www.iea.usp.br/artigos](http://www.iea.usp.br/artigos)

JASMIN, M. JUNIOR, J. (org). **História dos conceitos**: debates e perspectivas, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

JURT. **Terror y testimonio**: Bernanos, Malraux y la Guerra Civil española. In: Pasajes No. 51 (Invierno 2016-2017).

JURT, J. **Exil et engagement**. In: Exil, errance et marginalité dans l'œuvre de Georges Bernanos. Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

KOIFMAN, F. Cidadão carioca: a naturalização de Otto Maria Carpeau. In: Intellèctus, ano XIV, n. 2, 2015.

KOSELLECK, R. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

KOSELLECK, R. **Crítica e crise**. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2009.

LAPAQUE, S. **Sob o Sol do Exílio**: Georges Bernanos no Brasil (1938-1945): São Paulo: É realizações, 2014.

LIGNANI, Cassio Oliveira. **Tédio, morte e santidade nas obras Sob o Sol de Satã e Diário de um pároco de aldeia, de Georges Bernanos**. Belo Horizonte, UFMG, 2011. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literário.

LOWY, M. e SAYRE R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2015.

MENDES, Fábio Marques. **A trapaça como recurso literário e teopolítico no romance Um Crime, de Georges Bernanos**. In: Revista Eletrônica Correlatio v. 14, n. 28 - Dezembro de 2015.

MILNER, M. **Georges Bernanos**. Paris: Librairie Séguir, 1989.

MILNER, M. **Préface**. In: Exil, errance et marginalité dans l'œuvre de Georges Bernanos. Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

MOLNAR, T. **The political Thought of Bernanos**. In The Review of Politics, Cambridge University Press: 1958.

MOLNAR, T. **Bernanos**: His political thought and prophecy. New York: Routledge, 2017.

NOTH, Ernst Erich. **The Prophetism of Georges Bernanos**. In: Yale French Studies, No. 4, Literature and Ideas (1949), pp. 105-119.

PARADA, M. Reinvenções de si: o exílio como deslocamento e crítica. In: Projeto História, São Paulo, n. 53, Mai.-Ago. 2015.

REMARQUE, E. **Nada de Novo no Front**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

REMOND, R. **The right Wing in France form 1815 to the Gaulle**. Philadelphia: University of Pennsylvania. Press, 1968.

RODRIGUES, C. Por uma nova disponibilidade: o intelectual Alceu Amoroso Lima e o rompimento com o estado novo. In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 4, Mai. 2009 - ISSN 1983-2850.

SÁ, Magali Romero e VIANA, Larissa Moreira. **Ciência médica e política internacional: um circuito de trocas científicas entre a França e o Brasil no período entre-guerras**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

SALVADÓ, Francisco Romero. **A guerra civil espanhola**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SARRAZIN, H. **Bernanos no Brasil**. São Paulo: Vozes, 1968.

SCHWARCZ, L e STARLIN, H. **Brasil uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SERANT, P. **Les dissidentes de L’Action Française**. Paris: Copernic, 1978.

SILVA, Fernanda Maria de Souza. **Terror e Exílio em Dialogues des Carmélites, de Georges Bernanos**. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 1998. 259 fl. Tese de Doutorado em Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.) Por uma história política. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MITH, J. **Religious feeling and religious commitment in Faulkner, Dostoyevsky, Werfel and Bernanos.** New York: Routledge, 2016.

SPEAIGHT, R. **Georges Bernanos: a biography.** New York: Liveright, 1974

SUPPO, Hugo. **A “máquina diplomática cultural” da Quarta República Francesa no Brasil (1946-1958).** In: Meridiano 47, 17: e17004, 2016.

TANNENBAUM, E. **The Social Thought of The Action Française.** In: International Review of Social History, Vol. 6, No. 1 (1961).

TOBIN, M. **Georges Bernanos: The theological source of his art.** Quebec City: McGill-Queen’s University Press, 2007.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América,** Belo Horizonte, Itatiaia, 1977.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum: Estudos sobre cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TRAVERSO, E. “Exílio y Violencia. Una Hermenéutica”. In: **La História Como Campo de Batalla.** Buenos Aires: Fundo de Cultura Económico, 2012.

VIANA, N. Comuna de Paris, interpretações e perspectiva de classe. In: História Revista 16 v. 2, 2011.

WEIL, S. **Carta a Georges Bernanos.** In: Mientras Tanto, No. 54 (Mayo-Junio 1993).

WINOCK, M. **O Século dos intelectuais.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

WHITEHOUSE, J. C. **"A Certain Idea of Man": The Human Person in the Novels of Georges Bernanos.** In: The Modern Language Review, Vol. 80, No. 3 (Jul., 1985), pp. 571-585